



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**EVENTOS SIGNIFICATIVOS
NO COUNSELLING PSICOESPIRITUAL
GERADORES DE EMPOWERMENT PARA O
PROCESSO DE MUDANÇA NA VIDA**

MANUEL FERNANDO FERREIRA MARTO

**Orientador de Dissertação:
PROFESSOR DOUTOR DANIEL SOUSA**

**Coordenador de Seminário de Dissertação:
PROFESSOR DOUTOR DANIEL SOUSA**

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Daniel Sousa, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que me acompanharam e apoiaram, incentivando-me à realização e conclusão deste caminho universitário, nomeadamente:

Ao orientador deste trabalho, o Professor Doutor Daniel Sousa, pela sua disponibilidade e orientação para a execução deste trabalho.

Aos participantes pela disponibilidade e testemunho na participação desta tarefa.

A todos os meus professores, colegas e amigos pelo incentivo e ajuda ao longo do percurso académico.

A Deus, à minha família, aos meus pais, especialmente a minha mãe, por todo o apoio dado para a realização desta etapa na vida.

À minha esposa Fanny, e filhas Marisa e Vânia, pela cooperação, apoio, paciência, por toda a compreensão e carinho dado nesta caminhada.

A todos e a cada um, OBRIGADO!

Fernando Marto

ARTIGO TEÓRICO

RESUMO

O conceito psicológico e espiritual na relação de ajuda tem cada vez mais relevância e investigação na área da saúde. Os itinerários terapêuticos com incidência no Espiritual e/ou Religioso (E/R) ajudam a compreender a procura de auxílio na dimensão psicoespiritual. Esta questão verifica-se no que acontece nos eventos significativos nos quais os fenómenos da vivência das experiências E/R possibilitam mudanças terapêuticas pelo *Counseling* PsicoEspiritual (CPE). As investigações referem que a relação entre o E/R e a saúde mental é significativamente benéfica e aplicável em psicoterapia.

Palavras-chave: eventos significativos, aconselhamento, psicoespiritual, fenomenologia, capacitação.

ABSTRACT

The psychological and spiritual concept in the relation of help has more and more relevance and investigation in the area of the health. The therapeutic itineraries focusing on Spiritual and / or Religious (E/R) help to understand the demand for aid in psychospiritual dimension. This issue is verified in what happens in the significant events in which the phenomena of the existence of living the experiences E/R make possible therapeutic changes by PsychoSpiritual Counselling (PSC). The investigations indicate that the relation between the E/R and mental health is significantly positive and applicable in psychotherapy.

Keywords: significant events, counselling, psychospiritual, phenomenology, empowerment.

ÍNDICE

RESUMO.....	VII
ABSTRACT	VIII
INTRODUÇÃO.....	1
Revisão de Literatura.....	2
Os estudos no contexto psicoterapêutico.....	2
O Counselling PsicoEspiritual (CPE).....	5
Counselling espiritual e religioso	5
Fé, crença e oração	7
A dimensão terapêutica e seus itinerários.....	7
Processo de mudança na vida	11
Instrumentos úteis ao CPE.....	11
Características do counsellor	12
As dificuldades éticas	12
Pertinência investigacional	13
CONCLUSÃO.....	14
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	15

INTRODUÇÃO

Uma dimensão cada vez mais investigada, e que demonstra resultados significativamente positivos na saúde mental e na saúde em geral, é a dimensão espiritual. O conceito psicoespiritual tem origens na filosofia e na religião ramificando-se nos estudos psicológicos. Neste último contexto, surge o *Counseling PsicoEspiritual (CPE)*, ou seja, o Acompanhamento/Aconselhamento Psicológico e Espiritual cuja componente psicoterapêutica é caracterizada pela integração psicológica e espiritual. Esta é a escolha de cada vez mais pessoas para complementar o recurso de ajuda face ao sofrimento. A pessoa sente que padece de sofrimento espiritual o que, numa sociedade moderna, geralmente incita à procura de ajuda especializada e organizada num contexto físico-médico pouco aberta aos processos existenciais/espirituais.

A dimensão espiritual é constitutiva do ser humano e tem as suas expressões próprias. É presente na humanidade e indissociável da dimensão corporal-social, de expressão diversa nas diferentes culturas. Muitas vezes, o inexplicável e incompreensível gera mitos. Os acontecimentos indecifráveis ou são controlados pela pessoa ou esta atribui a sua explicação a forças exteriores atribuídas a manifestações de deuses, não visíveis (os espíritos), ou visíveis, os deuses da natureza (o deus sol, terra, água, fogo).

O medo, a dor e o sofrimento impelem à procura de ajuda e explicações plausíveis. A evolução científica e tecnológica e o desenvolvimento histórico permitem algumas respostas concretas, mas que por vezes não conferem sentido existencial. A procura espiritual, implícita no invisível e no desconhecido, continua, actualmente, com traços dos mitos históricos em todas as culturas e pessoas. Assim como se procura a satisfação das necessidades fisiológicas e psicológicas, as espirituais também são procuradas na busca do sentido do ser e do existir, a qual está intimamente ligada à saúde e ao bem-estar e manifesta-se por fenómenos da consciência repercutidos nas outras dimensões humanas (Post & Wade, 2009; Schoeninger, Fung, Lussier, Lay, & Caccese, 2009). Há diferentes perspectivas e motivações que levam a procurar o CPE na nossa cultura, que antes era praticado pelos clérigos. Actualmente, as situações psicológicas e problemas mentais foram delegados aos profissionais da psiquiatria e psicologia, ficando a dimensão espiritual ao cuidado “de todos e de ninguém” e a religiosa, às religiões tradicionais. Definiremos a concepção Espiritual/Religiosa(o) (E/R) como uma só unidade para referenciar a mesma dimensão humana; a espiritual, e seguidamente a religiosa surgida daquela num contexto cultural; apesar de terem atributos diferentes.

Revisão de Literatura

Procedeu-se à pesquisa e selecção de artigos por relevância científica com o objectivo do estudo, analisando as bases de dados em revistas da especialidade das ciências sociais, nos últimos 5 anos. Na Web of Knowledge, com o tópico “*spiritual*” obtivemos 4.926 artigos. Refinando a pesquisa na área da Psicologia da Saúde e em Psiquiatria encontramos 2.216 artigos. Ao filtrar para o tópico “*counselling*” obtivemos 95 resultados. Afinando em revisões de literatura, obtivemos 10 resultados. Na busca pelo tópico “*psychospiritual*” com a mesma filtragem, encontramos 23 artigos, filtrando à revisão de literatura, encontramos 3 artigos. Recorrendo-se à EBSCOhost, na base de dados PsycINFO e PsycARTICLES encontramos com o tópico “*spiritual*” 5.520 resultados, refinando e incluindo “*counselling*” obtivemos 91 resultados. Na busca pelo tópico “*psychospiritual*” obtivemos 78 resultados, refinando a documentos de revisão de literatura, encontramos 2 resultados.

Na literatura em português, na base de dados RCAAP, encontramos 892 artigos, nos últimos 5 anos, com o tópico “*espiritual*”. Refinando para o tópico “*psicoespiritual*” obtivemos 5 artigos. Já na SciELO Portugal encontramos 7 artigos com o tópico “*espiritual*”, e com o tópico “*psicoespiritual*” não obtivemos resultados.

O conceito psicoespiritual é detectado em artigos, em trabalhos e em teses ligados ao contexto de saúde nas áreas de enfermagem, da medicina, da psicologia e da teologia.

Os estudos no contexto psicoterapêutico

A literatura refere que a E/R é benéfica na dimensão de qualidade de vida e de bem-estar (Panzini, Rocha, Bandeira, & Fleck, 2007). Os estudos referem que os psicólogos são menos religiosos que os seus pacientes, porém a maioria dos psicólogos (82%) acredita que a religião é benéfica para a saúde mental (Delaney, Miller, & Bisonó, 2007; Gubi 2008) na sua pesquisa refere que 59% dos conselheiros acreditados da Associação Britânica para o Aconselhamento e Psicoterapia (BACP) e 91% dos conselheiros aprovados dos Serviços Ministeriais de Aconselhamento das Igrejas (CMCS) utilizam a componente espiritual no acompanhamento/aconselhamento psicológico, apesar desta ser ainda pouco explorada (Gubi, 2008). Existe evidência empírica de relação positiva entre a religião, a espiritualidade e a saúde física e mental (Baetz & Toews, 2009).

As investigações indicam que na intervenção psicoterapêutica a espiritualidade é um componente promotor da saúde mental e do bem-estar psico-social que capacita a mudança

terapêutica. O conceito E/R começa a ter um impacto inovador pelas pesquisas médicas em contexto individual e grupal, com resultados benéficos na saúde psicológica e física, como alternativa e/ou complemento na cura de pessoas com diversas enfermidades físicas e mentais (Cornish & Wade, 2010; Delaney, Miller, & Bisonó, 2007; Dossey, 1993). Ao analisar as experiências de trabalho dos terapeutas, acerca de situações E/R dos seus pacientes, verifica-se que os problemas espirituais estão interligados com problemas psicológicos e relacionais e os terapeutas observaram que os problemas espirituais evidenciam-se gradualmente ao longo da terapia (Johnson, Hayes, & Wade, 2007). Segundo os resultados da meta-análise de 31 estudos que implicou 1.845 sujeitos de diversas religiões (Smith, Bartz, & Richards, 2007), as abordagens psicoterapêuticas com orientação espiritual podem ser benéficas para indivíduos com certos problemas psicológicos (e.g., depressão, *stress*, ansiedade, distúrbios alimentares). Os efeitos deste processo de ajuda e de tratamento entre os pacientes com crenças E/R são positivas e o uso das crenças E/R durante a terapia ajudaram no processo terapêutico. Relativamente à filiação do terapeuta e do paciente numa mesma espiritualidade não é, segundo os autores, considerada importante no processo (Mayers, Leavey, Vallianatou, & Barker, 2007).

No campo religioso, os pacientes cristãos revelam preferir a oração como uma forma de terapia. Os pacientes com anterior aconselhamento cristão têm expectativas mais elevadas em relação à oração e preferem que sejam os terapeutas a introduzir o tema (Weld & Eriksen, 2007). A compreensão do sentido da vida, em 258 pessoas, apresenta as mesmas vantagens face a características de evolução espiritual, da solidariedade humana, da auto-realização, do relacionamento com pessoas próximas e na evolução pessoal (Teixeira & Domenico, 2008).

Em contexto de *stress* sofrido por 551 idosos hospitalizados, 256 vítimas de ataque de bomba e 540 universitários, Spitzer et al. (1981, cit. por Panzini, Rocha, Bandeira, & Fleck, 2007) e Pargament et al. (1998, cit. por Panzini, Rocha, Bandeira, & Fleck, 2007), concluíram que a E/R pode ajudar e aliviar os problemas, dependendo de como a pessoa se relaciona de modo positivo ou negativo com a dimensão E/R. Os pacientes com elevado compromisso E/R relataram maior proximidade com os terapeutas e melhoria de resultados ao receber intervenção E/R do que os pacientes de baixo compromisso religioso (Wade, Worthington, & Vogel, 2007).

A espiritualidade desempenha um papel importante na qualidade de vida dos doentes oncológicos. Uma investigação com 23 doentes oncológicos em quimioterapia refere que a espiritualidade é importante para a qualidade de vida dos pacientes (Pestana, Stevens, & Conboy, 2007). Um estudo em 426 pessoas com doença oncológica demonstra a importância

da espiritualidade na atribuição de significado ao sofrimento na doença crónica, no recurso de esperança face às mudanças no estado de saúde e com a qualidade de vida (Pinto & Ribeiro, 2010). Em 60 mulheres sobreviventes do cancro da mama a intervenção espiritual tem potencialidades benéficas que resultaram no aumento significativo da esperança, da felicidade e da satisfação de vida (Fallah, Golzari, Dastani, & Akbari, 2011).

A espiritualidade no local de trabalho, na área da gestão de recursos humanos em enfermagem, é um tema emergente. Reflete-se num tipo de ambiente onde a vivência espiritual favorece a prática profissional como cuidadores e gestores de seres bio-psico-espirituais. Através da aplicação de um questionário a 40 enfermeiros, contendo uma escala de avaliação da espiritualidade no local de trabalho, observou-se que estes manifestaram compreensão da espiritualidade, percebem-na como moderada nas dimensões de sentido de comunidade na equipa, alinhamento do indivíduo com os valores da organização, alegria no trabalho e oportunidades para a vida interior, e considerada alta na dimensão relacionada com o sentido de préstimo à comunidade (Rego, Cunha, & Souto, 2007).

A relevância das escalas de avaliação da espiritualidade, em contextos de saúde, com 426 sujeitos em acompanhamento de cancro, é manifesta nas dimensões das crenças, esperança e na qualidade de vida (Pinto & Pais-Ribeiro, 2007). Na qualidade de relações consigo, com os outros, com o ambiente e o que o transcende, surge a escala de bem-estar espiritual (SWBQ), aplicada em 439 sujeitos, por questionário, apresenta a sua importância nos domínios do transcendental, do pessoal, do comunitário e do ambiental (Gouveia, Marques, & Ribeiro, 2009). A dimensão espiritual poderá trazer mais comunicação, compromisso, criatividade, e adopção de comportamentos éticos às equipas de enfermagem (Caldeira, Gomes, & Frederico, 2011).

Pesquisas na área das neurociências revelam que a oração e a meditação activam e alteram áreas cerebrais, e compostos químicos como a serotonina e dopamina, que modificam o humor e níveis de ansiedade, controlam as emoções, reduzem as doenças e melhoram as relações das pessoas, refere o neurocientista Andrew Newberg (cit. por Sorg & Buscato, 2009).

Vários estudos descritivos de diversos casos demonstram a recuperação da pessoa numa mudança de vida reestruturada à autonomia pessoal e social. Identificam o momento de aconselhamento/acompanhamento psicoespiritual do *counsellor* como gerador e promotor do processo de mudança que libertou o paciente de uma perturbação mental e comportamental capacitando a cura ou estabilidade de sintomas específicos (e.g., ansiedade, depressão, desmaios, taquicardias, fobias, fenómenos sensoriais, perturbações da personalidade e

perturbações dissociativas, curas físicas), (Amorth, 2004; Cucurull, 2012; Fortea, 2010; Lara, 2012; Pereira R., 1999; MacNutt, 2005; MacNutt & MacNutt, 2012).

O Counselling PsicoEspiritual (CPE)

O *Counselling* como acompanhamento, mais que aconselhamento, sobre o crescimento e desenvolvimento humano integral, implícitos ao ser humano, nas suas múltiplas dimensões constituintes na interdependência do social, do corpo, da psique e do espírito, como um todo em relação num contexto. Implica mudanças terapêuticas ao nível da prevenção e adaptação para a saúde e o bem-estar numa relação terapêutica que requer uma multidisciplinaridade paradigmática, não é só uma dimensão científica, mas também assente na experiência do técnico e do paciente (Gubi, 2008).

A psique é mediadora entre o biológico, o cultural e o relacional. É um factor único e significativo na relação psicológico-espiritual de cada um. Reveste um significado diferente para cada crente, para quem teve uma experiência significativa e desencadeou uma relação com o E/R, que pode ser mais psíquica ou espiritual. Ambas remetem para o processo da compreensibilidade da dinâmica psicológica humana (Aletti, 2008).

O psicológico reconhece o reflexo da espiritualidade e insere-os nos seus constituintes, nas expressões de crenças, mitos e ritos, porém a espiritualidade reconhece-se pelo fenómeno em si. A British Association for Counselling and Psychotherapy (2012) refere o aconselhamento em termos de uma diversidade de procedimentos efectuados por profissionais que trabalham com pessoas num espaço de tempo para ajudá-las à mudança necessária e eficaz para o seu melhor bem-estar integral. A Association of Christian Counsellors (2012) define *counselling* espiritual numa perspectiva cristã como uma actividade que procura ajudar as pessoas numa mudança construtiva de crescimento em qualquer aspecto da vida, num relacionamento atencioso, através da visão cristã, sem conexão indutiva dos seus valores perante outros valores. A American Association of Christian Counselors (2012) define o *counselling* como um “*processo conduzido pelo Espírito de mudança e crescimento*”, voltado para ajudar os outros no aconselhamento e assistência na intervenção ambiental, psico-social, familiar, bio-médica e espiritual.

Counselling espiritual e religioso

As maiores influências espirituais endereçam à tradição oriental, ao hinduísmo e budismo, que pelas suas práticas meditativas e corporais integram o corpo e mente numa

psicoterapia de vida (Miovic, 2004). O significado do acompanhamento espiritual abarca muitas perspectivas culturais, filosóficas e religiosas que nesta complexidade das diversas denominações E/R e da psicologia nos limitamos ao trabalho circunscrito na E/R ocidental. Algumas características comuns remetem para um pedido de ajuda, alívio do sofrimento, construção do sentido da vida. As teorias de *counselling* psicológico e espiritual dependem dos autores, dos valores, dos interesses e dos seus contextos históricos, o que contribui para uma ou várias características das necessidades da pessoa humana (Collins, 2007, pp. 75-76). Segundo Collins (2007) o *counselling* espiritual vai além das outras perspectivas e é uma mais-valia quando necessária ao paciente. Os seus objectivos são construídos a partir de um conhecimento actual da religião, da espiritualidade e da psicologia, para todas as crenças e culturas (Collins, 2007, pp. 18-20). A dimensão espiritual vertical está relacionada com o transcendente e prática da religião relativa às crenças, enquanto que a dimensão horizontal mais existencialista engloba conceitos de esperança, de significado e sentido de vida na relação social (Pinto & Pais-Ribeiro, 2007).

O conceito de espírito é definido por Simpson e Weiner (1989, cit. por Panzini, Rocha, Bandeira, & Fleck, 2007) como a dimensão imaterial, intelectual ou moral do homem. Remete a questões do sentido da vida. A religião é definida como o acreditar no Criador, controlador do Universo, um poder sobrenatural partilhados num grupo que caracterizam um estilo de vida, de crenças e valores inerentes ao sagrado, de rituais, práticas, símbolos e normas que aproximam do transcendente, segundo Koenig *et tal.* (2001, cit. por Panzini, Rocha, Bandeira, & Fleck, 2007), sendo que a espiritualidade remete à procura pessoal de respostas de questões existenciais, no seu significado e na vida.

O conceito espiritual é mais abrangente que o religioso, porém implícito. O religioso procura ou vive a espiritualidade. O espiritual pode ou não procurar e/ou viver uma religião. No *counselling* religioso existe o aconselhamento pastoral realizado por um pastor ou padre que assumem a função de directores ou conselheiros espirituais dentro da dinâmica da fé de uma dada religião. Além dos métodos científicos psicológicos, o *counselling* Religioso/Espiritual (R/E), tem em conta conceitos teológicos. Perspectiva, além do bem-estar psíquico e espiritual, a salvação da pessoa. Este conceito é entendido como acompanhamento, aconselhamento, discernimento, direcção, diálogo de cariz vocacional, pastoral, como uma terapêutica, dependendo dos objectivos, do destinatário e da caminhada da pessoa (Fung, 2009). Worthington (1986, cit. por Post & Wade, 2009) define E/R como uma componente sem aplicação de técnicas, baseada na fé do paciente. Relaciona-se com as mudanças e seus fenómenos existenciais, culturais e comportamentais que despoletam conflitos relacionados

com a E/R (e.g., a fé, a moralidade, a culpa, a sexualidade, a família, o social, etc.) que são trabalhados no contexto de *counselling* individual ou de grupo (Cornish & Wade, 2010).

Fé, crença e oração

A fé ancora-se numa percepção de simbolismos que representa a manifestação de Deus, recria-a e representa-a nas acções que encontra atribuindo-lhe um significado inconsciente (Aletti, 2008). A fé, mais espiritual, é uma actividade normal e inerente às estruturas humanas na sua interacção entre o *self* e o mundo, e não só nas crenças e no conhecimento das experiências do mundo. Há uma construção e amadurecimento da fé num processo cognitivo, moral, cultural e relacional (Parker, 2011). O bem-estar espiritual por si só não leva à extinção do sintoma, mas a adaptação a ele. Conferir um sentido à ausência do bem-estar, na dor e na doença é uma característica marcante do cristianismo e só compreensível na aceção ontológica e teológica da pessoa religiosa.

O conceito de oração é referenciado nos estudos científicos como uma característica com impacto significativo nas áreas da saúde física e mental (Dossey, 1993; Dossey, 1996; Panzini, Rocha, Bandeira, & Fleck, 2007). Há diversas formas de introduzir o tema da oração, segundo as crenças dos pacientes, esta pode ser utilizada como uma técnica psicoterapêutica, como mecanismo de *coping* através da utilização da fé e das crenças na ligação com a transcendência, focado nas emoções como estratégia de adaptação ao problema, em técnicas psicológicas (e.g., meditação, música, relaxamento, visualizações). A oração é capacitadora de uma mudança terapêutica e geradora de *empowerment*, pois após a mesma algo benéfico ocorre na pessoa (Gubi, 2008; Tardif & Flores, 1994).

A dimensão terapêutica e seus itinerários

No cristianismo, a dimensão terapêutica espiritual e a oração são sustentados pela relação pessoal e não pelo método ou a relação no processo, como no caso das religiões filosóficas e práticas “espirituais” em voga, sobretudo da *New Age*. Esta é uma diferença essencial na compreensão da experiência de fenómenos espirituais, que no cristianismo tem a característica de Baptismo Cristão (Panzini, Rocha, Bandeira, & Fleck, 2007; Tardif & Flores, 1994). Outra característica foca-se no sentido da vida que o E/R retoma e potencia na pessoa, promovendo um sentimento de esperança e bem-estar no mundo em detrimento das disfunções psicopatológicas (Vitz & Brugger, 2009).

Há pacientes que procuram um terapeuta específico no *counselling*. Os terapeutas podem ou não divulgar as suas crenças, religião ou espiritualidade. Contudo, é pela sua definição que alguns pacientes o procuram (Gubi, 2008, pp. 126-128). Na procura de ajuda para alguns problemas de saúde e existenciais, as sociedades pós-modernas continuam a não dar resposta unanimemente satisfatória, o que leva a que algumas pessoas procurem diversos itinerários terapêuticos alternativos como o dos *xamãs*, feiticeiros e esoterismos. Em todos estes há a componente de ajuda psicológica e falta comprovar se existe de facto uma intervenção mais divina e se isso acontecer quais seriam as características que possam diferenciar a psique de outra dimensão sobrenatural. São poucas as pessoas que mencionam a procura do *counselling* por questões religiosas, mas por problemas pessoais e familiares, depressão, crises, conflitos pessoais e medos (Collins, 2007).

A doença faz parte da humanidade e na impossibilidade da cura, atribuiu-se-lhe um sentido, muitas vezes deturpado. Cada cultura procura responder à doença, ao sofrimento e seu implicativos relativamente ao “porquê” ou “para quê”. A tradição E/R judaico-cristã procura responder a estas questões estabelecendo um sentido ou significado para o sofrimento. O Antigo Testamento referencia um Deus que se revela vindo em auxílio do povo que sofre, doente e escravizado por males diversos, a exemplo, a libertação da escravidão através de Moisés (Êxodo), o cuidado do órfão e da viúva (1 Reis 17), a protecção na fornalha de três jovens (Daniel 3). No Novo Testamento, Jesus Cristo, ensina e demonstra como se prevenir do mal social, físico, psíquico, espiritual e alcançar a cura plena da pessoa. Para a antropologia hebreia não há distinção entre corpo e alma, como na nossa ocidental herdeira dos gregos (Petrosillo, 1996, p. 13; pp. 99-101). É a pessoa humana no seu todo, nas suas múltiplas dimensões que sofre e precisa ser sarada no todo, dando um sentido para o doente (Igreja Católica, 2012).

Ainda é usual muitas culturas cristãs, e outras, atribuírem a doença ao pecado pela interpretação descontextualizada e do desconhecimento da Bíblia, pois, a exemplo, o Evangelista João refere, na Bíblia, a cura de um cego de nascença, no qual os discípulos ainda impregnados da mentalidade retribucionista, perguntam a Jesus quem tinha pecado, se o cego ou os pais, para que aquela pessoa fosse cega. Jesus disse-lhes que ninguém tinha pecado, (i.e., a sua “doença” não é causada pelo pecado), (João 9, 1-8). Esta conexão do pecado-doença é oriunda da oração de Tobite (Tobite 3, 1-6) que ao reconhecer ter pecado tem medo de ser castigada e no segundo livro dos Macabeus (2 Macabeus 7, 18-18) no qual se imputa o sofrimento aos pecados cometidos. Estas referências bíblicas apresentam Deus que não castiga, que quer as pessoas saudáveis (Mateus 12, 7). Estes escritos remontam provavelmente

aos anos 200 e 150 a.C. onde estavam vigorantes as leis e doutrinas de outras religiões na então cultura. Assim, o próprio Deus, Encarnado em Jesus Cristo, explicita que não é por alguém “pecar” que fica doente, sofre ou é castigado. O pecado não é causa de doença, nem a doença móbil de pecado, no sentido directo de causa-efeito atribuída por Deus. Porém, podem o ser. O preconceito está ao atribuir uma ligação depreciativa do cristianismo à ontogénese. Jesus Cristo resume o seu ensino no fazer o bem a todos pelo respeito da liberdade na capacidade de cada um de aceitar esse mesmo bem. Jesus passou a sua vida a ensinar, a curar e a libertar de modo distinto quer se tratasse de uma doença física (e.g., a cura de um leproso, Mt 8, 1-3; a cura de dois cegos, Mt 9, 27-30) ou psicoespiritual (e.g., cura de um paralisado, Mt 9 1-8; o jovem epiléptico, Lc 9, 37-43; o possesso de Gerasa, (Mc 5, 1-20), pois, Jesus, ao ensinar não fomentava as superstições culturais, porquanto veio para ensinar a verdade (Capuchinhos, 2006).

O *counselling* psicoespiritual implica uma abertura à dimensão E/R e R/E, aos aspectos que a caracterizam. Para a sua compreensão é necessário recorrer aos conhecimentos de outras ciências (e.g., antropológicas, ontológicas, filosóficas e teológicas), implica uma abertura e investigação à dimensão da história espiritual do paciente e proceder à distinção entre espiritualidade, religião, crenças, superstições e fenómenos psíquicos. Se não for tido em conta a dimensão espiritual, a pessoa deixa as terapêuticas médicas e psicológicas convencionais, substitui-as recorrendo às superstições, o que pode provocar conflito e fracasso psicoterapêutico da relação de ajuda ao paciente. A medicina e a religião têm algo em comum: o bem-estar e a cura da pessoa. Existe uma forte relação entre a medicina popular e a científica, já que esta tem origem na primeira e ambas coexistem contemporaneamente. Assim, poderá considerar-se que a doença é uma maldição que é necessário exorcizar, de divindades ou espíritos malignos. O modo de curar insere-se em métodos esotéricos que conciliam o doente com a natureza e as energias desequilibradas. Aqui observa-se uma aproximação às medicinas científicas as quais também procuram, mediante medicamentos, restabelecer as energias bioquímicas no organismo. O que parece deferir é o conceito de fé E/R. No itinerário terapêutico psicoespiritual vai-se esclarecendo os males e forças demoníacas de outrora, que hoje são compreensíveis cientificamente, na escuta e aceitação das crenças de cada caso. A prática do CPE requer uma sensibilidade aos sintomas de diversas ordens e alguns fenómenos psicoespirituais são resolvidos no CPE pela fé e oração (Amorth, 2004; Fortea, 2010; MacNutt, 2005; Pereira R. , 1999).

A avaliação e alguns indicadores de alerta de ajuda na área de CPE têm em consideração alguns sintomas suspeitos como a ausência de resultados nos tratamentos de

diagnóstico médico e farmacológicos. Nos casos de pessoas com aversão ao sagrado, implica que se faça também uma avaliação na dimensão religiosa e não apenas a espiritual. A pessoa torna-se violenta, tenta parecer normal, mas tem sensibilidade a objectos sagrados, pode apresentar um estado modificado de consciência e de personalidade múltipla. Podem acontecer fenómenos do tipo *poltergeist* vividos só pelo próprio ou por outros, percepções sensoriais, de presenças (i.e., fenómenos parapsicológicos de tipo psi-gama, psi-kappa e psi-teta), interferência na matéria, materializações. Geralmente iniciam-se após frequentar certos rituais, grupos, lugares ou pessoas (e.g., bruxaria, magia, seitas, espiritismo, algumas músicas e filmes, certas meditações, *reiki*, cartomantes), que parecem desequilibrar a psique humana (Amorth, 2004; Cucurull, 2012; Lara, 2012; MacNutt, 2005).

Muitos casos sucedem após um acontecimento traumático que a pessoa não consegue regular e que requer *counselling* psicológico, e por detrás de factores reactivos e naturais possibilita uma propensão da pessoa à abertura a fenómenos espirituais, quer nas crenças, quer na procura e participação neles. A ajuda de um profissional não dispensa a ajuda de outro, se num acompanhamento espiritual a fé e oração actuam, depois é necessário a intervenção psicológica na reconstrução da pessoa. Alessandro Tamino, psiquiatra de Roma, (cit. por Amorth, 2004, pp. 197-202) refere que o paciente beneficia com a clareza das funções e dos papéis de cada profissional na condição que estes salvaguardem as diferenças, respeitar as respectivas áreas e conheçam os limites de identidade dos campos intervenientes. Alguns terapeutas recorrem às crenças dos pacientes para intervenção terapêutica utilizando a desmitificação e a oração, inclusivamente para os fenómenos relativos a acções do maligno (Gubi, 2008).

Rufus Pereira, (2005, cit. por MacNutt, 2005, pp. 281-288) refere que as técnicas espirituais não produzem os seus efeitos em casos de acção de “mal espiritual”, estes geralmente agravam-se depois de um período de aparente melhoria ou anestesia temporal. Esta constatação remete para uma análise fenomenológica de cada caso. Mesmo dentro de outras práticas E/R (e.g., hinduísmo) reconhecem o poder da oração cristã (Amorth, 2004). É a oração o “instrumento” que com o passar do tempo ajuda no diagnóstico face ao sintoma. O espiritual está implícito a todo ser humano e as necessidades e acontecimentos espirituais acontecem em todas as culturas e estratos socioeconómicos. Uma dos principais reflexos que corroboram estes pressupostos é a proliferação de “vendedores espirituais de soluções”. Segundo Fortea (2010) a fenomenologia demoníaca configura 4 estados: a tentação; o *circumdatio* interna e externa; a influência na mente e no corpo; e a possessão. Na fenomenologia de lugares dá-se a infestação, com possíveis fenómenos de *poltergeist*. Os

fenómenos podem ter enquadramento parapsicológico, mas são de outra natureza. A diferença foca-se na *praxis* da técnica ou no conteúdo psicológico/espiritual.

O DSM-IV aponta alguma abertura interpretativa para o Transtorno Dissociativo sem outra especificação, no glossário para síndromes relacionadas com a cultura, menciona desordens não especificadas, o que significa que há casos que escapam aos critérios de classificação e que têm características predominantes e comuns (e.g., sintoma dissociativo, transe, dissociação da personalidade), contudo o DSM trata de um campo nosológico diferente da dimensão espiritual, considera-a, mas não a classifica (Fortea, 2010).

Processo de mudança na vida

Os processos de mudança remetem aos eventos significativos que ocorrem nos acontecimentos desencadeados pelo encontro entre duas pessoas num determinado contexto. O fenómeno que sucede e as suas características provocam um impacto significativo na pessoa, segundo Elliot & Shapiro (1992; cit. por Sousa, 2006). É um processo para identificar os momentos importantes, no processo terapêutico, identificados pelo paciente (Elliott, 1985 cit. por Timulak, Belicovab, & Milerb, 2010) que se traduzem nos acontecimentos benéficos do trabalho terapêutico (Timulak, 2007, cit. por Timulak, Belicovab, & Milerb, 2010). Estes, por vezes não são associados e identificados no decorrer da terapia, mas posteriormente pelos resultados ocorridos no encontro. Terapeuta e paciente identificam eventos diferentes na relação e em diferentes contextos que produzem resultados diversos e produtivos para o processo de mudança terapêutica (Timulak, 2010). Os eventos significativos são experienciados numa relação existencial de encontro terapêutico caracterizada pelo estar-com e estar-para. O foco é a realidade da pessoa, a sua experiência e vivência do mundo. Tendo em vista a promoção ao paciente de aceitar-se como é, acolher-se, sentir-se e querer-se (Teixeira J. A., 2006). Em concordância com o anteriormente descrito, o contexto E/R revela uma experiência/encontro com Deus, à semelhança do encontro terapêutico, que capacita à saúde, ao bem-estar, ao crescimento pessoal na autenticidade e no sentido para a vida. A cura espiritual cristã é um processo onde a pessoa convive numa relação com Deus pela oração que promove uma motivação de mudança na vida (Breslin & Lewis, 2008).

Instrumentos úteis ao CPE

Um meio de apoio aos terapeutas e de ajuda no processo de mudança são os instrumentos E/R que permitem actuar nas estruturas da fé das pessoas, sem entrar em conflito de convicções, como um modelo de crescimento orientado para o desenvolvimento E/R em

contraste com a visão clínica psicopatológica, que aumenta a capacidade do conselheiro em trabalhar construtivamente as questões espirituais e religiosas. Assinalamos, entre outros instrumentos referenciados por Young, Roach, & Hagedorn (2009) e por Kapuscinski & Masters (2010), o *Faith Development Theory* (FDT) de Fowler's (1981, cit. por Parker, 2011) um modelo de desenvolvimento E/R para entender a mudanças E/R caracterizando diferentes estados, desenvolvimentos e as crises de transição, este considera e descreve as estruturas universais das diversas crenças, oferecendo um apoio clínico de construção e de adaptação das crenças à realidade (Parker, 2011). Na qualidade de relações consigo, com os outros, com o ambiente e o que o transcende surge a escala de bem-estar espiritual (SWBQ), (Gouveia, Marques, & Ribeiro, 2009) e a escala de avaliação da espiritualidade no local de trabalho (Caldeira, Gomes, & Frederico, 2011; Rego, Cunha e Souto, 2007).

Na sequência da publicação do Decreto-lei 253/2009, em 23 Setembro, que regulamenta a Assistência Espiritual e Religiosa no Sistema Nacional de Saúde das principais confissões religiosas, resulta o Manual da Assistência Espiritual e Religiosa Hospitalar do Grupo de Trabalho Religiões e Saúde, criado em Dezembro de 2009 e apresentado no Simpósio Inter-religioso e Inter-disciplinar Pessoa/Doente, Sociedade/SNS, Laicidade e Religiões, a 4 de Outubro de 2011, (Direção-Geral da Saúde, 2011).

Características do counsellor

Ter capacidade e conhecimento de focalizar a necessidade de colmatar e prestar um serviço complementar a pessoas com tradição cultural E/R, que pretendam uma intervenção neste campo psicológico e espiritual, fazendo ponte entre os cuidados de saúde. Os psicoterapeutas devem utilizar algumas componentes desses campos E/R quando adequado e terem conhecimento do mesmo (Post & Wade, 2009). Um profissional psicoespiritual não deve impor as suas crenças. A neutralidade e abstinência são exercidas como em qualquer psicoterapia. Ter um conhecimento que pode aplicar, se necessário, considerando essa dimensão humana. Aos técnicos é sugerido conhecimento das diversas religiões e formas de espiritualidade ocidentais e orientais criando uma intercomunicação de experiências entre ambas as áreas do saber (Worthington Jr. & Aten, 2009).

As dificuldades éticas

As barreiras ao *counselling* E/R advêm mais dos terapeutas que dos pacientes (Cornish & Wade, 2010). A sociedade não ajuda a desenvolver pessoas saudáveis, mas promove as

doenças para lucrar com as curas (Pereira L. S., 1993). O problema surge na necessidade de integrar e discernir se uma determinada situação ou sintoma é psicológico ou espiritual na vivência de doença ou de sofrimento humano (Johnson, Hayes, & Wade, 2007). É necessário questionar as implicações éticas ao focar os conhecimentos integrativos e curativos com pretensões lucrativas e não directamente para o bem-estar da pessoa. Existem dificuldades ao nível das resistências pelos julgamentos, descredibilização, perda de respeito e desconhecimento adequado da oportunidade terapêutica. As incompatibilidades E/R de crenças e de valores culturais, implica haver uma abertura à dimensão da história espiritual do paciente e ao exercício do conceito de oração (Gubi, 2008). A conotação ao religioso desvirtuado e desconhecido leva a pacientes e técnicos a não quererem esse tipo de *counselling*. É uma questão de fé, pode existir um diferencial entre terapeuta e paciente. A E/R é remetida para a prática privada, a promoção de preconceitos, pode levar à discriminação (Baetz & Toews, 2009). Há barreiras culturais, morais, filosóficas e E/R associadas à preparação dos terapeutas (Cornish & Wade, 2010).

Pertinência investigacional

A espiritualidade é inerente ao religioso e pretende dar uma resposta holística às necessidades das pessoas. Em numerosos artigos o conceito de espiritualidade está interligado à área da enfermagem, da psicologia e da psicoterapia. Há necessidade de discernir a fronteira entre a psique e o espírito, remetendo os pacientes a profissionais das respectivas áreas, e que trabalhem em colaboração multidisciplinar, assumindo as dimensões das necessidades como um todo, pois, segundo alguns autores, os pacientes, com e sem experiência religiosa/espiritual, têm preferência por um terapeuta com experiência religiosa/espiritual (Post & Wade, 2009).

As pessoas doentes referem ser importante para o seu bem-estar a atenção dos profissionais de saúde em compreenderem as suas necessidades espirituais nas suas crenças, na ajuda da construção de um sentido de esperança para a vida, na capacidade de escuta nesta matéria (Pinto & Pais-Ribeiro, 2007). É um desafio para as unidades de saúde a introdução da assistência E/R nos seus serviços respeitando a identidade das diversas E/R, inclusivamente a espiritualidade cristã que remete à pessoa de Cristo no encontro da pessoa humana saudável e total, indica a Comissão Nacional da Pastoral da Saúde (2010). Nos congressos sobre a temática dos planos de saúde nacional está incluindo o tema da “Espiritualidade e Saúde” (Portugal, 2011, p. 139). A importância da questão psicoespiritual é manifesta em valores

humanos, na prática holística de cuidados de saúde, no plano de orientações estratégicas para benefícios na pessoa doente conferindo-lhe um sentido de viver e de recuperação e também numa atitude preventiva.

É pertinente investigar ainda mais aprofundadamente a implicação da E/R na Saúde por um lado, devido à existência de estudos que apresentam benefícios da E/R ao nível da saúde e bem-estar dos doentes e por outro, por se verificar que as escalas de bem-estar espiritual confundem este com o bem-estar psicológico, assim como o aumento de interesse deste conceito psicoespiritual como uma relação de ajuda, a diminuta relevância dada às características E/R na vida e no processo terapêutico por parte dos terapeutas (Mayers, Leavey, Vallianatou, & Barker, 2007) e a reduzida existência de estudos qualitativos.

CONCLUSÃO

A dimensão psicológica e espiritual é uma característica relevante para o processo de mudança na vida. Remete para o contexto de encontro E/R na procura de ajuda perante o sofrimento. As pessoas percorrem itinerários terapêuticos na procura de respostas existenciais. O processo de CPE é benéfico na relação psicoterapêutica e a literatura investigada confirma os benefícios na promoção da saúde mental.

Conclusivamente, na nossa investigação observámos que o fenómeno E/R não é investigado na descrição da vivência E/R dos eventos significativos, o que remete para a pertinência de investigar o fenómeno E/R na vivência dos momentos significativos que geram e potenciam a mudança na vida, de modo a compreender os eventos significativos e os constituintes psicológicos geradores de *empowerment* como processo de mudança terapêutica na vida das pessoas. Neste pressuposto, a questão subsequente investigável endereça à discricção dos momentos mais significativos vivenciados nos encontros comunitários de *counselling* psicoespiritual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aletti, M. (Março de 2008). Atendimento psicológico e direção espiritual: Semelhanças, diferenças, integrações e... confusões. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 24(1), pp. 117-126.
- American Association of Christian Counselors. (2012). *American Association of Christian Counselors*. Obtido em 09 de Janeiro de 2012, de American Association of Christian Counselors: <http://www.aacc.net/about-us/code-of-ethics/>
- Amorth, G. (2004). *Exorcistas e Psiquiatras*. Apelação: Paulus.
- Association of Christian Counsellors. (2012). *Association of Christian Counsellors*. Obtido em 09 de Janeiro de 2012, de Association of Christian Counsellors: <http://www.acc-uk.org/1664>
- Baetz, M., & Toews, J. (2009). Clinical implications of research on religion, spirituality, and mental health. *The Canadian Journal Of Psychiatry / La Revue Canadienne De Psychiatrie*, 54(5), 292-301.
- Breslin, M. J., & Lewis, C. A. (Janeiro de 2008). Theoretical models of the nature of prayer and health. *Mental Health, Religion & Culture*, XI(1), 9-21.
- British Association for Counselling and Psychotherapy. (3 de Janeiro de 2012). *British Association for Counselling and Psychotherapy*. Obtido em 09 de Janeiro de 2012, de British Association for Counselling and Psychotherapy: <http://www.bacp.co.uk/>
- Caldeira, S., Gomes, A. C., & Frederico, M. (Março de 2011). De um novo paradigma na gestão dos enfermeiros: A espiritualidade no local de trabalho. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(3), 25-35.
- Capuchinhos. (2006). *Bíblia Sagrada* (5 ed.). Fátima: Difusora Bíblica.
- Collins, G. R. (2007). *Christian Counseling* (3 ed.). Nashville: Thomas Nelson.
- Comissão Nacional da Pastoral da Saúde. (26 de Novembro de 2010). *Espiritualidade em saúde, novos desafios*. Obtido em 12 de Janeiro de 2012, de Comissão Nacional da Pastoral da Saúde: <http://www.pastoraldasaude.pt/encontros.php>
- Cornish, M. A., & Wade, N. G. (2010). Spirituality and religion in group counseling: A literature review with practice guidelines. *Professional Psychology: Research and Practice*, 41(5), 398-404.
- Cucurull, J. A. (29 de Janeiro de 2012). *Specialized catholic web about possession and exorcism*. Obtido de Possession and Exorcism: <http://www.fortea.us/>

- Delaney, H. D., Miller, W. R., & Bisonó, A. M. (2007). Religiosity and spirituality among psychologists: A survey of clinician members of the American Psychological Association. *Professional Psychology, Research & Practice*, 38(5), 538-546.
- Direção-Geral da Saúde. (4 de Outubro de 2011). *Manual de Assistência Espiritual e Religiosa Hospitalar*. Obtido em 13 de Janeiro de 2012, de Direção-Geral da Saúde: <http://www.dgs.pt/?cr=21645>
- Dossey, L. (1993). *Healing words, the power of prayer and the practice of medicine*. San Francisco: HarperSanFrancisco.
- Dossey, L. (1996). *Prayer is good medicine*. New York: Harper Collins.
- Fallah, R., Golzari, M., Dastani, M., & Akbari, M. (2011). Integrating spirituality into a group psychotherapy program for women surviving from breast cancer. *Iranian Journal of Cancer Prevention*, 4(3), 141-147.
- Fortea, J. A. (2010). *Suma Daemoniaca, tratado de demonologia e manual de exorcistas*. Lisboa: Paulus.
- Fung, K. (2009). Christian Anthropology of Healing. In *Christian Anthropology* (pp. 11-46). McLean: Association of Christian Therapists.
- Gouveia, M. J., Marques, M., & Ribeiro, J. L. (2009). Versão portuguesa do questionário de bem-estar espiritual (SWBQ): Análise confirmatória da sua estrutura factorial. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 10 (2), 285-293.
- Gubi, P. M. (2008). *Prayer in counselling and psychotherapy*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Igreja Católica. (2012). *Catecismo da Igreja Católica*. Obtido em 7 de Janeiro de 2012, de Vaticano: http://www.vatican.va/archive/ccc/index_po.htm
- Johnson, C. V., Hayes, J. A., & Wade, N. G. (2007). Psychotherapy with troubled spirits: A qualitative investigation. *Psychotherapy Research*, 17(4), 450-460.
- Kapuscinski, A. N., & Masters, K. S. (Novembro de 2010). The current status of measures of spirituality: A critical review of scale development. *Psychology of Religion and Spirituality*, 2(4), pp. 191–205.
- Lara, D. S. (15 de Janeiro de 2012). *Santidade.net*. Obtido de Santidade.net: <http://www.santidade.net/index.htm>
- MacNutt, F. (2005). *Deliverance from evil spirits: A practical manual*. Michigan: Chosen.
- MacNutt, F., & MacNutt, J. (21 de Janeiro de 2012). *A testimony in relation to Dissociative Identity Disorder*. Obtido de Christian Healing Ministries: <http://www.christianhealingmin.org/newsletter/archives/testimonies/atestimony.php#top>

- Mayers, C., Leavey, G., Vallianatou, C., & Barker, C. (2007). How clients with religious or spiritual beliefs experience psychological help-seeking and therapy: A qualitative study. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 14(4), 317-327.
- Miovic, M. (2004). An introduction to spiritual psychology: overview of the literature, east and west. *Harvard Review of Psychiatry*, 12, 105-115.
- Panzini, R. G., Rocha, N. S., Bandeira, D. R., & Fleck, M. P. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34, 105-115.
- Parker, S. (1 de Janeiro de 2011). Spirituality in counseling: A faith development perspective. *Journal of Counseling & Development*, 89, pp. 112-119.
- Pereira, L. S. (1993). Medicinas Paralelas e Prática Social. In *Sociologia - Problemas e Práticas* (Vol. 14, pp. 159-173). Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, ISCTE.
- Pereira, R. (1999). *Jesus hoje*. Braga: Comunidade Cristo de Betânia.
- Pestana, J. P., Estevens, D., & Conboy, J. (Setembro de 2007). O papel da espiritualidade na qualidade de vida do doente oncológico em quimioterapia. *Cons-Ciências*, 3, 125-158. Obtido de <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1896>
- Petrosillo, P. (1996). *O Cristianismo de A a Z*. Lisboa: São Paulo.
- Pinto, C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2007). Construção de uma escala de avaliação da espiritualidade em contextos de saúde. *Arquivos de Medicina*, 21(2), 47-53.
- Pinto, C., & Ribeiro, J. L. (2010). Avaliação da espiritualidade dos sobreviventes de cancro: Implicações na qualidade de vida. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 28(1), 49-56.
- Portugal, R. (Janeiro de 2011). Espiritualidade e Reabilitação. *Cidade solidária*(25), 138-139.
- Post, B. C., & Wade, N. G. (Fevereiro de 2009). Religion and spirituality in psychotherapy: A practice-friendly review of research. *Journal of Clinical Psychology*, 65(2), 131-146.
- Rego, A., Cunha, M. P., & Souto, S. (2007). Workplace spirituality, commitment, and self-reported individual performance: An empirical study. *Management Research: The Journal of the Iberoamerican Academy of Management*, 5(3), 163-183.
- Schoeninger, D., Fung, K., Lussier, L., Lay, B., & Caccese, R. (2009). *Christian Anthropology*. McLean: Association of Christian Therapists.
- Smith, T. B., Bartz, J., & Richards, P. (2007). Outcomes of religious and spiritual adaptations to psychotherapy: A meta-analytic review. *Psychotherapy Research*, 17(6), 643-655.
- Sorg, L., & Buscato, M. (20 de 03 de 2009). *Época*. Obtido de <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI64864-15224-4,00-A+FE+QUE+FAZ+BEM+A+SAUDE.html>

- Sousa, D. (2006). Investigação em psicoterapia: Contexto, questões e controvérsias. Possíveis contributos da perspectiva fenomenológico existencial. *Análise Psicológica*, 3(XXIV), 373-382.
- Tardif, E., & Flores, J. P. (1994). *No fogo do Espírito, volta ao mundo sem bagagem*. Coimbra: Emanuel.
- Teixeira, J. A. (2006). Introdução à psicoterapia existencial. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV), 289-309.
- Teixeira, M. L., & Domenico, S. M. (Abril de 2008). Gestores brasileiros e portugueses: Estrutura única de valores de sentido de vida. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 14(1), 45-64.
- Timulak, L. (2010). Significant events in psychotherapy: An update of reserach findings. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 83, 421-447.
- Timulak, L., Belicovab, A., & Milerb, M. (2010). Client identified significant events in a successful therapy case: The link between the significant events and outcome. *Counselling Psychology Quarterly*, 23(4), 371-386.
- Vitz, P. C., & Brugger, E. C. (2009). Interview with Paul C. Vitz: A catholic looks at the past, present and future of christian psychology. *Edification: Journal of the Society for Christian Psychology*, 3(1), 83-86.
- Wade, N. G., Worthington, E. L., & Vogel, D. L. (Janeiro de 2007). Effectiveness of religiously tailored interventions in Christian therapy. *Psychotherapy Research*, 17(1), 91-105.
- Weld, C., & Eriksen, K. (2007). Christian clients preferences regarding prayer as a counseling intervention. *Journal of Psychology & Theology*, 35(4), 328-341.
- Worthington Jr., E. L., & Aten, J. D. (Fevereiro de 2009). Psychotherapy with religious and spiritual clients: An introduction. *Journal of Clinical Psychology*, 65(2), 123-130.
- Young, M. E., Roach, L., & Hagedorn, W. B. (21 de Março de 2009). *Assessment of spirituality and meaning in research and clinical settings*. Obtido em 29 de Março de 2011, de American Counseling Association: http://pegasus.cc.ucf.edu/~drbryce/ACA_2009_Spirituality_and_Meaning_Handouts.pdf

ARTIGO EMPÍRICO

RESUMO

Pelos seus recursos benéficos na saúde, no bem-estar e na libertação do sofrimento, a dimensão espiritual é cada vez mais investigada. O *Counselling* PsicoEspiritual (CPE) possibilita uma alternativa e/ou complemento com recursos económicos, organizacionais e humanos reduzidos. Os fenómenos ocorridos em eventos significativos no CPE permitiram investigar, pelo método fenomenológico, em doze pessoas, os significados psicológicos que resultaram em cinco constituintes essenciais. Nestes, o Encontro na Relação Espiritual surge como o invariante da experiência gerador de mudança benéfica na saúde, na forma de lidar com o sofrimento e na reestruturação das capacidades para uma vida mais autêntica. O CPE apresenta indicadores significativamente benéficos para a psicoterapia.

Palavras-chave: eventos significativos, aconselhamento, psicoespiritual, fenomenologia, capacitação.

ABSTRACT

By their beneficial resources on the health, in the well-being and in the liberation of suffering, the spiritual dimension is more and increasingly investigated. The PsychoSpiritual Counseling (PSC) provides an alternative and/or complement to economic, organization and human resources reduced. The phenomena occurring in significant events in PSC enabled investigation, by phenomenological method, in twelve people, the psychological meanings that resulted in five essential constituents. In these, the Meeting in the Spiritual Relationship arises as the invariant of the experience, generator of beneficial change in health, in the way of dealing with suffering and in the restructuration of skills for a more authentic life. The PSC presents significantly beneficial indicators for the psychotherapy.

Keywords: significant events, counselling, psychospiritual, phenomenology, empowerment.

ÍNDICE

RESUMO.....	III
ABSTRACT	IV
LISTA DE FIGURAS E DE TABELAS.....	VI
INTRODUÇÃO.....	1
Counselling PsicoEspiritual (CPE).....	1
Pesquisas relevantes no CPE	2
Processo de mudança na relação de encontro.....	3
Pertinência do estudo.....	4
MÉTODO	5
Delineamento.....	5
Participantes.....	5
Procedimento	6
Instrumentos	6
Análise dos dados	7
RESULTADOS	8
Constituintes essenciais dos eventos significativos.....	11
Consciência das limitações	11
Compatibilidade grupal	11
Relação de encontro.....	12
Evento espiritual	13
Mudanças assertivas	13
DISCUSSÃO	15
Diálogo com a literatura	16
Implicações para a prática da Psicologia	17
CONCLUSÃO.....	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19
ANEXOS	23
ANEXO A: Os 5 constituintes essenciais.....	24
ANEXO B: Consentimento informado.....	33
ANEXO C: Entrevistas e Divisão das Unidades de Significado.....	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dinâmica dos significados psicológicos	9
---	---

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estrutura geral dos significados psicológicos	8
Tabela 2 – Variações empíricas dos constituintes essenciais	10

INTRODUÇÃO

Counselling PsicoEspiritual (CPE)

O CPE é um processo evolutivo e construtivo da pessoa na sociedade e em sociedade. Cada vez mais investigado pela sua importância no complemento do bem-estar, da saúde, da libertação do sofrimento e gerador de *metanóia* na *praxis* da vida.

O espiritual/religioso (E/R) é um fenómeno humano de condição interior, de carácter místico e que contém uma força associada. É um factor inerente à dimensão relacional entre as pessoas e que faz sentido na prática do encontro terapêutico (Elkins, 2001). O CPE contribui para uma ou várias características das necessidades das pessoas de todas as crenças e culturas (Collins, 2007). A British Association for Counselling and Psychotherapy (2012) refere o *counselling* em termos de diversidade de procedimentos efectuados por profissionais que trabalham com pessoas num espaço de tempo para ajudá-las à mudança necessária e eficaz ao seu melhor bem-estar integral. A Association of Christian Counsellors (2012) define *counselling* espiritual, numa perspectiva cristã, como uma actividade que procura ajudar as pessoas numa mudança construtiva de crescimento em qualquer aspecto da vida, num relacionamento atencioso, sem conexão indutiva dos seus valores perante outros valores. A American Association of Christian Counselors (2012) descreve o *counselling* como um “*processo conduzido pelo Espírito de mudança e crescimento*”, voltado para ajudar os outros no aconselhamento e assistência, na intervenção ambiental, psico-social, familiar, bio-médica e espiritual.

O conceito de espiritual é mais abrangente que o de religioso (i.e., o espiritual prevalece sobre o religioso E/R), porém este está implícito no primeiro, ou seja, o religioso procura ou vive a espiritualidade (i.e., aqui o religioso sobressai ao espiritual R/E) e o espiritual pode ou não procurar e/ou viver uma religião. O Religioso engloba conceitos teológicos, que além do bem-estar psíquico e espiritual, visa ainda a salvação da pessoa (Fung, 2009). Usado sem aplicação de técnicas, baseado na fé do paciente e trabalhados no contexto de *counselling* individual ou de grupo (Cornish & Wade, 2010), é descrito como uma experiência/encontro com Deus que, à semelhança do encontro terapêutico, capacita a mudança na vida e é perceptível pela diminuição ou ausência de sintomas, de doenças, desequilíbrios psicossociais e aquisição de um novo sentido ao sofrimento e à vida (Amorth, 2004; Fortea, 2010; MacNutt, 2005; Pereira R., 1999). É uma alternativa e/ou complemento

com resultados positivos em contexto individual e grupal (Cornish & Wade, 2010; Delaney, Miller, & Bisonó, 2007; Dossey, 1993).

Pesquisas relevantes no CPE

As investigações recentes evidenciam uma associação positiva de 80% entre o E/R e a saúde física e mental, onde a fé e a oração no transcendente trazem múltiplos benefícios às pessoas, os quais se reflectem na melhoria da qualidade de vida e no bem-estar. É um processo que facilita a construção e amadurecimento cognitivo, moral, cultural, relacional e existencial. Os profissionais da saúde reconhecem essa importância (Aletti, 2008; Baetz & Toews, 2009; Dossey, 1993; Dossey, 1996; Panzini, Rocha, Bandeira, & Fleck, 2007; Parker, 2011; Pestana, Estevens, & Conboy, 2007; Pierre-Hansen & Guilfoyle, 2012) e recorrem ao *coping* E/R, às crenças dos pacientes tal como a desmistificação e a oração que gera *empowerment* de mudança terapêutica, pois após a mesma algo acontece na pessoa (Gubi, 2008). A integração E/R promove a compreensão do sentido da vida, apresenta características benignas de solidariedade humana, de relacionamento social, de auto-realização, de evolução pessoal e espiritual (Teixeira & Domenico, 2008; Vitz & Brugger, 2009).

Os estudos referem que os psicólogos são menos religiosos que os seus pacientes, porém a maioria dos psicólogos (82%) acredita que a religião é benéfica para a saúde mental (Delaney, Miller, & Bisonó, 2007). A filiação do terapeuta e do paciente na mesma E/R não é considerada importante no processo (Mayers, Leavey, Vallianatou, & Barker, 2007). Os pacientes com anterior aconselhamento cristão têm expectativas mais elevadas em relação às práticas da oração e preferem que sejam os terapeutas a introduzir o tema (Weld & Eriksen, 2007). Os pacientes com elevado compromisso E/R relataram maior proximidade com os terapeutas e melhoria de resultados ao receber intervenção E/R (Wade, Worthington, & Vogel, 2007) e os problemas espirituais são identificados gradualmente ao longo da terapia (Johnson, Hayes, & Wade, 2007).

As abordagens psicoterapêuticas que têm em conta a dimensão espiritual, mostram ser benéficas para pessoas com problemas psicológicos de depressão, de *stress* , de ansiedade, distúrbios alimentares e os resultados apresentam menores distúrbios psicológicos, uma melhoria mais rápida e maior bem-estar geral (Smith, Bartz, & Richards, 2007).

A espiritualidade tem repercussões no contexto de trabalho favorecendo a vivência espiritual como cuidadores e gestores, perceptível no trabalho em equipa, no alinhamento do indivíduo com os valores da organização, na satisfação no trabalho, nas oportunidades para a vida interior e no sentido de préstimo à comunidade (Rego, Cunha, & Souto, 2007). Facilita a

comunicação, o compromisso, a criatividade e adopção de comportamentos éticos (Caldeira, Gomes, & Frederico, 2011).

Estudos em doentes oncológicos apresentaram resultados salutareos pelo aumento significativo da esperança no estado de saúde, na atribuição de significado ao sofrimento na doença crónica e na qualidade de vida (Fallah, Golzari, Dastani, & Akbari, 2011; Pinto & Ribeiro, 2010).

Pesquisas das neurociências revelam que a oração e a meditação activam e alteram áreas cerebrais, e compostos químicos como a serotonina e a dopamina, que modificam o humor e níveis de ansiedade, controlam as emoções, reduzem as doenças e melhoram as relações das pessoas, refere Andrew Newberg (cit. por Sorg & Buscato, 2009).

Vários estudos descritivos de diversos casos relatam o restabelecimento saudável da pessoa pautado por uma mudança que reestrutura a sua vida tornando-a mais autónoma pessoal e socialmente. Focam o momento interventivo do *counsellor* como gerador e promotor do processo de libertação de uma determinada perturbação mental e comportamental, capacitando a estabilidade ou a cura de sintomas específicos (e.g., ansiedade, depressão, desmaios, taquicardias, fobias, fenómenos sensoriais, perturbações da personalidade, perturbações dissociativas e curas físicas) através da intervenção psicoespiritual num contexto de eventos E/R (Amorth, 2004; Cucurull, 2012; Fortea, 2010; Lara, 2012; MacNutt, 2005; MacNutt & MacNutt, 2012; Pereira R., 1999).

Os instrumentos na E/R focam múltiplas escalas que permitem actuar por meio da fé para trabalhar construtivamente as questões E/R sem entrar em conflito de crenças e teorias (Fowler's 1981, cit. por Parker, 2011), como por exemplo, a Escala de Bem-Estar Espiritual (SWBQ) relacionada com o bem-estar em contextos de saúde (Gouveia, Marques, & Ribeiro, 2009; Panzini & Bandeira, 2005; Pinto & Pais-Ribeiro, 2007; Young, Roach, & Hagedorn, 2009). E o Manual da Assistência Espiritual e Religiosa Hospitalar, das principais confissões religiosas, que regulamenta a Assistência Espiritual e Religiosa no Sistema Nacional de Saúde (Direção-Geral da Saúde, 2011).

Processo de mudança na relação de encontro

O encontro terapêutico e a relação de ajuda E/R estão implícitos em momentos significativos nas relações com o social (Schoeninger, Fung, Lussier, Lay, & Caccese, 2009, pp. 159-174). Em ambos os casos observa-se um pedido de ajuda no alívio do sofrimento e no significado da vida. A dimensão espiritual vertical está relacionada com o transcendente e a prática da religião no conceito de crenças, enquanto que a dimensão horizontal engloba

conceitos de esperança, de significado e sentido de vida na relação social (Pinto & Pais-Ribeiro, 2007). São poucas as pessoas que mencionam a procura do *counselling* por questões religiosas, mas antes por problemas pessoais e familiares, depressão, crises, medos e doenças (Collins, 2007, p. 64). A oração é um “instrumento”, no processo de mudança e na relação, que possibilita uma avaliação face ao sintoma de alguns fenómenos E/R (Fortea, 2010). Os eventos significativos são momentos de expressivo impacto num contexto de encontro entre pessoas, onde o fenómeno experienciado é, por vezes, só identificado e associado no decorrer da terapia e nos resultados produtivos face ao processo de mudança terapêutica (Timulak, 2010).

O processo implica dificuldades éticas que assentam na necessidade de integrar e distinguir a sintomatologia de nível psicológico ou espiritual, a vivência de doença ou de sofrimento humano (Johnson, Hayes, & Wade, 2007). As exigências financeiras, as resistências pelos preconceitos, a descredibilização e perda de respeito profissional e o desconhecimento adequado da oportunidade terapêutica são barreiras culturais, morais, filosóficas. A questão da fé, das crenças, de conotação ao religioso desvirtuado e desconhecido, o exercício do conceito de oração (Baetz & Toews, 2009; Gubi, 2008), assim como a preparação dos terapeutas, a falta de tempo, as crenças pessoais e a dificuldade em identificar os pacientes predispostos dando maior visibilidade à dimensão física (Cornish & Wade, 2010; Pierre-Hansen & Guilfoyle, 2012) são os principais obstáculos na integração da ajuda E/R no encontro terapêutico.

Pertinência do estudo

Perante as dificuldades éticas já citadas, a diminuta ou ausente relevância dada às características E/R na vida e no processo terapêutico (Mayers, Leavey, Vallianatou, & Barker, 2007), já é, em si, pertinente. A existência de algumas práticas desadequadas no processo, no aumento de interesse do processo psicoespiritual em contexto de saúde e nos meios psicoterapêuticos, não parece suficientemente investigado. Os estudos encontrados referem-se às perspectivas biopsicosociais e à respectiva utilização de escalas de avaliação. A pertinência em investigar foca-se em compreender o significado psicológico de fenómenos ocorridos em momentos significativos, pela descrição da vivência desses momentos, que geram uma mudança terapêutica, num contexto de eventos E/R. A questão de investigação a explorar é a seguinte: “descreva os momentos mais significativos que vivenciou nos encontros comunitários de *counselling* psicoespiritual?”

MÉTODO

Delineamento

No âmbito de uma abordagem qualitativa, o método fenomenológico foi utilizado por este permitir revelar a estrutura dos constituintes essenciais dos significados psicológicos pela descrição da experiência em eventos significativos.

Participantes

A amostra, por conveniência, é constituída por 12 participantes, 2 do género masculino e 10 do género feminino, de idades compreendidas entre os 37 anos e os 62 anos de idade. As habilitações académicas consistem em 5 participantes com o 9º ano, 4 participantes com o 12º ano e com Licenciatura 3 participantes. Todos os participantes pertencem a um estrato sóciodemográfico e social heterogéneo. A média de frequência dos participantes no grupo é de 7,5 anos. Os participantes pertencem a quatro grupos distintos que se inserem na dinâmica religiosa e espiritual do cristianismo, da zona centro do país. Normalmente são designados como grupos, grupos de oração, comunidades, grupo de *counselling* psicoespiritual, encontros comunitários, etc. Apesar de alguns terem outras designações contextuais e especificidades próprias, são abertos a todas as pessoas que procuram ajuda variada. No nosso estudo, as várias designações de grupo, têm o mesmo significado como um mesmo grupo. São dinamizados por leigos, mas com acompanhamento de religiosos (e.g., padres) ou de outras pessoas mais maduras na fé cristã e de outros profissionais quando necessário. Reúnem-se semanalmente, entre uma a duas horas, organizando, por vezes, encontros que englobam vários grupos. Existem grupos semelhantes por todo o país. A sua dinâmica engloba vários eventos como a oração, a música, as palestras, a adoração, a missa, a ajuda material, psicológica e espiritual. Nos grupos consultados, em cada evento realiza-se acolhimento às pessoas, escuta das suas necessidades, músicas, oração, instrução acerca de diversas temáticas, meditação da Bíblia, tempos de silêncio finalizando com momentos de confraternização. Não tendo este trabalho o objectivo de estudar o grupo, não será pormenorizado o funcionamento dos mesmos e as suas dinâmicas na perspectiva grupal, psicológica, social ou religiosa/espiritual. Centramo-nos, portanto, nos fenómenos surgidos nos eventos significativos que ocorreram aquando da participação da nossa amostra nos respectivos grupos.

Procedimento

Foram contactados pessoalmente os responsáveis dos respectivos grupos para dar a conhecer a investigação e identificação dos possíveis participantes. Estes foram apresentados ao investigador que procedeu ao contacto pessoal com os mesmos para posterior entrevista. Os participantes foram seleccionados de quatro grupos em três comunidades de locais diferentes. Um local desenvolve dois grupos em dias diferentes. O critério de inclusão é a participação semanal e assídua superior a um ano.

As entrevistas foram realizadas entre Março e Abril de 2012, numa sala em privado e gravadas em áudio digital “maxfield”, posteriormente foram transcritas e, num segundo encontro, foram lidas as transcrições aos participantes para complementar a entrevista e esclarecimento de algumas descrições. A duração média das entrevistas foi de 30 minutos. Antes da entrevista foi criado um ambiente empático, explicado o contexto da investigação acerca da descrição dos momentos mais significativos nos eventos do grupo. Foi lido, esclarecido e assinado o consentimento informado. A entrevista é exploratória, de estrutura aberta e começou por algumas questões introdutórias de modo a facilitar à condução da questão de investigação: “descreva os momentos mais significativos que vivenciou nos encontros comunitários de *counselling* psicoespiritual?” Por vezes a questão foi repetida, reformulada e clarificada de modo a explorar a questão fundamental relacionada com o tema em estudo. Muitas vezes os participantes divagam além do pressuposto e registou-se informação pertinente pelo comportamento não-verbal dos participantes.

Instrumentos

O instrumento de recolha de dados foi a entrevista fenomenológica que tem os seus antecedentes teóricos, a partir de Husserl, na epistemologia da Fenomenologia. Esta surge como uma metodologia de análise intencional, eidética, de redução fenomenológica e síntese de identificação, de modo a recolher a informação detalhada na descrição dos fenómenos essenciais ocorridos nos momentos mais significativos dos eventos. Este delineamento permite ao investigador decidir os elementos que constituem os dados necessários e construir as questões de tal forma a obter respostas correspondentes à análise do fenómeno. O método pretende investigar o fenómeno nas diferentes perspectivas descritas pelos participantes de modo a obter o conhecimento essencial face à temática de investigação (Giorgi & Sousa, 2010; Leal, 2005).

Análise dos dados

Após as entrevistas procedeu-se à transcrição na íntegra das descrições das experiências. Seguiu-se a análise dos dados que, segundo o método fenomenológico, implica analisar as descrições dos fenómenos na sua intersubjectividade, onde o conceito epistemológico da consciência intencional considera a *Epoché*, ou seja, a suspensão do conhecimento prévio; a Redução Fenomenológica distingue o modo como o objecto se dá a conhecer e como é na realidade; e a Análise Eidética considera o foco no objecto de estudo na sua temática essencial e comum. Esta metodologia envolve ainda um processo em quatro etapas graduais: 1. Estabelecer o Sentido Geral: na leitura de cada entrevista para obter o sentido do todo; 2. Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado através da releitura das entrevistas transcritas de modo a assinalar com um traço vertical cada vez que é identificado uma mudança de significado nas descrições dos participantes; 3. Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico: trata-se da transformação da linguagem comum expressa pelos participantes num discurso de significado psicológico relevantes com o tema em estudo, 4. Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos: integração das unidades de significado psicológico em constituintes essenciais numa síntese estrutural dos conteúdos psicológicos transversais aos participantes. Esta perspectiva permite entender o que é semelhante de modo a descrever e classificar os significados essenciais da experiência do fenómeno numa estrutura geral onde a experiência intersubjectiva é expressada num todo consistente (Giorgi & Sousa, 2010).

RESULTADOS

Na análise das unidades de significado encontra-se uma estrutura única para todos os participantes que revela, na tabela 1, os constituintes essenciais do significado psicológico da experiência. Estes constituintes essenciais categorizam os significados invariantes encontrados no conjunto das descrições dos momentos mais significativos e a relação entre eles.

Tabela 1 – Estrutura geral dos significados psicológicos.

Estrutura Geral
<p>Os momentos significativos relacionam-se com a tomada de <i>consciência das limitações</i> perante o sofrimento das situações da existência e das doenças. Existe uma perturbação psicológica na relação com o mundo, com os outros e consigo. A nível espiritual verifica-se o conflito do distanciamento de Deus. O mal-estar na ausência de significado da relação religiosa e espiritual, de desamparo, de isolamento que desencadeia em sofrimento psicoespiritual.</p> <p>O encontro no e em grupo demonstra proporcionar eventos que geram e potenciam experiências individuais que tornam possível reconstruir os significados da vida. A relação existencial na aceitação e compreensão da pessoa, pelos que também experienciaram fenómenos semelhantes, facilitam a identificação e promovem o sentido de pertença numa construção da relação geradora de recuperação. A <i>compatibilidade grupal</i> mobiliza a relação estabelecida entre os participantes e as dinâmicas de eventos e promovem um autêntico encontro consigo mesmo, com o outro, com o mundo e o transcendente.</p> <p>O acompanhamento permite a descoberta da realidade pessoal perante o outro. O Eu e o Tu é estabelecido entre o participante e o outro, o participante e o evento significativo, no sentido espiritual é entre o participante e Deus. Esta <i>relação de encontro</i> é mediada pela comunicação de significados subjectivos que adquirem uma significância fundamental para o participante que percepção a resposta pela mensagem dirigida a si na oração.</p> <p>Há uma redefinição do significado que no processo de ajuda encontra a sua essência na relação a algo ou alguém que remete ao <i>evento espiritual</i>, impregnado de afecto e descrito na relação vertical e na relação horizontal. O reconhecimento e compreensão do processo psicoespiritual são encontrados na relação e no ímpeto do fenómeno pela mensagem que descreve o que acontece de concreto no momento significativo mediado pela linguagem e pelo toque.</p> <p>Os fenómenos geram <i>mudanças assertivas</i> de crescimento pessoal e de transformação na vida dos participantes. As mudanças reflectem-se numa adaptação pessoal e social, na significativa diminuição das manifestações de sofrimento físico e psicoespiritual, na descoberta de novos recursos que dão sentido à sua existência e que capacitam um novo significado na vida pela reavaliação das crenças, dos valores e das atitudes fundamentais.</p>

No diagrama seguinte (figura 1) verificamos esquematicamente a dinâmica da estrutura geral dos significados psicológicos e a relação entre si.

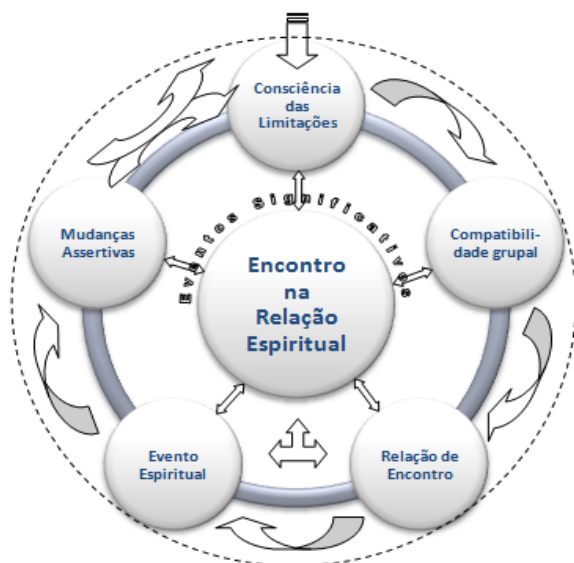


Figura 1 - Dinâmica dos significados psicológicos.

grupo compatível com os interesses do participante, alguns participantes já tinham frequentado outros grupos (i.e., ausência de compatibilidade grupal) e não permaneceram (e.g., a média de permanência nos grupos é de 7,5 anos). A compatibilidade grupal promove condições para a relação de encontro entre o participante e alguém ou O espiritual (Deus) que acontece num momento e num evento específico. Gera-se “Um” evento espiritual, que por vezes se repete, com repercussões transversais nas várias dimensões do participante que se projecta no psicoespiritual (i.e., na relação religiosa/espiritual e social). Trata-se de um fenómeno consciente e na consciência do sujeito que só ele percepção no seu ser. Verificam-se mudanças assertivas na vida do participante relacionadas com as suas carências existenciais. Estas mudanças permitem tomar conhecimento das suas limitações e reintroduzir, se necessário, o ciclo mediado pelos eventos significativos. A permanência no grupo permite retomar o equilíbrio na vida. Os cinco constituintes essenciais interconecta-se através do evento significativo como um todo indiferenciado pelos participantes, mas implícitos na redução eidética pela descrição dos momentos mais significativos. O invariante apodíctico do evento é o Encontro na Relação Espiritual (e.g., oração) entre o humano e o transcendente.

A tabela 2 exemplifica as descrições em discurso directo dos momentos mais significativos que permitiram formular os constituintes essenciais das experiências vividas pelos participantes.

Tabela 2 – Variações empíricas dos constituintes essenciais.

Consciência das Limitações	Compatibilidade grupal	Relação de Encontro	Evento Espiritual	Mudanças Assertivas
P1 sentia-me mal. Sentia a perseguição de pessoas que já tinham morrido... ouvindo muitos barulhos em casa... entrava em transe e gritava, falava...	aquele encontro, não sei. Foi aí que eu senti que Deus me estava a curar. E depois, pronto, nunca deixei de ir... Sentia necessidade... estou sempre deserta...	tinha uma dor muito forte na perna... Essa dor deixei de ter... psicologicamente a dor era maior e deixei de ter... sinto um arrepio pelo corpo e sinto aquela palavra, "Eu estou contigo."	aquela oração... rezava-mos por todos... rezava por mim, houve uma altura que eu me senti no céu... adormeci no Espírito... E foi a partir daí comecei a sentir-me muito melhor.	sou muito mais simples. Antes era mais orgulhosa... Faço as coisas por humildade... Gosto de conversar com as pessoas...
P2 ficava estranha... só me apetecia dormir... faltava-me a força... dores de cabeça muito fortes... coisa que me oprimia... sinusite que me atacava quando eu estava a rezar, perdia a voz e... ansiedade... aperto no peito... gastrite.	a dinâmica do grupo acaba por ser mais facilitadora porque a pessoa acaba por se desprender... por ser mais positivo no sentido de puxar-mos uns pelos outros. Vamos daí, vamos embora e tal, ri-te, anda, salta.	animador disse que: "há aqui alguém a receber a cura da sinusite." Um sopro, qualquer coisa ali, naquela zona... "há aqui alguém que sofre de problemas de ansiedade"... a partir desse dia deixei de ter esse problema... a cura, o amor.	aperto na garganta que eu sentia, que eu ficava afônica... desde a iniciação em reiki... bloqueava as cordas vocais... Era algo que me oprimia... oração em línguas da invocação do Espírito Santo... Como todas as outras curas que eu tenho recebido.	conseguimos... resolver estes problemas... ajuda esta componente psicológica... a descobrimo-nos enquanto ser humanos, pessoas, seres completos e complexos... nós e Deus... Afinal isto não é assim tão complicado, é por aqui.
P3 Tinha muito sofrimento... perdi o meu marido... a saudade. Eu questionava-me... Tinha muito medo da morte e tinha muito medo de viver.	Durante a oração... O padre F. quando lhe contei ele dizia "deixa andar o rapaz. Vamos rezar por ele. Todos vamos rezar que ele vai voltar." Foi logo nessa tarde... Sinto um apoio e uma falta...	momento de invocar o Espírito... há sempre alguma coisa que Ele nos diz... vem direccionada. Que vem liberta-nos... de medos... Deus está ali para nos falar a todos... a presença de Deus desce mais rápida ali.	A perda, não faz ideia... fez-me agarrar mais a Deus, porque foi aí que eu compreendi que Ele me amava ainda muito mais... era a minha oração... lia a palavra e era na Bíblia que eu encontrava a força...	aos poucos eu vi a minha vida a mudar... deixei de sentir aquelas tristezas... via-me a cantar... Perdi o medo de morrer. Luto e faço pela vida... não tenho medo da vida... Paz. Tranquilidade. Serenidade. Confiança.
P4 Triste... com depressões. Tentei o suicídio... Tinha problemas cardíacos... quisito num ovário... quisito mamário... hemorragias podia tornar-se cancerígeno... eu via a morte... futuro era péssimo, era tudo preto... dias a chorar.	Ajudou e ajuda a conhecer melhor o meu Deus e o meu salvador. Ajuda-me melhor a orientar-me...fala-nos através do irmão... Na Adoração ao Santíssimo... Eu ando sempre ansiosa para que chegue o dia para ir ao grupo de oração.	sentiu Deus a falar comigo para eu me acalmar... E aquilo aliviou-me... é onde eu me sinto bem... encontrei a razão de viver... O nosso Encontro frente a frente com Jesus. O momento de adoração.	Efusão do Espírito Santo... e a partir dali, não sei, sinto-me diferente, sinto-me mais calma, mais paciente... houve uma vez que eu sentia que estava a ser elevada... É uma paz interior tão grande... Parece que estamos ali só com Deus...	mais confiante... quando vai a confirmar os exames... "você está limpa"... aceito a morte... tenho muito mais calma e consigo ver as coisas de maneira diferente... Com Deus sou mais feliz... sou uma mulher... diferente, muito mais feliz.
P5 ansiedade com as coisas da vida... Um caminho sem rumo... o tal vazio de Deus... partir desse vazio comecei a perceber que faltava-me a espiritualidade que até ali não tinha.	a vida espiritual tinha um vazio depois eu comecei a perceber que era preciso, com valores espirituais, com uma educação espiritual vamos mais além. Nós não somos derrubados com facilidade... Somos muito mais seguros...	estou perto do teu coração se o abrires eu entrarei nele. Foi isso que aconteceu... hoje sou muito mais feliz... Quando alguém no grupo fala as outras pessoas assumem como se estivessem a receber e a serem contagiadas por esse silêncio, por essa paz...	Mas o momento principal talvez seja aquela oração mais na intimidade no silêncio... frente ao Santíssimo... estamos em sintonia com aquela palavra... momento de paz... há aquele momento em que nos sentimos abraçados. São momentos únicos...	Hoje eu encaro a vida na espiritualidade... é o fio condutor que eu tenho porque Deus é a luz... aprendi com os mais velhos e aos pouco fui tornando mais dócil quer no grupo de oração, quer na vida.
P6 perturbações de nível espiritual... não dormia bem, ouvia coisas em casa, coisas estranhas... Havia fenômenos em casa de barulhos que se ouviam... muitos medos do futuro.	todas as semanas ao grupo... o grupo ajudou-me... é ter alguém que comunga comigo a mesma fé dá-nos forças... que nos ajudamos...isso fortifica-nos... tem todo sentido ser em grupo, nós vivemos na unidade.	pedir ajuda a Deus e Ele vir em nosso socorro... sentimos a proximidade de Deus... são momentos mais aconchegantes ou mais de paz... que nos dá também força. Acho que acontece em quase todos os encontros essa proximidade com o Espírito...	Melhorei repentinamente durante uma oração. Quando reparo deixei de ter dor... momento em que nós lemos a palavra e estamos em meditação... silêncio é pacificador... sentimos a imunidade... sentimo-nos próximos... acompanhados, não nos sentimos isolados.	Foram resolvidos os problemas... uma mudança significativa... mais alegre, muito mais optimista. A minha vida em casa já mudou, já consigo fazer festas... ter algum ânimo e alguma alegria aqui em casa. Perceber que eu... sou o veículo dessa alegria...
P7 já estive quase no fundo do poço... Pensei isolar-me. Vender a casa, refugiar-me do povo... mais insegura... com menos esperança...	ajudada neste grupo, espiritualmente... com as pessoas do grupo sinto-me bem... ajuda-me psicologicamente a saber que temos alguém... sinto-me apoiada, acarinhada...	Ele chamou-me para que eu, realmente, O conhecesse e O levasse aos outros. Acho que esse foi o momento, o encontro pessoal mesmo com Cristo... a mudança radical na minha vida.	é a invocação ao Espírito Santo... me sinto realmente liberta, sinto-me a flutuar, sinto-me leve...	fez-me essa mudança radical... sinto-me com uma paz mais suave... mais calma para resolver essa situação, olhá-la com outros olhos... oração está-me a fazer bem espiritualmente.
P8 um adenoma na hipófise... isto mexia com a minha visão, mexia com o meu desequilíbrio, e então a parte toda ginecológica...	esta força, no grupo de oração e ter-me levantado para cima, eu em vez de ir para cima eu fechava-me... depressão, ... importante. Como o grupo...	a palavra... Deus falava para mim e dizia "tu não podes estar assim. Tu tens que levantar a cabeça e vamos embora."... a oração em comum com vários irmãos é muito mais forte...	houve um momento que eu gostei imenso e senti parecia que eu tinha passado, ficado leve. Naquele momento desapareceu tudo o que eu tinha na minha mente, desapareceu, fiquei leve...	E mudou completamente a minha vida até hoje... comecei a entender que aceitar a atitude de cada pessoa... a nível da minha doença eu acho que foi fantástico... Hoje... sou capaz...
P9 um divórcio. Que eu punha e dispunha da minha vida... egocêntrica.	O grupo ajudou... orientaram... ouviram... é a partilha da palavra, os afectos, uma palavra na hora certa, um sorriso, um abraço... o que tenho vivido lá... tem-me dado forças para caminhar...	encontrei a minha paz interior... Para mim é o acolhimento, a Palavra, é toda aquela envolvimento, aquela espiritualidade. Tudo o que se vive naquele tempo... é muito intenso, é muito bom.	é a palavra de Deus... O momento da Adoração... momento mais significativo foi... pela primeira vez... eu ia muito carente da palavra de Deus... impacto... a falarem de Deus. Isso tocou-me.	as coisas mudaram completamente... estou ainda num período de aprendizagem... sempre aprender... interiormente eu sinto-me outra pessoa... hoje estou a fazer voluntariado...
P10 extremamente ansiosa... expludo por tudo e por nada. Eu primeiro dizia e depois é que pensava.	Se soubesse o que sei hoje não tinha sido há dois anos, mas há muitos anos... vamos aprendendo... Adoração ao Senhor é tudo. E eu com o grupo vim a aprender muito.	muita dor de estômago... E disse "oh, meu Deus! Eu tenho que ir"... quando saí daquela oração... eu não tinha dores de estômago... Não me doía nada.	chorar de felicidade. Ainda hoje em todas as Adorações ao Senhor eu não me contendo... porque me toca muito... basta até um simples cântico... que toca ali e eu choro...	vim a aprender muito... explodia, tem uma maneira de ver as coisas diferentes. Sou realmente outra pessoa... eu própria sinto que mudou em mim muita, muita coisa.
P11 cada vez estava mais nervosa... tensão a 20. Os diabetses altíssimos... Andava mesmo descontrolada e só me dava para partir tudo.	Desde que entrei aqui... não tenho problemas nenhuns... quando a gente se concentra ali bem... Mas noto que me ajuda muito.	pedi a Deus "ó Senhor, tira-me esta azia daqui de dentro", e então nunca mais tive azia... Tive de pedir empréstimo... pedi a Deus: "ajuda-me..." o dinheiro não faltou.	gosto mais é quando, e acho resultados, é quando a gente está a receber o Espírito Santo... É aí que aparecem resultados a seguir, aparece sempre qualquer coisa.	mais calma e a conseguir levar isto de outra maneira... tive um sonho... nessa noite dormi 5 horas sem acordar... Sinto-me muito melhor... não é nada com era dantes.
P12 estava a atingir um momento de abismo quase, em que me perdi completamente...	muito importante as pessoas que estavam ao meu lado... com a sua maneira de estar e com a sua maneira de ser, que com muito cuidado me foi conduzindo... me ajudaram...	as celebrações em grupo foi sempre algo muito tocante... uma delas é a escuta da palavra... é o próprio Deus que nos fala...	momento muito significativo... libertação... primeiros momentos de oração de louvor... má disposição... falta de vontade de estar acabam por desaparecer... fico em paz e serenidade.	ajudaram a crescer a fé, ajudaram-me a estabilizar a fé... eu já cresci na fé, já tenho algum discernimento, de alguma maneira a minha fé já não é abalada pelas coisas.

Constituintes essenciais dos eventos significativos

A análise pós-estrutural exhibe a análise dos significados dos constituintes essenciais, tendo em conta a dimensão eidética da pesquisa. Sendo comuns na estrutura, os constituintes essenciais, revelam-se com uma configuração distinta e própria de cada participante integrada num todo. Serão apresentados alguns exemplos da resposta do respectivo participante.

Consciência das limitações

A participação nestes eventos está relacionada com a procura de ajuda face às dificuldades, perante estas, os participantes tomam consciência das suas limitações pelo sofrimento da falta de sentido da vida, da experiência do vazio, do confronto com as situações na vida onde resultam frustrações e ansiedades provenientes das crises pessoais, do luto, da doença física, das fases de transição de vida individual ou familiar, das indecisões e inseguranças, desencadeadoras da perturbação psicológica na relação com o mundo, consigo e com os outros. A nível espiritual verificam-se limitações da dimensão religiosa e espiritual exprimidas pelo conflito do afastamento de Deus, a quebra dos laços religiosos e espirituais, o desconhecimento, o mal-estar na ausência de significado da relação religiosa e espiritual, o sentimento de desamparo, de isolamento, que desencadeiam em dor, sofrimento e psicossomatizações psicoespirituais.

P4: ‘Triste, eu andava sempre com depressões. Tentei o suicídio por duas vezes. (...) Tinha problemas cardiológicos... tinha um quisto num ovário... um quisto mamário... podia tornar-se cancerígeno... eu via a morte... era daquelas mães que não dormia até o filho chegar a casa. Neurótica, deprimida... que o futuro era péssimo, era tudo preto (...) Passava os dias a chorar.’

P7: ‘Perturbações graves que não me deixavam estar bem, não dormia bem, ouvia coisas em casa, coisas estranhas... Havia fenómenos em casa de barulhos que se ouviam. (...) crises e senti-me muito mal, perfeitamente sem cérebro, parecia que não conseguia pensar, com uma agonia imensa, parecia que não tinha cabeça. ...muitos medos do futuro. Muitas situações de stress de estar em público (...) medos de errar...’

P8: ‘[...] surgiu-me um adenoma na hipófise. (...) isto mexia com a minha visão, mexia com o meu equilíbrio, e então a parte toda ginecológica...’

Compatibilidade grupal

A procura de ajuda levou o participante aos locais que lhe propunham a assistência necessária a superar as limitações. A relação existencial verificou-se na aceitação do outro, no acolhimento, na escuta, na compreensão da pessoa tal como ela se apresenta nas diversas dimensões, por aqueles que também experienciaram fenómenos semelhantes. O sentir-se

aceite leva à adesão ao processo psicoespiritual que se reflecte na fidelidade da frequência e permanência durante anos. A compatibilidade grupal mobiliza a relação estabelecida entre os participantes e as dinâmicas de eventos e promove um autêntico encontro consigo mesmo, com o outro, com o mundo e o transcendente. O grupo é benéfico na ajuda na medida em que promove uma estabilidade nos participantes pelos significados dos fenómenos ocorridos nos eventos. O encontro no e em grupo proporciona o auxílio da situação e segurança. Verifica-se o sentido de pertença, de participação, de fazer parte, de ser membro vivo e activo de um corpo social, de uma “família em relação” e de bem-estar. O próprio grupo é considerado num todo como um só evento e momento significativo.

P9: ‘O grupo ajudou, especialmente as irmãs que são fabulosas. Sempre me orientaram. Sempre me ouviram. (...) é a partilha da palavra, os afectos, uma palavra na hora certa, um sorriso, um abraço, tudo isso faz parte da nossa vida e nos torna pessoas diferentes, muito melhores. (...) porque o que tenho vivido lá, o que tenho partilhado, o que tenho ouvido, para mim tem-me dado forças para caminhar em frente para seguir o meu caminho.’

P10: ‘Se soubesse o que sei hoje não tinha sido há dois anos, mas há muitos anos, há muitos anos. Porque eu de certeza já estaria muito melhor, porque todos os encontros nós vamos aprendendo. (...) Sim, a Adoração ao Senhor, sem dúvida nenhuma. É uma força, é tudo, é tudo. Para mim a Adoração ao Senhor é tudo. E eu com o grupo vim a aprender muito.’

Relação de encontro

É num contexto relacional que o Eu e o Tu é estabelecido entre o participante e o outro (i.e., outros participantes do grupo, o dinamizador ou o *counsellor*), o participante e o evento significativo, no sentido espiritual, é entre o participante e Deus. Esta relação de encontro é mediada pela comunicação de significados que adquirem uma significância fundamental para o participante que percepção a mensagem dirigida a si através da oração (i.e., a comunicação dialógica entre o participante e Um outro), da manifestação e vivência de emoções e sentimentos (e.g., chorar, alegria, paz, amor), de acontecimentos fisiológicos (e.g., cura de quisto nos ovários, adenoma na hipófise), fenómenos psíquicos (e.g., pensamentos, transe, bloqueios sensorio-motores, dores de cabeça) e manifestações espirituais (e.g., (in)compreensão das crenças, da fé e suas expressões) que se traduzem na essência de sentido, de conhecimento e compreensão de realidades significativas do E/R. O estabelecimento de relação e encontro efectua-se com Deus no momento da invocação do Espírito Santo e/ou da oração.

P1: ‘[...] estava com uma dor muito forte na perna. E depois houve uma oração de cura (...) depois ele me perguntou se por acaso não tinha uma dor... Essa dor deixei de ter. Mas psicologicamente a dor era

maior e deixei de ter. É o momento da oração em que invocamos o Espírito Santo e que eu sinto-O... uma vez sentia arrepiar o corpo todo e senti Deus assim: “G. eu estou contigo.” É esses momentos que eu sinto o Espírito Santo... esses momentos são os mais marcantes para mim (...) também os momentos de explicação da Bíblia (...) Outras vezes sinto um arrepio pelo corpo e sinto aquela palavra, “Eu estou contigo.”

Evento espiritual

A mensagem contida na palavra (bíblica e/ou exprimida) adquire um papel fundamental pelo conhecimento que manifestam ao descrever o que acontece no participante no momento significativo (e.g., descrição de uma cura concreta pelo dinamizador P1 e P2). A linguagem e o toque provocam um impacto expressivo pela cura física, cura afectiva ou uma percepção sensorial acompanhadas de estados de libertação e de paz. O reconhecimento e compreensão do sofrimento psicoespiritual são encontrados neste momento que é o ímpeto do fenómeno significativo. O evento espiritual remete ao transcendente numa relação impregnada de afecto descrito na relação vertical: relação com Deus nos eventos de Oração, de invocação do Espírito Santo, de Adoração, da Missa, do Terço, na força desencadeadora de mudança; e na relação horizontal: interacções psicossociais, na relação de encontro grupal e com outro participante.

P2: ‘[...] no final o animador disse que: “há aqui alguém a receber a cura da sinusite.” Eu estava a sentir mesmo nesse momento qualquer coisa aqui no nariz... é ali uma sensação quase como tipo um vento (...) posso dizer que praticamente em todas as reuniões houve ali situações que foram faladas que eu senti que aquilo era para mim... Lembro-me em particular daquele aperto na garganta que eu sentia, que eu ficava afónica... Isso era um problema real desde a iniciação em *reiki*... bloqueava mesmo as cordas vocais... Era algo que me oprimia desde fora e numa das reuniões do grupo eu recebi a cura deste problema... Terá sido mais naquela parte da oração, da oração em línguas da invocação do Espírito Santo.’

P12: ‘[...] da oração de louvor, daquele em que as pessoas se colocam perante o Deus maravilhoso que nos acontece. Penso que é um momento muito significativo, porquê? Porque é um momento inicial, um momento de oração, mas é sobretudo um momento também de alguma libertação... ambiente que se vai criar pela presença de Deus como nós acreditamos no meio de nós... normalmente nesses primeiros momentos de oração de louvor essa má disposição ou até essa falta de vontade de estar acabam por desaparecer e portanto íntegro, fico em paz e serenidade.’

Mudanças assertivas

A dimensão R/E regressa e é reorganizada com melhor conhecimento, compreensão e relação com as entidades religiosas e espirituais. Há uma reavaliação das crenças, dos valores, das aspirações face ao fundamental da vida. Há uma tomada de consciência das possibilidades perante as necessidades actuais e futuras. As melhorias reflectem-se na ausência, ou

significativa diminuição, das manifestações de sofrimento físico e psíquico. Manifesta-se uma adaptação pessoal, familiar e conjugal. Um sentimento de ser amado e de amar os outros, de ser mais paciente, mais carinhoso, ter maior capacidade de tolerância às frustrações, maior serenidade, maior domínio de si. As atitudes em relação aos filhos são ajustadas. O participante torna-se mais autêntico consigo e na relação com os outros. Os reflexos benéficos estendem-se às relações sociais, na abertura a novas perspectivas perante a realidade, na descoberta de um sentido para a vida e na vivência consciente de ser feliz.

P4: “Começa a haver uma mudança, uma abertura. Aquela carga que parecia que trazia em cima de mim parece que estava a sair aos poucos e sentia-me mais confiante. ...quando vai a confirmar os exames a expressão que disse foi “você está limpa.” (...) Agora eu aceito a morte de uma maneira diferente (...) Mas noto que tenho muito mais calma e consigo ver as coisas de maneira diferente. (...) muito mais feliz agora. Mas depois de O conhecer sou uma mulher completamente diferente, muito mais feliz.”

P6: “Sim. Foram resolvidos os problemas. (...) Tem havido uma mudança significativa. Estou muito mais alegre, muito mais otimista. A minha vida em casa já mudou, já consigo fazer festas, fazer bolos enfeitados (ri). Já consigo ter algum ânimo e alguma alegria aqui em casa.”

DISCUSSÃO

A ajuda prestada nestes encontros tem uma componente de aconselhamento e acompanhamento. As questões da vida são resolvidas através da atribuição de um novo significado de existir assente na dimensão espiritual. A intencionalidade remete a Deus. O invariante apodíctico do evento é o Encontro na Relação Espiritual (ERE) e é o que actua nos momentos específicos do evento significativo. Decompondo o invariante, temos o *encontro* entre a pessoa e o transcendente, o momento mais significativo; a *relação* entre a pessoa e o transcendente, a qual é definida pela oração; o *espiritual* é a vivência que acontece nos outros momentos e que gera uma força que impele à mudança assertiva nas várias dimensões da vida. O Encontro na Relação Espiritual gera *empowerment*, pois após a mesma algo acontece na pessoa e a integração do E/R na terapêutica implica que, nos resultados, os participantes apresentem menores distúrbios psicológicos, menor ansiedade, maior capacidade de adaptação às circunstâncias problemáticas familiares, de luto, de doenças físicas, maior bem-estar geral, ausência de solidão pela presença permanente com Deus e sentimentos de amor.

Os momentos significativos revelam os fenómenos psicológicos em cinco etapas interconectadas:

1) A tomada de consciência das limitações aprimora a percepção existencial das situações em que vivem. O P7 e P8 descrevem o seu problema como uma chamada de atenção de Deus de modo a serem conduzidas à realidade da sua vida.

2) O grupo tem uma dimensão social na partilha dos mesmos valores e crenças, é um todo harmonizável pela identificação de experiências semelhantes no encontro (i.e., encontrar-se com e para) e que promove outros encontros (e.g., encontro do grupo, com outras pessoas, com Deus). O participante procura estar em família, com a sua família biológica e o grupo como “uma família”, estar em paz, estar num espaço de recuperação de força e, após o ERE, estar num contexto E/R.

3) A relação de encontro entre pessoas como grupo leva a uma relação de aceitação e de liberdade de expressar as suas crenças e ser-se compreendido (Elkins, 2001). O contexto E/R e as dinâmicas de eventos facilitam a identificação e a ajuda na compreensão do significado dos acontecimentos e promove um autêntico encontro consigo mesmo, com o outro, com o mundo e o transcendente, (i.e., com o Ser espiritual), que no caso concreto é Deus na sua expressão Trinitária, onde o participante dialoga e está presente, à semelhança do encontro terapêutico, que capacita à mudança na vida num novo sentido ao sofrimento e à vida.

4) O evento espiritual é originado na relação existencial e vivencial, que no cristianismo é a manifestação de Deus, que entra em relação com a pessoa. Há consciência deste encontro, mesmo que seja apenas na concepção do participante, ele acontece no seu mundo, na sua vida. Verificou-se uma distinção entre a dimensão espiritual e a religiosa, na medida em que o encontro religioso efectua-se com alguém em concreto e identificável (e.g., Deus, Jesus, Espírito Santo) e num local e momento específico (o evento no salão pequeno no momento da invocação do Espírito Santo, da oração de cura, na Adoração, quando alguém ora), enquanto que o espiritual remete ao indefinido ou à matéria (e.g., universo, energia, o todo). O encontro é sem aplicação de técnicas, baseado no evento e não na fé do paciente, com ou sem intervenção de outras pessoas (Amorth, 2004; Cornish & Wade, 2010; Cucurull, 2012; Fortea, 2010; Lara, 2012; MacNutt, 2005; MacNutt & MacNutt, 2012; Pereira R., 1999).

5) As mudanças assertivas testemunham os resultados benéficos do ERE. Revelam as mudanças desencadeadas no fenómeno e o impacto psicológico na vida do participante, que é livre de continuar nos eventos ou fazer outra opção. Verificam-se resultados pelas diferentes curas, na transformação de sentimentos, de emoções, de relações e reestruturação cognitiva e comportamental com impacto motivacional para uma nova vida mais autêntica. Verifica-se um sentido de serviço à comunidade – onde quase todos fazem voluntariado – e o regresso ou descoberta da dimensão E/R (Rego, Cunha, & Souto, 2007). Os participantes recordam-se dos momentos e dos eventos significativos durante anos e têm-nos como um ponto de mudança nas suas vidas.

Diálogo com a literatura

A dimensão E/R está perceptível nos participantes, é benéfica para a saúde e é verificável nas mudanças significativas. Os fenómenos contribuíram para o crescimento pessoal e a transformação dos participantes (Delaney, Miller, & Bisonó, 2007; Elkins, 2001). Confirma-se que o factor principal de procura do CPE não são questões E/R, mas problemas pessoais e familiares, separações, medos, luto, depressão e doenças (Collins, 2007, p. 64). As questões E/R só foram motivo de procura no P7 e P12. Os problemas espirituais surgem ao longo dos eventos (Johnson, Hayes, & Wade, 2007). Os participantes partilham da mesma E/R que os *counsellors*, e o restante grupo, o que é importante para ambos, embora haja abertura a outra E/R (Mayers, Leavey, Vallianatou, & Barker, 2007).

O factor religioso, onde está implícito o espiritual, é manifesto na intervenção de algo transcendente (o fenómeno em si), a experiência, no evento espiritual, é mais frequente em

alguns momentos e eventos do que noutros (e.g., oração, Adoração). Os momentos mais significativos acontecem através da linguagem que é o meio de dialogar a fé com alguém que, no caso dos participantes, remete ao diálogo com Deus na oração e proporciona uma vivência de libertação, uma infusão de acontecimentos causadores de efusão existencial e através do toque de alguém que simultaneamente reza pelo participante, como resultado, este sente algo em si (e.g., calor, paz, arrepios, vento, repouso), sente-se tocado pela mensagem proferida pelo orador que revela o que está a acontecer (e.g., P1 e P2) (Amorth, 2004; Fortea, 2010; MacNutt, 2005; Pereira R., 1999). Os participantes têm expectativas elevadas da oração e também preferem que sejam os *counsellors* a introduzir o tema. Os que revelam maior compromisso E/R relataram melhoria de resultados (Wade, Worthington, & Vogel, 2007; Weld & Eriksen, 2007).

Apesar da literatura referir que os profissionais da saúde estão conscientes dos benefícios da E/R, não houve ajuda nessa área, apenas assistência médica para as doenças físicas, o que leva a questionar os motivos porque estes profissionais não são procurados a nível psicológico (Baetz & Toews, 2009; Cornish & Wade, 2010; Pierre-Hansen & Guilfoyle, 2012). O estudo está congruente com outras pesquisas relativamente ao favorecimento e desenvolvimento de mecanismos de *coping* promotores de saúde e bem-estar físico e mental (Gubi, 2008) e na cura da pessoa como um todo em contexto E/R de grupo (Cornish & Wade, 2010; Delaney, Miller, & Bisonó, 2007; Dossey, 1993).

Implicações para a prática da Psicologia.

A E/R é um importante e relevante assunto a ser discutido, nos contextos de psicoterapia, com sensibilidade, tolerância, abertura às crenças e valores integrantes do psicológico e espiritual na vivência de sofrimento humano. A E/R pode afectar a saúde e o equilíbrio da pessoa.

Poderão ser introduzidas na praxe psicoterapêutica com ou sem conotação E/R, mas atentas às suas características de aplicabilidade perante o paciente. Deve-se dar atenção ao aspecto E/R pois este promove uma melhor e maior adesão aos serviços de Psicologia e de saúde no geral (Johnson, Hayes, & Wade, 2007), são questões pertinentes e que se apresentam como desafios a novas perspectivas e oportunidades terapêuticas (Baetz & Toews, 2009; Cornish & Wade, 2010; Gubi, 2008; Pierre-Hansen & Guilfoyle, 2012).

Futuramente serão necessárias pesquisas nos grupos de CPE para identificar os métodos adequados à intervenção E/R. A (in)formação dos profissionais da saúde no geral, e especificamente na saúde mental, de forma a considerar os benefícios E/R como elemento no

processo terapêutico (e.g., o P4 sentiu-se incompreendido pelo médico não ter dado significado ao acontecimento do desaparecimento dos quistos). A preservação da vida é um motivo ético, no qual o terapeuta deve perscrutar a espiritualidade conectando-a à dimensão de esperança da libertação do sofrimento para uma vida autêntica, significativa e existencial (Collins, 2007; Cornish & Wade, 2010).

Alguns inconvenientes na investigação aconteceram nos participantes mais racionais, mais acadêmicos, observando-se respostas mais defensivas e evasivas, deslocando a resposta da descrição dos momentos mais significativos, através de argumentação racional, para os outros, dificultando assim o acesso às experiências expressivas que lhe diziam respeito. Existe também a tendência para considerar muitos momentos como significativos e por vezes externos ao evento concreto.

CONCLUSÃO

O Encontro na Relação Espiritual é o constituinte fundamental para possibilitar um processo terapêutico com resultados positivos. Os fenómenos nos eventos promovem um estar-bem-estar geral e sentimento de felicidade. Os doze participantes revelaram melhorias significativas na saúde e na vida, portanto, o ERE revelou ser uma experiência libertadora e geradora de novos significados perante a vida num valor mais autêntico das capacidades e das vivências reflectindo-se no discurso, no comportamento e na interacção social.

Encontram-se, por parte dos psicoterapeutas, algumas dificuldades na adequação integrativa da E/R às necessidades dos pacientes e, por parte das pessoas, a falta de procura de ajuda na Psicologia para ajudar a distinguir os casos que são confundidos, vividos e experimentados como fenómenos espirituais, sobretudo quando há sintomas de psicopatologia. Sugere-se estudos sobre o funcionamento psíquico e as suas patologias associados aos eventos de CPE, além de mais informação e formação dos profissionais da saúde sobre o conhecimento E/R.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aletti, M. (Março de 2008). Atendimento psicológico e direção espiritual: Semelhanças, diferenças, integrações e... confusões. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 24(1), pp. 117-126.
- American Association of Christian Counselors. (2012). *American Association of Christian Counselors*. Obtido em 09 de Janeiro de 2012, de American Association of Christian Counselors: <http://www.aacc.net/about-us/code-of-ethics/>
- Amorth, G. (2004). *Exorcistas e Psiquiatras*. Apelação: Paulus.
- Association of Christian Counsellors. (2012). *Association of Christian Counsellors*. Obtido em 09 de Janeiro de 2012, de Association of Christian Counsellors: <http://www.acc-uk.org/1664>
- Baetz, M., & Toews, J. (2009). Clinical implications of research on religion, spirituality, and mental health. *The Canadian Journal Of Psychiatry / La Revue Canadienne De Psychiatrie*, 54(5), 292-301.
- British Association for Counselling and Psychotherapy. (3 de Janeiro de 2012). *British Association for Counselling and Psychotherapy*. Obtido em 09 de Janeiro de 2012, de British Association for Counselling and Psychotherapy: <http://www.bacp.co.uk/>
- Caldeira, S., Gomes, A. C., & Frederico, M. (Março de 2011). De um novo paradigma na gestão dos enfermeiros: A espiritualidade no local de trabalho. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(3), 25-35.
- Collins, G. R. (2007). *Christian Counseling* (3 ed.). Nashville: Thomas Nelson.
- Cornish, M. A., & Wade, N. G. (2010). Spirituality and religion in group counseling: A literature review with practice guidelines. *Professional Psychology: Research and Practice*, 41(5), 398-404.
- Cucurull, J. A. (29 de Janeiro de 2012). *Specialized catholic web about possession and exorcism*. Obtido de Possession and Exorcism: <http://www.fortea.us/>
- Delaney, H. D., Miller, W. R., & Bisonó, A. M. (2007). Religiosity and spirituality among psychologists: A survey of clinician members of the American Psychological Association. *Professional Psychology, Research & Practice*, 38(5), 538-546.
- Direção-Geral da Saúde. (4 de Outubro de 2011). *Manual de Assistência Espiritual e Religiosa Hospitalar*. Obtido em 13 de Janeiro de 2012, de Direção-Geral da Saúde: <http://www.dgs.pt/?cr=21645>
- Dossey, L. (1993). *Healing words, the power of prayer and the practice of medicine*. San Francisco: HarperSanFrancisco.

- Dossey, L. (1996). *Prayer is good medicine*. New York: Harper Collins.
- Elkins, D. N. (2001). Beyond Religion, toward a humanistic spirituality. In K. J. Schneider, J. F. Bugental, & J. F. Pierson, *The handbook of humanistic psychology: leading edges in theory, research, and practice* (pp. 201-212). Thousand Oaks: Sage.
- Fallah, R., Golzari, M., Dastani, M., & Akbari, M. (2011). Integrating spirituality into a group psychotherapy program for women surviving from breast cancer. *Iranian Journal of Cancer Prevention*, 4(3), 141-147.
- Fortea, J. A. (2010). *Suma Daemoniaca, tratado de demonologia e manual de exorcistas*. Lisboa: Paulus.
- Fung, K. (2009). Christian Anthropology of Healing. In *Christian Anthropology* (pp. 11-46). McLean: Association of Christian Therapists.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Gouveia, M. J., Marques, M., & Ribeiro, J. L. (2009). Versão portuguesa do questionário de bem-estar espiritual (SWBQ): Análise confirmatória da sua estrutura factorial. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 10 (2), 285-293.
- Gubi, P. M. (2008). *Prayer in counselling and psychotherapy*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Johnson, C. V., Hayes, J. A., & Wade, N. G. (2007). Psychotherapy with troubled spirits: A qualitative investigation. *Psychotherapy Research*, 17(4), 450-460.
- Lara, D. S. (15 de Janeiro de 2012). *Santidade.net*. Obtido de Santidade.net: <http://www.santidade.net/index.htm>
- Leal, I. (2005). *Iniciação às Psicoterapias*. Lisboa: Fim de Século.
- MacNutt, F. (2005). *Deliverance from evil spirits: A practical manual*. Michigan: Chosen.
- MacNutt, F., & MacNutt, J. (21 de Janeiro de 2012). *A testimony in relation to Dissociative Identity Disorder*. Obtido de Christian Healing Ministries: <http://www.christianhealingmin.org/newsletter/archives/testimonies/atestimony.php#top>
- Mayers, C., Leavey, G., Vallianatou, C., & Barker, C. (2007). How clients with religious or spiritual beliefs experience psychological help-seeking and therapy: A qualitative study. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 14(4), 317-327.
- Panzini, R. G., & Bandeira, D. R. (2005). Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): Elaboração e validação de construto. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 507-516.

- Panzini, R. G., Rocha, N. S., Bandeira, D. R., & Fleck, M. P. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34, 105-115.
- Parker, S. (1 de Janeiro de 2011). Spirituality in counseling: A faith development perspective. *Journal of Counseling & Development*, 89, pp. 112-119.
- Pereira, R. (1999). *Jesus hoje*. Braga: Comunidade Cristo de Betânia.
- Pestana, J. P., Estevens, D., & Conboy, J. (Setembro de 2007). O papel da espiritualidade na qualidade de vida do doente oncológico em quimioterapia. *Cons-Ciências*, 3, 125-158. Obtido de <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1896>
- Pierre-Hansen, N. S., & Guilfoyle, J. (2012). Religion in primary care. *College of Family Physicians*, 58(3), 249–251.
- Pinto, C., & Pais-Ribeiro, J. L. (2007). Construção de uma escala de avaliação da espiritualidade em contextos de saúde. *Arquivos de Medicina*, 21(2), 47-53.
- Pinto, C., & Ribeiro, J. L. (2010). Avaliação da espiritualidade dos sobreviventes de cancro: Implicações na qualidade de vida. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 28(1), 49-56.
- Rego, A., Cunha, M. P., & Souto, S. (2007). Workplace spirituality, commitment, and self-reported individual performance: An empirical study. *Management Research: The Journal of the Iberoamerican Academy of Management*, 5(3), 163-183.
- Schoeninger, D., Fung, K., Lussier, L., Lay, B., & Caccese, R. (2009). *Christian Anthropology*. McLean: Association of Christian Therapists.
- Smith, T. B., Bartz, J., & Richards, P. (2007). Outcomes of religious and spiritual adaptations to psychotherapy: A meta-analytic review. *Psychotherapy Research*, 17(6), 643-655.
- Sorg, L., & Buscato, M. (20 de 03 de 2009). *Época*. Obtido de Época: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI64864-15224-4,00-A+FE+QUE+FAZ+BEM+A+SAUDE.html>
- Teixeira, M. L., & Domenico, S. M. (Abril de 2008). Gestores brasileiros e portugueses: Estrutura única de valores de sentido de vida. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 14(1), 45-64.
- Timulak, L. (2010). Significant events in psychotherapy: An update of reserach findings. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 83, 421-447.
- Vitz, P. C., & Brugger, E. C. (2009). Interview with Paul C. Vitz: A catholic looks at the past, present and future of christian psychology. *Edification: Journal of the Society for Christian Psychology*, 3(1), 83-86.
- Wade, N. G., Worthington, E. L., & Vogel, D. L. (Janeiro de 2007). Effectiveness of religiously tailored interventions in Christian therapy. *Psychotherapy Research*, 17(1), 91-105.

- Weld, C., & Eriksen, K. (2007). Christian clients preferences regarding prayer as a counseling intervention. *Journal of Psychology & Theology*, 35(4), 328-341.
- Young, M. E., Roach, L., & Hagedorn, W. B. (21 de Março de 2009). *Assessment of spirituality and meaning in research and clinical settings*. Obtido em 29 de Março de 2011, de American Counseling Association: http://pegasus.cc.ucf.edu/~drbryce/ACA_2009_Spirituality_and_Meaning_Handouts.pdf

ANEXOS

ANEXO A

Os 5 constituintes essenciais

	Consciência das Limitações
P1	Nessa altura, sentia, sei lá, sentia espiritualmente e psicologicamente sentia-me mal. Sentia a perseguição de pessoas que já tinham morrido. (...) havia qualquer coisa e comecei a ouvir muitos barulhos em casa, pronto, outras coisas. (...) Porque ele dizia-me que eu tinha muitos espíritos e eu entrava em transe e gritava, falava línguas estrangeiras, cantava, fazia não sei quê.
P2	Desde miúda que de repente eu ficava estranha, ficava... só me apetecia dormir. Ficava, faltava-me a força assim de repente... comecei a ficar com um peso na cabeça, cansada e eu já percebia quando ficava assim, só me apetecia deitar, dormir... de repente suga a força. ...dores de cabeça muito fortes, ou aquela sensação de repente de ficar... ficar mesmo prostrada, aquela coisa mesmo de querer descansar a dormir... era qualquer coisa que me oprimia (...) Eu tinha outro problema que era uma sinusite que curiosamente me atacava mais uma vez quando eu estava a rezar, perdia a voz e a sinusite me atacava quando eu rezava (...) andava com uma grande ansiedade, uma coisa impressionante, que não estava bem de maneira nenhuma. Era um aperto no peito... Depois ainda há outra situação a nível de gastrite.
P3	Passei por muita, muitas, muitas dificuldades. Se não fosse a fé enraizada que eu tinha em Deus eu não conseguia...Tinha muito sofrimento. Por exemplo, quando perdi o meu marido. ...não desejo a ninguém a saudade. Eu questionava-me. Eu perguntava porquê? (...) Tinha muito medo da morte e tinha muito medo de viver.
P4	Triste, eu andava sempre com depressões. Tentei o suicídio por duas vezes (...) Tinha problemas cardiológicos... tinha um quisto num ovário... um quisto mamário... Os médicos disseram-me que além das dores que estava a provocar e das hemorragias podia tornar-se cancerígeno (...) eu via a morte como um bicho-de-sete-cabeças. Fazia-me confusão as pessoas morrerem (...) era daquelas mães que não dormia até o filho chegar a casa. Neurótica, deprimida (...) que o futuro era péssimo, era tudo preto... Como é que isto vai ser? Passava os dias a chorar.
P5	Havia assim uma certa ansiedade com as coisas da vida. Uma tribulação. Um caminhar sem rumo, assim uma coisa sem uma direcção, sem uma linha, sem um fio condutor, sem uma luz. ...o tal vazio de Deus. ...partir desse vazio comecei a perceber que faltava-me a espiritualidade que até ali não tinha.
P6	Eu tinha perturbações de nível espiritual. Perturbações graves que não me deixavam estar bem, não dormia bem, ouvia coisas em casa, coisas estranhas... Haviam fenómenos em casa de barulhos que se ouviam (...) Continuei depois a tornar a ter outra vez crises e senti-me muito mal, perfeitamente sem cérebro, parecia que não conseguia pensar, com uma agonia imensa, parecia que não tinha cabeça (...) muitos medos do futuro. Muitas situações de <i>stress</i> de estar em público (...) medos de errar...
P7	Porque estou também com um problema bastante grave na minha vida em que me deitou muito em baixo, já estive quase no fundo do poço. Pensei em desistir de tudo... Pensei isolar-me. Vender a casa, refugiar-me do povo... mais insegura...com menos esperança...
P8	Surgiu-me um adenoma na hipófise (...) isto mexia com a minha visão, mexia com o meu desequilíbrio, e então a parte toda ginecológica...
P9	Eu fui casada trinta anos. Tive um divórcio. E achei que tinha que ter ajuda de alguém... Foi porque eu senti que sozinha não sou ninguém. Porque até aí tinha uma visão da vida diferente. Achava que eu é que mandava, que eu é que resolvia tudo

	sozinha. Que eu punha e dispunha da minha vida. Que eu fazia planos e que era eu. Portanto, era um bocadinho egocêntrica.
P10	Eu sou uma pessoa (...) extremamente ansiosa. Sou uma pessoa que expludo por tudo e por nada. Eu primeiro dizia e depois é que pensava.
P11	Cada vez estava mais nervosa e andava de todo. Às vezes tinha a tensão a 20. Os diabetes altíssimos ... Andava mesmo descontrolada e só me dava para partir tudo. Uma vez agarrei num prato espetei-o lá contra a parede e depois passado um dia ou dois eu pensei assim: “então eu nunca fiz isto na minha vida, nunca parti um prato na minha vida”.
P12	Estava a atingir um momento de abismo quase, em que me perdi completamente que senti, de alguma maneira esse chamamento. Senti de alguma maneira que esse Deus regressou, regressou a mim, se fez encontrar comigo e me fez procurá-Lo. Foi um processo gradual...

Compatibilidade grupal	
P1	Houve na altura um encontro com o Padre Rufus, que foi a partir daí que eu comecei a ficar melhor. Aquela bênção dele, aquele fim-de-semana espiritual, aquele encontro, não sei. Foi aí que eu senti que Deus me estava a curar. E depois, pronto, nunca deixei de ir (...) Sentia necessidade grande. E hoje, estou sempre deserta e penso muitas vezes que se essa oração existisse todos os dias eu ia todos os dias.
P2	A dinâmica do grupo acaba por ser mais facilitadora porque a pessoa acaba por se desprender e por estar, vamos lá ver, por ser mais positivo no sentido de puxar-mos uns pelos outros. Vamos daí, vamos embora e tal, ri-te, anda, salta.
P3	Durante a oração, durante a oração do grupo... O padre F. quando lhe contei ele dizia “deixa andar o rapaz. Vamos rezar por ele. Todos vamos rezar que ele vai voltar.” Foi logo nessa tarde (...) Sinto um apoio e uma falta. Eu não fui lá esta semana já sinto falta. (...) Sinto muita falta porque se eu tenho falta de alguma coisa é sempre de Deus.
P4	Ajudou e ajuda a conhecer melhor o meu Deus e o meu salvador. Ajuda-me melhor a orientar-me (...) fala-nos através do irmão que está a fazer o ensinamento. Na Adoração ao Santíssimo... Eu ando sempre ansiosa para que chegue o dia para ir ao grupo de oração.
P5	Porque a vida espiritual se até ali eu tinha um vazio depois eu comecei a perceber que era preciso, com valores espirituais, com uma educação espiritual vamos mais além. Nós não somos derrubados com facilidade, não acreditamos em determinadas coisas. Somos muito mais seguros (...) Eu tenho que procurar os outros para que os outros também me ajudem.
P6	Depois de estar com esse padre umas duas vezes depois disso passou, especialmente porque fui sempre todas as semanas ao grupo de oração (...) saber que existe um Deus que cuida de nós (...) estas crises não são entendidas por médicos... Depois o grupo ajudou-me também noutra maneira, que é ter alguém que comunga comigo a mesma fé dá-nos forças para percebermos que a nossa fé não é uma fé isolada, que nós estamos em grupo, que nos ajudamos (...) isso fortifica-nos muito (...) tem todo sentido ser em grupo, nós vivemos na unidade.

P7	O momento que estou a viver espiritualmente também estou a ser ajudada neste grupo, espiritualmente (...) só de saber que vou para lá sinto-me bem, mesmo com as próprias pessoas do grupo sinto-me bem... Mesmo o próprio grupo em si ajuda-me psicologicamente a saber que temos alguém, quando temos um problema e sabemos que podemos ligar a qualquer hora e que essa pessoa está pronta a ajudar-nos... Muitas vezes vou cansada do corpo e da alma e ali sinto-me mais perto de Cristo, faz de conta que estou no colo dEle, sinto-me mais perto dEle, sinto-me apoiada, sinto-me acarinhada, sinto-me bem
P8	Mas foi com a ajuda de Deus, porque se não fosse a ajuda de Deus a dar-me esta força, no grupo de oração e ter-me levantado para cima, eu em vez de ir para cima eu fechava-me. Começava-me a fechar, a fechar, a fechar, depressão, depressão, depressão, uma pessoa não consegue, não consegue se não houver essa fé. Muito. Muito. Muito importante. Como o grupo, como, por exemplo, a Eucaristia.
P9	O grupo ajudou, especialmente as irmãs que são fabulosas. Sempre me orientaram. Sempre me ouviram (...) é a partilha da palavra, os afectos, uma palavra na hora certa, um sorriso, um abraço, tudo isso faz parte da nossa vida e nos torna pessoas diferentes, muito melhores. ...porque o que tenho vivido lá, o que tenho partilhado, o que tenho ouvido, para mim tem-me dado forças para caminhar em frente para seguir o meu caminho.
P10	Se soubesse o que sei hoje não tinha sido há dois anos, mas há muitos anos, há muitos anos. Porque eu de certeza já estaria muito melhor, porque todos os encontros nós vamos aprendendo (...) Sim, a Adoração ao Senhor, sem dúvida nenhuma. É uma força, é tudo, é tudo. Para mim a Adoração ao Senhor é tudo. E eu com o grupo vim a aprender muito.
P11	Desde que entrei aqui. Mas isto é verdade, eu digo isso, não tenho problemas nenhuns (...) Mas uma coisa é certa, é nessa parte e quando a gente está ali e se concentra, assim quando a gente se concentra ali bem (...) Mas noto que, pronto, me ajuda muito.
P12	Senti necessidade, houve alguma coisa dentro de mim que me chamou e foi muito importante as pessoas que estavam ao meu lado (...) com a sua maneira de estar e com a sua maneira de ser, que com muito cuidado me foi conduzindo e que me foi ajudando a ver um certo numero de coisas e me foi guiando e me foi dando a estabilidade necessária para que a fé se desenvolvesse criteriosamente (...) pessoas que me ajudaram e portanto se foi cimentando essa fé e hoje em dia essa fé é uma parte, é a parte mais importante da minha vida. Sem ela, sem ela não seria possível, a minha vida não tinha sentido.

Relação de Encontro	
P1	Estava com uma dor muito forte na perna. E depois houve uma oração de cura (...) e que depois ele me perguntou se por acaso não tinha uma dor. E eu disse que sim. Era uma dor assim na perna que me dava aqui na brilha interior. Essa dor deixei de ter. Mas psicologicamente a dor era maior e deixei de ter. É o momento da oração em que invocamos o Espírito Santo e que eu sinto-O... uma vez sentia arrepiar o corpo todo e senti Deus assim: “G. eu estou contigo.” É esses momentos que eu sinto o Espírito Santo entrar-me. E Deus diz: “G. eu estou contigo. Eu estou contigo. Não estás sozinha. Não estás sozinha” e então, esses momentos são os mais marcantes para mim (...) também os momentos de explicação da Bíblia... Outras vezes sinto um arrepio

	pelo corpo e sinto aquela palavra, “Eu estou contigo.”
P2	No final o animador disse que: “há aqui alguém a receber a cura da sinusite.” E disse até uma sinusite que apanha os brônquios e perguntou: “está aqui alguém a sentir alguma coisa?” Eu estava a sentir mesmo nesse momento qualquer coisa aqui no nariz. É uma sensação, quem já sentiu isto, é uma sensação, não é bem quente nem frio, é ali uma sensação quase como tipo um vento, qualquer coisa. Uma sensação ali assim tipo um sopro, qualquer coisa ali, naquela zona. E eu recebi também a cura dessa situação e num dos dias foi dito: “há aqui alguém que sofre de problemas de ansiedade” eu de facto deixei de ter, a partir desse dia deixei de ter esse problema (...) aquela fase de meditação em que a pessoa está, está a orar, está a orar ao Espírito Santo e está no fundo a pedir, a pedir por si e pelos outros a cura, o amor de Cristo está realmente receptivo, receptivo a receber, porque nós vamos ali para receber.
P3	Chega-se ao momento de invocar o Espírito Santo e nesse momento quando estamos a pedir o Espírito Santo, a pedir que nos faça compreender, que nos faça entender a palavra, a mensagem, há sempre... há sempre alguma coisa que Ele nos diz que realmente vem direccionada. Que vem liberta-nos, libertar-nos de tantos medos (...) Porque temos muitos momentos em que nos vêm palavras e coincidem com o que são. Deus está ali para nos falar a todos (...) É quando eu estou mesma ligada lá em cima. É aquele momento. Tanto faz ser de louvor como do Espírito Santo. É quando estou na intimidade com o Pai (...) Mas ali no grupo não sei o que é que se passa, acho que a presença de Deus desce mais rápida ali.
P4	E num desses momentos de oração eu senti Deus a falar comigo para eu me acalmar, que esse primo tinha encontrado a paz junto dEle. E aquilo aliviou-me, aliviou-me, mas foram tantos os momentos, tantos (...) É a minha paz. É o meu refúgio. É ali na Igreja junto de Deus e é onde eu me sinto bem e onde foi onde encontrei a razão de viver (...) O nosso Encontro frente a frente com Jesus. O momento de adoração.
P5	Está perto como Ele dizia, estou perto do teu coração se o abrires eu entrarei nele. Foi isso que aconteceu. Fui deixando abrir a porta aos poucos porque é uma caminhada que se faz na vida e hoje sou muito mais feliz (...) Quando alguém no grupo fala as outras pessoas assumem como se estivessem a receber e a serem contagiadas por esse silêncio, por essa paz...
P6	Habituo-nos a pedir ajuda a Deus e Ele vir em nosso socorro (...) sentimos a proximidade de Deus ou do Espírito Santo. Isso são de certeza os momentos mais aconchegantes ou mais de paz, mas uma paz que nos dá também força. Eu acho que esses são sempre os momentos, mas que são também comuns existirem, não é uma coisa isolada que acontece numa oração e não acontece noutra encontro. Acho que acontece em quase todos os encontros essa proximidade com o Espírito, acho que acontece (...) foi a partir do grupo que passei a ler a Bíblia, que passei a interessar-me muito mais por Jesus Cristo...
P7	Foi logo no início, que foi esse que fez a mudança radical, porque nesse momento, é como eu dizia que era de Cristo, mas não O conhecia. Então Ele chamou-me para que eu, realmente, O conhecesse e O levasse aos outros. Acho que esse foi o momento, o encontro pessoal mesmo com Cristo. Agora, embora tendo encontros novamente com Ele, mas nesse momento foi mesmo a mudança radical na minha vida.
P8	Faz entrar mesmo no nosso coração a palavra de Deus e dava-me a sensação que cada vez que eu ia lá Deus falava directamente para mim. Os temas que a gente abordava, Deus falava para mim e dizia “tu não podes estar assim. Tu tens que levantar a cabeça

	e vamos embora.” (...) sinto aquela necessidade de ir e de estar e acho que a oração em comum com vários irmãos e irmãs é muito mais forte do que nós sozinhos.
P9	Foi lá que encontrei a minha paz interior. Que eu consegui ver as coisas de outra maneira e que me sinto lá muito bem (...) Para mim é o acolhimento, a Palavra, é toda aquela envolvimento, aquela espiritualidade. Tudo o que se vive naquele tempo em que estamos ali, hora e meia, é muito intenso, é muito bom.
P10	...andava com muita, muita dor de estômago. Um dia tive para não ir à oração, porque tinha tanta dor, tanta dor que pensei “eu não vou porque estou mesmo mal”. E disse “oh, meu Deus! Eu tenho que ir”. ...pedi a Deus que realmente me abrandasse aquela dor de estômago, porque era uma dor que me incomodava tanto. Eu já há bastantes dias que andava com essa dor e estava disposta a ir ao médico. E realmente quando saí daquela oração, daquela hora e meia, eu saí e eu não tinha dores de estômago. Eu acho que ali fui mais uma vez ouvida por Deus. Como eu entrei e como eu saí. Não me doía nada.
P11	Quase todos os dias andava com azia (...) Então, também pedi a Deus “ó Senhor, tira-me esta azia daqui de dentro”, e então nunca mais tive azia, nunca mais tive azia (...) Tive de pedir empréstimo... pedi a Deus: “ajuda-me a equilibrar isto, a ver se isto vai, se ela acaba os estudos e tal”. Fartei-me ali de pedir, pedir. Olha o dinheiro não faltou.
P12	As celebrações em grupo foi sempre algo muito tocante... o grupo em oração tem sempre variadíssimas partes e uma delas é a escuta da palavra e o ensinamento da palavra e eu acho esse momento muito importante. Muito importante porquê? Primeiro porque para nós é o próprio Deus que nos fala, mas em segundo lugar porque é um tempo muito importante em que se pode dar formação a todo o grupo (...) Foi um processo gradual, fui-me sentar na igreja sozinho. Falava com Deus, que como São Paulo dizia que falava com aquele Deus desconhecido, falava com aquele Deus que ali estava, que me foi ensinando, mas que não sabia bem se estava ou se não.

	Evento Espiritual
P1	Tinha-mos aquela oração, eu gostei sempre de toda a gente fazer oração, rezava-mos por todos, mas quando alguém especial rezava por mim, houve uma altura que eu me senti no céu, uma sexta-feira, que eu adormeci no Espírito do Senhor e que senti uma vontade enorme de ali estar... eu só queria estar com Jesus. E foi a partir daí que eu comecei a sentir-me muito melhor.
P2	Posso dizer que praticamente em todas as reuniões houve ali situações que foram faladas que eu senti que aquilo era para mim. Eu senti mesmo «isto sou eu» «isto é para mim. Este é o meu problema» «este problema é meu». Lembro-me em particular daquele aperto na garganta que eu sentia, que eu ficava afónica. Esse problema vinha desde 2007... Isso era um problema real desde a iniciação em <i>reiki</i> (...) bloqueava mesmo as cordas vocais (...) Era algo que me oprimia desde fora e numa das reuniões do grupo eu recebi a cura deste problema (...) Terá sido mais naquela parte da oração, da oração em línguas da invocação do Espírito Santo. Penso que terá sido aí, naquela fase de oração mais intensa, penso que terá sido nessa parte. Como todas as outras curas que eu tenho recebido.

P3	A perda, não faz ideia. Mas não foi isso que me deixou revoltada. Nunca. Pelo contrário. Pelo contrário, fez-me agarrar mais a Deus, porque foi aí que eu compreendi que Ele me amava ainda muito mais (...) era a minha oração, era eu própria ir aos grupos e acolher e meditava e lia a palavra e era na Bíblia que eu encontrava a força... A ajuda médica era sempre, era sempre a minha Bíblia e o meu Terço, a minha oração...
P4	Eu fui fazer a Efusão do Espírito Santo com alguns membros da comunidade e pessoas que pertenciam ao grupo de oração e a partir dali, não sei, sinto-me diferente, sinto-me mais calma, mais paciente (...) Eu digo muita vez que a fé ajuda-nos a superar tudo (...) Já houve uma vez que eu sentia que estava a ser elevada... eu estava a flutuar (...) eu estava-me a sentir ali nas nuvens tão bem (...) É uma paz interior tão grande... Parece que estamos ali só com Deus...
P5	Mas o momento principal talvez seja aquela oração mais na intimidade no silêncio... frente ao Santíssimo para dizer que o Senhor está para libertar, para te curar as tuas ansiedades, as tuas tribulações, entrega-as a Jesus. Normalmente nós estamos em sintonia com aquela palavra e nós vamos criando esse momento de paz (...) eu quero, Senhor, que Tu venhas ao meu coração, eu quero que Tu venhas curar todo o meu interior. Tira-me esta ansiedade. Tira-me da tribulação.” E há aquele momento em que nos sentimos abraçados. São momentos únicos... Eu penso que a oração faz isso: acalma as tempestades que há em cada um de nós.
P6	Melhorei repentinamente durante uma oração. Quando reparo deixei de ter dor. Eu nem pensei no assunto. E a dor não era psicológica. Eu faço esforços grandes para movimentar o meu filho e, portanto, às vezes nós carregamos, e nunca mais tornei a ter dor assim (...) Mas depois há outro momento em que nós lemos a palavra e estamos em meditação sobre a palavra que acho que também é... tudo o que seja também um certo silêncio é muito, é muito tranquilo, muito pacificador e é... e sentimos a imunidade, apesar de estarmos calados sentimo-nos próximos, sentimo-nos acompanhados, não nos sentimos isolados.
P7	É a invocação ao Espírito Santo. Acho que é o momento, todos eles são bons, claro, mas aquela invocação ao Espírito Santo... Não sei descrever bem, talvez seja quando nós estivermos a invocar o Espírito Santo me sinta realmente liberta, sinto-me a flutuar, sinto-me leve, talvez seja esse momento.
P8	Houve um momento que eu gostei imenso e senti parecia que eu tinha passado, ficado leve. Naquele momento desapareceu tudo o que eu tinha na minha mente, desapareceu, fiquei leve...
P9	Há coisas que não se conseguem descrever, mas conseguem-se sentir (...) é a palavra de Deus. É Deus que está ali presente. O momento da Adoração é o momento inesquecível. Não tenho palavras para descrever o que eu sinto (...) O momento mais significativo foi realmente quando eu fui pela primeira vez... eu ia muito carente da palavra de Deus e foi esse primeiro impacto que quando comecei a ouvir as irmãs a falarem de Deus. Isso tocou-me muito.
P10	E não, eu estava a chorar de felicidade. Ainda hoje em todas as Adorações ao Senhor eu não me contenho. Eu tenho que chorar. Claro que agora de uma maneira mais controlada, mas eu choro porque me toca muito. Porque eu estou, eu tenho ali, eu sei que tenho sempre Jesus, mas ali mesmo, mesmo ao lado d'Ele, coladinha a Ele. E realmente eu não via Jesus como eu hoje vejo (...) Eu não consigo dizer exactamente é

	isto ou aquilo, eu acho que é tudo, porque é como eu digo, basta até um simples cântico mas que naquela hora é aquele cântico mesmo ali que toca ali e eu choro, pronto, e eu choro.
P11	Eu gosto mais é quando, e acho resultados, é quando a gente está a receber o Espírito Santo, não é, que eu não sei bem, pronto, ainda não estou bem dentro destes assuntos. É aí que aparecem resultados a seguir, aparece sempre qualquer coisa.
P12	Diria que a parte da oração, sobretudo da oração inicial, da oração de louvor, daquele em que as pessoas se colocam perante o Deus maravilhoso que nos acontece. Penso que é um momento muito significativo, porquê? Porque é um momento inicial, um momento de oração, mas é sobretudo um momento também de alguma libertação, quer dizer, as pessoas por essa oração de louvor se deixarem envolver por todo o ambiente da oração, por todo aquele ambiente que se vai criar pela presença de Deus como nós acreditamos no meio de nós (...) normalmente nesses primeiros momentos de oração de louvor essa má disposição ou até essa falta de vontade de estar acabam por desaparecer e portanto integro, fico em paz e serenidade.

	Mudanças Assertivas
P1	Hoje sou muito mais simples. Antes era mais orgulhosa, gostava de mostrar às pessoas que era orgulhosa, que sabia fazer as coisas (...) Faço as coisas por humildade e já me é indiferente. Gosto de conversar com as pessoas e noto que as pessoas gostam muito de conversar comigo porque me sentem mais humilde e elas gostam porque ainda continuo a cantar para as pessoas mais velhas e assim, mas com uma humildade diferente e elas dizem-me assim “como é que tu consegues G.?” e sempre digo: “porque tenho Jesus comigo”.
P2	Em vez de ficarmos rancorosos e fechados para dentro, nós conseguimos, sem grandes alarido resolver estes nossos problemas. Aqueles problemas que nós temos cá dentro, que desencadeiam depois outros (...) E é no fundo isto, o grupo ajuda de facto esta componente psicológica também, porque ajuda a descobriremo-nos enquanto ser humanos, enquanto pessoas, enquanto seres completos e complexos e ajuda-nos ir tirando as pecinhas e a ver onde está o problema. Nós no fundo acabamos por ficar desarmados, porque é uma coisa nós e Deus. Nós acabamos por conseguir ver onde é que está o problema, eh pá! Afinal isto não é assim tão complicado, afinal é por aqui.
P3	Devagarinho aos poucos eu vi a minha vida a mudar. Eu já deixei de sentir aquelas tristezas que eu sentia. A vontade de chorar o dia todo e sem quê nem para quê eu via-me a cantar... Perdi o medo de morrer. Luto e faço pela vida. Deus deu-ma é para nós conservar-mos e pronto, tratar dela como quem trata de uma flor muito delicadinha e linda. E também não tenho medo da vida (...) Paz. Tranquilidade. Serenidade. Confiança. Dá-me tudo menos medo.
P4	Começa a haver uma mudança, uma abertura. Aquela carga que parecia que trazia em cima de mim parece que estava a sair aos poucos e sentia-me mais confiante (...) quando vai a confirmar os exames a expressão que disse foi “você está limpa.” (...) Agora eu aceito a morte de uma maneira diferente... quando a gente morrer é para lá que vamos para estar junto de Deus (...) Mas noto que tenho muito mais calma e consigo ver as coisas de maneira diferente (...) Com Deus sou, muito mais feliz agora. Mas depois de O conhecer sou uma mulher completamente diferente, muito mais feliz.

P5	Hoje eu encaro a vida na espiritualidade. É ela que há-de, é o fio condutor que eu tenho porque Deus é a luz. ...aprendi com os mais velhos e aos pouco também me fui tornando mais dócil quer no grupo de oração, quer na vida.
P6	Sim. Foram resolvidos os problemas (...) Tem havido uma mudança significativa. Estou muito mais alegre, muito mais optimista. A minha vida em casa já mudou, já consigo fazer festas, fazer bolos enfeitados (ri). Já consigo ter algum ânimo e alguma alegria aqui em casa. Perceber que eu também sou o veículo dessa alegria e pedir a Deus força para a ter...
P7	Quando nós não pudemos fazer sozinhos devemos pedir ajuda aos outros, foi o que eu fiz. (...) Então fui pedir ajuda a vários irmãos e amigos... Portanto, acho que este grupo mudou-me, fez-me essa mudança radical. Mas espiritualmente sinto-me com uma paz mais suave. Com mais calma para resolver essa situação, olhá-la com outros olhos. De maneira que esta oração está-me a fazer bem espiritualmente.
P8	E mudou completamente a minha vida até hoje. Eu vivia de uma maneira totalmente diferente (...) Eu comecei a entender que tinha que aceitar a atitude de cada pessoa, porque cada pessoa é como é e eu sou como sou. E então a nível da minha doença eu acho que foi fantástico, foi fantástico, comecei a conseguir controlar aquela aflição que eu tinha medo de morrer, de me ir embora, a gente ouve um tumor é para morrer... a partir daí o exames que eu tenho feito tem sido sempre de melhoria. Portanto, o grãozinho que se via no início agora já não se vê. Hoje eu sou muito frontal e sou capaz de dizer. Coisa que eu não fazia, não era capaz (...) sermos aquilo que gostamos de ser, frontais, sinceras, directos ou então calamos e estamos no nosso cantinho.
P9	A partir dessa altura as coisas mudaram completamente. Claro que estou ainda num período de aprendizagem. Porque nós estamos sempre, sempre aprender e realmente interiormente eu sinto-me outra pessoa (...) Eu posso dizer que hoje estou a fazer voluntariado...
P10	Era uma pessoa que acreditava em Deus, só que não era desta maneira. Eu não via Jesus como eu vejo hoje (...) Sou uma pessoa que expludo por tudo e por nada. Eu primeiro dizia e depois é que pensava. E eu com o grupo vim a aprender muito (...) há colegas que já trabalham comigo há nove anos e dizem que realmente a A. que conheceram morreu, porque ela compreende, ela não explode como explodia, tem uma maneira de ver as coisas diferente. Sou realmente outra pessoa. Eu sou uma pessoa que eu própria sinto que mudou em mim muita, muita coisa.
P11	Mas eu comecei a ficar mais calma e a conseguir levar isto de outra maneira (...) quando a gente pede o Espírito Santo. Passou o fim-de-semana e tal, na terça-feira tive um sonho e eu nem andava sequer a dormir tão bem assim, andava a dormir mesmo mal (...) E nessa noite dormi 5 horas sem acordar (...) Sinto-me muito melhor (...) não é nada com era dantes.
P12	Ajudaram a crescer a fé, ajudaram-me a estabilizar a fé. Hoje em dia continuam a ser importantes, embora, importantes, totalmente importantes, embora já não tenham aquela dimensão tão importante que tinham, porque de alguma maneira eu já cresci na fé, já tenho algum discernimento, de alguma maneira a minha fé já não é abalada pelas coisas que vão acontecendo.

ANEXO B

Consentimento informado

Consentimento Informado

Ex.ma/o Sr.ª/Sr.

Pedimos a sua atenção e colaboração para o seguinte estudo:

No decurso da elaboração da Dissertação para o Mestrado na área de Psicologia Clínica, a realizar no Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Instituto Universitário (ISPA), Lisboa, no ano académico de 2011/2012, decorre o seguinte projecto de investigação sobre o Counselling PsicoEspiritual. Pretendemos realizar uma entrevista de modo a obter uma descrição o mais completa possível dos momentos mais significativos que aconteceram no seu processo de acompanhamento psicoespiritual realizado no grupo referenciado. A entrevista será gravada em áudio para posterior transcrição da mesma, a qual ser-lhe-á facultada para confirmar ou infirmar algo e complementar com uma segunda entrevista que finalizará a sua participação no estudo.

A sua colaboração é muito importante para o estudo pois está a contribuir para um melhor conhecimento da temática e potenciar novos recursos de ajuda a outras pessoas que poderão beneficiar com a descrição da sua experiência.

Não existe nenhum risco na participação deste estudo. A sua participação é de cariz voluntário, não remunerado, realizada entre Março e Abril de 2012 e durante este período pode desistir a qualquer momento do estudo sem prejuízo para o participante.

A entrevista é de carácter particular, individual e realizada em privado. Será garantido total anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos para o estudo.

Caso pretenda poderá consultar os resultados da investigação.

Se pretender algum esclarecimento adicional poderá contactar-me, Fernando Marto, pelo número 918671342, e-mail: FernandoMarto@sapo.pt.

Este consentimento é feito e assinado em duas vias, uma para o processo do estudo e outra para o participante.

Muito obrigado pela sua colaboração!

....., de de 2012

Investigador:

Aceito participar no referido estudo,

Participante:

ANEXO C

Entrevistas e Divisão das Unidades de Significado

P1G1E1F53G

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>I – Quero agradecer este tempo e disponibilidade para esta entrevista. Há quanto tempo conhece este grupo?</p> <p>P1 – Conheço este grupo há quatro anos, fez em Fevereiro, no dia de Carnaval, não sei precisar bem o dia, mas foi no dia de Carnaval, se formos ao calendário há quatro anos, estamos em 2012, portanto foi em 2008.</p>	<p>1. O P1 conheceu o grupo no dia de Carnaval, há quatro anos. Um dia significativo para o P1.</p>
<p>I – Como é que descobriu o grupo, alguém lho disse?</p> <p>P1 – Foi através de uma pessoa amiga, porque eu andava por uns maus caminhos e falava muito daquilo onde andava que eu pensava que era bom e ela disse-me para ir àquele grupo que ela andava lá e sentia-se bem.</p>	<p>2. O P1 conheceu o grupo através da influência de uma amiga que já o frequentava.</p>
<p>I – O que é que na altura sentia? Descreva o que sentia nessa altura.</p> <p>P1 – Nessa altura, sentia, sei lá, sentia espiritualmente e psicologicamente sentia-me mal. Sentia a perseguição de pessoas que já tinham morrido. Sentia que a minha sogra me perseguia, porque o meu marido tem uma depressão bipolar há dezoito anos e eu metia a culpa, metia a culpa na minha sogra por o meu marido ter a doença que ela tinha, que ela teve, e então eu notava que psicologicamente isso me estava a afectar muito. Era uma pessoa normal, mas notava que havia qualquer coisa e comecei a ouvir muitos barulhos em casa, pronto, outras coisas.</p>	<p>3. O P1 sentia-se mal. Sentia-se perseguido por pessoas que já tinham falecido e pela sogra. A depressão bipolar do marido é atribuída à mãe dele, perturbando-a e levando-a a ouvir barulhos.</p>
<p>E depois houve uma altura que a minha mãe chegava a dizer vamos a uma mulher, bruxa ou assim, mas não sei se chama bruxa ou se não, mas eu nunca fui, uma vez fui, e depois a senhora pediu uma fotografia do meu marido e eu deixei lá a fotografia, mas não descansei enquanto não fui buscar, durante uma semana não suportei aquilo. Fui buscar a fotografia, porque, nessa altura, eu fui lá para a senhora... pronto, mostrava, havia muitas coisas, havia Nossa Senhora, ela fazia rezas a Santo António e isso assim. Mas houve uma altura que para mim ela ao dizer-me que me conhecia, que conhecia pessoas, não conhecia</p>	<p>4. O P1 procurou ajuda para o seu mal-estar. Esta ajuda veio da parte da mãe que lhe recomendou uma bruxa, tendo esta pedido uma foto do marido. P1 ficou perturbada por ter dado a foto do marido. As imagens religiosas levaram-na a confiar no local onde procurou ajuda.</p>

<p>bem, conhecia pessoas da minha terra que diziam isto, diziam aquilo e diziam mal disto e mal daquilo e eu ali fiquei de pé atrás, fiquei de pé atrás e comecei a sentir que isto não é verdadeiro, uma pessoa que reza pelas pessoas não pode acontecer, mas deixei lá a fotografia, ela dizia que ia rezar pelo meu marido. Aconteceu que nessa semana o meu marido começou a ficar pior, ficou pior e eu comecei a ficar perturbada e comecei a dizer à minha mãe que tinha que ir lá buscar a fotografia, eu tenho que ir buscar a fotografia que eu não suporto e fui lá buscar a fotografia. A partir daí começaram acontecer várias coisas na minha vida.</p>	<p>Apesar da procura de ajuda para o marido este ficou pior o que aumentou o conflito sobre estar ou não no local certo de apoio. A ajuda constou em dizer mal de uns em detrimentos de outros e na arte de adivinhar o mal que a P1 tinha.</p>
<p>I – O que é que aconteceu de pior no seu marido? P1 – Depois o meu marido ficava sempre doente psicologicamente por causa da depressão.</p>	<p>5. O P1 reconhece que o marido não melhorou por ter procurado ajuda naquele local.</p>
<p>I – E você como você se sentia? P1 – Perturbada. Não me sentia muito bem. I – Mas a que nível? P1 – A nível psicológico, interior, espiritual, cada vez estava mais revoltada, estava sempre a dizer: a minha sogra está aqui, morreu, morreu mas mesmo assim continua junto. Porque eu notava que o meu marido nunca tinha cortado o cordão umbilical juntamente com ela, quando nós casamos.</p>	<p>6. O P1 continuava perturbado a nível interior, a nível psicológico e espiritual. Atribui o sentir-se mal à presença da sogra na doença do marido.</p>
<p>Mas no fundo eu pedia a Deus que me perdoasse porque, pronto, sentia que no fundo também não estava a ser boa. Uma vez que fui sempre católica, era catequista e isso metia-me também uma certa confusão, como é que eu posso ser catequista, vou à missa todos os dias e penso desta maneira. Isso metia-me assim um bocado de confusão.</p>	<p>7. Sente-se transgressora por culpabilizar a sogra da doença do marido que na sua condição religiosa entra em conflito com a espiritualidade católica que vive.</p>
<p>Cheguei a ir a outra senhora que começava a dizer não sei quê, não sei quantos, dizia que fulano falava por isto. Mas passado um tempo essa senhora disse-me “vá com o seu marido ao médico porque o seu marido está doente”. Afinal, porque às vezes nós a conversarmos com as pessoas diziam-me que isto era tudo espiritual.</p>	<p>8. O P1 procura ajuda com outra “senhora” que, por sua vez, aconselha-a a ir a um médico, pois não é espiritual, como as pessoas frequentemente ditam.</p>
<p>Porque ele ganhou uma depressão devido a ele querer ser presidente da Junta e não conseguir e depois disso também comecei a ficar doente, mais espiritualmente, não fisicamente.</p>	<p>9. Um dos motivos da depressão do marido é o de não ter aceite que não seria Presidente da</p>

<p>Ele começou fisicamente, esteve internado na psiquiatria e assim sem comunicação.</p>	<p>Junta. O que, juntamente com o facto do mesmo ter sido internado na psiquiatria, perturbou o P1.</p>
<p>Mas haviam coisas que aconteciam que eu achava que não era só doença, naquela altura achava que não era só doença.</p> <p>I – Em relação a ele ou a si?</p> <p>P1 – Em relação a ele. Em relação a mim eu via coisas em casa que às vezes parecia que a minha sogra estava no sótão a bater. Às vezes parecia-me que a minha sogra aparecia-me à frente.</p> <p>I – Mas, parecia ou via ou sentia? Descreva melhor a situação.</p> <p>P1 – Sim. Parecia mesmo a situação dela, assim, às vezes eu dizia assim: “Ai! Estás aqui a passar.” Eu acho que já estava a ficar doente psicologicamente e então induzia o meu marido a ir também, “vá vamos”.</p>	<p>10. Outros fenómenos aconteciam ao P1 que não lhe pareciam ser apenas da doença do marido, atribuindo à sogra falecida percepções sensoriais ocorridos em casa. O P1 entra em diálogo com as suas percepções e envolve o marido.</p>
<p>I – Procurou um médico?</p> <p>P1 – Depois procurei um médico.</p> <p>I – Para si?</p> <p>P1 – Não. Sempre para o meu marido. Para mim eu conversava sempre com a minha médica de família que me ajudava bastante a conversar e cheguei a tomar medicamentos que ainda hoje ando a tomar um ou outro só para dormir um bocadinho mais descansada. Mas eu pensava sempre que era ele. E as pessoas sempre quando havia psicológico, naquela altura doença, uma doença mental era uma... quer dizer, ao longo destes anos, agora já se falam em depressões e não sei quê. Apesar que as depressões realmente eu penso que... ele começou a ficar doente por coisas que lhe aconteceram, porque ele era uma pessoa “eu quero, posso e mando.” Fazia uma coisa e se as coisas não lhe acontecessem como ele queira ficava doente.</p>	<p>11. O P1 procura ajuda médica para o marido doente mas não para ela. Não percebe a necessidade de ajuda para si e atribui ao marido o sofrimento que vive na relação com ele. O P1 desconhece os efeitos da depressão e da problemática mental, apesar de reconhecer indicadores da doença do marido, dos valores estruturais do mesmo.</p>
<p>Depois dessa doença tivemos o meu filho, porque ele gostava muito. E então, eu também lhe fazia todas as coisas que ele queria. Ele queria isto e eu fazia. Ele queria isto e eu fazia. Depois eu comecei a pensar assim: “bolas não pode ser. Não pode ser. Eu também tenho que ter um bocadinho de estrutura, de pensar.” E depois foi quando as pessoas começaram a dizer: “ai,</p>	<p>12. O P1 colaborava no mundo do marido e fazia as suas vontades sem ter espaço para si o P1 sente-se ameaçado pela ausência de sentido da vida. Encontra um sentido existencial</p>

<p>G., o teu marido está psicologicamente afectado por espíritos. O teu marido está...” pronto, começaram a entrar uns certos espíritos dentro da nossa vida e eu comecei a tentar acreditar. Mas, havia uma parte de mim que acreditava e outra parte de mim que não acreditava.</p>	<p>recorrendo ao espiritual influenciado por outras pessoas.</p>
<p>E um dia eu fui a um senhor que está em F., que era padre e agora não é, porque foi excomungado da Igreja por violar as mulheres. Fui lá porque me disseram que ele tinha tratado muito bem uma mulher que também tinha o problema do meu marido e fui lá, e depois ele fez... eu geralmente aquilo quando eu entrei, ai meu Deus, realmente, ele trazia aquela coisa de padre, estava vestido à padre tal e qual. Uma coisa que me impressionou muito foi que sempre que eu ia lá estava sempre vestido de preto. Só tinha, não me lembro como se chama bem aquela coisinha dos padres do pescoço, aquela auréola, agora não me lembro. Só trazia isso de padre, mas no fundo às vezes quando eu cheguei a lá ir eu já não via o homem à minha frente, eu via era o demónio, porque ele estava sempre de preto. Mas aquela casa dele, estava Nossa Senhora, estava o Papa, estava não sei quem, aquilo realmente entra-se ali, pronto, estou no lugar certo.</p> <p>I – Tinha imagens.</p> <p>P1 – Tinha imagens religiosas. Nossa Senhora, São José, o Menino Jesus, tinha vários livros religiosos. Ele, inclusivamente, ele estava junto a uma fotografia do Papa João Paulo II, que me impressionou bastante, que agora penso que depois recordo-me, que parece-me uma montagem. Mas na altura não me parecia, só nos últimos encontros é que comecei a perceber que me parecia, não tenho a certeza, que me parecia uma montagem. Mas pronto, como não tenho a certeza não vou dizer.</p>	<p>13. O P1 procura resposta para o seu mal-estar e recorre a outra pessoa que lhe é indicada como já ter ajudado outros na mesma situação. O P1 não se informa da fidedignidade da pessoa e considera que pela aparência de padre e pelas imagens religiosas o local é fidedigno. Só muito mais tarde procura informa-se acerca do local de ajuda.</p>
<p>I – E andou lá muito tempo?</p> <p>P1 – Ainda andei lá uns meses de Agosto a Dezembro.</p> <p>I – E achou-se melhor?</p> <p>P1 – Achei no princípio, porque é assim, no primeiro encontro ele disse que o meu marido não tinha nada de espíritos e nada disso. Estivemos lá a conversar, mas depois no final quando me estava a dar a bênção comecei a tossir a tossir, comecei a tossir, a tossir,</p>	<p>14. Durante os quatro meses que o P1 frequentou este local achou-se melhor no princípio. Foi-lhe dito que o mal não estava no marido mas nela, o mal de espíritos não estavam no marido, mas no P1, que sentiu-se</p>

<p>ele vai assim: “espera aí, o mal não está no seu marido, está em si. Por isso é que ele está doente”.</p> <p>I – Foi o seu marido também, foram os dois?</p> <p>P1 – Fomos sempre os dois. Só uma vez ou outra é que ele não foi, mas fomos sempre os dois. E então, foi a partir daí que eu depois comecei a sentir-me culpada, porque às vezes me diziam também que eu era culpada da doença do meu marido, apesar de lhe dar muitos miminhos e ele também uma vez me chegou a dizer que eu era culpada da doença dele e foi a partir daí que se calhar também eu comecei a ficar doente psicologicamente. O que se manifestava em mim era um cansaço, não é, e muitas dores no corpo e eu comecei a sentir muito culpada da doença dele. Pronto. Eu era culpada da doença do meu marido e qualquer coisa que acontecia eu era culpada e então levava-o aí, foi quando comecei realmente a levar a essas coisas para ver se... pronto, e então...</p>	<p>novamente culpabilizada. Continuou a procurar com o marido ajuda nesse local numa perspectiva espiritual.</p>
<p>I – E além desse local foi a mais algum lugar buscar ajuda?</p> <p>P1 – Não. Só depois no grupo, este grupo que conheço há quatro anos.</p> <p>I – Mas antes também procurou ajuda médica?</p> <p>P1 – Sim. Sim. Ajuda médica sim.</p> <p>I – Ajuda médica, psicológica ou psiquiátrica?</p> <p>P1 – Sim, só para ele, para mim nunca. Só para ele. Ele andou no psiquiatra, esteve internado, também, passados quatro anos, portanto ele tem a doença há dezoito, aqui há doze anos ele esteve internado, voltou agora a estar em Novembro, mas foi um internamento diferente, porque ele tentou suicidar-se três vezes.</p>	<p>15. O P1 andou no “padre” até encontrar o actual grupo há quatro anos. Além deste tipo de ajuda, procurou a nível da medicina ajuda psiquiátrica para o marido que tentou o suicídio por três vezes e esteve internado.</p>
<p>I – Porque não procurou também para si, achava que o problema seria só dele?</p> <p>P1 – Pois. Eu depois também procurei para mim, procurei um Sr. Padre, procurei o Sr. Padre, fui ao Sr. Padre.</p> <p>I – Ao tal?</p> <p>P1 – Já antes, antes desse procurei um Sr. Padre A. Ele conversava muito comigo. Um dia quando o meu filho nasceu ele veio aqui a casa e benzeu-me a minha casa, benzeu o meu filho. Não sei, teve a fazer uma oração ao bebé, ele era bebé e disse-me</p>	<p>16. Para o P1 a ajuda que procurava era a nível espiritual, encontrando-a num padre legítimo e que a ajudou a compreender e dar significado à situação do marido, contudo, este padre mudou de lugar e P1 ficou sem apoio psicoespiritual recorrendo, então, ao</p>

<p>que tinha de ter muita coragem. Pronto. Eu sentia-me muito bem a conversar com ele porque ele animava-me, ele conversava comigo, ele dizia-me que tinha de ter paciência com a doença do meu marido, que não era nada do outro mundo, conversava muito comigo e realmente quando eu ia e cheguei a procurar no Seminário de L. e ele chegou a ir a minha casa e eu sentia-me realmente muito bem porque ele depois abria-me a minha Bíblia, que eu tinha na sala, e aquela palavra era realmente a que eu estava memo a precisar e ele explicava-me.</p> <p>I – Foi uma experiência diferente da outra?</p> <p>P1 – Mas depois o Sr. Padre saiu daqui da zona de L. e as coisas começaram</p>	<p>pseudopadre que a destabilizou.</p>
<p>e depois começou a haver problemas de dinheiro. Depois o meu marido começou a ter problemas de depressão maníaca e depressão lá acima e quando estava lá em cima fazia gastos e depois houve problemas com dinheiro e ficamos, e ainda hoje estou a pagar muitas coisas que se fez. Pronto. E eu quando fui procurar...</p>	<p>17. Outro problema do P1 relaciona-se com dinheiro e dívidas, gastos que o marido fazia pela situação depressiva.</p>
<p>I – Então quando é que foi parar a este grupo?</p> <p>P1 – Passaram-se muitas coisas, muitas coisas más. Muito más. Realmente comecei a perceber que esse padre que fui a F. violava as mulheres porque eu senti-me violada por ele.</p> <p>I – Quer dizer que em F. não há só padres honestos mas que enganam?</p> <p>P1 – Não. Infelizmente não há. Porque ele dizia-me que eu tinha muitos espíritos e eu entrava em transe e gritava, falava línguas estrangeiras, cantava, fazia não sei quê. O meu marido dizia que eu falava outras pessoas, o nome de outras pessoas. Cheguei a falar o nome da minha sogra, em que dizia que eu, que ela queria-o para ele. E ele, esse senhor, dizia-me que a minha sogra queria que o meu marido morresse porque precisava dele onde ela estava, mas que eu tinha o meu pai, que já tinha falecido também, que tinha o meu pai que me estava a ajudar e que não queria que eu fosse. E eu falei muitas coisas. O Senhor perguntava muita vez. “mas quem é você, quem é você?” e eu dizia: “sou muita gente. Sou muita gente. Tenho muita gente. Sou muita gente”,</p>	<p>18. O P1 sentia-se ofendido pelo tratamento do pretenso padre que o levava a entrar em transe e desencadeava no P1 comportamentos semiconscientes numa verbalização alterada como que a falar pela voz de outras pessoas já falecidas. Estes factos eram associados a acontecimentos recentes de pessoas falecidas há pouco tempo.</p>

<p>“mas quem és tu?”, “sou muita gente”. E depois ele perguntava ao meu marido: “conhece...” passava-se isto assim, assim. Ele dizia: “só se for a tia dela, só se for o primo”. Portanto, muitos nomes que eu dizia.</p> <p>I – E você tinha consciência disso?</p> <p>P1 – Tinha. Metade de mim eu tinha consciência.</p> <p>I – Recordava-se de tudo o que dizia?</p> <p>P1 – Sim. Recordava-me.</p> <p>I – E sabia o que estava a dizer?</p> <p>P1 – Sabia. Tanto que depois no final eu pensava, mas depois associava que realmente era tudo verdade, que foi o meu primo que faleceu. Depois houve um dia que eu fui lá e eu passei aqui, tinha morrido um senhor na G., tinha morrido um senhor, e quando eu cheguei lá, ao passar à igreja fiquei perturbada e quando cheguei lá, que eu fui lá nesse dia, ele disse-me assim, eu estive assim a falar, e depois comecei a falar, mas como eu já levava na mente aquele senhor comecei a falar como eu estivesse a dizer à familiar daquele senhor para estar descansada porque estava bem. Mas eu em todo o caminho que fui para F. eu levei aquele pensamento.</p>	
<p>Então ele parece que se servia da gente. Depois ele dizia que eu tinha muitos espíritos e que os espíritos me entravam por tudo o que era sítio. Podia entrar pelos olhos, pela boca, pela vagina e ele começou-me a fazer coisas que eu não gostei.</p>	<p>19. O P1 era induzido há existência de espíritos que se manifestavam no seu corpo e que entravam pelos órgãos do corpo.</p>
<p>E então depois eu falei com o meu padre e a dizer-lhe onde estava. Em princípio, o Sr. Padre disse-me, no princípio como me sentia bem, ele disse-me: “então, olhe, deixe-se estar. Se ele é padre e faz exorcismo, deixe-se estar porque a G. precisa.” Porque ele chegou a vir a minha casa benzer a minha casa e simplesmente o Sr. Padre disse-me, o padre da B.: “G. tens sido uma grande mulher, porque tu tens tido coisas aqui na tua casa que têm sido complicadas.” Nesse dia que ele cá veio, eu tinha um cágado. Enquanto o Sr. Padre me andava a benzer a casa eu só me apetecia gritar com aquele cágado e aquele cágado foi o meu irmão que o encontrou na fábrica dele, que alguém o lá tinha</p>	<p>20. Novamente o P1 procurou ajuda e discernimento num padre fidedigno que desconhecia a realidade onde o P1 se encontrava. A falta de sentido dos acontecimentos leva-a a procurar apoio espiritual e estando receptiva a qualquer ajuda espiritual que a liberte da dor interior.</p>

<p>posto e eu só descansei quando pus o cágado fora daqui. Mas pronto, foi assim uma coisa. Mas depois eu percebi que algo não estava bem. Pronto.</p>	
<p>Depois percebi e disse a alguém que andava lá nesse Sr., nesse padre, e esse alguém não gostou muito de ouvir aquilo que eu disse e foi comentar com o vigário de L., com o Sr. Vigário. e o Sr. Vigário falou com o Sr. Bispo e chegaram à conclusão que esse padre que se dizia padre tinha sido retirado da Igreja por violar as pessoas. E eram onze horas da noite, um dia telefonaram-me para casa a dizer: “G. sai daí, acontece isto assim-assim, esse homem não é padre nenhum.” Depois eu comecei a associar, o que ele me fazia, ele punha-me as mãos na vagina, ele fazia-me não sei o quê. Ele chegou a uma certa altura que queria fazer sexo comigo e eu não deixei, porque eu estava metade coisa mas outra metade estava consciente e não deixei, simplesmente apertei o meu corpo todo e eu não deixei fazer. Ele tentou, fechei a boca e cerrei-me toda. E depois foi então que eu comecei “espera aí”. Mas fui lá mais uma vez com medo que ele me fizesse qualquer coisa, escrevi-lhe um postal, foi na altura do Natal, escrevi-lhe um postal a desejar as boas festas. Deixei-lhe lá dinheiro, porque ele queria depois dinheiro, deixei lá todo nessa altura, eu tinha sessenta euros, foi sessenta euros que eu deixei lá e nunca mais lá fui. Mas parece que eu tinha necessidade, que eu não andava bem, sentia-me mal. Não dormia. Pronto, sentia-me mal e depois comecei a ter nojo de mim. Porque essas coisas me aconteciam e porque eu queria falar a alguém dessas coisas sem ter nojo de mim.</p>	<p>21. O P1 procurou novamente ver a fidedignidade da ajuda que estava a ter ao recorrer a pessoas dirigentes da Igreja Católica que a alertaram da situação em que estava. As práticas realizadas pelo pretense padre não eram as adequadas e violavam a liberdade, privacidade e intimidade do P1. Estes acontecimentos deixaram-na fragilizada e com medo de abandonar o local, voltou outra vez para pagar o serviço e desvincular-se do compromisso. Começou a tomar consciência da realidade.</p>
<p>Um dia, pronto, encontrei essa colega minha, que de vez em quando conversávamos, e ela levou-me a esse grupo, a essa comunidade, e nesse dia de Carnaval foi o primeiro dia mais feliz da minha vida ao longo destes quatro anos. Foi um dia que eu chorei todo dia. Realmente aquelas pessoas para mim foram maravilhosas. O olhar de uma ou duas pessoas ficaram no meu coração, que ainda hoje continua. E eu senti presente Jesus. Eu sou Católica, mas eu acho que só percebi a partir dessa altura que Jesus me amava, quando eu comecei a perceber que Jesus me</p>	<p>22. O P1 entrou no actual grupo pela ajuda de uma amiga num dia de Carnaval, que se tornou num dia significativo. Esse primeiro dia teve um sentido libertador pelo acolhimento das pessoas, especificamente pelo olhar empático de uma ou duas pessoas que permitiu uma</p>

<p>amava eu comecei a sentir-me um bocadinho melhor.</p> <p>I – Então, a chegada a esse grupo foi no Carnaval, a primeira vez?</p> <p>P1 – Foi. Foi o primeiro ano que eu não joguei o Carnaval porque eu gostava muito de jogar o Carnaval.</p>	<p>relação duradoura e diferente das relações passadas. A procura de sentido do espiritual que o P1 procurava deslocou-se para uma pessoa concreta: Jesus. A ajuda não se centra numa pessoa isolada, mas num grupo de pessoas R/E.</p>
<p>I – E depois de lá para cá tem sido fiel ou tem faltado?</p> <p>P1 – Tenho. Tenho sido fiel. Tenho frequência, no princípio comecei, como eu pertencia a um rancho folclórico, e como o grupo tinha reunião à sexta-feira ia de 15 em 15 dias, outras vezes ia de 3 em 3 semanas. Depois sentia necessidade de ir todas as semanas. Sentia necessidade de desistir de coisas voluntárias que eu fazia exteriores e comecei a necessidade de fazer um voluntariado interior só para Deus. E foi aí que eu comecei a ficar um bocadinho melhor.</p>	<p>23. O P1 descreve a sua fidelidade ao grupo, que foi aumentando gradualmente. Refere a preferência de frequentar o grupo em relação a outras actividades que tinha e começa a sentir-se melhor.</p>
<p>I – Então descreva aqueles momentos mais significativos que viveu naqueles encontros?</p> <p>P1 – Pronto. O primeiro dia foi realmente aquele dia de Carnaval. Depois foi um dia, seguiram-se vários dias. Comecei a sentir vergonha de eu cair, de gritar. Porque sempre que ouvia a voz de alguém a falar de Deus, aquilo entrava-me no coração e eu ao olhar para essa pessoa não a via a ela, não via a pessoa. Via que Jesus estava ali. E Jesus estava-me a chamar.</p>	<p>24. O P1 descreve o primeiro dia que entrou neste grupo como um dia significativo. Noutros momentos o P1 caía e gritava. Ao ouvir a voz de alguém sentia que era a voz de Jesus que falava consigo.</p>
<p>Houve uma altura que eu sentia necessidade de ir à oração, mas havia algo que também não me deixava ir. Mas eu fui sempre persistente. Depois mais tarde percebi que Jesus me tinha agarrado, porque nessa altura eu estava quase a divorciar-me do meu marido porque eu não aguentava. As minhas filhas diziam-me: “mãe, tu não tens necessidade de estares com o pai. Vamos embora, vamos embora, porque já não aguentamos.” Porque era só medo que tinha do meu marido, tinha medo. As minhas filhas viviam num terror, porque o pai começou a ficar mais aterrorizante, a meter medo. Tínhamos medo. Ele acusava-nos de tudo e mais alguma coisa. Dizia que nos fazia isto. Que nos</p>	<p>25. O P1 descreve dificuldades em ir ao grupo, sentia resistência face ao conflito de divórcio iminente. Os filhos sofriam com os acontecimentos de angústia da doença do marido e do conflito existencial do P1, o ambiente familiar era de medo e de terror com ameaças à integridade física. O P1 começou a melhorar ao entrar para o</p>

<p>matava, que fazia isto e aquilo. Começou a haver um certo terror na minha casa. E então a partir que entrei nesse grupo comecei a sentir-me um bocadinho diferente. Conseguia ter força. Havia sempre aqueles momentos: hoje não vais. Mais depois eu ia, eu ia, e vinha... senti vergonha de muitas coisas que me aconteciam lá também quando eu caía. Sentia vergonha das pessoas.</p>	<p>grupo e a ter força para superar os conflitos da vida.</p>
<p>I – Descreva melhor esses fenómenos.</p> <p>P1 – Ai! Foi muito difícil. Portanto, eu ouvia Jesus e caía. Comecei a dizer as mesmas coisas que dizia antes, mas o que mais me impressionava era que as pessoas não me perguntavam quem eras tu, quem não és tu. Rezavam. Rezavam. Chegavam a rezar o Terço. Pediam a Jesus por mim. E depois foi aí que comecei a ver que este grupo é diferente, é muito bom. E há medida que eu não fui desistindo, porque houve muitas contradições, tive ainda muitas quedas, até nessa altura eu senti que fui infiel ao meu marido, antes, porque havia um rapaz que estava comigo no grupo e eu senti uma atracção por ele. E eu senti que fui infiel ao meu marido. Não houve grandes coisas entre mim e ele, mas no fundo senti e isso magoou-me muito, muito, muito.</p>	<p>26. O P1 ouvia Jesus e caía. Tinha manifestações semelhantes às que tinha nos outros grupos que frequentou. Várias contradições, dificuldades em frequentar o grupo, desejo de trair o marido, necessidade de atenção, de amor, mas a atitude das pessoas neste grupo era diferente e coerente, centrando-se no rezar e na ajuda a superar as manifestações dos problemas.</p>
<p>E aí, nesse grupo consegui perdoar-me, consegui confessar-me. Um dia que houve um encontro que foi lá um Sr. Padre, que não me lembro como é que ele se chama e que era do norte, não me lembro, e que me confessei a ele, e disse que me sentia infiel por pensar, porque havia uma altura que pensava mais nesse rapaz que no meu marido. Foi muito complicado, foi muito complicado e penso que se não entrasse neste grupo eu hoje estava divorciada do meu marido, mas não estou graças a Deus. Porque Jesus não quis. Ele agarrou-me de uma tal maneira, Ele agarrou-me de uma tal maneira que não me deixou cair e então eu comecei a perdoar-me de muitas coisas que me sentia culpada. Ainda demorou algum tempo. Talvez durante dois anos que eu andei no grupo e às vezes voltava para trás.</p>	<p>27. O P1 refere que o grupo o ajudou a perdoar-se, a reconciliar-se e a descobrir o sentido das suas angústias pessoais e familiares. Durante dois anos sentiu apoio do grupo que o ajudou.</p>
<p>Houve na altura um encontro com o Sr. Padre, o Padre Rufus, que foi a partir daí que eu comecei a ficar melhor. Aquela bênção dele, aquele fim-de-semana espiritual, aquele encontro, não sei.</p>	<p>28. Um momento significativo para o P1 foi quando o Padre Rufus orou por ele em que sentiu</p>

<p>Foi aí que eu senti que Deus me estava a curar. E depois, pronto, nunca deixei de ir. Foi a partir daí que larguei coisas exteriores que eu tinha e a partir daí comecei a ir ao grupo todas as sextas-feiras. Sentia necessidade grande. E hoje, estou sempre deserta e penso muitas vezes que se essa oração existisse todos os dias eu ia todos os dias.</p>	<p>um <i>empowerment</i> para a mudança, para a cura e o desejo de querer mudar de vida com o acompanhamento no grupo.</p>
<p>I – Quer dizer que houve vários momentos significativos? P1 – Houve. I – Dentro desses momentos significativos qual foi o mais significativo de todos, com mais significância na sua vida? P1 – Foi nesse dia de Carnaval. Foi no dia... sei lá. Não sei descrever porque foram muitas sextas-feiras. Foi um redescobrir todas as semanas. Foi o dia do encontro com o Padre Rufus, também, e era assim... as pessoas que estavam lá, aquelas pessoas primeiras que encontrei naquele dia estavam lá sempre, e essas pessoas eu via Jesus nelas. E então, sempre, acho que só o olhar delas... todas as sextas-feiras eu tinha uma vivência nova, uma vida, eu quase que não sei explicar, só vivendo e... não sei mesmo explicar, sei lá, não sei precisar qual o dia. Todos os dias foram importantes para mim. Todos os dias. Todos os dias. Sempre que eu ouvia aquela oração sobre mim. E depois o dia mais importante, realmente, foi a partir desse encontro com o Padre Rufus e com as pessoas que estavam no grupo. A partir daí eu comecei sempre à sexta-feira a ir. Quando eu ouvia na voz, eu já não ouvia a voz das pessoas, eu ouvia a voz de Jesus. Aquela voz era a de Jesus e ainda hoje sinto a voz de Jesus que me está a chamar todas as sextas-feiras. Pronto. Sei lá. Todos os dias houve sempre qualquer coisa.</p>	<p>29. Refere novamente o momento mais significativo o primeiro dia que conheceu o grupo. O descobrir de novas realidades em cada encontro. O dia com o Padre Rufus. A relação estabelecida com algumas pessoas. A vivência de alegria dentro do grupo. O modo de verbalização espiritual e religioso que eleva a Deus.</p>
<p>Houve um dia muito engraçado, numa sexta-feira, que depois eu estive a falar com esse senhor e que eu estava com uma dor forte numa perna, estava com uma dor muito forte na perna. E depois houve uma oração de cura, uma oração que as pessoas faziam na sexta-feira e que isso para mim era muito interessante, e que depois ele me perguntou se por acaso não tinha uma dor. E eu disse que sim. E depois passou-me essa dor e nunca mais a tive. I – Que dor era?</p>	<p>30. O P1 descreve um acontecimento significativo concreto em que sentia uma dor forte na perna e durante a oração de cura o orientador do encontro perguntou-lhe se não tinha essa dor, o que ela confirmou, deixando, de seguida, de a ter.</p>

<p>P1 – Era uma dor assim na perna que me dava aqui na brilha interior. Essa dor deixei de ter. Mas psicologicamente a dor era maior e deixei de ter.</p>	<p>Além desta dor física refere que a dor psicológica também a deixou.</p>
<p>E então, houve um dia que também tivemos. Ah! E sempre que às vezes tinha-mos aquela oração, eu gostei sempre de toda a gente fazer oração, rezava-mos por todos, mas quando alguém especial rezava por mim, houve uma altura que eu me senti no céu, uma sexta-feira, que eu adormeci no Espírito do Senhor e que senti uma vontade enorme de ali estar. Esse dia foi marcante para mim. Sentia necessidade daquela... depois o cântico que cantavam... eu só queria estar com Jesus. E foi a partir daí que eu comecei a sentir-me muito melhor. Depois deixei de ter essas coisas. Sentia-me muito bem. Já adormeci várias vezes no Espírito do Senhor, mas foi, foi maravilhoso, foi aí. No dia em que eu percebi, foi se calhar a partir de há dois aninhos para cá, um aninho para cá, também, que eu percebi que Deus me amava e quando eu percebi nunca mais larguei, Deus ama-me e porque é que eu hei-de sofrer. E no princípio o meu marido dizia-me: “tu só vais, não tomas conta de mim, só gostas de ir a esse grupo. Estás-me a deixar.” Eu disse-lhe: “então vem comigo”. Ele foi uma vez ou duas, gostou, mas depois dizia “o que faz bem a ti pode não fazer bem a mim”. Mas o que é certo é que depois começou a fazer bem a ele e à família toda. Eu comecei a ter mais paciência. Comecei a ter mais amor, mais carinho por todos. Deixei de pensar e senti. E então, há um ano, há um ano quando houve um convite para ir a uma sexta-feira àquela oração, que não podia faltar, foi em Dezembro, mais ou menos, Janeiro, Novembro ou Dezembro do ano passado, percebi que este grupo era a minha família e foi muito importante para mim. A partir daí tem sido muito mais importante e no fundo, apesar do meu marido ter tido uma recaída agora, ele já não me diz para eu não ir e diz: “vai, hoje vais à oração?” “Vou!” “Então que tudo corra bem!” E eu só lhe digo assim: “Queres ir?” “Qualquer dia vou”. Mas realmente dou graças a Deus por ter encontrado estas pessoas. Por ter encontrado Jesus, porque eu vou à oração não é por estas pessoas, é por Jesus. E tem feito milagres na minha vida espiritual.</p>	<p>31. Os momentos significativos encontram-se nas circunstâncias de oração em que rezam uns pelos outros, ou alguém em particular reza. Num destes momentos o P1 sentiu-se no céu, adormeceu no Espírito, queria continuar com esta experiência R/E ao som de cânticos. Sentiu-se amada por Deus. Foram estes momentos significativos, de há dois anos para cá, que promoveram a mudança na sua vida e que deixou de ter manifestações de sofrimento. Potenciou uma adaptação pessoal e familiar, inclusive ao marido, tendo consciência de ser amada e de amar mais os outros, de ser mais paciente, mais carinhosa, tendo maior capacidade de tolerância às frustrações conjugais. O grupo tornou-se como uma família, em relação com Deus, produzindo um bem-estar espiritual.</p>

<p>I – Houve vários momentos ao longo desses encontros. Dentro desses encontros, geralmente de duas horas, durante esse tempo, quais são os momentos mais significativos para si?</p> <p>P1 – É o da oração.</p> <p>I – Descreva melhor.</p> <p>P1 – É o momento da oração em que invocamos o Espírito Santo e que eu sinto-O... uma vez sentia arrepiar o corpo todo e senti Deus assim: “G. eu estou contigo.” É esses momentos que eu sinto o Espírito Santo entrar-me. E Deus diz: “G. eu estou contigo. Eu estou contigo. Não estás sozinha. Não estás sozinha” e então, esses momentos são os mais marcantes para mim à sexta-feira na oração. É o momento da oração em que invocamos o Espírito Santo para que Ele nos ajude. E depois o louvar, Jesus, o louvar. Que eu dantes podia rezar, rezava o Terço ou não rezava, mas eu rezava diferente e hoje o louvar. E então, todos os dias eu louvo a Deus. É o momento mais importante da oração para mim. É apesar que também os momentos de explicação da Bíblia, porque a partir daí eu era catequista e não ia ler assim tanto a Bíblia e agora eu vou mais à Bíblia, percebo a Bíblia e aqueles ensinamentos da Bíblia tem-me transmitido, também, uns ensinamentos que eu consigo transmitir, hoje, aos meus meninos da Catequese. Tem sido muito importante para mim. São os ensinamentos da Bíblia, e realmente, o momento mais marcante é quando invocamos o Espírito Santo eu sinto, muitas vezes parece que Ele passa, Ele passa por mim ou às vezes sinto os cabelos a levantarem-se. Outras vezes sinto um arrepio pelo corpo e sinto aquela palavra, “Eu estou contigo.” Muitas vezes sinto isso “Eu estou contigo”.</p> <p>I – Ouve mesmo ou tem a ideia que ouve? É mesmo a realidade?</p> <p>P1 – Não. É mesmo a realidade. É mesmo a realidade</p>	<p>32. Para o P1 o momento mais significativo dentro de cada encontro é o momento de oração quando invocam o Espírito Santo. O P1 descreve a presença do Espírito Santo nele como uma realidade, com percepções sensoriais e sente que não está sozinho. Outros momentos são o louvor, a palavra bíblica e a sua mensagem.</p>
<p>e depois o que eu vejo, a imagem que me vem muito à cabeça, sempre, sempre, é Jesus vestido de branco num jardim muito bonito e a sorrir e com uma ovelhinha atrás, sempre. Essa imagem de Jesus vestido de branco. Mas não é todas as sextas-feiras que isso me acontece. É só algumas. E então, quando isso me acontece é maravilhoso porque eu vejo Jesus vestido de</p>	<p>33. O P1 refere que percebe imagens de Jesus e vê-se nessas descrições. Salienta o bem-estar e segurança que lhe proporciona ao sentir que Jesus está com o P1</p>

<p>branco a olhar para mim, às vezes olha para a ovelhinha e eu penso assim: «aquela ovelha sou eu» num jardim a percorrer e lembro-me sempre ao ver essa imagem do Monte das Oliveiras. Mas é um jardim tão bonito, que depois no fundo eu penso assim: “Jesus, eu um dia serei uma rosa tua?”</p> <p>I – Mas quando vê, quando percebe essa imagem está de olhos fechados, abertos, está consciente ou inconsciente?</p> <p>P1 – Estou consciente, estou consciente. Estou de olhos fechados. Estou de olhos fechados, estou consciente. Muitas as vezes abro os olhos para ver se é ou não realidade e quando abro os olhos vejo aquela imagem muito bonita. Mas só consigo perceber que é Jesus quando estou de olhos fechados. É maravilhoso. Não sei se estou a descrever bem, mas é maravilhoso, é maravilhosa aquela imagem de Jesus vestido de branco como uma ovelhinha atrás num jardim, que aquele jardim, às vezes, parecem árvores de frutas, oliveiras, outras vezes é jardim. Eu penso assim: «eu vou ser uma rosa daquele jardim». Mas é aquela imagem que me vem muitas vezes à cabeça e as palavras é: “G. eu estou contigo. G. estou contigo”. E é realmente ali que eu percebi que Jesus me amava e disse: «eu amo o meu marido e amo tanto como no dia em que casei com ele».</p>	<p>remetendo a um sentido de ser amada.</p>
<p>I – E como é que está a relação?</p> <p>P1 – Está muito melhor. Apesar dele ter tido quedas, mas pronto. Não quer dizer que às vezes a gente não refile. Penso desde que estou na oração a nossa relação está muito melhor. A relação com os meus filhos, eu posso dizer que tenho uma família bem estruturada. E eles percebem que eu estou mais feliz e então eu sou uma mulher feliz.</p>	<p>34. O P1 descreve que a relação com os filhos e o marido está melhor, apesar dele ter recaídas e não participar no grupo, a família começa a ter melhor estruturação e a vislumbrar a felicidade.</p>
<p>Eu digo às pessoas: “eu sou uma mulher feliz porque Deus me ama”. Mas não digo só que sou, eu sinto-me, quer dizer, eu sou, senti-me feliz! Apesar destas doenças. Eu pensava que nunca mais conseguiria aguentar uma crise do meu marido e estou a aguentar, estou a aguentar. Mas sou feliz, apesar de muitas coisas eu estou feliz porque Deus me ama. Eu estou feliz com a família que tenho. E digo: «voltaria a casar com o meu marido», porque muita das vezes eu penso assim «se ele não casasse comigo ele já</p>	<p>35. O P1 afirma-se feliz. Apesar das dificuldades e da doença do marido refere que não o abandona.</p>

<p>teria sido abandonado», talvez não. Pode ser egoísmo da minha parte, mas eu muita vez penso isso, porque, pronto, não tem sido fácil, mas tem muito bom, maravilhoso.</p>	
<p>I – Resumindo, se fosse para pedir um momento mais significativo num encontro, nesse espaço de encontro, qual é que escolheria?</p> <p>P1 – O da oração com o Espírito Santo.</p> <p>I – Oração ao Espírito Santo.</p> <p>P1 – Oração ao Espírito Santo, sim. Quando nós invocamos o Espírito santo. Escolheria, não me importava de lá estar toda a noite.</p>	<p>36. Reafirma que o momento mais significativo no encontro é a oração ao Espírito Santo.</p>
<p>I – E dentro daquele espaço, daquele tempo as pessoas têm alguma importância? Como descreve a vivência?</p> <p>P1 – As pessoas têm importância. A música tem importância. Tudo tem importância. Mas para mim muita das vezes sou eu e Jesus, Jesus e eu. Pronto. Muitas vezes eu sinto que estou sozinha com Jesus. E acho o momento muito bonito.</p>	<p>37. O P1 refere que as pessoas e a música são importantes. O momento de intimidade espiritual e de oração é agradável.</p>
<p>E tem graça, que eu tomo às vezes um comprimido para dormir e há sexta-feira nunca tomo, e durmo uma noite maravilhosa. É a noite que eu durmo melhor é essa sexta-feira porque não preciso de comprimidos.</p>	<p>38. Menciona que quando vai ao grupo nessa noite não tem necessidade de tomar comprimidos, dorme bem e melhor que nas outras noites.</p>
<p>I – Então esse acompanhamento, essa caminha que tem feito tem sido benéfica?</p> <p>P1 – Tem. Muito. Muito, muito. Eu digo e é verdade, e é do coração que digo, se não encontrasse esta família, esta família de oração que eu considero como família, que são a minha família verdadeira, apesar de ter a minha família verdadeira, mas eu gosto deles todos do grupo em si, do grupo que constitui.</p> <p>I – É mais como um grupo de terapia, de encontro, o que o considera?</p> <p>P1 – Considero sim um grupo de terapia de encontro de família. Mas um grupo de encontro de família com Jesus. Portanto, não pode, portanto, Jesus está ali. Não é um grupo de família, sempre que me encontro com este grupo é o meu grupo de Jesus. O meu grupo de família com Jesus. Porque sem ele eu já não consigo</p>	<p>39. O P1 considera benéfica a vivência que tem neste grupo. Considera-o um grupo de terapia, de encontro, de família e R/E com Deus.</p>

<p>viver.</p> <p>I – Poderia considerar o grupo como espiritual, religioso ou terapêutico?</p> <p>P1 – Espiritual, terapêutico e religioso. Eu acho que os três coincidem nesse grupo.</p>	
<p>I – E, por outro lado, digamos assim, quais foram aqueles momentos mais difíceis durante esse percurso no grupo. Se houve alguns contratempos ou dificuldades?</p> <p>P1 – É sempre na sexta-feira que eu me chateava com o meu marido. Parece que havia sempre algo. É sempre quando eu quero ir para esses encontros. Havia qualquer problema, parece que havia tudo para fazer para que eu não fosse, mas eu ia depois. E agora vou, peço ajuda a Deus e vou. Podia haver uma ou outra sexta-feira que não ia que depois chegava lá e sentia-me culpada por não estar com o meu marido.</p>	<p>40. O P1 no dia em que frequenta o grupo encontra contratempos, dificuldades e conflitos com o marido que tenta impedi-la de ir ao grupo.</p>
<p>Mas depois quando eu chegava e pedia tanto a Jesus, que quando eu chegava o meu marido estava calmo. Aconteceu um dia que quando cheguei a casa e fiz a oração ao meu marido, rezei por ele, ele estava a dormir e pus-lhe a mão em cima e ele tirou-me a mão, mas senti que havia algo nele. Ele estava a dormir, coloquei-lhe a mão na cabeça, rezei e ele tirou-me a mão, mas que quem estava a tirar a mão não era ele. E senti um arrepio muito forte. Fez-me um bocadinho de confusão. Um arrepio muito forte, mas depois eu disse: “Oh, meu Deus! Não pode ser. Eu quero continuar a rezar” e continuei a rezar e ele ficou muito sossegado.</p>	<p>41. O P1 utiliza a oração como forma de pacificar o marido, contudo, relata um acontecimento em que ele recusou a oração e deixou o P1 confuso, mas a frequência no grupo tem-no ajudado a contornar estes acontecimentos.</p>
<p>I – E outros aspectos negativos que possa ter encontrado no grupo.</p> <p>P1 – Negativos, não. Não.</p> <p>I – Em comparação com os outros grupos?</p> <p>P1 – Ah, não. Não. Negativos não tenho encontrado nenhuns momentos negativos. Eu sinto-me bem sempre lá, e pronto. E sempre gostaria de estar, não tem nada a ver. Não.</p>	<p>42. O P1 não refere acontecimentos negativos neste grupo, mormente em comparação com outros grupos onde andou.</p>
<p>I – E ajudou na sua vida pessoal?</p> <p>P1 – Ajudou. Eu hoje estou com o meu marido e meus filhos.</p> <p>I – E profissional?</p>	<p>43. Sente-se bem neste grupo que a ajudou na sua vida pessoal e profissional, tem um trabalho</p>

<p>P1 – Profissional também. Eu estou a trabalhar. Antes fui despedida de uma fábrica de costura e agora estou como Auxiliar de Educação. Depois disso tive vontade, ao longo destes quatro anos, estudei, tirei o nono ano, apesar de ser RVCC, mas foi maravilhoso porque foi um ano que andei a estudar. Fiz um trabalho maravilhoso. Recordei toda a minha vida nesse trabalho, pus toda a minha vida nesse trabalho. Tirei o curso de Auxiliar de Educação. Hoje, felizmente estou empregada, puseram-me efectiva. E eu acho que devo isso tudo ao grupo, porque eu também ajudo, portanto, esta oração faz-me transmitir às crianças, porque eu canto muito com as crianças e antes cantava outras músicas que não, tipo daquela musica pimba, que eu hoje, pronto, toda a gente pode gostar e eu respeito toda a gente que gosta. Mas que eu hoje canto outras coisas, outra musica muito mais silenciosa e noto que os miúdos gostam muito de me ouvir a cantar, que gosto de cantar, e antes eles gostavam de ouvir também, mas pronto. Mas eu hoje sinto-me muito melhor e parece que não consigo cantar outra coisa. Estou sempre com um cântico de Jesus na minha boca e as crianças dizem-me: “ó G. tu tens Jesus?” “Tenho. Tenho. E tu também tens!” Tem-me ajudado na minha vida profissional.</p>	<p>estável. Durante este tempo de caminhada com o grupo voltou a estudar e fez progressos nos estudos. Trabalha com crianças, como Auxiliar de Educação, e transmite, pelo cântico e a música R/E, a alegria que encontrou no grupo de acompanhamento psicoespiritual.</p>
<p>I – E a nível social, de amizades?</p> <p>P1 – Social também. É assim, social também porque depois fiz-me voluntária do Hospital Nossa Senhora da Conceição, e então, eu já antes fazia festas, sempre gostei de cantar, andei num rancho folclórico, mas agora o meu canto, ainda hoje por acaso, fui de visita aos doentes a dar-lhe o almoço e estive a cantar, e cantei, depois estava também a dar a Missa e cantei com eles e eles estão sempre desejosos que nós cheguemos lá e cantemos para eles e eu levo-O e depois eu digo-lhe que Jesus está dentro de mim e que levo-lhe Jesus e eles gostam muito. Apesar que há várias condições, há várias pessoas, umas católicas, outras não são, respeitamos todos, mas pronto, e eu levo Jesus. Eu gosto muito, dou, mas acho que recebo muito mais. E antes nunca pensava em ser voluntária de alguém, de algo que me fizesse perder o meu tempo. Quer dizer, gostava de ser voluntária nas</p>	<p>44. A nível social o P1 descreve mudanças benéficas e refere o serviço de voluntariado que exerce no hospital e com os doentes, onde pelos cânticos transmite a alegria que encontrou e testemunha-a pela música religiosa.</p>

<p>festas e não sei quê porque me divertia. Hoje, não. Hoje sou voluntária, mas um voluntariado interior para Jesus.</p>	
<p>I – Como é que se descreveria antes de entrar neste grupo? P1 – Uma mulher alegre, mas uma mulher que interessava-se muito com aquilo que os outros diziam e que às vezes punha-se bonita para que os homens me vissem bonita. E hoje não. Hoje sou muito mais simples. Antes era mais orgulhosa, gostava de mostrar às pessoas que era orgulhosa, que sabia fazer as coisas. Hoje, sinto um orgulho mas um orgulho mais humilde. Faço as coisas por humildade e já me é indiferente. Gosto de conversar com as pessoas e noto que as pessoas gostam muito de conversar comigo porque me sentem mais humilde e elas gostam porque ainda continuo a cantar para as pessoas mais velhas e assim, mas com uma humildade diferente e elas dizem-me assim “como é que tu consegues G.?” e sempre digo: “porque tenho Jesus comigo”.</p> <p>I – Quer dizer que houve uma mudança na sua vida. P1 – Houve. Radical.</p>	<p>45. O P1 descreve-se, antes de entrar no grupo, como uma mulher alegre e bonita para a imagem social. Uma pessoa orgulhosa e exibicionista. Hoje considera-se uma pessoa simples e humilde. A sua alegria é sentida e diferente de outrora. Houve uma mudança radical na sua vida.</p>
<p>I – Ainda há alguma coisa que não tenha mudado e que gostasse de mudar? P1 – O ter mais tempo para as pessoas que precisam de mim, o ter mais tempo livre, porque agora, infelizmente tenho de trabalhar mais umas horitas, porque o meu marido neste momento não trabalha, também não está reformado, não recebe e só eu a trabalhar e tenho um filho a estudar. Gostaria de ter, eu digo, sempre, fazia da minha vida um voluntário para Deus se eu tivesse possibilidades para isso. Tenho pena. Mas um dia talvez.</p>	<p>46. O P1 relata um desejo altruísta de ajudar os outros de modo semelhante como foi ajudada.</p>
<p>I – Acha este grupo benéfico? P1 – É muito. Muito. I – Conseguiria ter ultrapassado as dificuldades senão estivesse neste grupo, por exemplo estar num grupo de psicoterapia ou de ajuda? P1 – Não, Não. Não conseguia. Não conseguia passar, de certeza absoluta. Muitas vezes tenho conversado com muitas pessoas e já tenho levado pessoas também ao grupo que as tem ajudado e têm ficado. Mas não conseguia, eu de certeza que hoje tinha a minha</p>	<p>47. Considera o grupo benéfico e que não conseguiria ultrapassar as dificuldades da sua vida sem este grupo específico. Sem o <i>counselling</i> a nível psicoespiritual prestado no mesmo a sua vida estaria destruída.</p>

<p>vida destruída, de certeza absoluta que se não tivesse entrado num grupo destes.</p>	
<p>I – Quando foi para o grupo tinha expectativas?</p> <p>P1 – Sei lá. Eu tinha expectativa do meu marido melhorar a doença dele. A minha expectativa do grupo era, e depois fui lá com uma expectativa para levar a família toda. O meu filho ainda andou um tempo, gostava muito. Agora, pronto, tem dezasseis anos. A minha expectativa era eu ir sentir-me bem e melhorar o meu marido. Mas, a minha expectativa foi boa, a única que eu gostava era que também a minha família andasse no grupo. Mas eles só vendo a minha mudança “oh, mãe, vai, depois nós vamos”. Mas já tenho a minha filha que anda num grupo de Cristandade que foi devido à minha maneira de ser. Tenho a minha outra filha que anda num grupo coral e elas vêm que a mãe, pronto, e vou conversando com elas. A minha família está estruturada com Jesus. Mas está estruturada mesmo porque já houve alguém que disse: “não larguem a V., que é a minha filha, porque Jesus precisa dela.” Isso para mim foi maravilhoso, se calhar foi um bom exemplo, porque elas hoje dizem-me: “ainda bem que és nossa mãe” e hoje conversando com uma que dizia para deixar o meu marido, ela disse: “ainda bem, mãe, que nós sentimos e estás num grupo de oração e que és assim e que tu mudaste um bocadinho e nós também conseguimos mudar.</p> <p>I – Houve uma mudança no geral para melhor, para pior?</p> <p>P1 – Para melhor. Para melhor.</p>	<p>48. As expectativas do P1 eram de mudar os outros, especificamente, o marido e a restante família. Foi ao reconhecer a ausência de sentido na sua vida e o encontrar-se com o significado da sua existência que deu um sentido à sua família. As filhas procuram grupos R/E idênticos ao da mãe que implementou uma estrutura familiar numa mudança para melhor.</p>
<p>I – No grupo, ajudou o grupo em si como um grupo ou houve ajudas significativas a nível individual? Isto é, a ajuda como terapia psicológica e espiritual foi mais positiva em grupo ou também houve momentos de acompanhamento individual ou particular?</p> <p>P1 – Foi em grupo e em individual. Sempre que ia-mos conversar com alguém do grupo, conversamos e eu sinto que me posso abrir. Sinto que tenho uns segredos que posso conversar com esse grupo à vontade, que eles me ajudam e partilho, e ainda ultimamente partilhei uma mentira que disse ao meu filho, que ainda não lhe contei a verdade mas vou-lhe contar e que me tem</p>	<p>49. Apesar de serem várias pessoas, o P1 sente confiança no grupo como um só, pois partilha com o grupo assuntos pessoais. Refere a importância da escuta em grupo. Salienta a ajuda em grupo em relação à ajuda individual, apesar de reconhecer a existência das duas.</p>

<p>ajudado bastante. Pronto, e eu partilho com o grupo às vezes e converso e gosto muito que me digam se estou bem ou não estou bem e também acho que o grupo nos ouve, nos ouve muito. E quando nós vamos para um grupo de oração estamos à espera que nos ouçam também, e isso também acho que é o principal que ao ouvirmos nós conseguimos deitar cá para fora e depois eles ajudam-nos.</p> <p>I – Na sua experiência a ajuda seria melhor em grupo ou individualmente, um acompanhamento particular apenas, ou acha que é mais benéfico o acompanhamento a nível do grupo com as outras pessoas?</p> <p>P1 – Eu acho que as duas partes se compõem. Temos alturas na nossa vida que é preciso individual, mas acho que o grupo é muito, muito reconfortante, porque sentimos que está ali, que não é só uma pessoa, podemos contar com o grupo inteiro. Isso é muito importante um grupo. A ajuda individual é muito importante, mas como temos as duas no mesmo grupo temos a ajuda individual e temos em grupo. Mas em grupo é muito bom, é muito bom.</p>	
<p>I – Há alguma coisa que gostasse de sugerir, dizer um aspecto negativo ou positivo?</p> <p>P1 – Negativo, não. Positivo gostava de sugerir a todas as pessoas que estivessem neste grupo ou num grupo igual. Isso era o que eu sugeria e sugeria, talvez, que os médicos sugerissem às pessoas, com doentes psicológicos como o meu marido, porque houve uma vez, também, um psicólogo que disse ao meu marido, para ele, se fosse católico que fosse a Fátima. Que ele tivesse confiança em Nossa Senhora fosse a Fátima e se calhar a psiquiatria em vez, se calhar, dar tanta medicação, se tivesse ajuda psicológica e espiritual acho que contava mais porque o meu marido tem tido ajuda espiritual por mim e por o meu grupo, porque sinto que o grupo reza por nós. Tenho sentido isso. Eu noto que nele já não tem aquela, pronto, às vezes pode não estar bem com certas ideias e eu peço no grupo para rezarmos todos e sempre, muitas vezes, quando eu chego ele está completamente diferente. Portanto, se calhar a psiquiatria podia trabalhar a</p>	<p>50. O P1 sugere aspectos positivos como a divulgação a outras pessoas com problemas semelhantes, sugerindo procurarem ajuda num grupo idêntico ao que frequenta. Sugere que os médicos estejam atentos à dimensão psicoespiritual e aconselhem o doente a recorrer ajuda R/E. Menciona que o marido teria melhor recuperação se fosse ao grupo e que ele aceitaria se aconselhado pelo médico, em vez de ser apenas medicação psiquiátrica.</p>

<p>espiritualidade das pessoas e não só nível de medicação. Posso estar errada, mas acho que conta muito.</p>	
<p>I – Se fosse para pedir para dar numa escala de 0 a 20 que nota é que daria a este grupo que está a frequentar? P1 – Eu dava 20. Eu dava 20. Até dava mais de 20.</p>	<p>51. Numa escala de pontuação de 0 a 20 o P1 dava 20.</p>
<p>Eu hoje penso que, só se for alguma força maior é que saio do grupo. Nunca poderei dizer que saio ou não saio, não sei o dia de amanhã, mas eu vivo um dia de cada vez e acho que estes grupos deveriam existir em todas as dioceses. Acho que as pessoas hoje tinham necessidade, têm necessidade de terem um grupo que as possa ajudar, porque as pessoas estão a ficar muito sozinhas.</p>	<p>52. O P1 não tenciona sair do grupo, refere que deviam existir mais grupos para ajudar pessoas que cada vez mais estão sozinhas.</p>
<p>I – Então para resumir e terminar se lhe pedisse uma vez mais qual é o momento, o único, o mais significativo destes encontros comunitários e ajuda psicoespiritual, qual é que diria? P1 –É o momento de oração de encontro com o Espírito Santo. É no encontro com Jesus. Eu Ele. Ele eu, no grupo. É o momento mais importante para mim na oração é o encontro quando invocamos o Espírito Santo que sinto realmente que Jesus está ali comigo e que tenho uma força para continua a semana. Tudo é importante no dia da oração. Mas aquele momento é crucial. Sem aquele momento eu não sei. É maravilhoso. Acho que não consigo descrever. É o momento mais maravilhoso para mim, o momento da oração, realmente, do Espírito Santo, quando invocamos o Espírito Santo para estar em nós.</p>	<p>53. Descreve o evento da oração como o momento mais significativo a oração do Espírito Santo como um momento de encontro pessoal com Deus que promove um <i>empowerment</i> para continuar a semana com mais e melhor controlo na sua vida.</p>
<p>I – Muito obrigado por este tempo que despendeu. Obrigado. P1 – Obrigada eu.</p>	<p>54. O P1 considerou a entrevista benéfica na medida em que testemunhou momentos significativamente importantes para si e que mudaram a sua vida.</p>

P2G1E2F37E

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>I – Muito obrigado por disponibilizar do seu tempo para este trabalho. Há quanto tempo conhece este grupo? P2 – Já há algum tempo, finais de 2010.</p>	<p>1. O P2 conhece o actual grupo desde 2010.</p>
<p>I – E o que a levou a procurar o grupo? P2 – Estava a precisar de um reforçozito e eu lá pensei. Eh pá! O padre F. já me tinha falado de um grupo de oração, deixa-me lá ir. De forma que eu no ano passado e fim de 2010 foi um bocado complicado e dentro dessa lógica eu procurei, de facto, o grupo de oração já em finais de 2010, de...</p>	<p>2. O P2 refere que no ano de 2010 teve dificuldades, estava a passar por momento difíceis e ao ter conhecimento de um grupo de oração, pensou que pudesse ser o momento e local adequado para ter ajuda.</p>
<p>E depois descobri que afinal andava no grupo errado, entre aspas, que era para ser antes à... Porque foi a, eh pá, esqueço-me sempre, a dona F., a dona F. é que me falou: “o quê? Vai à...? Então, vai à... mas o grupo de cura e libertação não é à ... é à...” Eu fiquei assim a olhar para ela, até fiquei admirada porque não me tinham falado nada disso e sabiam perfeitamente qual era o meu problema e que precisava de ser...</p>	<p>3. O P2 frequentou outro grupo antes do actual, mas não correspondia às suas necessidades de cura ou libertação perante o seu problema. Foi uma amiga que alertou que para a sua situação seria outro grupo.</p>
<p>I – Se calhar tinha começado há pouco tempo... P2 – Tinha começado já em finais de 2010. I – Foi desse modo, através dos dias de louvor que chegou a este grupo? P2 – Sim. Sim.</p>	<p>4. O P2 tinha começado a procurar ajuda em 2010. Começou a procurar apoio noutros grupos idênticos antes de conhecer este.</p>
<p>I – Mas havia um problema? P2 – É assim, eu acho que o meu problema tem a ver com aqueles problemas hereditários. Desde que me lembro desde miúda que de repente eu ficava estranha, ficava... só me apetecia dormir. Ficava, faltava-me a força assim de repente, uma coisa impressionante. Lembro-me estar lá em casa de uma vizinha, estávamos lá a brincar, eu e a minha irmã e uma amiga. Estávamos a guardar lá uns miúdos. De repente comecei a ficar com um peso na cabeça, cansada e eu já percebia quando ficava</p>	<p>5. Remete a sua situação a problemas hereditários. O P2 descreve experiências pessoais que têm uma história que decorre desde a sua infância. Para P2 desde a infância que tem sentimentos de estranheza, tem uma vontade quase única de dormir, sentia-se a convalescer e</p>

<p>assim, só me apetecia deitar, dormir e lembro-me na altura como me faltavam as forças deixei cair um frasco de xarope das crianças, que aquilo foi logo assim um drama. E pronto, lá fui eu para casa descansar. Lembro-me desse episódio porque ficou mais marcante.</p> <p>I – Que idade tinha?</p> <p>P2 – Eh pá. Era miudita, tinha... não sei... devia ter, devia andar para aí na 3ª ou 4ª classe.</p>	<p>a perder as forças, enquanto sentia um peso na cabeça. Lembra-se de um episódio particular e marcante, pelos seus oito ou nove anos de idade, onde deixou cair um frasco de xarope quando estava com outras crianças. Estes acontecimentos levavam-na muitas vezes a ter de recolher-se em sua casa.</p>
<p>I – E depois aconteceu mais vezes?</p> <p>P2 – É assim. Tão marcante nesse sentido não me lembro. Não tenho memória disso, não tenho memória disso, porque ali aconteceu mesmo de ter deixado ter caído o frasco da mão, mas de facto, isso acontecia, ia acontecendo.</p>	<p>6. O P2 revela dificuldades em recordar outros acontecimentos concretos na sua infância, apesar de eles terem acontecido.</p>
<p>I – Mas desfalecia, desmaiava?</p> <p>P2 – Não. Não. Não. Nada. Nada. É mesmo aquela sensação, sabes aquela sensação de cansaço de repente que tu só te apetece deitar e descansar, dá-te a sensação de que tu não consegues fazer mais nada. Mas nada de desmaio, perda de consciência nada disso. É mesmo parece qualquer coisa que de repente suga a força, tás a ver.</p>	<p>7. O P2 não perde a consciência dos actos, mas a diminuição da capacidade motora de os exercer. Para ele há qualquer coisa que de repente lhe suga a força.</p>
<p>I – Mas não era nenhum problema físico, digamos assim.</p> <p>P2 – Não. Não tinha nenhum problema. Nada. Nada. Nada. Nada disso. Nada disso.</p>	<p>8. O P2 não atribui ao seu problema uma origem orgânica.</p>
<p>Ãããh... a situação depois, que me lembre, esteve.... Esteve relativamente bem e até... até... ora quando é que eu comecei... Ah! Comecei depois a notar novamente isso mais para aí ter acabado a Faculdade, houve um período, digamos que alguns períodos em que a situação exacerba.</p>	<p>9. O P2 descreve que houve um tempo de ausência dos sintomas até à Faculdade.</p>
<p>I – Volta a acontecer?</p> <p>P2 – Volta acontecer. Ou dores de cabeça muito fortes, ou aquela sensação de repente, de ficar... ficar mesmo prostrada, aquela coisa mesmo de querer descansar a dormir. Nesta, nesta evolução das coisas, é assim... por isso é que eu digo que é um problema que vem detrás e é de família.</p>	<p>10. Mais recentemente o P2 refere acontecimentos com os mesmos tipos de sensações, particularmente, de se sentir prostrado, com dores de cabeça e sem força. Atribui as razões do</p>

	problema à questão hereditária e a questões relacionadas com a família.
<p>I – Já acontecia aos pais, era?</p> <p>P2 – Espera. No sentido de... uma das vezes em que me aconteceu, estava para aí no primeiro anos da Faculdade e como eu tive ali um período, como isto, como isto vai passando por períodos, já não me acontecia há muito tempo. Portanto, eu andava durante o liceu, tudo muito bem. O primeiro ano da Faculdade, ou no segundo ano, lembro-me que houve ali uma fase em que voltou e andei assim.</p>	<p>11. O P2 descreve os acontecimentos ao longo do tempo associado aos estudos: o tempo da escola primária com sintomas, tempo do liceu sem sintomas, tempo da Faculdade com sintomas.</p>
<p>E na altura eu perfeitamente, uma pessoa perfeitamente dita normal, ainda por cima da ciência, quer dizer, estava no curso, não era, propriamente de letras, é da ciência, muito terra-a-terra.</p>	<p>12. O P2 define a sua perspectiva académica e conhecimentos científicos em relação ao seu estado. O P2 é Licenciada em Medicina.</p>
<p>A minha mãe quando me viu assim disse: “vamos ali a uma mulher e ela faz assim uma benzedura, ou lá, lá”. Conclusão, eu fui realmente, foi instantâneo. Eu não ia com expectativas nenhuma, nem algo dentro do género. Portanto, não foi o efeito psicológico da questão. É quase como que se de repente saísse um peso de cima uma coisa instantânea.</p>	<p>13. O P2 influenciado pela mãe procura ajuda nos recursos alternativos populares em mulheres que fazem rezas. O P2 refere melhorias apesar de não os atribuir ao factor psicológico.</p>
<p>A questão ali é que... aquilo de tempos a tempos. Eu agora não sei precisar. Sei que no 1º ou 2º ano da Faculdade andei assim, mas depois fui andando, tu acabas por aprender a viver com as coisas, não é. Pronto, piorou depois quando acabei o curso. Depois estas coisas podem ter a ver com mais <i>stress</i>, eventualmente, não sei, ok. Aí piorou e eu na altura pensei, bem isto não pode ser, quer dizer, porque de vez em quando lá recorria à mulher, mas a situação voltava e voltava-me a sentir prostrada e as dores de cabeça.</p>	<p>14. O P2 tentou adaptar-se ao problema face às possíveis situações psico-sociais e da ajuda recebida de uma “mulher”, mas apenas apresentava melhorias temporárias. O P2 piorou quando terminou o curso. Tinha dores de cabeça e sentia-se prostrado.</p>
<p>Eu pensei, quer dizer, isto não pode ser, não pode ser. Tem de haver uma solução diferente. Mas deixa-me só voltar atrás um bocadinho naquela parte de já ser de família, porquê, porque era isto que a minha mãe conhecia, que é: “Ok. A minha filha não está bem. Em vez de me levar ao padre, em vez de me levar ao</p>	<p>15. O P2 reconhece que aquele recurso não o está a ajudar permanentemente e pondera outras possibilidades mais consistentes e fidedignas, uma</p>

<p>médico leva-me à tal”. Que não desejo mal à minha mãe por isso, nem à senhora, que realmente na altura era a ajuda possível. E realmente ajudou-me, mas eu percebi que não era uma ajuda 100%, pronto, permanente.</p>	<p>cultural/religiosa e outra médica profissional.</p>
<p>De forma que houve um belo dia, isto um sábado à tarde, venho de lá de casa, daquela senhora, lá da benzelhis e estava numa situação, vinha bem, mas estava numa situação de desespero porque sabia que aquilo não era solução. E então foi quase assim tipo em desespero disse, disse em voz alta “ó meu Deus, eh pá, Tu ajuda-me que isto assim não pode ser. Ajuda-me. Faz qualquer coisa, que isto, que eu assim não posso continuar. Ajuda-me”.</p>	<p>16. O P2 sente-se bem, mas percebe que não é a solução do seu problema, o que anula o estar bem, pois não lhe potencia o bem-estar. O que o leva a um apelo intrínseco de desespero e de ajuda religiosa/espiritual (R/E) dirigido a Deus.</p>
<p>Passado uma semana, uma semana, quinze dias, aparece-me o padre F. na consulta. A partir daí, pronto, na maior das descontrações eu perguntei e tal “então e vocês padres como é e não não não. Como é que é essa história de exorcismos e não não não”. Tivemos ali um bocado a falar em que ele... ah, só voltar um bocadinho atrás. Um pouco, um tempo antes eu tinha atendido um outro padre que lhe fiz exactamente as mesmas perguntas que fiz ao padre F., o outro padre negou tudo. Não havia isso de exorcismos, não não não não, negou tudo. O padre F. já foi uma conversa completamente diferente e falou-me então do grupo de oração, do dia de louvor em F. e disse-me que me fazia bem, porque depois, claro, ali não era o momento, ali eu fiz-lhe as perguntas, mas depois fui ter com ele lá à paróquia e tivemos uma conversa e ele disse-me que de facto me fazia bem ir ao dia de louvor. Mas eu ainda estava um bocado reticente, mas aquele desespero era tanto que eu pensei “olha, mal não faz” e acabei por ir.</p>	<p>17. Descreve a resposta atribuída ao apelo a Deus, passado uma semana, no encontro com dois padres, onde apenas um estabeleceu a relação de ajuda ao P2, esclarecendo-o nas suas dúvidas circunstanciais e amenizando as suas ansiedades imprimindo um sentido de resolução ao seu problema no recurso à oração cristã, que levou o P2 a participar no grupo aconselhado.</p>
<p>I – Mas na altura sentia propriamente o quê? Quais eram os sintomas? P2 – Na altura os sintomas era mais físico, era, eram dores de cabeça, era um peso e uma dor de cabeça que vinha assim do nada de repente e era um mal estar, uma coisa que eu não conseguia olhar directamente para a cara das pessoas, porque aquilo era qualquer coisa que me oprimia de forma que eu... me</p>	<p>18. Na altura o P2 sentia a nível físico fortes dores de cabeça. A nível psicológico um mal-estar opressivo. Noutras situações, o olhar desviante, a falta de energia, o isolamento, um estado anémico.</p>

<p>obrigava quase a andar com a cabeça para baixo, estás a ver, pronto, um olhar para baixo, uma dor de cabeça, era um estado mesmo de... neste momento chamo de opressão. Na altura não sabia o que era, pronto. Mas era mais parte do nível da cabeça, falta de energia, falta de... não apetecia falar com ninguém. Não era um estado depressivo, de maneira nenhuma, era um estado anémico. Falta mesmo de força, aquela dor de cabeça, aquilo era...</p>	
<p>I – Depois foi ao grupo? P2 – Comecei a frequentar o dia de louvor em F. É assim, fiquei muito impressionada. O padre F. já me tinha avisado “olha, é assim: tu a primeira vez que fores aquilo tem uma fase que as pessoas estão a cantar é mesmo para estarem descontraídas, para se libertarem”. Portanto, no fundo avisou-me um bocado porque sabia, por um lado deve ter-se apercebido que eu. Enfim, tinha certas reticências, não é. Mas não me impressionou tanto essa parte, impressionou-me mesmo a parte final de oração, mesmo ao Santíssimo e realmente dos milagres que ali aconteciam e eu na altura acreditei logo. Eu achei, pronto, isto é mesmo real, isto acontece.</p>	<p>19. Antes da entrada no grupo actual, participou noutro grupo religioso que lhe despertou um sentido significativo face aos acontecimentos que lá ocorriam, como o cantar e rezar, mas o que a mais impressionou foi a oração ao Santíssimo e os milagres ocorridos.</p>
<p>I – Mas na altura era religiosa ou espiritual? P2 – Digamos que a minha relação com a religião era mais ou menos de pedir quando alguma coisa não estava bem. Eu tinha deixado de ir à Missa já há muito tempo. Apesar de estar em Fátima muitas vezes durante a semana devo dizer que se calhar tinha frequentado o Santuário uma ou duas vezes para por velas por mim ou por alguém, portanto a minha relação com a parte cristã estava um bocado apagada, mas não deixava de pedir em aflição, mas...</p>	<p>20. O relacionamento do P2 com a religião centrava-se no contexto Católico tradicional da procura de ajuda pelas promessas em caso de precisar.</p>
<p>I – Depois desse encontro é que veio a conhecer o grupo de oração de SR? P2 – Exactamente. A partir daí é que comecei a frequentar o grupo aqui em SR. I – Falando agora desde esse tempo o que é que... P2 – É assim... quando eu comecei a frequentar o grupo, digamos que estava numa fase que tinha consciência que tinha, de facto,</p>	<p>21. O P2 descreve que conheceu o actual grupo num momento difícil da sua vida, após ter procurado ajuda noutros grupos e de ter tido alguma ajuda nesses locais, mas que acabavam por desencadear outros problemas.</p>

<p>vários problemas que não conseguia resolver sozinha, de maneira nenhuma, porque neste percurso de avançar eu também tive recuos. Como tive recuos, recuos no sentido de tu acreditas e nem sempre vais pelo caminho certo. Quando tu pensas que realmente neste momento encontraste-te o caminho, alguma coisa te desvia, e eu desviei-me novamente da fé cristã sem saber que o estava a fazer, desviei-me. Ao desviar-me acabei por desencadear problemas na minha vida, alguns que eu considero mesmo muito complicados e graves, pronto.</p>	<p>Há uma emergência de consequências que leva o P2 a procurar um sentido e compreensão do seu estar no mundo. O desconhecimento religioso/espiritual (R/E) leva a práticas com consequências problemáticas.</p>
<p>Portanto, quando comecei a frequentar o grupo estava numa fase também um bocado reticente, primeiro a tentar perceber afinal se era sério ou não era sério. Como a referência do grupo era idónea, portanto, eu a partir daí acabei por me abrir às situações e estar receptiva.</p>	<p>22. Devido aos pequenos progressos, reduzidas melhorias e má experiência noutros grupos, o P2 procurou informar-se melhor da idoneidade do actual grupo, quer por outras pessoas, quer pelos próprios resultados que ia tendo.</p>
<p>Desde que comecei a frequentar, digamos que em cada reunião é uma página virada da minha vida, digamos assim, acaba por ser uma resolução com passinhos de bebé, mas acaba por ser resolução de alguns problemas que eu própria desencadeei por ter frequentado, por ter andado por caminhos errados.</p>	<p>23. O P2 relata que cada reunião é uma ajuda às suas situações problemáticas que adquiriu noutros locais.</p>
<p>I – Andou por outros grupos? P2 – Não lhe chamaria grupos. Eu em 2007, em 2007 fiz uma iniciação em <i>reiki</i>. Na altura disseram-me que aquilo era, pronto, que era bom, e que até se fazia nos hospitais e eu como tinha tido uma experiência muito forte uns dias antes de me falarem nessa iniciação eu achei que tinha de explorar, tinha de explorar aquilo. Não sabia que me estava a meter por caminho errado. Desde então para cá, desde essa iniciação em <i>reiki</i>, tem sido um retrocesso. Portanto, o avanço que eu tinha feito desde que tinha começado a frequentar o dia de louvor em F. tive ali uns tropeções.</p>	<p>24. Depois de ter alcançado algum avanço positivo o P2 descreve que sobreveio um retrocesso após entrar num grupo de <i>reiki</i>.</p>
<p>Por isso, os problemas que eu trouxe para a minha vida desde o <i>reiki</i>, eu comecei a resolve-los quando comecei a frequentar este grupo. E cada reunião é aquele sentimento de mais um passo em</p>	<p>25. Declara que a entrada no actual grupo o ajudou a resolver os vários problemas que foram</p>

<p>frente, mais uma situação que aos poucos e poucos vai sendo resolvida.</p>	<p>surgindo, incluindo os problemas da passagem pelo grupo de <i>reiki</i>.</p>
<p>Mas tenho consciência que não é algo que seja, algo estático, porque, é assim, nós ao darmos um passo em frente nós estamos cá, não é, se nós estivéssemos sempre ali, se eu fosse freira, entre aspas, e estivesse sempre em oração nã nã nã, é pá, estávamos bem, a não ser que o ambiente do convento fosse uma coisa tenebrosa. Mas nós andamos cá, no dia-a-dia convivemos com as pessoas, temos situações, temos dramas. E todos os dias há situações que podem desencadear tipo bola de neve outros problemas e problemas de vários tipos, de várias ordens como toda a gente tem, seja de que género for, seja profissional ou monetário ou social ou amoroso ou o que for.</p>	<p>26. O P2 reconhece que a frequência do grupo o ajuda a ultrapassar as diversas dificuldades diárias.</p>
<p>I – Mas neste tempo do grupo quais foram os momentos mais significativos que vivenciou?</p> <p>P2 – É assim. Houve vários, houve vários, posso dizer que praticamente em todas as reuniões houve ali situações que foram faladas que eu senti que aquilo era para mim. Eu senti mesmo «isto sou eu» «isto é para mim. Este é o meu problema» «este problema é meu». Lembro-me em particular daquele aperto na garganta que eu sentia, que eu ficava afónica. Esse problema vinha desde 2007, portanto estamos em 2012. Isso era um problema real desde a iniciação em <i>reiki</i>. Eu não sei o que é que despoletei que havia algo que tirava-me, ficava mesmo sem voz. Acredita que muitas vezes eu quando queria rezar eu ficava sem voz e não conseguia rezar. Havia qualquer coisa que me tirava mesmo, me bloqueava mesmo as cordas vocais. Eu estava calma não era um espasmo da laringe nem nada disso. Era algo que me oprimia desde fora e numa das reuniões do grupo eu recebi a cura deste problema.</p>	<p>27. O P2 identifica momentos significativos em todas as reuniões, salientando o desaparecimento do bloqueio das cordas vocais, que o impedia de falar. Desde 2007, após ter iniciado <i>reiki</i>, sentia um bloqueio na voz, sobretudo quando tentava rezar, que desapareceu depois ter frequentado uma reunião no actual grupo.</p>
<p>I – Conseguir descrever melhor quando foi esse momento?</p> <p>P2 – Eu tenho isso ali numas anotações. No dia em que foi, não me recordo assim.</p> <p>I – Dentro desse encontro, da sessão, qual foi aquele momento mais significativo que desencadeou essa libertação, essa cura?</p>	<p>28. O P2 descreve que esse momento mais significativo em que se sentiu curada, além de outras situações de cura, aconteceu durante a oração da</p>

<p>P2 – Penso que terá sido... é assim, aquilo segue várias fases de oração. Eu penso que terá sido, terá sido, eu não me recordo, posso ver nas minhas anotações, eu não sei se naquele dia houve adoração ao Santíssimo ou não. Penso que não, que nesse dia não houve, portanto. Terá sido mais naquela parte da oração, da oração em línguas da invocação do Espírito Santo. Penso que terá sido aí, naquela fase de oração mais intensa, penso que terá sido nessa parte. Como todas as outras curas que eu tenho recebido.</p>	<p>invocação do Espírito Santo.</p>
<p>I – E as outras curas, já agora.</p> <p>P2 – Eu tinha outro problema que era uma sinusite que curiosamente me atacava mais uma vez quando eu estava a rezar, perdia a voz e a sinusite me atacava quando eu rezava. Que era uma sinusite que começava literalmente a pingar, mas é aquela situação de ir para garganta, estás a ver. Tinha de me assoar, era assim, parecia mesmo uma fonte a jorrar água, uma coisa impressionante. Assim que eu começava a rezar começava, parecia uma fonte a vir dos meus seios perinasais ou das fossas nasais e ir para a garganta. Não era uma situação de choro, porque há aquelas situações em que a pessoa chora e vão lágrimas pelo canal lacrimal vão para o nariz e acaba por a pessoa ter de se assoar. Não era essa situação. Era uma situação mesmo isolada de sinusite húmida, era uma fonte autêntica. Num desses dias de oração eu recebi, de facto, recebi essa cura. Eu deixei de ter esse problema. Mas era um problema que como aquilo ficou crónico eu acabei por ter problemas nos brônquios. Aquele cansaço, aquela pieira, aquele ronco nos brônquios que comecei a ter de tomar medicações também para isso. Neste momento só preciso de usar um corticoide no nariz de vez em quando, mas nada haver como aquela situação como uma fonte que eu tinha.</p>	<p>29. O P2 descreve uma cura de sinusite abundantemente húmida, com perda da voz. Sobretudo quando o P2 começava a rezar refere que parecia uma fonte a jorrar água das fossas nasais, sentia um cansaço e um ronco nos brônquios. Está a ser medicada. Após a oração no actual grupo apresenta melhorias significativas.</p>
<p>I – E qual foi o momento significativo. Recorda-se?</p> <p>P2 – Esse eu recordo-me, foi quando no final o animador disse que: “há aqui alguém a receber a cura da sinusite.” E disse até uma sinusite que apanha os brônquios e perguntou: “está aqui alguém a sentir alguma coisa?” Eu estava a sentir mesmo nesse momento qualquer coisa aqui no nariz. É uma sensação, quem já sentiu isto, é uma sensação, não é bem quente nem frio, é ali uma</p>	<p>30. Descrição do momento significativo da cura da sinusite que acontece quando o animador anuncia a cura, sendo esta percebida, e acompanhada de alguns sinais sensíveis semelhantes a um vento suave.</p>

<p>sensação quase como tipo um vento, qualquer coisa. Uma sensação ali assim tipo um sopro, qualquer coisa ali, naquela zona.</p>	
<p>I – E outras... há mais?</p> <p>P2 – E outras... concretamente neste grupo, ao longo do tempo aqui... Deixa-me ver... eu para aí em... estamos em Março, eu em Janeiro, para aí em Janeiro, finais de Janeiro andava com uma grande ansiedade, uma coisa impressionante, que não estava bem de maneira nenhuma. Era um aperto no peito, uma coisa, não estava mesmo, não me sentia, era mesmo uma coisa. Não me sentia bem de maneira nenhuma, pronto. E eu recebi também a cura dessa situação e num dos dias foi dito: “há aqui alguém que sofre de problemas de ansiedade” eu de facto deixei de ter, a partir desse dia deixei de ter esse problema. O <i>stress</i> é o mesmo, continuo a ter o mesmo <i>stress</i>, as mesmas preocupações, as mesmas responsabilidades, portanto esse problema já lá vai. Depois ainda há outra situação a nível de gastrite. Eu não sei se tenho gastrite se não tenho. Que é certo de há uns tempos para cá cada vez que comia, cada vez que comia ficava com dores no estômago ao ponto de isto começar a ser um bocado complicado. E eu penso também ter recebido essa cura. No entanto, de vez em quando de manhã em jejum ainda tomo aqueles comprimidos protectores gástricos, mas nunca mais tive aquelas dores fortes no estômago de não conseguir aguentar nada da comida só mesmo comer uma canjinha que era a fase em que eu já andava.</p> <p>I – Quer dizer que foram várias situações.</p> <p>P2 – Foram, foram várias situações entre outras.</p>	<p>31. O P2 relata, além de existirem outros, mais dois acontecimentos significantes relacionados com a sua cura: um a cura de ansiedade; outro as dores de estômago que até a comida as provocavam. O momento significativo da cura é declarado por alguém que diz que a pessoa está a ser curada do seu problema.</p>
<p>I – Este grupo ajudou?</p> <p>P2 – Sim, sim. Era mesmo aquilo que eu estava a precisar.</p> <p>I – Mesmo em situações que se manifestam fisicamente, outras mais psicológicas e algumas espirituais?</p> <p>P2 – Sim. Sem dúvida.</p>	<p>32. O P2 confirma que este grupo a ajudou nas dimensões física, psicológica e espiritual.</p>
<p>I – Dentro desses momentos qual foi o momento mais significativo que pode desencadear o processo de ajuda? Dentro das várias fases, desde o começo, a animação, o encontro. Qual é o momento mais significativo que potencia, desencadeia esse</p>	<p>33. Para o P2 o momento mais significativo que desencadeou o processo de cura e/ou de ajuda, dentro de cada reunião, foi o de</p>

<p>processo?</p> <p>P2 – Se queres que eu te diga isso é uma coisa que eu não sei explicar, porque é assim, eu desde que, desde do início da reunião até ao fim que eu sinto, vou sentindo várias coisas. Por isso eu não sei explicar exactamente em que momento, mas volto a afirmar que eu penso que a fase mais, digamos assim mais importante, não lhe chamaria importante, significativa será mesmo aquela fase de meditação em que a pessoa está, está a orar, está a orar ao Espírito Santo e está no fundo a pedir, a pedir por si e pelos outros a cura, o amor de Cristo está realmente receptivo, receptivo a receber, porque nós vamos ali para receber.</p>	<p>oração mais intensa com a invocação do Espírito Santo, sentindo o seu amor.</p>
<p>I – E acha que não receberia isso noutra grupo, com outro tipo de dinâmica, digamos assim, por exemplo, aquele grupo poderá ser considerado como um grupo psicoterapêutico?</p> <p>P2 – Sim, sim. Sem dúvida.</p>	<p>34. O P2 considera que o grupo também tem uma componente psicoterapêutica.</p>
<p>I – E poderá ter vantagens em relação a outro grupo psicoterapêutico que sem a componente psicoespiritual poderia produzir os mesmos efeitos?</p> <p>P2 – Não. Não. Não, de forma nenhuma. Não. Não. Não. Nada a ver. Não, porque o grupo psicoterapêutico sem a componente espiritual não tem nada a ver. No fundo é estarem ali a falar da vida uns dos outros e estarem a seguir umas <i>guidelines</i> que aprenderam nos cursos de psicologia, faz assim, faz assado. Não quer dizer que isso não seja bom e não seja importante. É quase a conversa de café entre amigos, desculpa lá, pronto, és de psicologia, mas isso faz parte é da psicologia ao funcionar no dia-a-dia, aquela palmadinha nas costas, eh pá, tu vais conseguir e tal nã nã nã, pronto. As pessoas falarem dos problemas, mas sem a componente espiritual não tem este poder, esta força, esta dinâmica e esta... e esta... como é que... eu não queria chamar energia, falta ali, nesses grupos falta o amor de Cristo, falta a força, neste caso o Espírito Santo, que eu acredito.</p>	<p>35. Em relação a outros grupos, que o P2 já frequentou, refere que a componente psicoespiritual é importante, não como uma componente técnica associada ao espírito, mas numa relação R/E, sobretudo, a dimensão espiritual do presente grupo que promove uma força geradora de mudança na vida que o P2 distingue como o amor de Cristo e a força do Espírito Santo.</p>
<p>I – Quer dizer que o grupo foi benéfico?</p> <p>P2 – Sim, sem dúvida.</p> <p>I – E está a ser?</p> <p>P2 – Sem dúvida. Está a ser e continua a ser.</p>	<p>36. Numa perspectiva temporal, para o P2, o grupo foi, é e continua a ser benéfico.</p>

<p>I – Numa escala de 0 a 20 qual era a pontuação que dá ao grupo? P2 – A pontuação. Eh pá está para aí nos 19.</p>	<p>37. Numa escala de avaliação de 0 a 20, o P2 avalia com 19 pontos.</p>
<p>I – E já agora, o grupo é em grupo, mas é preferível que seja a ajuda em grupo ou é preferível que seja individual ou tivesse as duas componentes, ou numa perspectiva de ajuda psicoterapêutica, é preferível continuar em grupo ou mais individualmente com cada pessoa, na sua perspectiva? P2 – É assim, na minha perspectiva eu penso que é mais benéfico em grupo. No entanto, não é de todo descabido pontualmente para quem precise de falar, não é, no fundo é quase o que estamos aqui a fazer, eu vou ao grupo já há bastante tempo e eu nunca tive esta conversa. Portanto, eu estou lá, tenho problemas ou que estou lá para ajudar alguém, mas nunca tive esta conversa. Até ao dia de hoje fazia uma pequena ideia de problemas que eu teria, mas não assim tão específico. I – É importante uma parte em grupo e uma parte individual? P2 – Sim. No entanto eu penso que a nível de resultados a dinâmica do grupo acaba por ser mais facilitadora porque a pessoa acaba por se desprender e por estar, vamos lá ver, por ser mais positivo no sentido de puxar-mos uns pelos outros. Vamos daí, vamos embora e tal, ri-te, anda, salta. Agora, dois a dois é diferente. Mas não deixa de ser importante a conversa <i>tête-à-tête</i>.</p>	<p>38. Reconhece os momentos individuais importantes no seu processo de mudança de vida, apesar do P2 preferir as reuniões do grupo em grupo, porque permite uma relação de estímulos de inter-ajuda com melhores resultados.</p>
<p>I – E a outra parte mais dolorosa, mais difícil que possa ter encontrado, experienciado neste tempo no grupo. A parte mais difícil, mais problemática que possa ter causado algum sofrimento, se houver. P2 – Não estou a ver assim nada, não. Não. Não me ocorre assim nada. I – Efeitos negativos, digamos assim. P2 – Efeitos negativos... não... não. Houve um dia em que eu cheguei a casa e passei a noite toda, o meu cérebro não parou e estava sempre a dizer uma frase, uma música que foi lá cantada “ninguém te ama como eu te amo” e eu naquela noite não descansei 100% porque o meu cérebro estava sempre a dizer isto. É quase como quando tu tens um exame no dia a seguir e a tua</p>	<p>39. O P2 não refere efeitos dolorosos, difíceis ou negativos ao longo da participação e acompanhamento no grupo, apesar de referir que numa noite teve alguns sintomas de insónia e pensamento ruminante acerca de uma música cantada no grupo.</p>

<p>cabeça está a rever a matéria dada, foi mais ou menos assim. Mas era a cantar, estava a cantar (risos).</p> <p>I – Então em princípio não foi assim tão negativo?</p> <p>P2 – Não foi, mas também não estava assim a 100%. Não foi muito negativo, mas assim não me ocorre assim mais nada, não.</p>	
<p>I – Alguma sugestão ou conselho para melhorar?</p> <p>P2 – Eh pá, isso é difícil, então, isso é difícil, para melhorares o 1% que falta, também não podes ter 20. É difícil chegar aos 20%.</p> <p>I – Às vezes pode sempre haver alguma sugestão.</p> <p>P2 – Assim... de repente que me ocorra nenhuma... não me ocorre nada.</p>	<p>40. O P2 não menciona qualquer conselho ou sugestão.</p>
<p>I – Quer dizer que teve impactos benéficos na sua vida a nível pessoal, a nível familiar, profissional e social?</p> <p>P2 – Sim. Sem dúvida nas várias facetas da dimensão humana, teve. Claro que é uma luta diária. Não quer dizer que amanhã não tropece, entre aspas, e não venha a ter... isto a vida é mesmo assim, mas é uma grande ajuda sem dúvida e nós acabamos por...</p>	<p>41. O P2 concorda que o grupo teve impactos benéficos nas várias dimensões da sua vida e é uma grande ajuda.</p>
<p>em vez de ficarmos rancorosos e fechados para dentro, nós conseguimos, sem grandes alarido resolver estes nossos problemas. Aqueles problemas que nós temos cá dentro, que desencadeiam depois outros. A maior parte dos problemas das pessoas são elas que os provocam conscientemente ou inconscientemente, não é. Muitas vezes a pessoa é que não está bem, não é a situação, a pessoa não vê as coisas é com os olhos como deve ver, se a pessoa não está bem, não está nada bem. A maior parte das vezes é o interior da pessoa, aquilo que vai lá dentro, são aqueles pensamentos negativos, é aquele problema mal resolvido com fulano A, fulano B e depois a pessoa tudo é um problema, tudo é um problema.</p>	<p>42. Descreve problemas psicossociais, conflitos internos que se apresentam no quotidiano das pessoas e que procura uma resposta, para as situações que se apresentam, numa aproximação existencial das vivências humanas.</p>
<p>E é no fundo isto, o grupo ajuda de facto esta componente psicológica também, porque ajuda a descobriremo-nos enquanto ser humanos, enquanto pessoas, enquanto seres completos e complexos e ajuda-nos ir tirando as pecinhas e a ver onde está o problema. Nós no fundo acabamos por ficar desarmados, porque é uma coisa nós e Deus. Nós acabamos por conseguir ver onde é que está o problema. Eh pá! Afinal isto não é assim tão</p>	<p>43. O grupo ajuda o P2 a ver os problemas tais como são e como eles surgem perante o seu conhecimento, numa perspectiva humana que procura o sentido de pessoa enquanto seres em relação com os outros e com</p>

<p>complicado, afinal é por aqui. Este é o problema, é esta situação, não é o cão do vizinho ou o vizinho não sei quê, se calhar sou eu que não estou bem, estou picuinhas porque isto ou porque aquilo, situações às vezes já vêm de muito de trás, não é, situações mal resolvidas. A pessoa vai ficando ou fica rancorosa ou fica frouxa ou fica o que for, pronto, digamos assim.</p>	<p>Deus. Reconhece a responsabilidade das escolhas perante os problemas e na sua relação com o mundo que o rodeia.</p>
<p>I – Então quer dizer que o grupo é para continuar? P2 – Sim é para continuar. I – E é aconselhado? P2 – É aconselhado.</p>	<p>44. O P2 pretende continuar no grupo e aconselha-o.</p>
<p>I – Muito obrigado pela entrevista. P2 – De nada.</p>	<p>45. O P2 agradece a reflexão destes acontecimentos proporcionados pela entrevista.</p>

P3G2E3F60I

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>I – Quero agradecer este tempo que disponibilizou para esta entrevista. Há quanto tempo conhece este grupo que frequenta?</p> <p>P3 – Comecei há treze anos.</p> <p>I – Treze anos, já é uma longa caminhada.</p> <p>P3 – Já é uma caminhadazinha, comecei há treze anos.</p> <p>I – Quem é que indicou o grupo?</p> <p>P3 – O grupo foi a C. N. quando veio o padre F. com a vinda do padre F. veio com a C. N. vieram para A. E eles iniciaram logo. Vieram, quer dizer, entre aspas, passaram pela C. mas vinham sempre aqui. E então foi aí que começou. E eles começaram a despertar assim... a avivar mais.</p>	<p>1. O primeiro contacto com o grupo foi há 13 anos através de outro grupo convidado pelo pároco local.</p>
<p>I – Na altura era uma pessoa espiritual, religiosa?</p> <p>P3 – Era. Fui sempre desde criança, porque tive uma educação religiosa muito exigente. Porque a minha mãe, aqui não ia ninguém para a cama sem antes rezar o Terço, fosse de manhã ante de se levantar ou antes de deitar. E além do Terço tínhamos as nossas orações da manhã e da noite. Quando entrei a ser assim jovem rapariga havia os bailaricos da época, da época que era, por exemplo, nos casamentos e era só isso que era à noite e aqui na nossa terra e eu gostava muito dançar e ela «sim senhor» mas primeiro tínhamos de fazer o trabalhinho todo e depois de tomar banho e quando... a gente já sabia, já contava com aquilo, mas pensávamos que ela já estava esquecida, «vá, agora vão rezar o terço».</p>	<p>2. O P3 é uma pessoa religiosa de longa data pela condição religiosa cultural. Refere que os pais o impeliam às orações diárias.</p>
<p>I – Mais perto deste encontro, o que é que a levou a procurar este grupo?</p> <p>P3 – Fui levada, não sei bem, mas acho que foi pelo Espírito Santo. Porque não foi a convite de nada. Começaram a anunciar e eu comecei a ir, comecei a ir, mas estas minhas participações em várias actividades e a fazer, várias actividades dentro da Igreja foi depois da vinda do padre F. porque aqui tínhamos uma comunidade fechada. Era a Eucaristia e sempre participamos no</p>	<p>3. O P3 descreve que o conhecimento do grupo foi natural, por participar nas actividades da igreja. Não foi especificamente dor, doença ou sofrimento, apesar de ambos estarem presentes na sua vida.</p>

<p>Terço, fui sempre, sempre. Eu casei com um homem que era maravilhoso éramos só eu e ele de casal que estávamos no Terço no Domingo à tarde, pronto, sempre foi assim.</p> <p>I – Foi algum sofrimento, dor ou doença que a levou?</p> <p>P3 – Não, mas tive, passei por muitas, muitas, muitas dificuldades. Se não fosse a fé enraizada que eu tinha em Deus eu não conseguia, porque muita gente dizia, vinha-me ver e dizia assim: “eu não sei. Tu estás nesta situação e cheia de alegria e na minha casa nem consigo vir ver-te de mágoa, de raiva, de revolta.” Tenho uns amigos em C. que vieram umas vezes para me verem e não foram capazes porque revoltados com Deus, o que me fizeram.”</p>	
<p>I – Tinha muito sofrimento na altura?</p> <p>P3 – Tinha muito sofrimento. Por exemplo, quando perdi o meu marido. Tinha uma menina adoptada, adoptada não, de 8 anos, em adopção. Tínhamos acolhido a menina. Estava tudo a ser tratado durante 3 anos. Depois o irmão quis vir para junto dela e 4 meses depois o meu marido faleceu.</p> <p>I – Foi há quantos anos?</p> <p>P3 – Isto já foi há 17 nos. Foi uma dor imensa. A minha mãe estava num semicomá. Eles todos necessitavam de mim e eu pensava que o mundo ia desabar, eu sem o meu marido não era ninguém porque ele era o meu braço direito e eu o esquerdo. Apesar de ser uma mulher activa eu tinha a minha vida, eu trabalhava noite e dia no salão de cabeleireiro, mas a força que ele me dava era como a que eu sinto agora que vem do céu, afinal nem preciso do meu marido para nada. Quer dizer...</p> <p>I – Claro, compreendo...</p> <p>P3 – Preciso de tudo...</p> <p>I – Nessa altura a perda dele abalou-a.</p> <p>P3 – A perda, não faz ideia. Mas não foi isso que me deixou revoltada. Nunca. Pelo contrário. Pelo contrário, fez-me agarrar mais a Deus, porque foi aí que eu compreendi que Ele me amava ainda muito mais, porque veio trazer-me um sofrimento tão grande, tão grande, mas tão grande que eu pensei que aquela veia que ia sustentar a minha vida tinha sido cortada.</p>	<p>4. O P3 descreve o sofrimento da perda do marido há dezassete anos, após a adopção de uma menina e um menino. O sofrimento foi suprimido pela analogia religiosa agarrando-se mais a Deus.</p>

I – Esse sofrimento traduzia-se em quê? Problemas físicos...

P3 – Fui-me abaixo, fui-me abaixo, muito... fisicamente. Espiritualmente era uma força interior. De qualquer maneira não tive resistências para não cair.

I – A nível psicológico como é que ficou? Tristeza, depressão...

P3 – Durante três anos não desejo a ninguém a saudade. Eu não sabia que gostava tanto do meu marido. Eu não sabia que gostava tanto dele. Só depois de eu o perder... dele partir é que descobri que gostava demais dele. E aí foi... era duro viver cada noite, cada dia, cada hora, cada momento, como é que vai ser a minha vida. Eu questionava-me. Eu perguntava porquê? Porquê? E ao fim de três anos pensei e foi através da C. N. São perguntas que não se devem fazer porque a gente nunca vai ter resposta. Então, o mais que temos é que acreditamos que para além da morte, do corpo, existe a vida eterna, que mais queremos? Acabou o sofrimento dele. Então comecei a louvar a Deus e a agradecer «obrigado, Jesus, porque tiras-te o meu marido deste sofrimento. Deixaste-me a mim porque achas que eu tenho força para lutar». E cada vez tinha mais força. E tinha uma empregada na altura, como eu disse a minha mãe estava acamada e o meu marido tinha dito à minha irmã que «a minha mulher não aguenta com esta cruz, porque é durante o dia trabalhar todo o dia. Estar a acompanhar as crianças, estar a acompanhar», porque ele estava em Lisboa, trabalhava na CP, só vinha ao fim-de-semana, «e de noite está toda a noite com a mãe. Ela dá em maluca, ela não aguenta». Mas eu era tudo com tanto amor que eu não dava conta que não aguentava, eu acho que ia aguentar ainda com muito mais. Ela resolveu e falamos, arranjamos uma mulher diária. À noite ela ia embora, mas durante o dia sempre acolhia as crianças. Ela dizia que não sabia, que nunca viu uma coisa assim. Eu chorava muito às escondidas. Ao pé das pessoas eu tinha a força toda do mundo, mas eu tinha necessidade também de chorar. E para não dizer que não chorei era mentira. Chorei muito depois de ter as crianças na cama, depois de lavar a minha mãe, de a por sequinha na cama também e acabar o meu trabalho por aí onze e meia, meia-noite eu ia para aquele cabeço e gritava tanto, tanto.

5. O sofrimento do P3 traduzia-se pela saudade do marido. Esta perda foi colmatada pelo sentido da supressão do sofrimento daquele que partiu para Deus e na força que Deus dá a quem ficou, pois descreve-se como uma pessoa que trabalhava, e cuidava da mãe doente. Mostrava-se forte perante os outros, mas a dor interior permanecia levando-a a chorar e gritar na solidão do monte e da noite.

<p>Mas foi durante estes três anos.</p>	
<p>Apesar de eu ter fé, também me faziam rasteiras, porque eu queria ter fé plena, uma fé completa, e não tinha. Eu pensava que tinha, mas depois tinha que chorar é porque não tinha.</p> <p>I – Era o sofrimento, a dor.</p> <p>P3 – O sofrimento, a dor. Depois de conhecer então a C. N. falou-se muito sobre o luto, sobre o sofrimento e comecei a ver. Alto! As lágrimas são necessárias, a gente tem de chorar quando tem necessidade, mas não com aquela angústia e com aquela tristeza. Então a partir daí é que eu comecei a louvar a Deus pelo sofrimento «obrigado, porque foi a mim que tiras-te o marido, porque se fosse a outras mulheres nesta altura já estavam noutra vida e tu não quiseste tirar às outras porque elas se calhar não iam pelo caminho que estou a ir, não aceitavam o sofrimento porque eu tinha o marido melhor do mundo e ele é teu, emprestaste, obrigada pelo tempo que me emprestaste.»</p>	<p>6. O P3 procura na fé a força para ultrapassar os problemas da vida e questiona-se acerca da fé. O sofrimento e a angústia são aceites como benéficos porque estão congruentes com a prática religiosa e o P3 passa a louvar a Deus pelo sofrimento dando-lhe uma dimensão libertadora.</p>
<p>I – Nessa altura procurou outra ajuda para conseguir ultrapassar o sofrimento?</p> <p>P3 – Médicos?</p> <p>I – Médico, Psicólogo ou a nível espiritual?</p> <p>P3 – Psicólogo, não, não, não. Espiritual... era a minha oração, era eu própria ir ao grupo e acolher e meditava e lia a palavra e era na Bíblia que eu encontrava a força, vinha sempre, onde andei muito tempo e falei com a M. “tens de vir aqui explicar o que quer dizer isto: eu abro a minha Bíblia e vai-me ter sempre à mulher adúltera. Passa-se aqui alguma coisa. Qual é a mensagem?” Porque eu não a entendia. Porque não era isso que estava a acontecer comigo, e ela disse: “mas tu estás a tornar-te adúltera porque estás ser egoísta, choras pelo teu marido, querias aquilo que pertence a Deus, o teu marido. Os desígnios de Deus não é para a gente, são insondáveis, não são para a gente. Temos que aceitar de braços abertos e tu é nesse campo. Não é porque estás a cometer adultério com outro homem.” Então ia ter sempre ali, ela explicou-me por palavras que eu, também já estou cansada da minha cabeça, e eu comecei a entender, então espera aí, se calhar estou a violar os desígnios de Deus. Quando me chamou o</p>	<p>7. O P3 para ultrapassar o sofrimento não procurou ajuda no Médico ou no Psicólogo, mas na ajuda religiosa / espiritual (R/E). Esta ajuda espiritual é descrita pela interpretação de uma palavra da Bíblia que remete à mulher adúltera, considera-se adúltera porque não se liberta da perda do marido. A oração e a perspectiva religiosa leva-a a ponderar no seu estado face ao que é a vontade de Deus para lhe dar um sentido de vida sem o marido.</p>

<p>marido é porque chegou a hora. Estava assim e é assim. Quando me tirou o filho quando o vieram buscar durante quarenta dias, o F., um menino de seis anos, foi outra... eu durante quarenta dias e quarenta noites não dormi, se dormi, não sei, sentada a rezar, com a almofada atrás, rezava, rezava. E não precisava nada do menino. Isto foi logo dois anos depois do meu marido falecer. Eu não me chegava, mas eu tinha tanta fé que a minha arma não era um Psicólogo, nunca fui a um Psicólogo, fui ao doutor da Igreja, fui ao Doutor lá de cima.</p> <p>I – Mas procurou ajuda médica?</p> <p>P3 – Não. Qual ajuda médica. A ajuda médica era sempre, era sempre a minha Bíblia e o meu Terço, a minha oração, a minha... o meu remédio está, de vez em quando, de vez em quando levo assim umas, o ano passado tive uma grande depressão, pronto já estou a dar um saltinho. Tenho apanhado muito e às vezes vou-me abaixo, porque são muitas, muitas, muitas, muito trabalho, a idade já são quase sessenta anos. Não são, eles não vieram assim «olha minha filha dou-te sessenta anos de vida e vais ser uma rainha».</p> <p>I – Quer dizer que foram muitos sofrimentos, dificuldades na vida?</p> <p>P3 – Sim. Dificuldades, mas sempre ultrapassadas com um sorriso nos lábios.</p>	
<p>I – Diga-me agora uma coisa, depois de encontrar este grupo, digamos que foi depois desse sofrimento, durante, como é que chegou a este grupo de ajuda?</p> <p>P3 – Cheguei... eles é que vieram, eles vieram ao encontro. Eu procurei porque fui, fui impelida, o padre avisou do altar abaixo para toda a gente. Nem todos foram e muitos que foram desistiram e ficou meia dúzia, não sei se vivem todos com a mesma... eu para toda a gente, para toda a gente sou uma mulher diferente e quando me vêem com um ar menos normal toda a gente me telefona «o que é que eu tenho. O que é que se passa comigo.» E é engraçado que há coisas que eu quero disfarçar e não consigo, porque não sou Deus, não é? Porque no meio desta caminhada toda, que é longa e tortuosa, longa e tortuosa, não faz</p>	<p>8. O P3 descreve que foi o grupo, pelos seus elementos, que foi ao seu encontro e de outras pessoas, mas a maioria não ficou no grupo.</p>

ideia.	
<p>Porque depois foi com o menino com oito anos de adopção, a minha mãe depois teve <i>Parkinson</i> durante vinte e cinco anos e doze anos a fraldas e fugia-me e eu no outro dia... foi uma vida um bocadinho dura. Depois o meu sogro adoece e tive que o trazer para cá porque ele me pediu, pediu a uma vizinha se eu o aceitava cá. Só tinha outro filho, mas que ele não, não queria ir para lá. Eu fui lá buscar o meu sogro. Ele vinha maluquinho de todo. Só falava na gare de <i>Austerlitz</i>, que era em França, e o médico dizia-me assim: “trouxeste para aqui uma grande carga de trabalhos”. Foi mais um gosto, foi mais uma alegria. Ao fim de quatro anos ele era um homem normal. Com o cancro de próstata, esse continua, mas o resto dos atrofiamentos, porque era o medicamento que ele baralhou aquilo tudo e depois foi-se assim abaixo. Foi o meu cunhado a ameaçar-me de morte. Não queria, inclusive acusou-me que eu estava amantizada com o meu sogro. Isso não me afectou nada, nem de longe nem de perto. Até que não me aproximasse lá da terra porque ele tinha uma espingarda com não sei quantas balas para me matar. Porque esses filhos que estão aí, enquanto o meu marido foi vivo ele dava, gostava muito da menina, «ai M. se alguém te vier buscar estes filhos, eu...» Mas depois a alegria deles foi saber que o tribunal não fez nada e que era tudo deles, então eu... pensavam nos bens, eu como nunca pensei nos bens.</p>	<p>9. O P3 voltou a descrever aspectos vividos do seu sofrimento ao longo da vida, tal como o cuidar da mãe e do sogro, ambos idosos, ameaças de familiares, problemas de bens.</p>
<p>I – Fale-me agora um bocadinho mais do grupo, de quando entrou, deste aqui ultimamente?</p> <p>P3 – Do grupo. Este grupo foi logo quando a Comunidade, a Comunidade C. N. foi para, se instalou em Fátima eles disseram: “vocês agora já sabem beber o leitinho pelas vossas próprias mãos.” Criaram, preparou-nos aqui um pequeno núcleo que tem sobrevivido, são meia dúzia, são meia dúzia. É uma dúzia é uma dúzia, chegam às vezes a ser trinta, depende também das alturas, estamos ali e é uma alegria. Vamos reforçar lá. Eu acho que vamos então pedir e louvar a Deus por tudo. Cada um dá o seu testemunho, e lá vamos.</p>	<p>10. O grupo foi incentivado por uma primeira comunidade com experiência em grupos R/E, levando à autonomia do actual grupo, entre 6 e 30 pessoas, que se congrega para partilhar o testemunho da vida, pedir ajuda nas dificuldades, para louvar a Deus e saírem revigorados.</p>
<p>I – Dentro desse tempo, durante o ano, quais foram os momentos</p>	<p>11. Para o P3 os momentos mais</p>

<p>mais significativos que aconteceram nesses encontros comunitários de <i>counselling</i>, de ajuda?</p> <p>P3 – Na minha vida?</p> <p>I – Sim. Dentro do grupo quais foram os momentos mais significativos para si? Descreva esses momentos.</p> <p>P3 – Então, nos últimos, no último ano os momentos mais significativos...</p> <p>I – Desde que entrou no grupo aqueles momentos mais significativos?</p> <p>P3 – Foi quando eu vi o meu filho perdido. Perdido na má vida. Perdido... ele... estava perdido, estava perdido. Três meses andou perdido, e então, eu expus o meu problema, porque eu acho que uma comunidade, um grupo, deve ser uma família, e a família é para se ajudar uns aos outros. Ali não é com comida, não é... é mesmo com a oração. E essa, eu acho que essa oração comunitária tem muita força, tem muito poder. Um só a rezar é uma coisa, e vários. Esses momentos foram marcantes.</p>	<p>significativos têm a ver com a ajuda do filho, pois está “perdido” na má vida. O grupo é considerado como uma família para se apoiarem com a oração que tem força e poder de ajudar.</p>
<p>Porque depois telefonavam-me “como é que estão as coisas? Eu estou a rezar.” E foi maravilhoso. Um dia que rezávamos. Porque ele próprio dizia: “vai a um padre. Vai rezar por mim mãe.” Fui a única vez que ele me falou bem. “Reza por mim, mãe. Se achas que ando no mau caminho, reza por mim.” E eu... não, não fiz caso, rezava eu. Um dia pensei «não, não estou a conseguir sozinha. Deus está a pedir-me mais.» Eu tenho que pedir. Porque quando os outros me pedem a mim de Coimbra, de Lisboa, daqui e a dali “eu tenho este problema, reze.” Então e eu não peço para rezarem por mim, porquê? Eu também preciso. Eu sou fraca. Estou a fraquejar. Porque eram todas as noites que ele só aparecia à hora de levar o saco tomar banho e ir embora e eu então pedi e um dia quando rezamos a minha filha manda-me uma mensagem “mãe, recebi agora uma mensagem do E. eu acho que ele acabou tudo com a A.” eu disse assim: “Oh, filha! Oh, filha! Depois se vê. Eu tenho fé que ele vai reconhecer, eu não lhe vou dizer mais nada.” Ela quando chegou “olha, lê a mensagem.” E então ele próprio “maninha, quero pedir desculpa, quero-te pedir desculpa a ti e à mãe por tudo o que tenho feito. Porque abandonei a minha</p>	<p>12. O P3 refere que o próprio filho pediu ajuda pela oração a um padre. O P3 refere que a oração em conjunto uns pelos outros produz mais efeito. Acontecendo o filho deixar o namoro e reconhecer o abandono da família e o seu comportamento inadequado.</p>

<p>família, fui otário.” Ele chamava-se tudo a ele próprio, tudo. E ela depois disse que ia, que não era a ela, era a mim que tinha de pedir desculpa. Mas ele nunca o fez directamente, mas eu aceitei. Mesmo assim foi maravilhoso, foi uma graça que me veio.</p>	
<p>I – Esse acontecimento foi durante a oração? P3 – Durante a oração, durante a oração do grupo e também do padre F., também com o padre F. O padre F. quando lhe contei ele dizia “deixa andar o rapaz. Vamos rezar por ele. Todos vamos rezar que ele vai voltar.” Foi logo nessa tarde. I – Foi nessa tarde que houve a mudança? P3 – Nessa tarde que houve a mudança.</p>	<p>13. O momento significativo acontece durante a oração, no diálogo com o padre e na entrega da situação.</p>
<p>I – Houve outros momentos significativos? P3 – Significativos, houve muitos. Houve muitos marcantes na minha vida. Tantos, tantos. Quando me levaram o menino, quando levaram o menino o Ministério Público, estava todo o processo, estava no Ministério Público, e eles levaram o menino, porquê? Porque queriam uma mota, que eu lhe desse uma mota, o amante da mãe. E eu não podia aceder a essa chantagem. Nem tinha meios, nem podia, nem devia. Eu ia lá era o que eles me aconselhavam “você pode ir comprar comida para aquela gente, mas dinheiro nunca dê.” Eu ia lá e gastava aos cinquenta contos, naquele tempo, para deixar comida para aquelas crianças todas e para gente... mas de resto não. Então ele ameaçava-me que havia de correr muito sangue. Ele nem sabia onde eu morava, mas veio cá ter de táxi e levou-me o menino. Eu tinha contado isto lá ao delegado, ele disse: “quando isso acontecer você liga logo para, liga logo para aqui e vai logo a GNR.” Foi no dia 15 de Agosto. Fomos à Missa, à procissão. O menino tão lindo. Estava cá o meu sogro. Então bem vestidinho, levaram o andor aí quatro meninos, uma festa. Apareceu aí de táxi, foi um dia, foi um dia... E eu durante quarenta dias e quarenta noites foi rezar. Então, uma afilhada minha de P. disse-me: “Oh madrinha.” Eu disse: “eu vou ver, eu vou ver o E.” “oh madrinha, tu não podes ir. Então se ele te ameaça de morte.” “Não faz mal. Eu tenho uma arma tão grande que tu nem sabes o que ela defende.” “Mas que arma?” “O Espírito Santo. Ele vai comigo. Ele toca o padrasto. Ele toca</p>	<p>14. O P3 considera um momento significativo na sua vida o episódio de lhe terem tirado o filho adoptivo. Descreve o acontecimento dos pais biológicos quererem dinheiro pelo filho. Vieram buscar o menino aos pais adoptivos. A mãe biológica da criança pediu para que não deixa-se o pai levar, porque a criança corria perigo. O caso foi entregue às autoridades, mas o P3 decidiu agir confiando na oração das pessoas do grupo e na força do Espírito Santo. Após longa procura encontrou a criança no campo a pastorear ovelhas. O pai da criança fazia ameaças se alguém aparecesse. Acabou por entregar a criança e abraçar o P3, tal como ele tinha perspectivado na sua fé.</p>

aquela gente toda, eles não querem o menino para nada e eles vão mandar o menino. Porque eu também não preciso do menino para nada. Eu não quero é que ele esteja a sofrer como está a sofrer.” E depois ela foi assim: “não te posso deixar ir sozinha.” Eu disse assim: “não, tu não te metes nisso. Isso é muito perigoso. Tu não te metes nisso.” “Oh madrinha, o A. não quer que eu vá.” O A. é arquitecto, é uma pessoa sabida, lida com os advogados todos os dias, com os juízes e os amigos deles em tudo e sabe e falou e disse: “a tua mulher que não se meta nisso.” Eu disse: “eu vou sozinha. Sozinha, quer dizer, vou eu e o Espírito Santo.” A certeza de que tudo ia dar bem. Eu tinha a certeza. O delegado disse-me assim: “bom, dona I.ita.” Também me chamava I.ita aquele homem que acompanhou-me durante... “eu vou por a GNR em campo.” Eu vou assim: “não faça isso, senão ele mata o menino. Não faça isso.” Eu só tinha medo do menino. E ele “então como é que você vai resolver este problema? O menino não foi a mãe...” quando a mãe levou o menino disse-me: “olhe, você...” abraçada a mim “...tire-me este menino. Tire-me o E. que ele vai correr perigo de vida.” Você dormia mais? Era por isso. E numa altura que andavam a tirar os órgãos, o que é que eu faço? Então, lutei. Era rezar de dia e de noite. De dia trabalhava, de noite rezava, de dia trabalhava. Eu não sei como é que eu andava. Ainda a minha mãe era viva.

I – E o grupo ajudou?

P3 – Nessa altura, o grupo, toda a gente ajudava. Eu nem sei se era só o grupo. Eu acho que era a terra inteira. Era tudo, todos sabiam, todos gostavam do menino. Todo mundo rezava.

I – São adoptados os filhos?

P3 – Os meus filhos são adoptados. Eu abalo, a empregada que eu tinha aí, estava aqui, foi assim: “estás a ouvir? Tu não vais sozinha que vou contigo. Deixas a tua mãe à M. que eu vou contigo.” Andamos todo dia à procura deles que a gente não os encontrava em lado nenhum. Mas é que o delegado não fez o que me prometeu, pôs a GNR mesmo atrás deles porque era tempo de escola e o menino não apareceu na escola. Quando o descobrimos lá no monte, andavam a guardar ovelhas. Corremos aqueles

<p>arredores e quilómetros e quilómetros e ela foi até lá abaixo e ela veio aflita com a menina ao colo “oh I.ita tu não vás ao pé daquele homem que ele tem um cacete e diz que te parte em mais de dez.” E eu sorrio e fui assim “és mesmo faltada de fé. Então se eu sinto que devo ir ao pé dele e que o homem até me vai abraçar.” A certeza que eu tinha, a certeza, a força. Ah! Mas antes o delegado disse-me assim: “então você não quer que eu ponha a GNR como é que você faz?” Deixe isso comigo e com Deus nosso Senhor. Que é aquele que tudo me tem dado. Pode me ter tirado muita coisa, mas não deve ser por uma razão muito simples Ele deve ter muito mais para me querer dar. E ele foi assim: “vá lá você e o seu Deus.” Mas no meio daquilo tudo pô-lo de guarda, fez o dever dele. Quando eles viram quando os guardas apareceram pensaram que tinha sido eu, mas não fui eu, não fiz nada para isso. Ela veio-se embora “não vás para lá que ele mata-te!” E eu fui descendo lá para o vale e ele foi voltando-me as costas e abalando, afastando-se de mim. “Oh, senhor Z. espere aí!” Ele voltou-se “então parece que o senhor está a fugir de mim, tem medo de mim, olhe bem para mim, se me der um sopro vira-me já. O senhor está armado se agarrar esse cacete, se me der um sopro vira-me já. Agora eu não tenho medo de si e o senhor está com medo de mim, porquê?” “Oh dona I.ita, antes de mais quero dar-lhe os sentimentos do seu marido e deixe-me dar-lhe um abraço.” Agora diga-me, a oração, o grupo, a nossa rede faz corrente, faz corrente, faz força. Faz uma corrente de ferro tão forte que unido ao céu não há nada que Deus não faça, desde que a gente queira e lhe peça com fé, na certeza. Eu nunca tive medo, nunca tive medo destas ameaças. Então não é que o homem beijou-me. Ela quando viu ele a vir para mim e com o pau na mão e depois largou o pau para me dar um abraço (ri-se).</p>	
<p>I – Diga-me outra coisa que possa ter acontecido no grupo. A mais significativa, a mais importante que a ajudou no processo de cura, de libertação e de pacificação? P3 – São muitos. Eu no grupo, não sei tenho tantos, tantos que me vou lembrando assim... I – Então diga-me, dentro do grupo, durante o encontro de cada</p>	<p>15. O P3 menciona que o momento mais significativo dentro do evento da oração é o momento do Espírito Santo onde após a sua invocação acontece uma inspiração e iluminação da</p>

<p>sessão, naquele espaço de tempo de uma ou duas horas, qual é o momento mais significativo para si?</p> <p>P3 – O do Espírito Santo.</p> <p>I – Descreva melhor.</p> <p>P3 – Chega-se ao momento de invocar o Espírito Santo e nesse momento quando estamos a pedir o Espírito Santo, a pedir que nos faça compreender, que nos faça entender a palavra, a mensagem, há sempre... há sempre alguma coisa que Ele nos diz que realmente vem direccionada. Que vem liberta-nos, libertar-nos de tantos medos. Porque a gente vai para lá às vezes tão pesadas, com tantos problemas, tanta coisa e depois chegamos lá e entregamos. Pedimos aos Espírito Santo que nos liberte de todos os medos e ali ficamos ali. Eu fico ali, quando vejo alguém dizer que tem pressa agora é que eu estava aqui a noite toda, porque estou liberta, porque estou livre da carga que eu trazia, vocês querem-se ir embora. É um momento maravilhoso. O de louvar, o de louvor também é maravilhoso, mas eu também gosto muito daquela parte do Espírito Santo porque me liberta muito e dá-nos, por vezes, assim, (suspira) palavras de ciência, de profecia. Porque temos muitos momentos em que nos vêm palavras e coincidem com o que são. Deus está ali para nos falar a todos.</p>	<p>compreensão da situação vivida por vezes com palavras significativas do momento sentido e vivido, uma libertação dos medos, dos pesos ansiogénicos e um bem-estar.</p>
<p>I – E sente-se mais capacitada para enfrentar a vida? O que é que aconteceu depois?</p> <p>P3 – Isso estou abastecida para ultrapassar. Acho que dava para mover, para ultrapassar montanhas, para... apesar de...</p>	<p>16. Os momentos significativos geram um <i>empowerment</i> na vida do P3 que o capacitam à mudança da vida, do sentido de viver, de relação e de estar bem na vida.</p>
<p>I – Se fossemos a comparar antes de entrar nessa caminhada e depois, como é que via antes a vida?</p> <p>P3 – Um terror. Tinha muito medo da morte e tinha muito medo de viver. Essa é uma certeza. Eu tinha tanto medo da morte e também tinha medo de viver. Eu vivi um período da minha vida com fé, eu tinha fé, mas tinha estes, era só um medo, mas eram dois distintos, porque um porque tinha medo que me acontecesse alguma vez alguma coisa que vinha a morrer, era um horror. Mas</p>	<p>17. A vida do P3 antes da ajuda psicoespiritual no grupo era pautada pelo medo, a insegurança e a solidão de morrer e de viver. Depois de frequentar o grupo perdeu o medo, desenvolveu potencialidades de autenticidade</p>

<p>também tinha medo de viver e eu não sei explicar porquê.</p> <p>I – E depois desde que entrou?</p> <p>P3 – Perdi o medo de morrer. Luto e faço pela vida. Deus deu-ma é para nós conservar-mos e pronto, tratar dela como quem trata de uma flor muito delicadinha e linda. E também não tenho medo da vida. Tenho medo da crise. Oiço falar da crise que até me dá enjoos das pessoas falarem tanto da crise. Onde é que está a crise? Dentro do nosso coração. Eu só vejo a crise dentro do nosso coração. Crise de amor.</p>	<p>e de auto-determinação perante o seu-mundo.</p>
<p>I – E durante esse tempo aconteceram alguns fenómenos mais marcantes, mais significativos, nos encontros, algo a salientar de extraordinário e significativo?</p> <p>P3 – É como digo, acontece-me tanta, tanta coisa. Mas tanta coisa no grupo de oração. Mesmo que eu não fale directamente para o grupo para ficarem esclarecidos do que me aconteceu eu digo «eu hoje aconteceu-me isto e isto. Temos que rezar por este problema, porque eu quero continuar a ser livre. Quero a minha liberdade para Deus. Eu quero ser livre.» Porque acontece às vezes propostas, homens que aparecem e não sei quê. Eu acho que ali... é ali que eu vou despejar... que eu vou levar as minhas preocupações, os meus medos, porque eu também apesar de tudo, tenho medo de fraquejar, tenho medo de tropeçar.</p>	<p>18. O P3 não refere outros momentos significativos, mas generaliza na indagação de sentido da liberdade da sua pessoa e evita outros compromissos sentimentais.</p>
<p>I – Considera que é útil o grupo?</p> <p>P3 – O grupo para mim é maravilhoso.</p> <p>I – É benéfico?</p> <p>P3 – É benéfico. O grupo, e pronto, eu comecei a ir e a descobrir, foi logo na C. N. porque havia aí muita gente que andava no Renovamento Carismático. Eu não, eu andava no movimento focolarinos. Era maravilhoso. Andei lá algum tempo, andei lá algum tempo. Aquilo enchia-me o coração e eu tenho tanta pena das pessoas que não conhecem.</p> <p>I – Mas neste grupo, agora sente um apoio, digamos assim?</p> <p>P3 – Sinto um apoio e uma falta. Eu não fui lá esta semana já sinto falta. Eu não fui no domingo à M. porque é um grupo de núcleo maior, porque reúne lá vários grupos, pequeninos grupos, não é. Sinto muita falta porque se eu tenho falta de alguma coisa</p>	<p>19. Para o P3 o grupo é útil e benéfico. Refere o grupo actual como o seguimento de outros grupos que conheceu. Sente a falta do grupo, das pessoas, do apoio prestado que conota à necessidade espiritual.</p>

<p>é sempre de Deus.</p>	
<p>I – Então poderemos considerar aquele grupo como se fosse um grupo terapêutico além da dimensão espiritual?</p> <p>P3 – Para mim pode. Para mim pode. Pode porque quando eu oiço tanta gente a caminhar para doutores e para isto e quando o remédio está ali tão perto. O doutor ainda está mais perto e pronto, as pessoas acham que a gente somos até fanáticas porque isto, isto não tem jeito nenhum, vocês reúnem tipo do “Reino de Deus”. Eu digo assim: “pobreza”. Se soubessem a riqueza que se encontra ali. A saúde que se vai buscar para o Espírito, porque a doença maior que há no homem é a do espírito. Essa é que contamina a do corpo, para mim. Começa quando estamos a fraquejar espiritualmente quando a gente tem dúvidas. Começamos a cavar a nossa cova. Começamos a ficar cadavéricos, assustados e isso eu não tenho, não sinto.</p>	<p>20. O P3 considera o grupo com uma componente terapêutica que prevalece e substitui face à ajuda da medicina convencional. Considera a dimensão espiritual importante e refere tristeza perante a incompreensão das pessoas face à sua vivência espiritual no grupo.</p>
<p>I – Na sua opinião é preferível que os encontros sejam em grupo ou era preferível individualmente, para ajudar numa situação, num problema como teve, é benéfico em grupo ou individual?</p> <p>P3 – Pronto, eu também tenho individual. Quer dizer...</p> <p>I – Em vez das pessoas estarem em grupo, era preferível ser individual? Cada pessoa estar individualmente acompanhada com um acompanhador ou conselheiro?</p> <p>P3 – Dentro do grupo de oração?</p> <p>I – Sim, dentro do grupo.</p> <p>P3 – Também acho porque eu há casos que não abro a todo o grupo. Porquê? Porque dentro do grupo nem todas as pessoas, nem todas as pessoas a gente conhece o grupo que tem, não pode abrir-se ali. Então nessa altura temos necessidade, temos necessidade de estar sozinhos com alguém que nos saiba acompanhar, que nos saiba ouvir, que nos saiba aconselhar também.</p> <p>I – Também há isso no grupo?</p> <p>P3 – Também há isso no grupo. Também há isso no grupo, porque eu acho...acho maravilhoso, porque muita gente, pronto, sabemos bem que... há pessoas que procuram pessoas do grupo individual, como está a dizer, porque o problema ou é tão grave</p>	<p>21. Refere que é importante o encontro ser em grupo, mas também há a necessidade de acompanhamento individual. Ambas dinâmicas estão presentes no P3 que menciona a prudência necessária ao expor casos pessoais em grupo ou individualmente.</p>

<p>ou não, não quer que o grupo todo, porque se há pessoas que são dignas de escutar e acolhem o sofrimento, se calhar há outras que estão lá por estar, a gente também não sabe, vão lá só para ir buscar, não sabem que a gente temos que dar primeiro para depois receber.</p>	
<p>I – Então para resumir, dentro do grupo qual é o momento que é mais significativo, que mais gosta, que é mais significativo para si?</p> <p>P3 – Eu gosto dele todo.</p> <p>I – Mas aquele que...</p> <p>P3 – É quando eu estou mesma ligada lá em cima. É aquele momento. Tanto faz ser de louvor como do Espírito Santo. É quando estou na intimidade com o Pai. É um momento e vamos dizer assim: «posso estar. Estou.» Tenho o meu quarto que é o sítio onde eu faço a minha oração e estou ligada. Mas ali no grupo não sei o que é que se passa, acho que a presença de Deus desce mais rápida ali.</p> <p>I – E o momento mais tocante.</p> <p>P3 – É mesmo... é quando... Sei lá. Sei lá, não sei... É... olhe, não tenho palavras.</p> <p>I – É o mesmo que falou há pouco?</p> <p>P3 – No momento do Espírito Santo.</p> <p>I – Acha que é esse?</p> <p>P3 – É esse o momento. É porque é quando eu... não sei, ligo-me mais.</p>	<p>22. O P3 descreve o momento mais significativo dentro do grupo como o estar ligado lá em cima na intimidade com Deus, o momento do Espírito Santo, de louvor.</p>
<p>I – E quais são as mudanças que isso provoca ou provocou?</p> <p>P3 – Paz. Tranquilidade. Serenidade. Confiança. Dá-me tudo menos medo.</p> <p>I – Ajuda no dia a dia?</p> <p>P3 – Tudo.</p> <p>I – Em relação à família, à profissão.</p> <p>P3 – Tudo. Tudo. Tudo. Não sei se devo mas é assim, eu tenho momentos na minha vida, eu sou sozinha, tenho uma filha na Universidade, agora não tem nada a ver, mas não sei, não tem nada a ver, tem tudo a ver. Os gastos são muitos. Eu estou aqui num cantinho. Tenho trabalhos por épocas mais fortes. Tenho as</p>	<p>23. As mudanças que o P3 refere que aconteceram na sua vida foram a paz, a tranquilidade, a serenidade, a confiança, a ausência de medo, capacidade de viver a vida, de ultrapassar as dificuldades laborais e económicas.</p>

<p>minhas contas a pagar, é seguro, pronto, como toda a gente. E tenho momentos que não tenho um tostão na carteira. E pensa que eu fico triste? Eu mando o recado lá para cima e peço ao Espírito Santo que peça, que faça o trabalho dEle que eu estou cá para fazer o meu.</p> <p>I – E acontecem essas mudanças?</p> <p>P3 – Nunca tive medo. Porque, repare, eu tinha, nunca me faltou, Deus nunca me faltou, nos momentos mais difíceis, eu tenho aquela conta para pagar, se eu não tenho o dinheiro como é que vou fazer? Oh, senhor, Tu sabes que é só através do trabalho. E pronto, o trabalho aparece.</p>	
<p>I – Recomendaria mais pessoas ao grupo?</p> <p>P3 – Todas. Nem era mais, eram todas. Se eu pudesse eu arrancava-as todas de casa. O ano passado fizemos o retiro popular e eu andei de porta em porta com o meu carro a buscar as pessoas porque eu queria que elas sentissem aquilo que eu sinto. Eu peço a Deus para transmitir «toca-as como Tu tocas a mim.»</p>	<p>24. O P3 recomenda o grupo a todas as pessoas.</p>
<p>I – Qual é o aspecto menos agradável, mais negativo no grupo?</p> <p>P3 – Dentro do grupo?</p> <p>I – Sim.</p> <p>P3 – Por vezes também entra lá o rabudozito. E depois há uma certa arrogância. Eu não sei se é arrogância, é autoritarismo. A pessoa que coordena tem que ser muito humilde. E as pessoas têm tanta fome e tanta sede de Deus que estão ansiosas, todas têm os mesmos anseios, tudo quer falar e partilhar a palavra que foi ouvida, isto quando chega o momento da partilha. E depois há um «chiu!», «fale um de cada vez!» eu acho que isto já não faz parte. Aí deixa-me triste. E depois tenho momentos de pensar assim: «não vou mais.» E fica tudo triste quando eu não vou porque sou a única que lá ponho... Eu vou assim “olha, desculpa, mas é agora que o Espírito Santo tocou a pessoa. É agora que ela tem que intervir.” Porque se não... eu acho, e depois, “pois, mas fale um de cada vez!” e há assim um falar.</p> <p>I – Esse é o aspecto mais negativo.</p> <p>P3 – É o aspecto mais negativo. É o único.</p>	<p>25. Para o P3 o aspecto menos agradável e negativo é a arrogância, o autoritarismo, o modo de comunicar ou a falta de humildade de alguns dinamizadores.</p>
<p>I – Em relação às expectativas que tinha do grupo, correspondem</p>	<p>26. As expectativas têm sido</p>

<p>às expectativas que tinha?</p> <p>P3 – Não. Não. Eu queria que ele crescesse mais. Eu queria pessoas mais... que a fé também fosse... só oiço as pessoas dizer, muitas delas dizem assim: “eu, queria ter fé, mas não tenho! Eu que ainda não uso da caridade!” E depois aí eu intervenho “mas vocês não usam da caridade, vocês não têm fé? Como não têm fé? Estamos aqui porquê? Porque temos fé. Estamos aqui reunidos, viemos se aqui reunir porque temos fé. Se Deus conseguiu trazer-nos até aqui, tirar-nos da nossa fogueira, do nosso calor, do nosso ninho até aqui é porque temos fé.”</p> <p>I – Mas em relação a essas expectativas em relação a si, à sua vida, corresponde, tem ajudado?</p> <p>P3 – Aí! Tudo.</p>	<p>alcançadas, apesar de desejar maior fé.</p>
<p>I – Ainda há alguma coisa em si que gostaria de mudar e que o grupo pudesse ajudar?</p> <p>P3 – Isso gostava. Isso gostava. Gostava de mudar. Sabe como? Não ter que me revoltar com nada que eu veja como menos bom, menos, que eu não aceite tão bem. Queria ser como Jesus. Ninguém te condenou? Também eu não te condeno. Não sou assim ainda. Eu ainda atiro a pedra, nem que seja só na minha...</p>	<p>27. O P3 gostaria de mudar em si alguma revolta.</p>
<p>I – Dentro do grupo há alguma pessoa que seja, por exemplo, uma referência, que seja mais significativa para si, há alguém ou são todos iguais?</p> <p>P3 – Não. Há alguém que para mim, alguém, mais que um, mais que dois ou três que de uma simplicidade de um exemplo maravilhoso. Simples, mas sabem escutar. Aqueles devem mesmo pedir ao Espírito Santo. Falar quando devem falar, pensar.</p> <p>I – São aquelas pessoas que têm melhor características para aconselhamento, para ajuda?</p> <p>P3 – É, é, claro, é como eu disse, dentro do grupo não são todas, mas isto acontece.</p>	<p>28. O P3 refere que para si há algumas pessoas que são mais significativas pela simplicidade de exemplo, por saberem escutar e falar.</p>
<p>A gente vai a um dia de L., por exemplo a F. e depara-se com discussões. As pessoas vão à procura de curas. Mas não era para hoje era já para ontem, e não é assim. A gente tem que ir em espírito de oração, de entrega, de sacrifício.</p> <p>I – É rápido ou é demorado?</p>	<p>29. O P3 descreve que muitas pessoas procuram o grupo e as pessoas do grupo para obterem ajuda rápida para a cura das doenças e não querem fazer</p>

<p>P3 – Pode até não se concretizar. Eu agora, o que eu mais, a minha luta, agora, a minha entrega, não é uma luta, é uma entrega, um pedido. Mas depois penso «Senhor o teu tempo... não tem tempo.» Eu também faço a mesma coisa. Espero na conversão e na libertação do E. Porque esta menina (a filha) acompanha, vai, esteja onde estiver ela vai à missa. Eu digo ao E. “já foste à missa?” “Oh, mãe ainda não sei onde é a igreja.” Isto dá-me uma tristeza. Mas ao mesmo tempo penso assim: «quantas mães não sofrem piores coisas.» Então tenho que aceitar, mas espero ainda, espero ainda. Mas como digo há coisas que eu não posso falar abertamente ao grupo, há apenas uma meia dúzia delas que sabem e eu digo: “é para rezar por esta causa.”</p> <p>I – Isso ajuda?</p> <p>P3 – Isso ajuda. Ajuda, sabe porquê? Porque há dias acontece e depois meia dúzia delas “olha, estou a rezar pelo teu filho. Estou a rezar pelo teu filho.” Porque não vai e... eu pedi-lhe tanto “F...”, porque desde que ele conheceu a tal rapariga ele nunca mais foi à confissão, nem à comunhão. Tinha ido à confissão e depois deixou de comungar. Até aí, foi honesto, foi honesto. E depois ele...</p>	<p>caminhada que visa a cura. O mesmo refere em relação ao filho que, actualmente, não segue a dimensão religiosa. Contudo a oração ajuda a superar o ainda não alcançado.</p>
<p>I – Diga-me para terminar, a nível de processos mentais, psicológicos acha que o grupo ajuda para a estabilidade psicológica e emocional da pessoa ou das pessoas que procuram, talvez no seu caso, ajuda ou seria preferível procurar ajuda mais especializada num médico, num psicólogo?</p> <p>P3 – Não. Eu não troco o grupo por médico nenhum.</p> <p>I – A si ajudou...</p> <p>P3 – A mim ajuda-me. Claro que precisamos de médico porque há doenças que... Deus criou o mundo com os meios para nos tratarmos. Portanto, precisamos de médicos, psicológicos, psicólogos esses para mim... não fazem sentido nenhum. Porque o melhor Psicólogo temos nós, que é um.</p> <p>I – E acha que para alguém, que às vezes pode aparecer no grupo, para outras pessoas poderia ser uma ajuda?</p> <p>P3 – Ãããhh...</p> <p>I – Também para complementar a espiritual e psicológica?</p>	<p>30. O P3 não troca o grupo pela ajuda médica ou psicológica, apesar de recorrer ao médico e considerar a sua ajuda necessária. Demonstra alguma incoerência na compreensão dos diversos papéis dos profissionais de saúde. Descreve essa atitude face à educação cultural que teve e à má experiência de ajuda psicológica que teve em relação à filha.</p>

P3 – A psicológica não aconselho a ninguém. Olhe, desculpe-me o termo, mas é assim, eu quando digo, falam num Psicólogo falo assim: “no meu tempo um Psicólogo era um cinto ou uma corda ou um pau ou a costa da mão.” Porque quando a pessoa vai para um Psicólogo... reze, ore, peça.

I – Mas nunca teve má experiência com um Psicólogo ou já?

P3 – Eu nunca fui a nenhum Psicólogo.

I – Mas também não ouviu? Às vezes podia ter má experiência.

P3 – Olhe, eu tive a minha filha quando foi para a escola, para o colégio das M., uma senhora um dia “eu sou a mãe de fulana...” já não sei como era o nome da miúda. E eu disse assim: “mas eu não sei quem é.” “Ai! Anda no colégio das M. sou de S. sei que a senhora é catequista também sou catequista. A senhora sabe a vida em que a sua filha anda?” E eu fui assim: “Ai credo! O que é que se trata com a minha filha?” Caiu-me o coração aos pés. “Então, ela, a minha filha esqueceu-se do telemóvel e ela ligou-lhe.” E eu fui assim: “quem é que está a falar?” “É a namorada da sua filha.” Porque ela é muito brincalhona. “É a namorada da J.” Acho que era assim. A mulher, olha, “a senhora tem que vir ao colégio. É um problema. Vou ajudá-la.” E a maluquita vai daqui para o colégio das M. Vou para o colégio e a professora disse-me assim: “não faça caso. Essa senhora cria tantos problemas.” Essa senhora é que tinha problemas. Então não faço caso, a minha menina é tão pequenina. Ela ainda hoje tem tantos rapazitos e diz “Mãe, tu disseste-me sempre para eu me guardar sempre e para eu primeiro fazer a escola. Então se fulano quiser esperar espera.” Ela até fala de um rapazinho. Portanto ela nunca foi... pronto. E ela disse-me: “vá com a menina ao Psicólogo.” E eu fui com a menina ao Psicólogo. Mal empregado o meu dinheiro. Porque eu não fui de coração aberto, está a ver? Eu não levei ali nada. Entreguei a Deus. Entreguei ao meu Psicólogo e fui aquele Psicólogo que ela me arranjou, ao Dr. F., fez duas consultas e depois mandou-me chamar e disse assim: “olhe, já sei que se chama I.ita, mas tem outro nome.” Aquilo ela tinha dito. “Sim.” “E eu agora queria que me autorizasse a trata-la por tu.” Ele era muito mais novo do que eu. E eu disse “então onde é que está o

<p>problema?” ”Mas também me vais tratar a mim por tu.” “Ah! Isso é que eu não faço. A minha educação, a minha mãe ensinou-me.”</p> <p>“O que a tua mãe te ensinou agora não está aqui. Deixa-me dar-te um abraço e parabéns por uma filha que tens aqui educada. Quem é que te mandou para aqui?” E eu fui assim, depois eu contei-lhe, sem a menina estar ao pé, e falei-lhe tudo próprio desta idade. Uma brincadeira que a miúda fez. Uma brincadeira que a miúda fez e pronto, fui apenas ao Psicólogo e não aconselho Psicólogos a ninguém. Não gastes mais dinheiro. E disse para não gastar dinheiro porque foi Deus que assim o permitiu. Porque senão o homem ia-me comendo dinheiro eu, eu fui mesmo contrariada, pronto, porque a professora falou isso.</p>	
<p>I – Para terminar, mais alguma sugestão que gostasse de dar para as coisas melhorarem, por exemplo no grupo ou outra situação?</p> <p>P3 – A sugestão era que houvesse mesmo união, unidade entre todos. O mesmo espírito. O mesmo amor ao grupo, à oração. Porque a gente vai lá, eu, eu nunca vou lá só para... vou lá mesmo pelo mundo, pelos que me rodeiam, pela conversão, pelas almas, sei lá. Claro que também tenho os meus problemas, mas eu até, é só quando eles são muito...</p> <p>I – Portanto, continuava a aconselhar...</p> <p>P3 – Aconselho a toda a gente. É uma pena que ainda não consigo ir busca-las ao colo, mas muitas vezes vou à porta.</p>	<p>31. O P3 sugere mais união e amor entre as pessoas para maior inter-ajuda e aconselha que participem no grupo.</p>
<p>I – Numa escala de 0 a 20 quanto é que dava ao serviço do grupo?</p> <p>P3 – Eu dava 20.</p>	<p>32. O P3 atribui uma pontuação de 20 ao grupo.</p>
<p>I – Muito obrigado.</p> <p>P3 – Não tem nada que agradecer.</p>	<p>33. A entrevista foi um momento de escuta para o P3.</p>

P4G2E4F42E

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>I – Agradeço desde já a disponibilidade para esta entrevista. Há quanto tempo conhece este grupo?</p> <p>P4 – Eu ouvia falar, eu fui por curiosidade. Agora eu frequento mesmo há 6 anos, 6, 7 anos, sim.</p> <p>I – Mas ouviu falar?</p> <p>P4 – Ouvi falar através da minha mãe. A minha mãe ia às assembleias e convidava-me.</p>	<p>1. O P4 ouvia falar da existência do grupo pela mãe que participava nas actividades e passou a frequentá-lo acerca de 6 anos.</p>
<p>Eu achava absurdo passar uma tarde inteira numa igreja a rezar. Era mesmo o termo que eu aplicava. Rezava, ia à Missa, pronto, só ia à Missa ao Domingo. Não procurava rezar, não procurava ler a palavra de Deus. Até que despertou-me curiosidade ver que ela andava tão feliz, tão contente e despertou-me curiosidade e fui.</p>	<p>2. O P4 não valorizava as actividades do grupo em relação à prática tradicional católica e ficou curioso com a alegria da mãe.</p>
<p>I – Já era religiosa, espiritual?</p> <p>P4 – Já, já. Já ia a um grupo de oração, mas era só... rezávamos o Terço, havia muita paz, sentia muita paz, sentia muita paz nesse grupo de oração e sentia-me pronta a derrubar, a enfrentar o mundo sem medo nenhum.</p> <p>I – No outro grupo?</p> <p>P4 – No outro grupo. Sentia-me pronta a enfrentar o mundo inteiro.</p>	<p>3. O P4 já era Religioso/Espiritual (R/E) antes de conhecer o grupo. Tinha uma prática R/E tradicionalmente católica centrada no rezar o Terço e ir à Missa o que lhe dava muita paz.</p>
<p>I – Agora aqui neste, o que é que a levou a procurar? Foi a curiosidade...</p> <p>P4 – Foi a curiosidade.</p> <p>I – E mais alguma coisa?</p> <p>P4 – Não. No início foi só a curiosidade. Não fui à procura de nada a não ser curiosa. Queria ver o que é que se degolava.</p>	<p>4. O que levou o P4 a procurar este grupo foi a curiosidade, ver o que lá se passava.</p>
<p>I – Não tinha problemas, digamos assim?</p> <p>P4 – Ah, problemas todos temos, não é.</p> <p>I – Por uma razão de ajuda de um problema, de doença.</p> <p>P4 – Não. A situação financeira não estava bem. Problemas de saúde sempre tive, mas não esperava encontrar ali soluções.</p>	<p>5. O P4 refere que não procurou o grupo por causa de problemas ou doenças, nem para encontrar soluções.</p>

<p>Porque era assim, eu se calhar era daquelas que era tapada ou se calhar como Tomé, só acreditava vendo. Mas eu fui lá a título de curiosidade e devagarinho aos poucos eu vi a minha vida a mudar. Eu já deixei de sentir aquelas tristezas que eu sentia. A vontade de chorar o dia todo e sem quê nem para quê eu via-me a cantar aqueles cânticos.</p>	<p>6. O P4 descreve que à medida que ia frequentando o grupo, a título de curiosidade, foi percepcionando algumas mudanças em si, tal como deixar de chorar, de sentir-se menos triste e começou a cantar.</p>
<p>I – Antes de entrar no grupo sentia-se uma pessoa triste? P4 – Triste, eu andava sempre com depressões. Tentei o suicídio por duas vezes. Andava mesmo num estado de calamidade autêntica.</p>	<p>7. Refere que andava em depressão e tentou o suicídio duas vezes.</p>
<p>O meu marido tentava me ajudar, até que eu pedi ajuda mesmo. I – Ajuda de quem? P4 – Ajuda médica. Ajuda ao meu marido para me ajudar a vir ao de cima.</p>	<p>8. O P4 recebia ajuda do cônjuge, reconheceu precisar de ajuda e recorreu a ajuda médica.</p>
<p>Eu tinha uma colega que estava muito atenta a mim sem eu dar conta. E ela disse-me: “eu vou-te levar a um sítio” E eu fiquei assim a olhar para ela «aonde é que ela me vai levar?» Eu vou assim: “olha que eu não vou para bruxas!” Ela disse: “não filha. Não há bruxas. Onde eu te vou levar tu vais gostar.” E elevou-me então a esse grupo de oração. Ela disse-me: “não tenhas medo. É oração simples. Vamos rezar o Terço. Só que aquele consagrado tem um dom. E vais ver que vais gostar.”</p>	<p>9. O P4 refere que foi uma colega que o convidou a conhecer um grupo de oração orientado por um consagrado.</p>
<p>E realmente, o tempo da oração que demora cerca de duas, três horas, é rezar o Terço e ensinamentos, eu só chorava. Mas era um choro, não era um choro de desespero. Era um choro que parecia que parecia que estava eu a libertar-me. Não sei. Não sei explicar aquele choro. Sei dizer que quando cheguei a casa eu vinha bem, vinha bem e disse logo “eu quero voltar, eu quero voltar.” Ainda não conhecia a Comunidade e convidei o meu marido a ir comigo. A segunda vez que fomos, ele foi e também gostou e começamos a frequentar o grupo. Com mais frequências, nunca faltávamos. Com mais frequência eu comecei a dar outro valor à oração.</p>	<p>10. Durante o encontro de oração a rezar o Terço o P4 viveu uma libertação interior acompanhada de choro que o levou a aderir ao grupo, frequentando-o com o cônjuge e começando a valorizar a oração.</p>
<p>I – Começou a haver uma mudança, uma abertura? P4 – Começa a haver uma mudança, uma abertura. Aquela carga</p>	<p>11. A oração principiou uma abertura e mudança na vida do</p>

<p>que parecia que trazia em cima de mim parece que estava a sair aos poucos e sentia-me mais confiante.</p>	<p>P4.</p>
<p>I – Tinha dito que tinha uns problemas de doença? P4 – Tinha problemas cardiológicos e na vinda do Santo Padre eu descobri que tinha um quisto num ovário que tinha repercussões doidas e que tinha um quisto mamário. Nunca tinha notado nada. O quisto no ovário tinha que ser extraído o mais rápido possível. Os médicos disseram-me que além das dores que estava a provocar e das hemorragias podia tornar-se cancerígeno. E mensalmente tinha de repetir as análises ao sangue para ver como é que aquilo estava a evoluir. Até que numa altura eu própria desisti, porque já estava tão saturada e a minha médica achou estranho de eu nunca mais ser chamada e mandou-me repetir os exames para ser operada.</p>	<p>12. Os problemas de saúde do P4 eram cardiológicos, um quisto num ovário com dores e hemorragias, e um quisto mamário. Foi aconselhado a realizar exames e a ser operado.</p>
<p>Quando eu vou repetir aos exames, o próprio médico onde estava a fazer os exames perguntou-me onde é que eu tinha o quisto que não encontrava. Eu disse “é no lado direito.” Ainda comecei a apalpar a barriga com a dúvida onde é que estaria, era do lado direito e mesmo no nódulo do peito, como foram os dois no mesmo dia, ela quando vai a confirmar os exames a expressão que disse foi “você está limpa.”</p>	<p>13. O P4 descreve que ao repetir os exames aos quistos estes não foram detectados.</p>
<p>Eu só dava graças a Deus porque eu vi que realmente tinha sido obra de Deus que tinha estado ali e que actuou em mim.</p>	<p>14. O P4 atribuiu a Deus o desaparecimento dos quistos.</p>
<p>I – Isso aconteceu antes ou depois de entrar neste grupo? P4 – Foi depois. I – Foi depois de entrar no grupo? P4 – Foi depois de entrar no grupo. Foi depois de entrar no grupo, porque eu estou no grupo há 6 anos, 6, 7 anos e isto foi na altura da vinda do Santo Padre, um ano depois do Santo Padre estar em Portugal é que foi declarada a cura, é que foi declarada a cura. Eu acho que foi... eu acho não, eu tenho a certeza foi a mão de Deus. Porque numa assembleia na A. eu não pedi a cura. Eu só me entreguei. Só pedi a Deus que me ajuda-se a enfrentar o que quer que seja que viesse. Que eu era dEle. Estaria nas mãos dEle e que aceitava o que Ele me quisesse mandar. Mas só para me ajudar a superar o que aqui estivesse. E afinal não estava nada. Foi tudo</p>	<p>15. A cura dos quistos deu-se num evento do grupo, pela vinda do Papa a Portugal, quando o P4 se entregou a Deus para o ajudar a ultrapassar a situação de doença.</p>

<p>embora.</p>	
<p>I – Então diga-me, desde que faz caminhada dentro deste grupo, especificamente, descreva-me quais foram os momentos mais significativos que viveu nestes encontros comunitários? Os momentos mais significativos que ao longo destes seis anos existiram. Descreva alguns.</p> <p>P4 – Sim. Existiram muitos. Existiram muitos. Antigamente na comunidade quando estava em A. havia à sexta-feira de tarde adoração, das duas e meia às três e meia, adoração ao Santíssimo e nessa adoração ao Santíssimo eu senti mesmo o Senhor a falar ao meu coração.</p>	<p>16. Um momento significativo do P4 acontece no evento da Adoração, onde o P4 sente Deus a falar com ele.</p>
<p>Tinha falecido um primo do meu marido vítima de assassinato e eu não aceitei bem o facto, pronto. Na altura eu via a morte como um bicho-de-sete-cabeças. Fazia-me confusão as pessoas morrerem. Agora eu aceito a morte de uma maneira diferente e sei, independentemente da saudade que a gente sente, somos humanos, eu sei que independentemente da saudade que a gente sente que a pessoa que partiu está junto do Pai, está junto do Criador. E eu sei, tenho a certeza que quando a gente morrer é para lá que vamos para estar junto de Deus para louvar a Deus para amar a Deus. E num desses momentos de oração eu senti Deus a falar comigo para eu me acalmar, que esse primo tinha encontrado a paz junto dEle. E aquilo aliviou-me, aliviou-me, mas foram tantos os momentos, tantos.</p>	<p>17. O P4 descreve o estado interior de não aceitação da morte de um primo do cônjuge. Durante a Adoração o P4 sentiu-se sereno e liberto desse estado de angústia em relação à morte do primo. Encontrou sentido na vida pelo Deus vivo que lhe falou.</p>
<p>I – Descreva esse momento. Sentiu, ouviu, descreva como foi esse momento?</p> <p>P4 – Senti, senti uma paz em mim e como uma voz por dentro a dizer-me para eu ter calma, para eu me acalmar que ele estava em paz, que se encontrava em paz com o Senhor.</p>	<p>18. O P4 descreve esse momento significativo como um momento de paz interior, que o acalma.</p>
<p>I – Mas ouviu audivelmente ou foi uma impressão?</p> <p>P4 – Não, não ouvi aquela voz ali a sussurrar ao ouvido, não, não ouvi. Foi, como é... foi uma palavra ali a tocar em nós, como se a gente tivesse ali dentro alguém a falar dentro de nós e a tocar e a escrevermos ali, a gravar esse sentimento. Era isso que eu estava a sentir em mim e conforme eu estava a sentir isso eu estava a sentir uma paz que não consigo explicar essa paz.</p>	<p>19. O P4 descreve que a voz que ouviu foi interior, uma percepção interior de que algo estava a acontecer na sua vida manifestando-se em paz.</p>

<p>I – Isso aconteceu em que momento?</p> <p>P4 – Foi no momento da... ele faleceu em Fevereiro.</p> <p>I – O momento no grupo.</p> <p>P4 – O momento de oração diante do Santíssimo, diante do Santíssimo que eu senti essa paz. Junto ao Sacrário, eu há cerca de um ano, eu estou a trabalhar ali na Comunidade há três anos, há cerca de um ano, dois anos talvez, sim foi há dois anos, talvez,</p>	<p>20. O momento do acontecimento foi em oração diante do Santíssimo no Sacrário há cerca de dois anos.</p>
<p>eu não sei o que é que eu sentia. Era uma mistura de sentimentos e a minha vida estava naquele momento muito complicada, muito. Em casa com o marido e com os filhos estava tudo bem. A nível financeiro, infelizmente agora é para toda a gente, mas estava a passar um momento muito difícil e fui-me abaixo. Fui-me abaixo e eu pedi ao Sr. Padre para me deixar ir um bocadinho à igreja que eu precisava de estar a sós com Deus e ele graças a Deus é uma pessoa bastante acessível, deu-me livre acesso</p>	<p>21. Descreve que na altura vivia uma mistura de sentimentos pelas dificuldades relatadas de saúde. Sentia-se deprimido e foi até à igreja para estar a sós com Deus e encontrar-se.</p>
<p>e eu fui à igreja e eu estava ajoelhada, e isto eu tenho a certeza absoluta, não há qualquer sombra de dúvida que eu senti isto e eu digo muita vez, eu senti isto e não há... eu chorava como uma desalmada. Eu não consegui controlar o choro. Eu não conseguia parar de chorar e ajoelhada diante do Sacrário eu só disse: “Oh, Senhor, eu preciso sentir a Tua presença. Eu preciso sentir que Tu estás comigo, eu preciso sentir que Tu não me abandonas-te e que Tu estás comigo neste momento. Abraça-me. Eu preciso de sentir o teu abraço.” E eu senti, eu afirmo isto: eu senti uns braços a envolverem-me. Aquele choro compulsivo parou e eu senti uns braços a envolver-me a ser aconchegada, a sentir amor, a sentir paz, a sentir algo que eu não me apetecia sair dali. Como que se eu estivesse a ser transportada para algo de infinitamente bom. E não me apetecia sair dali. E não me apetecia sair dali. Eu sentia uma paz. Aquele choro passou, senti uns braços ternos a envolverem-me. Uma paz. Um sossego. Não me apetecia sair dali nunca mais. Apetecia-me ficar ali naqueles braços e ficar ali.</p>	<p>22. O P4 descreve que dentro da igreja chorou abundantemente e abandonando-se pediu a presença de Deus junto de si. O P4 relata que sentiu nesse momento um abraço a envolvê-lo. Desencadeou em si uma envolvimento de paz, de amor, de bem-estar e o querer prolongar aquele momento.</p>
<p>I – E depois disso o que é que aconteceu? Aconteceu alguma mudança?</p> <p>P4 – Sim. Eu parei de chorar como chorava e senti-me mais confiante e vi, realmente, que Deus está comigo. Mesmo nos</p>	<p>23. Após esse momento significativo o P4 deixou de chorar, sentiu-se confiante, sente que não está sozinho.</p>

<p>momentos que penso que estou abandonada, que estou sozinha, Ele está comigo. Ele está comigo. Ele está ao meu lado e pega-me ao colo nos momentos que eu lhe peço e mesmo quando não lhe peço sei que tem a mão estendida para mim e que levanta-me, eu caio e ele já está a levantar-me mal eu comece a cair.</p>	
<p>I – Além desse, outros momentos? Tem mais? P4 – Eu nunca mais acabava. I – Aqueles mais significativos que causaram mais impacto, uma grande e profunda mudança que se possam ver, sentir, os que foram mais significativos para si, descreva um pouco. P4 – Eu agora posso não estar assim a... eu não sei, eles têm sido tantos os momentos que uma pessoa sente paz, sente palavras ternas e de amor. Depois fizemos a Efusão do Espírito Santo. Eu fui fazer a Efusão do Espírito Santo com alguns membros da comunidade e pessoas que pertenciam ao grupo de oração e a partir dali, não sei, sinto-me diferente, sinto-me mais calma, mais paciente, que era uma pessoa... a mais pequenina coisa... e depois é assim... há pessoas que me chamam a madre Teresa de Calcutá. Eu não aceito esse rótulo de maneira nenhuma, porque eu não sou perfeita, sou uma pecadora autêntica e nada vai... Mas noto que tenho muito mais calma e consigo ver as coisas de maneira diferente. Eu achava quando via uma desgraça na televisão eu ficava em pânico. E agora não. Já consigo tentar ver aquilo de maneira diferente, Deus permitiu para alguma coisa é. Sinto-me muito mais calma.</p>	<p>25. Os momentos mais significativos para o P4 relacionam-se com sentimentos de paz, de ternura e de amor, que acontecem em alguns eventos significativos como a Efusão do Espírito Santo que desencadeou uma mudança na sua vida. Sente diferenças como o estar mais calma, mais paciente, mais humilde, mais prestável, mais compreensível, mais aberta à realidade.</p>
<p>Tenho o pormenor, tenho um filho com vinte anos que sai à noite e depois leva a irmã de arrasto atrás dele e eu era daquelas mães que não dormir até o filho chegar a casa. Eu fazia cabelos brancos. Isto tem que passar, eu não sei como, mas isto tem que passar. E toda a gente me dizia: «ah! Isso nunca passa! Ah! Isso nunca passa!» Então uma vez eu fui para a cama e vou assim: “ai, meu Deus! Então vamos lá falar. Oh, Senhor! Eu tenho sono. Eu não consigo esperar, por isso é o seguinte: os meus filhos são teus. Tu cuidas muito melhor deles do que eu. Por isso eu vou dormir e Tu cuida deles. Só te peço, acorda-me quando eles chegarem.” E acordei mesmo quando eles chegaram. Dormi a</p>	<p>26. Descreve a angústia de separação em relação ao filho quando este sai de casa. O P4 não dormia enquanto o filho não chegasse a casa. Apreende a situação em que se encontra e recorre à oração para fazer a entrega do filho a Deus. Esta entrega e aceitação permite que durma tranquila. Descreve que ao pedir que acorde quando o</p>

<p>noite descansada. Agora vou para a cama, deito-me, entrego-os, mas eles são de Deus. Deus cuida deles. Vou para a cama e no momento que estão a por a chave na porta eu acordo. Assim que eu os noto, volto outra vez, já não estou cá para ninguém.</p>	<p>filho entra em casa, isso acontece e volta a dormir descansada.</p>
<p>Pronto, são estas pequeninas coisas que às vezes não damos o devido valor e que se a gente estiver um bocadinho atentas vê que realmente, eu acho, pronto, eu acho, eu digo muita vez, eu acho não, eu tenho a certeza que é Deus que está a tocar isto tudo. Basta a gente confiar, entregar e não ter medo. Eu muitas das vezes tenho medo, continua a ter medo, porque ainda fraquejo muito e por isso a minha caminhada. Por isso a minha entrega total e tento sempre melhorar algo. A conversão vai-se fazendo aos poucos, agente está sempre a melhorar algo.</p>	<p>27. O P4 trabalha no sentido da contínua mudança de vida, de entrega e confiança R/E para se libertar dos medos e sentir que não caminha só, para isso recorre a Deus.</p>
<p>Eu noto que ainda falho muito, tanto, tanto, tanto, que digo muita vez ao padre “eu cada vez tenho mais pecados.” E ele começa-se a rir. Porque eu noto que cada vez estou mais abaixo, eu em vez ir para cima noto-me a descer cada vez mais. Porque eu noto que cada vez preciso mais de Deus e tenho uma sede. Eu ando sempre ansiosa para que chegue o dia para ir ao grupo de oração. Estou sempre ansiosa que chegue o fim-de-semana para ir à Missa porque durante a semana é muito complicado para mim.</p>	<p>28. O P4 reconhece as suas capacidades e limitações, contudo, sabe onde procurar ajuda e força de viver, que é no grupo de oração e na Missa.</p>
<p>E todos os bocadinhos que eu consigo... Eu sou, ou, eu era uma fã incondicional do Tony Carreira. Eu bombardeava os meus filhos com o Tony Carreira de manhã à noite e eles muitas vezes dizem “oh, mãe, quando é que comesas a ouvir Tony Carreira, agora já chegava músicas da Igreja.” Porque eu agora virei-me mais para aí. É onde eu me senti bem. É a minha paz. É o meu refúgio. É ali na Igreja junto de Deus e é onde eu me sinto bem e onde foi onde encontrei a razão de viver. Foi ali mesmo.</p>	<p>29. Descrição de um novo sentido da vida diferenciado do passado pelas preferências de lazer, por exemplo, o P4 houve outro género de música.</p>
<p>I – Durante esse momento que há o encontro no grupo, aquele espaço de uma hora ou duas ou o tempo que estão presentes, durante esse tempo qual é aquele momento mais significativo para si. Entre todos qual é o mais significativo? Descreva esse momento. P4 – A Eucaristia e a Adoração ao Santíssimo. O nosso Encontro frente a frente com Jesus. O momento de adoração. O momento</p>	<p>30. O Momento mais significativo para o P4 ocorre na Eucaristia e na Adoração ao Santíssimo, é o momento de estar com Jesus, o momento de louvor e de estar ali. De ouvir o que diz pela Palavra e pela</p>

<p>de louvor. O momento de estar, de encontramos-nos com Jesus. De estar ali diante dEle. Nós tão pequeninos e Ele ali num pedaço de pão que Ele se tornou para nós, para nos salvar e a gente ali, independentemente de estar ali um pedaço de pão, saber-mos que é Jesus, agente acha-se tão pequeninos, tão pequeninos diante daquele Rei que ali está no meio de nós, a olhar por todos nós a... sei lá...</p> <p>I – E além desse momento há outros?</p> <p>P4 – A Eucaristia. Ouvir a Palavra de Deus. E comungar o Senhor. Receber o Senhor em nós. Ele está vivo dentro de nós. O nosso encontro com Ele. São os pontos que nesses encontros me marcam imenso.</p>	<p>comunhão que originam um encontro sentido e vivido.</p>
<p>I – Nesse encontro e nesses momentos há algum fenómeno que acontece, que evidencie?</p> <p>P4 – Eu já cheguei uma vez... a gente sente paz. Eu acho que a gente... quando a gente vem da sagrada comunhão a gente vem agradecer ao Senhor esta graça de ter a Eucaristia. Esta graça dEle se entregar a nós. Esta graça de o pudermos comungar. Já houve uma vez que eu sentia que estava a ser elevada... como se eu estivesse a ser, ou anjos, não sei explicar, como se eu estivesse a ser elevada, eu estava a flutuar. Só que o flutuar foi muito rápido porque alguém me deu uma cotovelada e deu-me a sensação que eu caí sem pára-quadras. Mas eu na altura estava, eu estava-me a sentir ali nas nuvens tão bem. Aquela paz. É que é uma paz. Não é aquela paz que a gente chega a casa paz do silêncio que não temos barulho não temos nada. É uma paz interior tão grande, tão grande que parece que não há problemas nenhuns no mundo. Parece que estamos ali só com Deus, só com Deus e mais ninguém e só temos vontade de estar ali, não sair dali e pensar “isto nunca deve acabar. Isto tem de ficar sempre assim a gente aqui com Deus.” Só assim é que a gente se encontra.</p>	<p>31. O P4 refere um momento depois da comunhão em que se descreve a flutuar e em paz. Uma sensação de leveza e de estar com o outro num encontro com o outro.</p>
<p>I – Já procurou noutros grupos essa paz, essa ajuda?</p> <p>P4 – Não.</p> <p>I – Nunca frequentou outro tipo de grupo?</p> <p>P4 – Foi aquele grupo de oração.</p>	<p>32. O P4 encontrou neste grupo o que procurava e não frequenta outros grupos. Apesar de ter começado e de ter ido a outro</p>

<p>I – Tirando esse grupo de oração, outros grupos mesmo sem ser de oração.</p> <p>P4 – Vou a um grupo de oração aqui em L. à noite que é dirigido por alguns membros da comunidade, mas não procuro nada. Eu tenho ali o que quero. Eu acho que não há necessidade de eu andar ali feita barata tonta se ali me deram e tenho tudo que eu preciso.</p>	<p>grupo, não encontra neles o que encontrou neste grupo.</p>
<p>I – Aqueles nódulos que desapareceram foi dentro de algum desses momentos? Sentiu em algum momento específico?</p> <p>P4 – Eu não senti nada. Eu não senti nada. Só fiz a minha entrega ao Senhor. “Eu sou tua. Em ti entrego esta doença.”</p> <p>I – Mas foi dentro de algum momento?</p> <p>P4 – Foi numa Tarde de Louvor. Foi numa Tarde de Louvor em A.</p> <p>I – Em que momento específico?</p> <p>P4 – Na Adoração ao Santíssimo. Na Adoração. Na Adoração.</p>	<p>33. O momento específico da cura dos quistos aconteceu no evento de Tarde de Louvor, durante a adoração ao Santíssimo, onde o P4 se entregou e depois dos exames médicos viu que estava limpo. Durante esse momento não senti nada.</p>
<p>Assim que eu conheci a Comunidade fomos logo convidados eu e o meu marido a pertencer à Comunidade. Lá está, Deus vai-se manifestando na nossa vida e vai-nos estendendo a mão e mostrando o caminho por onde é que a gente deve seguir. Porque mal eu entro para a Comunidade somos logo convidados a fazer parte da Comunidade, a sermos membros activos da Comunidade. E aceitamos. E tem-nos levado a muito.</p>	<p>34. O P4 foi convidado a fazer parte activa do grupo, com o cônjuge, onde colaboram frequentemente.</p>
<p>Eu digo muita vez que a fé ajuda-nos a superar tudo. Os problemas estão cá, os problemas estão cá. Não temos que pedir a Deus porque Deus diz mesmo lá numa passagem bíblica «se vós que sois maus dais coisas boas aos vossos filhos quanto mais o Pai do céu que é bom. Nunca vos dá uma cobra se vocês pedirem um peixe.» Mas a gente tem de ter cuidado com aquilo que pede. Porque é assim: Deus sabe tão bem ou melhor do que nós do que a gente necessita. Ele conhece-nos melhor a nós do que a gente próprio se conhece. Por isso, tudo o que Ele permite que nos acontece, a gente tem de louvar a Deus. Por isso, porque se Ele acha que a minha vida tem de se manter assim, é com certeza porque é assim que ela tem de ser para eu continuar a seguir e para não me perder dEle. Eu então antes quero ter os problemas</p>	<p>35. O P4 reconhece as dificuldades da vida, mas apresenta uma atitude aberta e confiante perante as situações adversas, pois sente-se seguro e acompanhado permanentemente por Deus.</p>

<p>que tenho, mas sempre com Deus na minha vida e sempre Deus a caminhar comigo e ter a certeza que Deus olha por mim e que eu não me vou perder dEle, porque Ele vai sempre continuar a olhar por mim, mas eu posso perde-me dEle. Eu não me quero perder dEle. Encontrei-o e eu já não quero sair do pé dEle.</p>	
<p>I – Isso quer dizer que o grupo ajuda? P4 – Ajuda. Ajuda muito. I – Ajuda na sua vida pessoal, familiar, profissional? P4 – Ajuda a minha vida. Tudo. Tudo. Em todos os aspectos. Em todos os aspectos.</p>	<p>36. O grupo ajuda o P4 na sua vida pessoal, familiar e profissional.</p>
<p>I – Houve uma mudança antes de entrar, antes de conhecer o grupo, como é que se descrevia antes de conhecer o grupo? P4 – Neurótica, deprimida. Achava que não havia... como é que eu hei-de explicar... que o futuro era péssimo, era tudo preto, era tudo pintado de muito preto não havia cores nenhuma era tudo em preto. Se fosse, calhar... a crise que a gente vive hoje, se fosse há uns anos atrás, eh pá! E agora a minha vida! Como é que isto vai ser? Passava os dias a chorar.</p>	<p>37. Antes de conhecer o grupo o P4 descrevia-se como uma pessoa neurótica, deprimida, pessimista, chorosa, sem esperança e defensiva.</p>
<p>Agora é um dia de cada vez, com a graça de Deus, agradecemos o pão de cada dia e Deus a cada dia que a gente vai passando, Ele encarrega-se de trazer tudo que nos é necessário. Ele não nos deixa que nada falte. Diz mesmo em Marcos «olhai para os lírios do campo.» I – Sente que é feliz? P4 – Sou. Em Deus sou. Não há qualquer tipo de dúvida. Com Deus sou, muito mais feliz agora. I – Ajudou a participação nesses encontros, ajudo-a a ser feliz ou já o era? P4 – Não. Foi agora nos encontros. Eu era feliz com o meu marido, graças a Deus é um ótimo marido. Mas depois de conhecer a Comunidade, depois de conhecer Deus. Porque ainda não O conheço a cem por cento, não é, porque Ele todos os dias se revela um pouco a mais na minha vida. Mas depois de O conhecer sou uma mulher completamente diferente, muito mais feliz.</p>	<p>38. Agora, o P4, descreve-se como uma pessoa aberta às circunstâncias da vida, no dia-a-dia com confiança no futuro. Considera-se feliz. Refere que os encontros no grupo ajudaram a mudar a atitude perante a vida.</p>
<p>I – A Comunidade ajudou-a?</p>	<p>39. Para o P4, o grupo é uma</p>

<p>P4 – Ajudou e ajuda a conhecer melhor o meu Deus e o meu salvador. Ajuda-me melhor a orientar-me.</p>	<p>comunidade que ajuda a conhecer-se e a conhecer a dimensão religiosa e espiritual.</p>
<p>I – A Comunidade vive, portanto, em grupo e há a parte individual. Na sua perspectiva o que seria melhor, continuar os encontros em grupo ou era preferível ter um espaço individual também para ajudar e para acolher melhor?</p> <p>P4 – E há esse espaço para acolher. Agora já não é tanto, mas depois da Adoração ao Santíssimo que era feita das duas e meia às três e meia eles acolhiam as pessoas, recebiam as pessoas, orientavam e aconselhavam. Agora como a Comunidade já não se encontra no mesmo lugar. Mas o padre está e recebe e ajuda as pessoas que necessitam.</p>	<p>40. O P4 refere que também há espaço para aconselhamento individual.</p>
<p>Eu acho que estas Tardes de Louvor é ótimo para as pessoas que não conhecem virem a conhecer. Os ensinamentos ajudam a aprender como gerir a nossa vida. Como conhecer o Senhor. Porque muita vez Deus revela-se nas nossas vidas e a gente anda tão tapadinhos que não vimos que é Deus que está a manifestar-se, que está a cuidar de nós. A gente está, é assim, andamos tão tontinhos, que era o meu caso, andava tão tonta que podia acontecer-me algo de bom que pensava que era a graça minha, obra minha e afinal não. O que estava a acontecer de bom era Deus a actuar na minha vida. Mas eu andava tão tapada que eu não, não via.</p>	<p>41. O P4 refere que as Tardes de Louvor são necessárias para as pessoas receberem mais informação e formação R/E e reconhecerem essa dimensão nas suas vidas.</p>
<p>Eu tenho episódios muito engraçados no meu dia a dia, eu tiro umas janelas para limpar. As janelas são pesadíssimas, eu não era capaz de por aquelas janelas. Eu andava três, quatro, cinco vezes a tentar por aquela janela. Ponho a janela no chão e vou assim “olha, Senhor, eu não consigo por a janela. Ou Tu me ajudas ou a janela fica aqui, mas eu preciso da Tua ajuda.” Eu pego na janela eu vou enfiar a janela e a janela encaixou sozinha. Eu não fiz praticamente força nenhuma. Hoje tiro novamente a janela, ando a colocar as janelas, em vez de me armar, desculpe a expressão «em carapau de corrida» vou assim logo “olha, Senhor, preciso da Tua ajuda. Ajuda-me Tu a por as janelas.” E as janelas encaixam ali que é uma maravilha. E as coisas correm. Nos</p>	<p>42. Descreve um episódio no trabalho onde o P4 não conseguia encaixar uma janela, depois de a tirar para limpar, e após ter orado a pedir ajuda encaixou-a de seguida facilmente.</p>

<p>pormenores do dia a dia não nos pudemos esquecer de incluir Deus na nossa vida. Agradecer tudo, tudo.</p>	
<p>Eu costumo dizer, uma dor de perna, a minha mãe agora ultimamente tem andado doente, tem andado coxa, não consegue andar e ela lamenta-se, ela chora, diz que não tem vontade de rezar. Eu disse, então “podes não rezar como devias, mas louva a Deus na mesma por teres essa dor.” E ela “ããh?” Eu vou assim “tu é que me levas-te para a Comunidade, por isso tu agora é que tens de aprender não sou eu. Porque se o Senhor permite que tenhas essa dor para o teu bem é. Por isso, dá graças a Deus. Dessa dor que tu estás a ter Ele está a tirar um partido de bom para ti e une os teus sofrimentos ao Senhor.</p>	<p>43. O P4 descreve que passou a ter uma atitude benéfica, de abertura à criatividade e de agradecimento perante as situações difíceis que ocorram, e aconselha aos outros o mesmo que experienciou.</p>
<p>I – Pudemos dizer, ou não, esses encontros comunitários podem ser também como que uma psicoterapia, uma ajuda de terapia psicológica ou espiritual?</p> <p>P4 – Sim. São, são. Espiritual, psicológica. Eu acho que ajuda em tudo. Se a gente estiver atento quando o senhor padre está a explicar ou um leigo que esteja a fazer um ensinamento, se a gente estiver atentos vai ver que há momentos que pensa “eh pá! Estão mesmo a falar para mim. Isto é para mim.” Tanta vez que eu penso “mas ele hoje sabia que eu estava assim? Que me estava a sentir assim?” E não, eles não sabem, não é. Mas o Senhor vai ao nosso encontro de uma tal maneira que fala-nos através do irmão que está a fazer o ensinamento. Isto é para mim o Senhor está a falar comigo como é que eu tenho de agir. E temos a palavra dEle que Ele nos deixou para a gente ir lendo e Ele vai falando connosco.</p>	<p>44. O P4 considera estes encontros como uma ajuda terapêutica, psicológica e espiritual. Descreve que o que é dito nos encontros é um método de relação de ajuda dirigido ao participante que sente estarem a falar-lhe pessoalmente, mesmo que estejam em grupo.</p>
<p>I – Aconselharia a frequentar o grupo mais pessoas que tiverem dificuldades?</p> <p>P4 – Aconselho, Aconselho. Mesmo sem dificuldades vão. Vão. Vão porque a vida... é o que eu digo, não vão à procura de curas nem de milagres. Vão à procura de Deus.</p> <p>I – Mas eles acontecem?</p> <p>P4 – Acontecem.</p> <p>I – Aconteceram em si?</p> <p>P4 – Aconteceram em mim.</p>	<p>45. O P4 aconselha o grupo a outras pessoas que também estejam em dificuldades, porque os milagres acontecem, pois aconteceram na sua vida.</p>

<p>I – E se calhar não acreditam ou acreditam? Tem provas pelos exames?</p> <p>P4 – Tenho. Tenho. Tenho. Tenho os exames. Tenho os exames que eu entrego-lhe com todo o gosto.</p> <p>I – Os exames mostravam que...</p> <p>P4 – Que eu tinha um quisto de... eu já não me lembro se era de três ou quatro centímetros. Era grande, era enorme. Eu tinha muitas dores. Eu tinha hemorragias.</p>	<p>46. O P4 tem exames médicos que demonstram o seu estado doente, especificamente o quisto que lhe causava dores e hemorragias.</p>
<p>I – E depois que frequentou.</p> <p>P4 – E depois aquilo começou devagarinho, comecei a deixar de sentir dores, devagarinho comecei a deixar de ter aquelas hemorragias. E eu a estranhar o que é que se passa. Porque lá está, muitas das vezes a gente anda tão nas nuvens que nem dá conta que Deus está a actuar nas nossas vidas. E Ele está a actuar.</p>	<p>47. Depois de frequentar o grupo, o P4 no momento específico de oração, deixou aos poucos de ter as dores e as hemorragias.</p>
<p>I – O que é que os médicos disseram acerca disso?</p> <p>P4 – Ficaram abismados. Houve um que disse “isso é quisto funcional.” Eu “está bem. Fique lá com o quisto funcional que fico com a minha dica.” E eu disse mesmo à minha médica de família “Foi Deus que me curou!”</p> <p>I – E os exames o que é que eles diziam? Que tipo de quisto era? Funcional ou não?</p> <p>P4 – Não. Não. Não era quisto funcional. Tem quistos funcionais, mas aquele não era funcional. Eu não entendo nada daquilo, mas eu conseguia ver uma massa preta lá e no outro já não tenho a massa preta. Eu tenho os exames e dou-lhe os exames.</p>	<p>48. O P4 relata que os médicos apesar de surpreendidos com o acontecido, disseram tratar-se de um quisto funcional que pode ser reversível. O P4 não sentiu compreensão dos médicos perante o fenómeno ocorrido na sua vida. Para o P4 o significativo foi a cura dos quistos e o modo como aconteceu, pois, além da cura física, produziu uma mudança psicoespiritual na sua vida.</p>
<p>I – Então quer dizer que sente bem-estar em andar no grupo?</p> <p>P4 – Sinto muito bem. E estou deserta que chegue o próximo dia para lá ir.</p>	<p>49. O P4 sente-se bem em andar no grupo e desejoso que chegue o dia de se encontrarem.</p>
<p>I – Numa escala de pontuação de 0 a 20 quanto é que dava aos encontros do grupo?</p> <p>P4 – Dou o máximo, dou 20.</p>	<p>50. O P4 dá 20 ao grupo.</p>
<p>I – Muito obrigado.</p> <p>P4 – De nada.</p>	<p>51. Agradecimento final afirmativo de disponibilidade.</p>

P5G3E5M55C

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>I – Muito obrigado por participar nesta entrevista. Há quanto tempo é que frequenta o grupo?</p> <p>P5 – Eu frequento o grupo talvez desde 1999.</p> <p>I – Já vão uns aninhos.</p> <p>P5 – Já vão uns aninhos.</p>	<p>1. O P5 frequenta o grupo acerca de 12 anos.</p>
<p>I – É uma certa fidelidade, como conheceu o grupo?</p> <p>P5 – Conheci o grupo a partir de um amigo que eu encontrei num café e que um dia, pronto, íamos conversando, íamos ver a bola e ele um dia disse-me que havia uma coisa diferente, que era um grupo de oração de louvor e que se encontrava paz. Era uma coisa para eu ir ver e foi assim que eu fiz.</p>	<p>2. O P5 conheceu o grupo através de um convite de um amigo que relatava encontrar paz no grupo e convidou o P5 a ir ver.</p>
<p>I – Como é que era a sua vida antes de encontrar o grupo? Havia paz, alguma tribulação? Descreva um pouco.</p> <p>P5 – Havia assim uma certa ansiedade com as coisas da vida. Uma tribulação. Um caminhar sem rumo, assim uma coisa sem uma direcção, sem uma linha, sem um fio condutor, sem uma luz.</p>	<p>3. Antes de encontrar o grupo o P5 descreve que era ansioso, atribulado, vivia num caminhar sem sentido.</p>
<p>I – Nessa altura considerava-se uma pessoa espiritual ou religiosa?</p> <p>P – Não. Não. Acho que Deus estava lá muito sossegado no seu mundo e eu no meu. Era isto que eu via, um Deus distante, um Deus longe</p>	<p>4. O P5 não se considerava uma pessoa Religiosa ou Espiritual (R/E), existia um distanciamento espiritual.</p>
<p>e que a partir da minha fidelidade ao grupo comecei a ver que não, que Deus está muito mais próximo de nós. Está perto como Ele dizia, estou perto do teu coração se o abrires eu entrarei nele. Foi isso que aconteceu. Fui deixando abrir a porta aos poucos porque é uma caminhada que se faz na vida e hoje sou muito mais feliz. Sinto que Deus e Jesus está perto de nós, muito mais perto do que nós pensamos.</p>	<p>5. Ao participar no grupo descreve que Deus não está tão longe como pensava. O P5 começou a abrir-se há existência da espiritualidade e refere que está mais feliz, que sente a presença de Deus.</p>
<p>I – Mas ainda antes de entrar e descobrir este grupo, teve algum acidente ou viveu alguma doença, algum sofrimento?</p> <p>P5 – Não. Era uma pessoa que vivia do dia-a-dia. Levantava-me, trabalhava, comia, como se costuma dizer, vivia aquilo que o</p>	<p>6. O P5 não refere o sofrimento, doença ou outro problema que o motivasse a aderir ao grupo. Vivía na normalidade da vida</p>

<p>cidadão faz, via televisão, juntava-me com os amigos e ia ver a bola e depois mudei os meus hábitos.</p>	<p>como o trabalho, o alimento e o lazer.</p>
<p>I – Então ao encontrar o grupo não foi nada de especial que o levou a procurar, mas foi...</p> <p>P5 – Foi a curiosidade. E muitas vezes nós também temos o tal vazio de Deus. Acho que é o ser humano muitas vezes procura o transcendente, porque é uma coisa que não dá valor. Mas a partir do momento que sabe que existe qualquer coisa que governa o mundo e a partir desse vazio comecei a perceber que faltava-me a espiritualidade que até ali não tinha.</p>	<p>7. O que motivou o P5 a procurar o grupo foi a curiosidade e o vazio da espiritualidade.</p>
<p>I – Quando entrou nesse grupo quais foram os aspectos mais significantes que encontrou, por exemplo, na primeira vez?</p> <p>P5 – A primeira vez aquilo que eu mais achei de extraordinário foi o louvor. Portanto, eu já conhecia a Igreja de pequenino, mas cheguei ao grupo de oração e vejo as pessoas a louvar Deus de braços no ar e a cantar canções com um certo sentido em que Jesus nos vem libertar. Toda essa melodia e o canto muito mais alegre, não tem nada a ver com aqueles que eu conhecia da Eucaristia coisas muito tristes. Comecei a ver que o louvor, o deitar cá para fora, cada um fazer a sua oração espontânea dava às pessoas uma certa alegria de estarem conscientes daquilo que estavam a dizer, que estavam a falar com Deus e no grupo dos irmãos em assembleia.</p>	<p>8. O aspecto mais significativo do primeiro contacto com o grupo foi o cântico e louvor, o modo de expressar o estar em grupo, em oração e a alegria libertadora que vivenciou.</p>
<p>I – Ao longo desse tempo, destes últimos anos que tem frequentado o grupo, descreva quais foram aqueles momentos mais significativos que acontecerem nestes encontros comunitários de grupo, os momentos mais significativos para si?</p> <p>P5 – Talvez não se possa dizer que houve... quer dizer, houve um crescente. Nós estamos a crescer cada vez que vamos ao grupo. Cada vez que ouvimos pessoas com uma certa espiritualidade maior e que nos abre o discernimento e carismas e reparamos que existem pessoas com uma espiritualidade umas maior que outras e então ficamos muito mais cheios quando a gente apanha uma pessoa que nos fala cá ao coração. Parece que ficam gravadas as palavras. Parece que comungamos aquilo com aquela pessoa que nos está a transmitir. Olha, eu também penso assim, eu gostava de</p>	<p>9. Os momentos mais significativos para o P5 relacionam-se com o modo espiritual transmitido pelas pessoas. Há uma crescente descoberta de sentimentos empáticos em relação ao R/E que o aproxima de Deus. Neste sentido, descreve que o momento mais significativo aconteceu num evento de oração onde sentiu uma libertação interior, chorou e sentiu o abraço</p>

<p>ter aquela linha, aquele seguir. E depois muitas vezes nós vamos procura-lo através da palavra começamos a orar, a meditar e nessa meditação muitas vezes, nesses tempos de dor, ficamos muito felizes quando a gente começa a descobrir que também temos, pronto, que Deus também faz uma obra em nós, quer dizer, nós também temos essa capacidade de meditar a Palavra.</p> <p>I – Ao longo destes encontros houve algum mais significativo, que fosse mais saliente em relação aos outros? Que tivesse acontecido algum fenómeno mais descritivo, mais visível, alguma coisa que tivesse marcado mais e se destacasse?</p> <p>P5 – Talvez, talvez um encontro em Fátima quando no grupo de oração o padre pedia que as pessoas se libertassem, que as pessoas abrissem de facto a porta do coração e naquele momento houve um choro, houve como que um abraço, houve «o Pai está comigo» Ele está a abraçar-me. Eu senti-me o filho pródigo também.</p>	<p>de Deus como um pai que acolhe o filho que regressa a casa após longo tempo afastado.</p>
<p>I – Dentro dos vários momentos de uma sessão no encontro qual é aquele momento mais significativo para si, que tem mais significado na sua vida?</p> <p>P5 – Todo ele é uma festa. Porque nós antes de entrarmos para o grupo de oração, antes dessa sessão começar já estamos a preparar o nosso coração que vamos para o louvor. Mas o momento principal talvez seja aquela oração mais na intimidade no silêncio quando nós estamos a ouvir alguém que já está a fazer um ensinamento e nós através... por exemplo na contemplação na presença do Santíssimo alguém que está a falar na cura ou na libertação das nossas ansiedades. Aquele momento é forte. É um momento que nós estamos praticamente a ouvir, mas que nos está, que estamos em sintonia e muito, muito, muito em paz, uma paz que ninguém consegue explicar.</p>	<p>10. Dentro de cada encontro o momento mais significativo, para o P5, remete ao contexto de festa e de louvor onde a presença do Santíssimo leva a uma intimidade de sintonia e de paz profunda consigo e com Deus que silencia a ansiedade.</p>
<p>I – Descreva melhor esse momento significativo. Que fenómenos acontecem, o que experiencia?</p> <p>P5 – O que experiencio é isto: quando alguém está frente ao Santíssimo para dizer que o Senhor está para libertar, para te curar as tuas ansiedades, as tuas tribulações, entrega-as a Jesus. Normalmente nós estamos em sintonia com aquela palavra e nós</p>	<p>11. O P5 descreve o momento significativo quando o evento acontece frente ao Santíssimo, onde há uma palavra da pessoa que ora, e refere que na entrega a Deus, Ele está a libertar, a curar</p>

<p>vamos criando esse momento de paz. Vamos de facto interiormente estamos em sintonia com aquela, com aquele dizer “também eu quero abrir-me, eu quero, Senhor, que Tu venhas ao meu coração, eu quero que Tu venhas curar todo o meu interior. Tira-me esta ansiedade. Tira-me da tribulação.” E há aquele momento em que nos sentimos abraçados. São momentos únicos, são momentos que nós sentimos, como alguém dizia “vi este céu descer sobre a terra” e esses são os momentos fortes que nós temos. Eu penso que a oração faz isso: acalma as tempestades que há em cada um de nós.</p>	<p>as ansiedades e tribulações. Esse momento é gerador de paz e de força potenciadora de cura interior.</p>
<p>I – Então esse momento de oração é um momento especial? P5 – É um momento especial. É um momento especial. De muita paz, de muito silêncio. É uma interiorização muito grande.</p>	<p>12. O evento mais significativo é o momento de oração de interiorização, de silêncio e de paz.</p>
<p>I – Pode-se considerar que ao caminhar com o grupo ele também tem um efeito terapêutico ou nem por isso? P5 – Sim, sim. Tem sempre esse efeito terapêutico porque as pessoas tornam-se fiéis. Quando alguém no grupo fala as outras pessoas assumem como se estivessem a receber e a serem contagiadas por esse silêncio, por essa paz e no fim da oração às vezes perguntamos “então, gostou da oração?” e as pessoas “Ai! Foi muito bom. Houve uma paz enorme.” Há uma paz, há momentos de paz. Há momentos de facto que ficamos bem, bem. É um bem-estar interior.</p>	<p>13. O P5 considera o grupo com características terapêuticas, onde destaca a paz que vivencia, o bem-estar interior.</p>
<p>I – Se formos a comparar antes de conhecer o grupo e agora, houve mudança na sua vida? P5 – Sim. Grande. Grande. Há uma grande mudança. Porque nós até ali não sabíamos o que era pensar. Parar para pensar. Não meditávamos a nossa vida. A vida corria porque ela tinha mesmo de correr. Estávamos de tal forma metidos nesta engrenagem que não parávamos para silenciar, para louvar, para agradecer, para bem dizer e grande parte das pessoas que frequentam o grupo de oração fazem-no regularmente, regularmente dizem “oh, Meu Deus! Eu te bendigo! Oh, meu Deus, eu sei que estás perto de mim.” Há sempre uma jaculatória na nossa vida mesmo que não estejamos em apuros, mas sabemos que Ele está perto de nós.</p>	<p>14. O P5 descreve que houve uma grande mudança na sua vida, que aprendeu a serenar da correria da vida, aprendeu a meditar, a contemplar, a louvar e a agradecer as coisas da vida. Refere a confiança na presença de Deus na sua vida e procurou estar junto de Deus e dos que partilham a mesma fé R/E.</p>

<p>Essa é a grande mudança, nós estamos muito ligados. Muitas vezes vou ao Santíssimo, muitas vezes fico ali meias horas sentado “eis-me aqui, Senhor, me abandono a Ti.” Todos os Sábados e todos os Domingos é o meu tempo.</p>	
<p>Depois há outra, há outra, como é que hei-de dizer, é recebermos e depois temos a outra partilha que é dar. Depois começamos a querer dar aos outros aquilo que, porque já estamos transformados, porque vamos ao encontro dos outros, falamos do nosso e damos o nosso testemunho aos outros. Falamos de Jesus aos outros, muitas vezes, eu principalmente vou ao lar e falo com pessoas que ali estão sós e abandonadas e recebem-me bem. Rezo o Terço com elas e gosto. Fazer bem faz bem e eu sinto-me bem fazendo o bem.</p>	<p>15. O P5 reconhece que depois de receber sente-se impelido a partilhar o que recebeu e vai ao encontro de outras pessoas para testemunhar o que vive, a paz e o encontro com Jesus. Sente-se bem a fazer o bem aos outros, no dar o seu tempo e estar com os outros, principalmente os que estão mais sós.</p>
<p>I – Dentro das diversas dimensões da pessoa humana, por exemplo, a dimensão física, psicológica, a espiritual, a social, qual foi aquela que houve, digamos, uma maior mudança, mais significativa e que este grupo possa ter ajudado para a mudança? P - É a espiritual. A espiritual está muito ligada também à psicológica. Eu sempre digo que o homem não é só físico. O homem físico é comandado pelo seu espírito, pela sua alma, mas se ele der valores, se ele tiver valores espirituais ele vive muito mais os frutos do Espírito Santo, a alegria, a paz, a bondade. Há valores que ele nunca mais irá calar. Porque a vida espiritual se até ali eu tinha um vazio depois eu comecei a perceber que era preciso, com valores espirituais, com uma educação espiritual vamos mais além. Nós não somos derrubados com facilidade, não acreditamos em determinadas coisas. Somos muito mais seguros. Sabemos que através da leitura, através da meditação sobre palavras do Novo Testamento, de São Paulo, esse homem fabuloso que me tocou muito e que me transformou.</p>	<p>16. Para o P5 a mudança mais significativa que aconteceu nestes eventos foi a nível espiritual e depois a nível psicológico. Antes sentia um vazio e ausência de valores, depois foi encontrando os frutos espirituais da paz, da alegria, da bondade. Vive uma abertura às situações com maior serenidade e confiança. O P5 procura a sabedoria pela meditação do Novo Testamento.</p>
<p>I – O grupo tem correspondido às suas expectativas? P5 – O grupo tem, tem. No princípio eu ia lá para receber. A partir de determinada altura da minha caminhada, que já lá vão uns anos, eu talvez nestes últimos quatro, cinco anos passei também a empenhar-me e a querer dar. Se até ali recebia agora</p>	<p>17. Para o P5 o grupo tem correspondido às suas expectativas. Tem procurado empenhar-se na compreensão R/E das leituras bíblicas e sente-</p>

<p>também tenho necessidade de dar aos outros, de os animar, porque eu também fui animado por São Paulo, portanto, tenho que animar os outros, tenho que dizer que muitas vezes há pessoas que entram na aridez ou porque não lêem a palavra e então muitas vezes eu também me sinto bem quando estou a dar a alguém o meu testemunho “olha eu era assim e agora estou, Cristo fez uma mudança em mim através da leitura. Através das cartas de São Paulo, lê, faz uma leitura porque tu vais ver que ficas mais alicerçado. Lê a carta de João que é muito bom.” A carta de João quando fala que Deus é amor, mas depois há coisas muito importantes e depois comecei a ler as cartas mais pequenas, as cartas aos Filipenses, as cartas aos Colossenses, as cartas aos Gálatas, cartas simples mas cheias de conteúdo e que me foram dando valores como cristão.</p>	<p>se animado por esse livro, menciona uma admiração por São Paulo e incentiva outros a lerem a Bíblia, que para o P5 tem sido de grande valor pessoal e R/E.</p>
<p>I – Quais foram os aspectos menos bons ou menos agradáveis?</p> <p>P5 – Há medida que fui crescendo dentro do grupo de oração eu reparei que havia muita gente que frequentava o grupo porque se ouvia falar de grandes milagres. Milagres físicos e até havia revistas que contavam que tinham uma dor no joelho e já não tem. E eu achava que aquilo não era por aí. Acho muito mais importante a conversão interior, a cura interior, como hoje se fala. Curar o coração para depois, porque é de dentro do coração que saiem ou coisas boas ou coisas más. O próprio Jesus dizia “que todo aquele que me seguir do seu interior sairão rios de água viva” e de facto é isso. Quem se alimenta pela palavra acaba por falar dela como sendo uma nascente de água que está sempre a jorrar e, claro, para a vida eterna.</p>	<p>18. Os aspectos menos bons, para o P5, relacionam-se com o instrumentalismo das pessoas que procuram curas e milagres físicos e recusam a mudança interior em relação a atitudes e comportamentos. As pessoas procuram a cura em vez de procurar quem cura: Jesus; que dá um sentido na existência da vida do P5.</p>
<p>I – Há alguma coisa em si que não tenha ainda mudado e que gostasse que houvesse essa mudança e que o grupo pudesse ajudar? Que esses encontros pudessem contribuir para essa mudança?</p> <p>P5 – Talvez, vamos lá ver, eu nunca pus essa questão, porque acho que a nossa, a nossa maneira de ser nós não a pudemos alterar. Eu acho que continuo a ser, como é que hei-de dizer, tenho alguma dificuldade em crescer, mudar o meu comportamento, mas porque eu sou também uma pessoa nervosa,</p>	<p>19. O P5 descreve que ainda continua a procurar melhorar a sua maneira de ser, os seus comportamentos e crescimento pessoal. É uma pessoa muito competitiva e nervosa que procura nos encontros de oração do grupo pacificar-se e adquirir auto-controlo.</p>

<p>sou uma pessoa muito competitiva, porque a sociedade também faz isso, mas depois nos momentos de oração eu sei pacificar-me e portanto, a vida como é muito, muito, como é que hei-de dizer, exige muito de nós, nós às vezes esquecemos que só a oração nos transcende, só a oração nos dá a paz e se calhar nesses momentos em que a vida está a correr se calhar era o momento que nós devíamos parar para fazermos oração, para quê? Para nos trazer mais paz.</p>	
<p>I – E nestes grupos de encontro comunitário, de <i>counselling</i>, acha que é facilitador, ou não, ser em grupo ou era preferível ser individualmente?</p> <p>P5 – Não, eu acho que o grupo, a comunidade tem outro valor. Porque nós quando rezamos em grupo, nós pudemos, de facto, fazer oração individual e também podemos fazer a nossa oração colectiva. Mas a oração colectiva tem, quer dizer, é como que um núcleo que está ali, está ali um enxame dentro, está a rezar, estão todos unidos na mesma oração, estão todos unidos na mesma fé. Isso é muito bom. As pessoas trocaram sorrisos, abraços, sei lá, trocaram palavras de consolo, porque a pessoa se estiver só... mas isso faz-se em casa nos momentos em que a pessoa, pronto tem a sua privacidade, pode fazer isso individual. Mas agora, os grupos têm, há muita necessidade de ir ao grupo para ver outras pessoas, para contactar com a outra pessoa para saber como é que ela está, é importante, nós somos um animal social.</p>	<p>20. O P5 considera que os encontros em grupo têm outro valor, em relação a um acompanhamento individual, a oração individual torna-se colectiva por estarem todos em sintonia na mesma intenção de fé, animarem-se na alegria e não se sentirem sós.</p>
<p>I – Há alguma pessoa que se demarque mais no grupo, seja mais visível, mais auxiliadora ou todos são importantes ou há alguma diferença?</p> <p>P5 – Eu acho que todos são importantes. Eu neste grupo que frequento com mais assiduidade eu noto que há lá pessoas que pelo seu silêncio fazem parte do grupo. Assim como há lá outros que são mais animadores que também, dá-me a sensação que entre uns e outros que está ali um misto. Uns estão a silenciar e outros estão a invocar, outros que estão a animar, outros estão a cantar. Porque o ministério do canto é importante, mas o ministério da palavra também é. É alguém que faz uma catequese. E depois existem pessoas, que eu considero os anciãos, aquelas</p>	<p>21. Para o P5 todos são importantes no grupo sem haver distinção, mas há diferenças de características para proveito de todos. Os que têm capacidade para cantar, cantam. Os que sabem animar, animam. Outros louvam e oram, outros que permanecem no silêncio e no silêncio testemunham o bem-estar que sentem ali.</p>

<p>peças mais de idade que estão ali e que já percorreram este caminho todo e estão ali com uma paz enorme, sem questionar, alguns ensinamentos, se calhar até tinham uma palavra a dizer, mas como eles estão tão bem, fazem parte, é como se estivessem ali, fazem parte daquilo, fazem parte do grupo de oração mesmo no silêncio.</p>	
<p>I – Pode-se considerar este grupo como um grupo espiritual e religioso?</p> <p>P5 – Sim, um grupo espiritual e religioso porque estamos a religar-nos com Deus, estamos a religar-nos com Deus, Deus em Jesus, falamos muito que o Espírito Santo venha sobre nós e o Espírito Santo fará obras, e tem feito, o Espírito Santo faz a obra quando Ele quer e quando quer e aonde quer. O Espírito Santo tem iluminado os grupos de oração.</p>	<p>22. Para o P5 este grupo pode considerar-se espiritual e religioso, pois permite religar-se a Deus e às suas manifestações espirituais no grupo e na vida do P5.</p>
<p>I – Tem sido importante na parte psicológica?</p> <p>P5 – Sim. Sim, porque a ansiedade, pessoas que entram muitas vezes com depressões. Pessoas que estão à beira e muitas vezes são acolhidas, acolhidas e quando esse acolhimento é sincero, a pessoa torna-se fiel e a pessoa começa a libertar-se, começa a conhecer-se espiritualmente porque se calhar até ali não se conhecia e a pessoa começa a tornar-se, a paz vem. Muitas vezes problemas lá em casa com os filhos, com o marido, com os restantes familiares e então a pessoa consegue gerir, consegue ser mais dócil, consegue transmitir essa paz que recebeu no grupo de oração. Há muita gente que diz que o grupo de oração é como que ir beber à fonte, às nascentes das águas para depois ir evangelizar em casa com docilidade, com amor, com temperança, pronto, vai ao encontro, que dizer, já é amável, torna-se dócil. Portanto, o próprio grupo que a pessoa frequenta vai fazer transformação nas pessoas que o frequentam.</p>	<p>23. A área psicológica da pessoa é beneficiada, como descreve o P5. Há pessoas que vão ao grupo com ansiedade, com depressões e no grupo há um acolhimento à pessoa que vem em sofrimento e esta começa a libertar-se, a confiar e fica fiel ao grupo. O grupo permite uma transformação nas pessoas para o restabelecimento da mesma.</p>
<p>I – Em si também sente essa transformação?</p> <p>P5 – Sim. Sim. Sim. Senti-me como mais pacificador. Senti-me que devia rezar por aquelas pessoas que nos governam. Muitas vezes para que haja paz no nosso trabalho, que haja paz nos nossos amigos e foi isso que comecei a transmitir no grupo onde estou, de que frequento o grupo de oração e que me traz</p>	<p>24. No P5 também acontece uma transformação na sua vida. O P5 sente-se mais pacificado e pacificador.</p>

<p>paz.</p>	
<p>I – Então se fosse para escolher dentro de cada sessão apenas para me descrever um dos momentos mais significativos que vivenciou, nesses encontros comunitários de <i>counselling</i> psicoespiritual, qual era o momento mais significativo? Deles todos em que há vários momentos com grande significância, qual aquele momento mais significativo?</p> <p>P5 – O momento, talvez, mais significativo do grupo em que nos sentimos melhor é nos momentos de silêncio, depois de louvarmos nós fazemos uma oração que é a oração em línguas, que é uma oração diferente que não se vê aí num grupo de oração, depois cada um fica no seu silêncio, nessa contemplação e é um momento bom, um momento de paz.</p>	<p>25. O P5 refere que os momentos mais significativos os momentos de silêncio a seguir à oração em línguas onde vivencia um momento de paz.</p>
<p>I – Como é que se descreveria antes e como e que se descreve agora depois de ter entrado no grupo?</p> <p>P5 – Antes era uma pessoa que vivia com a ausência de Deus e hoje vivo muito próximo dEle porque me deu paz, tranquilidade. Hoje eu encaro a vida na espiritualidade. É ela que há-de, é o fio condutor que eu tenho porque Deus é a luz. Ele é o próprio a dizer “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.” E eu hoje oriento a minha vida por isso. A minha espiritualidade está presente. Antigamente não tinha, não tinha espiritualidade, vivia a vida com um Deus lá muito distante muito longe e que não lhe passava muita importância, não lhe dava a importância que Ele era Deus. Hoje não. Hoje vejo que a vida está muito... nada se faz sem o louvor, nada se faz sem uma oração, nada se faz sem um pensamento, Jesus como salvador.</p>	<p>26. Antes de caminhar no grupo o P5 vivia num estado de ausência de espiritualidade, de ausência de Deus que estava longe e inacessível. Hoje o P5 vive na proximidade de Deus, vive com um sentido espiritual, vive em paz e tranquilo numa vida de oração activa.</p>
<p>I – Considera, então, que é benéfico para o seu bem-estar a participação no grupo?</p> <p>P5 – Benéfico, muito benéfico. Para mim aprendi com os mais velhos e aos pouco também me fui tornando mais dócil quer no grupo de oração, quer na vida. Portanto, é benéfico o grupo de oração. Muito benéfico quer em termos de sociedade, quer em termos de amizades, quer em termos de quando vamos para outros, por exemplo, quando vamos para Fátima para retiros nós verificamos que existe uma grande irmandade somos todos</p>	<p>27. O P5 considera a sua convivência no grupo benéfica para o seu bem-estar, para a docilidade de vida, na aprendizagem que teve pelos mais velhos, na amizade e convivência inter-relacional no grupo.</p>

<p>reunidos, estamos todos com o mesmo projecto, Jesus está na nossa vida.</p>	
<p>I – Aconselhava estes grupos a outras pessoas que, por exemplo, tivessem problemas ou alguma doença a nível psicológico ou indicava preferivelmente ir a um médico ou um psicólogo ou aconselhava a ir ao grupo?</p> <p>P5 – Eu conheci e conheço alguns casos de pessoas que andavam a ser tratadas pela depressão e que eu disse-lhe assim: “olhe que os medicamentos não tratam. Apenas os medicamentos ajudam. Portanto, reconcilie-se, vá a um grupo de oração, escolha um grupo de oração deste tipo de espiritualidade. Você vai ver que vai haver maravilhas na sua vida. Você começa a ver que é preciso entregar o seu problema, abrir o coração. Faça esse exercício e faça bem. Quando fizer bem, quando pensar que o seu problema é tão pequeno, quando começar a ver que pode mudar as suas montanhas dentro do seu pensamento você vai ver que consegue mudar o pensamento, consegue mudar a sua vida, consegue pacificar-se e então você vai melhorar.”</p>	<p>28. O P5 aconselha o grupo a outras pessoas e descreve a sua indicação a pessoas com depressão.</p>
<p>Já tenho notado pessoas que confessam que depois de um grupo de oração, de se manterem fiéis a esse grupo de oração, a vida delas também mudou. Mudou porque havia uma ansiedade, havia muitas vezes uma revolta e depois elas começaram a aceitar os problemas às vezes de filhos que andam longe de Deus e então elas... hoje os filhos continuam longe de Deus, mas elas aceitam. Já estão numa fase em que o coração delas entregam tudo ao Senhor e acho que Deus faz maravilhas nas pessoas, porque a ansiedade já não é tão grande. As pessoas conseguem viver muito mais calmas e serenas porque o grupo de oração fez essa transformação.</p>	<p>29. Descreve que a vida de algumas pessoas suas amigas mudaram depois delas terem entrado no grupo e fazerem um acompanhamento fiel no grupo. A vida mudou e revela-se com menor ansiedade e maior serenidade na pessoa.</p>
<p>I – Numa escala de 0 a 20 como é que considera a ajuda, o <i>counselling</i> psicoespiritual, que nota é que dava na ajuda para si e para as pessoas?</p> <p>P5 – É assim, nós não pudemos mediar as coisas. Tem a ver com a nossa entrega. Se eu me entregar a cem por cento, então é vinte. Mas se eu me entregar a quinze por cento, então é só quinze. Portanto, sou eu que tenho de fazer essa caminhada. Sou eu que</p>	<p>30. A classificação que o P5 atribui à ajuda no grupo de o <i>counselling</i> psicoespiritual depende da capacidade de entrega e caminhada de cada pessoa na sua liberdade de uma relação de procura de ajuda e</p>

<p>tenho que auto-ajudar-me, porque sou eu que tenho o problema, mas eu não posso ajudar-me sozinho. Eu tenho que procurar os outros para que os outros também me ajudem. Portanto, com a forma como eu me entendo e me envolvo no meu problema e me quero libertar nesse problema, então, tudo tem a ver com a minha entrega. A minha entrega é o principal.</p>	<p>deixar-se ajudar.</p>
<p>Existem curas interiores, existem conversões, que é o caso que eu digo, eu também me senti um convertido a partir do momento que eu me entreguei. É muitas vezes preciso o abandono e esse abandono não é um abandono com sofrimento, mas é um abandono porque eu desejo, porque eu quero e quando eu quero e quando eu desejo eu sou feliz. Portanto, posso dizer que é consoante ao nosso empenho e a nossa entrega. Quanto mais te entregares a Deus mais benefícios tu tens desse grupo, dessa espiritualidade e é bom ser feliz.</p>	<p>31. Para o P5 a mudança feliz na sua vida aconteceu após a sua entrega e abandono à dimensão R/E no processo espiritual do respectivo grupo.</p>
<p>I – Há mais alguma sugestão que quisesse partilhar ou sugerir? P5 – Só tenho a dizer isto: os grupos de oração que como eles apareceram foram muito bons, porque dá ao leigo a oportunidade dele se manifestar como cristão. É ele inserido no núcleo e nessa comunidade, ele vai crescendo e porque ele também tem carismas também tem essa capacidade de envolver todas aquelas pessoas que querem participar nesse grupo de oração. Então, toda essa envolvência, nós somos todos livres, somos todos livres de nos dar-mos aos outros e de espontaneamente, porque nos sentimos como uma família, de contar-mos o nosso problema, de pedir-mos ajuda e ainda bem que existem estes grupos para que os próprios leigos que falam de Deus, que têm esses carismas, que podem ajudar muitas vezes aquelas pessoas que entram em desânimo, que vêm ao grupo de oração muitas vezes doentes, muitas vezes na aridez e depois passado um ano ou dois a gente verifica que elas já estão muito melhores, elas deram um salto qualitativo.</p>	<p>32. O P5 sugere mais grupos deste tipo, pois são bons para as pessoas e a sociedade, por quanto promovem a participação activa de pessoas em dificuldades numa envolvência familiar de inter-ajuda pela componente R/E. São as próprias pessoas que depois de beneficiarem de ajuda passam a apoiar os outros e com o passar do tempo confirma os benefícios qualitativos vividos neste tipo de acompanhamento.</p>
<p>I – Muito obrigado por esta entrevista. P5 – Obrigado eu.</p>	<p>33. O P5 sente-se agradecido pela participação neste trabalho.</p>

P6G3E6F50T

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>I – Muito obrigado por este tempo. Já agora há quanto tempo participa ou conhece o grupo?</p> <p>P6 – Estou há três anos em grupo de oração.</p> <p>I – Há três anos.</p> <p>P6 – Sim.</p>	<p>1. O P6 conhece o grupo e está nele há 3 anos.</p>
<p>I – E como é que conheceu o grupo?</p> <p>P6 – Determinadas necessidades da vida. Necessidades mesmo graves acabaram por me fazer recorrer a um padre, procurar um padre e depois de me sentir lá bem na oração que ele fazia acabei por ficar lá muito tempo.</p>	<p>2. O P6 conheceu o grupo por necessidade de ajuda através de um padre.</p>
<p>I – Pode descrever um bocadinho quais eram essas necessidades antes de conhecer o grupo, como é que eram?</p> <p>P6 – Eu tinha perturbações de nível espiritual. Perturbações graves que não me deixavam estar bem, não dormia bem, ouvia coisas em casa, coisas estranhas e acabei por recorrer a um padre que é exorcista e depois de uma entrevistas ou duas com ele disse que tinha de procurar um grupo de oração para me fortificar. E realmente foi verdade. Comecei a ficar cada vez mais forte, surpreendentemente forte, em paz, com muito mais paz e parecia que era uma vida nova. Portanto, as coisas que me perturbavam antes deixaram de me afectar, pelo menos com aquela força e tão sistematicamente.</p>	<p>3. As necessidades que levaram o P6 a procurar ajuda psicoespiritual são de ordem espiritual, perturbações graves que não o deixavam dormir bem, ouvia coisas estranhas em casa. Depois de recorrer a um padre exorcista as coisas que sentia deixaram de se manifestar. Após uma ou duas entrevistas individuais e ter começado a participar no grupo, O P6 começou a sentir-se em paz e fortalecido espiritualmente.</p>
<p>I – Pode descrever um bocadinho esses fenómenos que aconteciam das coisas que a perturbavam?</p> <p>P6 – Haviam fenómenos em casa de barulhos que se ouviam. Eu estava muitas vezes extremamente nervosa até muito irritada, não parecia eu, achava que era estranho, mas como tenho um rapaz que tem um problema grave de saúde pensava que era um simples nervosismo. Quando um dia fui a um café e falo que estava desde o dia anterior especialmente mal, houve qualquer coisa que saiu</p>	<p>4. O P6 descreve os fenómenos estranhos como barulhos que ouvia em casa, sentia-se extremamente nervoso e irritado, atribuía-os ao seu filho que está doente. Descreve que um dia ao ir a um café sentiu qualquer coisa a sair dele para a pessoa</p>

<p>de mim e entrou no outro rapaz e esse rapaz começou-me a falar com outra voz estranha e eu percebi que quando eu fiquei aliviada ele ficou mal e aí percebi que o problema que eu tinha não era simplesmente psicológico ou de tristeza, mas que era alguma coisa que me afectava profundamente e muito. Continuei depois a tornar a ter outra vez crises e senti-me muito mal, perfeitamente sem cérebro, parecia que não conseguia pensar, com uma agonia imensa, parecia que não tinha cabeça</p>	<p>com quem falava no momento e que esta começara a falar com uma voz estranha. O P6 ficou aliviado mas a pessoa com quem falava demonstrou o mesmo estado de espírito que o P6 tinha. Percebeu a partir daí que algo de estranho se passava com ele e o deixava angustiado, sem capacidade de raciocínio.</p>
<p>e depois de estar com esse padre umas duas vezes depois disso passou, especialmente porque fui sempre todas as semanas ao grupo de oração. Portanto, fui... sei lá, saber que existe um Deus que cuida de nós e que é superior a qualquer coisa que nos aconteça e que nos rodeia, dá-nos aquela esperança de que aquilo por que passamos consegue ser ultrapassado e isso é uma maneira de nós, também, conseguirmos resistir e ter esperança, ter calma e esperar.</p>	<p>5. O P6 refere que depois de estar duas vezes com esse padre os fenómenos estranhos que sentia começaram a desaparecer. A frequência no grupo de oração ajudaram o P6 a ter esperança, a resistir e ultrapassar as situações problemáticas.</p>
<p>I – Alguma vez procurou ajuda médica para essa situação antes de entrar no grupo? P6 – Não. Já há muitos anos, de vez em quando, tive estas crises. Mas estas crises não são entendidas por médicos, portanto, entendem se nós estivermos numa depressão, não percebem o que nós temos muitas vezes.</p>	<p>6. O P6 não tinha procurado ajuda médica para esses acontecimentos porque na sua opinião, os médicos não compreendem o seu estado de espírito, pois já lhe tinham acontecido essas crises no passado e não o compreenderam.</p>
<p>Eu mesma já tive depressões, mas enquanto tomava medicamentos conseguia fazer uma auto-análise e perceber quais eram os medos que me afectavam, o que é que me punha mal, o que é que me punha angustiada. Por mim mesma descobri as coisas e comecei a correr com essas ideias da cabeça. Depois houve aquele sistema de pensar que afinal as coisas conseguem-se ultrapassar por nós mesmos, mesmo sem medicamentos,</p>	<p>7. Refere que teve depressões, foi medicamentada, identificou os seus medos e angústias e procurou superar por si mesmo essas situações.</p>
<p>porque... e não me deixar afectar pelos medos, no fundo havia muitos medos, muitos medos do futuro. Muitas situações de <i>stress</i> de estar em público que no fundo exige de nós muita força</p>	<p>8. Descreve que tinha muitos receios: medo do futuro, medos relativos à expectativa, a</p>

<p>e há sempre receios. Há sempre medos de errar e eu comecei a não me importar de errar e isso tranquilizou-me muito.</p>	<p>situações de <i>stress</i>, de errar e de estar em público.</p>
<p>I – Foi isso que a levou a procurar este grupo? P6 – As perturbações graves é que me levaram a procurar o grupo. E eu também estava numa situação fragilizada por causa do problema de saúde grave do meu filho. Portanto, é normal que não tivesse uma força suficiente nem grande lucidez para sozinha conseguir ultrapassar as coisas.</p>	<p>9. O P6 refere que foram as perturbações graves que o levaram a procurar o grupo, nomeadamente a situação de doença do filho e a necessidade de ajuda para encontrar equilíbrio interior.</p>
<p>Depois o grupo ajudou-me também noutro sentido, que é ter alguém que comunga comigo a mesma fé dá-nos forças para percebermos que a nossa fé não é uma fé isolada, que nós estamos em grupo, que nos ajudamos. O Deus que eu creio que existe, os outros também acreditam e portanto, isso fortifica-nos muito. Numa família em que as pessoas por norma acham que se Deus existe não faz grande coisa e portanto não tem grande actividade, até uma boa filosofia, mas não passa disso, estar numa família assim e ter um problema grave se tivermos depois numa oração em que as pessoas partilham a mesma fé. Porque nós nos entregamos a essa fé e acabamos por ter respostas concretas na sua existência e da ajuda, a partir daí crescemos na fé e crescemos nessa esperança. Depois acontecem coisas muito bonitas e confirmações, muitas vezes confirmações daquilo.</p>	<p>10. Para o P6 o grupo ajudou-o a partilhar a mesma fé no mesmo Deus, a não se sentir isolado, mas compreendido na dimensão Religiosa e Espiritual (R/E). O grupo assume para o P6 uma dimensão de família onde se sente compreendido e fortalecido dando um sentido existencial à sua vida.</p>
<p>I – Antes de conhecer este grupo considerava-se uma pessoa espiritual ou religiosa? P6 – Eu antes de conhecer este grupo, desde miúda nova que eu me sentia espiritual e com fé. I – Mas praticava a religião? P6 – Não. Não. Durante muitos anos não praticava a religião, quer dizer, tinha no coração essa fé. Tinha no coração esse sentimento por Jesus Cristo muito forte. Tinha na memória a experiência desse Deus próximo, mas por causa da influência da família ou porque a vida é mesmo assim, nós andamos muito a correr, acabava por aquilo em que talvez fosse a fonte de serenidade e que me dava muita energia, muita força para estar na vida também de uma forma mais positiva, acabava por não</p>	<p>11. O P6 refere que desde novo se sentia uma pessoa espiritual e com fé, mas não praticava qualquer religião por influência familiar e social. Sendo uma pessoa de força positiva, não valorizava essa dimensão espiritual.</p>

<p>procurar, porque a gente deixa sempre para último lugar aquilo que não é tão aceite pelos outros e tão palpável.</p>	
<p>I – Então depois encontrou este grupo há acerca de... P6 – Três anos e tal, sim.</p>	<p>12. O P2 encontrou este grupo há três anos.</p>
<p>I – Descreva, então, quais foram aqueles momentos mais significativos que encontrou neste grupo de acompanhamento psicológico ou espiritual? Como é que o define, mais psicológico, mais espiritual ou ambas as coisas? P6 – Eu acho que é mais espiritual. I – Espiritual. P6 – Eu acho que nitidamente mais espiritual.</p>	<p>13. Os momentos mais significativos para o P6 são de carácter espiritual.</p>
<p>I – Quais foram os momentos mais significativos durante esse percurso neste grupo? P6 – É assim, o percurso que nós fazemos quando estamos inseridos no grupo não se limita só ao tempo em que vivemos no grupo. Portanto, isso traz-nos uns hábitos e umas vivências que não se fazem depois no dia-a-dia mesmo quando não estamos em grupo. E às vezes é difícil definir o que é que aprendemos no grupo ou quando praticamos a leitura da Bíblia ou fazemos meditação ou quando aprendemos determinadas práticas que não costumávamos fazer e passamos a fazer. Portanto, é difícil definir o que é que é dentro do grupo ou fora. Agora, que é nítido que foi a partir do grupo que passei a ler a Bíblia, que passei a interessar-me muito mais por Jesus Cristo e me habituei a ver que para além da leitura imediata que existe em qualquer parte da Bíblia existe uma outra leitura que é aquela que me diz respeito a mim naquele momento e que me serve de base para um novo patamar que vou ter a seguir. Que aprendi que as dificuldades me criam experiência. Uma experiência que pode ser negativa mas que me é muito benéfica para mim e para os outros e que me fortificam também. Isto foi tudo aprendido no grupo. Não porque me dissessem ou porque me ensinassem, mas o facto de viver de determinada maneira, que é em meditação à espera que esse Deus, que é maravilhoso, venha sobre mim e me ensine aquilo que eu não sei, e porque vem, e muitas vezes faz-se luz na nossa cabeça de determinadas verdades que nós nunca tínhamos reparado</p>	<p>14. Os momentos significativos prolongam-se para além da experiência em e com o grupo. Reflectem-se na vivência diária da prática da meditação da Bíblia, do conhecimento da pessoa de Jesus Cristo, na capacidade de superar as dificuldades e adquirir experiência com as mesmas dando um novo sentido à sua vida. Os momentos significativos de meditação, de silêncio e de oração. O aprender a despojar-se de si, a perdoar e a confiar em Deus para viver numa descoberta em e com o grupo.</p>

<p>e essas verdades são o patamar para atingir outras. Isso aprende-se no grupo. O silêncio, o estar bem em silêncio. O confiar. O despojarmo-nos dos problemas. Ausentarmo-nos da vida. Perdoar, no fundo quem é mais sacrificado por não perdoar é realmente quem não perdoa, porque se nos fazem qualquer coisa que nos preocupa nós pensamos nisso duzentas vezes é como se estivéssemos duzentas vezes a sofrer a mesma agressão. E essa aprendizagem, inclusivamente do perdão que beneficia muito quem perdoa, é uma aprendizagem que eu fiz no grupo, também. Portanto, eu não me deixo sacrificar pelas memórias. Sempre que posso não me deixo sacrificar por elas, pelas memórias negativas. E vivo muito, aprendi a avivar todas as experiências positivas que Deus me deu e me foi dando integrada no grupo.</p>	
<p>Coisas concretas há muitas, há, por exemplo, eu entrar com dores, pedir, fazer oração até pelos outros, porque facilmente a gente acaba por se esquecer de nós e sair de lá sem dores. Acontece...</p> <p>I – Dores a nível físico?</p> <p>P6 – Físico mesmo, físico na lombar. Eu lembro-me ir com uma cinta ortopédica na região lombar e por acaso pedir por vários doentes, a ajuda de Deus por determinados doentes, estou lá, estou em oração e não me lembro de mim, realmente não me lembro, porque realmente é fácil a gente evadir-se do normal quando meditamos ou quando pensamos em Deus. E depois saio de lá e espanto-me quando reparo que não tenho as dores e até estava com a cinta e já não precisava dela. Portanto, isso aconteceu-me.</p>	<p>15. Outros momentos significativos descritos pelo P6 estão relacionados com dores físicas. Este, refere que um dia em que usava uma cinta ortopédica devido a uma dor lombar, estava a orar pelos outros com o grupo e ficou curado dessa dor.</p>
<p>Há outras coisas que me aconteceram também, como por exemplo, estar em casa ser preciso quem tocasse no órgão e eu ser impelida quase impelida para o piano para preparar os cânticos que lá se cantavam, ainda não estava a trabalhar, e vejo que aquela força não é minha. Há uma finalidade, há um sentido para a vida e um sentido no momento em que somos no momento impelidos a realizar determinadas coisas sempre em serviço dos outros ou em serviço do crescimento dos outros. Não sei, do ambiente que se gera para que os outros cresçam. Portanto, há obra nossa, mas há obra que nós deixamos fazer em nós. Isso</p>	<p>16. Outro momento significativo, ocorrido na sua residência, descreve ter-se sentido impelido a ir tocar órgão para preparar cânticos para ajudar no grupo. As reuniões com o grupo promovem no P6 um sentido na sua vida, fazendo-o sentir-se bem quando pratica o bem para com os outros.</p>

<p>aprende-se no grupo. O que é que é nosso e o que Deus quer realizar em nós.</p>	
<p>I – Desses momentos todos qual é o evento mais significativo para si, deles todos há algum mais especial que tenha acontecido e tenha marcado ao longo deste tempo, destes anos?</p> <p>P6 – Eu tive várias experiências de fé marcantes durante esse tempo. Algumas não foram no grupo, foram depois isoladamente quando estava na igreja. Eu estar outra vez perfeitamente perturbada, não era psicológico, também, era uma angústia grave, mas não eram angústias eram mesmo perturbações do lado do mal.</p>	<p>17. O P6 refere um evento significativo numa experiência de fé. Conta que depois do encontro no grupo, quando estava numa igreja, sentiu-se mal e profundamente perturbado, e que depois de orar sentiu-se liberto desse mal.</p>
<p>I – Mas agora no grupo, centrando-nos apenas no grupo.</p> <p>P6 – Eu não me lembro assim de nada. O meu percurso tem sido evolutivo mas de passinho a passinho. Não encontro nada, se bem que aquela ausência de dor fosse uma coisa fabulosa, porque não houve interferência de mais nada. Mas, digamos que não sinto que houvesse coisas grandes em determinado momento, houve é sempre uma evolução.</p> <p>I – Quer dizer que durante aquele sofrimento que falou há pouco foi conseguindo ultrapassar, o que é que aconteceu? Foi melhorando?</p> <p>P6 – Não, não. Melhorei repentinamente durante uma oração. Quando reparo deixei de ter dor. Eu nem pensei no assunto. E a dor não era psicológica. Eu faço esforços grandes para movimentar o meu filho e, portanto, às vezes nós carregamos, e nunca mais tornei a ter dor assim.</p>	<p>18. O momento mais significativo aconteceu quando o P6 sentiu-se curado da dor num evento de oração ocorrido no encontro de grupo.</p>
<p>I – Mas tinha falado que ainda antes de entrar no grupo aconteciam certos acontecimentos. No grupo eles foram solucionados, foram resolvidos e ajudados?</p> <p>P6 – Sim. Foram resolvidos os problemas. As interferências exteriores a nós muitas vezes não são resolvidas, mas nós habituamo-nos a pedir ajuda a Deus e Ele vir em nosso socorro. Portanto, há mesmo uma confiança extrema, confiança essa que é feita na base da experiência dessa ajuda, dessa ajuda que é prestada em determinado momento e a partir desse momento eu sei que Deus me ajuda na próxima vez se me vier a acontecer.</p>	<p>19. Os problemas graves, que levaram o P6 a procurar o grupo, foram resolvidos pela ajuda, em confiar na presença de Deus nos momentos difíceis, que o grupo proporcionou. O P6 sente essa vivência na sua vida.</p>

<p>I – Dentro de cada sessão, de cada encontro, qual é aquele momento mais significativo, que é mais significante para si, que é mais marcante em cada sessão, em cada encontro? Há um momento mais significativo que se demarque dos outros?</p> <p>P6 – É sempre o momento em que estamos em sossego e calados. Sempre. Seja ele quando estamos a louvar, a louvar a Deus ou interiormente ou mesmo verbalmente, aí já não estou propriamente calada. Mas depois há outro momento em que nós lemos a palavra e estamos em meditação sobre a palavra que acho que também é... tudo o que seja também um certo silêncio é muito, é muito tranquilo, muito pacificador e é... e sentimos a imunidade, apesar de estarmos calados sentimo-nos próximos, sentimo-nos acompanhados, não nos sentimos isolados.</p>	<p>20. Dentro do encontro os momentos mais significativos para o P6 são os momentos em silêncio, os de louvor, os de meditar a palavra bíblica. São os momentos em que se sente acompanhado e vivencia o sossego e a paz.</p>
<p>I – Tinha falado que o seu filho teve um acidente?</p> <p>P6 – Está tetraplégico, teve uma lesão na medula, na cervical há cinco anos.</p> <p>I – O grupo também tem ajudado nesse aspecto, a participação no grupo?</p> <p>P6 – O grupo tem-me ajudado muito em... na medida que o crescimento na fé, na esperança, por um lado, no acreditar, porque confirma a minha esperança e a minha fé. Por outro lado, porque nós numa coisa que é má acabamos por achar algum benefício no sentido em que vemos toda a vida de uma outra maneira. E aprendemos, como São Paulo diz, que Deus não permite nada ao homem que seja superior às suas forças. Portanto, embora eu seja fraca eu sei que estando em Deus tanto quanto me é possível da minha parte que Deus de certeza não me deixa passar por nada que eu não possa com Ele suportar. E aprender que a vida tem outra dimensão que não é só esta, que nós também toda a vida sentimos, porque a própria vida que nós reduzimos muitas vezes a esta vida terrena acaba por nos dar sempre motivos para nós não acreditarmos nela. O problema é quando não temos esperança para além disso.</p>	<p>21. O filho do P6 teve um acidente e ficou paraplégico há cinco anos. O P6 descreve que o grupo o tem ajudado nesta situação através da transmissão de esperança, no crescer da fé e na perspectiva benéfica que pode ser experienciada face à situação de dificuldade. O P6 sente-se amparado pela dinâmica do grupo que vive uma fé em Deus e gera a força necessária às necessidades do P6.</p>
<p>I – Pode-se considerar que o grupo foi ou tem sido benéfico para si?</p> <p>P6 – Sem dúvida nenhuma, o grupo sempre foi benéfico para</p>	<p>22. O P6 considera o grupo benéfico para si, principalmente a nível espiritual, porque</p>

<p>mim.</p> <p>I – A nível pessoal, espiritual, psicológico, qual a dimensão, digamos assim, que mais impacto e mais ajuda teve?</p> <p>P6 – É assim, a ajuda é nitidamente espiritual. Essa ajuda espiritual tem impacto na minha vida toda, toda. Tanto na parte física, porque se eu andar, sem me sentir que não estou só, obviamente ando mais forte, não entro em desânimo, sei que existe um Deus que me protege, que me salva. O que eu às vezes peço a Deus é uma antecipação do reino para o meu filho, quer dizer, não esperar por não ter corpo para que não exista a cura dele. Sei que Jesus Cristo ligando-se ao Pai aconteceu isso a todo o momento. Mas de qualquer forma mesmo que isso viesse a acontecer ele permanecer assim eternamente nesta vida, sei que na eternidade não aconteceria isso, até porque é do corpo e o problema dele não é para além do corpo. Agora, essa ajuda espiritual tem-me ajudado também tanto fisicamente, nós conseguimos ter doenças por factores psicológicos, obviamente se o psicológico está ajudado pela parte espiritual o físico também está.</p>	<p>promove um impacto salutar nas diversas dimensões da sua vida a nível.</p>
<p>Às vezes causa é um bocadinho de problema na família, porque nós passamos a estar mais tranquilos e ninguém percebe porquê. Nós começamos a isolar um bocadinho no quarto para nos pormos em relação com Deus e as pessoas não entendem muito bem. Isso aí sim, às vezes cria um certo problema, mas desde que seja equilibrado não há problema.</p>	<p>23. O P6 refere que esta nova expressão de viver na R/E causa alguma incompreensão familiar, não que esteja pior ou provoque outros problemas, mas porque o aspecto R/E é incompreendido.</p>
<p>I – Tem havido, então, uma mudança na sua vida?</p> <p>P6 – Tem havido uma mudança significativa, significativa. Estou muito mais alegre, muito mais optimista. A minha vida em casa já mudou, já consigo fazer festas, fazer bolos enfeitados (ri). Já consigo ter algum ânimo e alguma alegria aqui em casa. Perceber que eu também sou o veículo dessa alegria e pedir a Deus força para a ter, mesmo que não seja por mim, porque a gente não tem que andar sempre permanentemente felizes ou alegres, mas o meu filho e os outros meus filhos precisam dessa alegria e Deus ajuda-me. Não me sinto só quando tenho uma dificuldade, mesmo para ultrapassar essa dificuldade.</p>	<p>24. Houve uma mudança significativa na vida do P6. Este descreve-se como sendo uma pessoa mais alegre, mais optimista. O P6 recuperou o sentido de viver e de viver alegre que também contagia os restantes familiares.</p>

<p>I – Para resumir, o que é que mais salienta nestes encontros comunitários, nestes encontros de ajuda psicoespiritual?</p> <p>P6 – Saliento é nitidamente a proximidade com Deus, com o espiritual e a proximidade com os outros. Muitas vezes nós estamos só a usufruir dessa proximidade com Deus, mas estamos em comunhão com os outros, com os problemas dos outros e recebemos e damos e fazemos na prática aquilo que São Francisco fazia que é dando que se recebe. Não encontro maneira de receber que não seja dando. Isto talvez seja exagerado, naturalmente esqueço-me de algumas situações em que recebo sem propriamente directamente ter dado, mas começo a perceber que isso é francamente verdade.</p>	<p>25. O P6 observa no actual grupo a proximidade com Deus, com o espiritual, com os outros e a partilha de ajuda que daí advém.</p>
<p>I – Podemos considerar o grupo como um grupo de terapia, psicoterapêutico ou apenas na dimensão espiritual e não ter nada haver com terapêutico?</p> <p>P6 – Não, eu acho que é terapêutico, embora a finalidade do grupo não seja a terapia. Quando se encontra Deus e quando se fomenta essa proximidade com Deus, obviamente que existe a terapia, existe porque é normal quem está tranquilo em Deus está tranquilo em tudo. Portanto, acho que a terapia é o resultado da proximidade com Deus. Não me parece que nós estejamos em grupo para nos ajudarmos. Nós estamos em grupo para estarmos juntos em Deus que é a fonte de todo o bem. Depois acabamos por sentir isso também como terapia porque todos os problemas são, não deixam de existir, mas temos outra forma de os encarar. Temos outra forma para os encarar e temos outra forma para... para pedir ajuda a Jesus, que nos ajude a ultrapassar e tenho-me sentido muita vez ajudada que são, muitas vezes, sentimentos, sentimentos em relação a pessoas que nós não vemos tão bem, de algumas coisas contra os outros, de purificar o nosso coração no sentido do amor, do amor mais aperfeiçoado.</p>	<p>26. O P6 considera, também, o grupo com uma componente terapêutica que resulta da proximidade R/E com Deus. O P6 não está no grupo só para ajudar os outros, mas para estar com Deus e é nesse “estar-com” que acontece a mudança na sua vida que o capacita numa resiliência saudável pela cura do seu ser interior.</p>
<p>I – É facilitador ser em grupo ou seria preferível e mais benéfico ser individual ou é preferível ser em grupo, na sua opinião o que é mais vantajoso? Estes encontros de aconselhamento ou acompanhamento são preferíveis em grupo ou individual? O que é que acha mais benéfico?</p>	<p>27. Segundo o P6 a ajuda de <i>counselling</i> psicoespiritual é preferível que seja feita em grupo, pois assim permite a inter-ajuda e a aproximação</p>

<p>P6 – Eu acho que se os encontros se restringem a uma dimensão psicológica, eu nunca experimentei propriamente só nessa dimensão da terapia em grupo. Se essa ajuda psicológica humana se vai basear em Deus, aí tem todo sentido ser em grupo, nós vivemos na unidade. O equilíbrio das nossas forças. E é verdade, nós damos sempre a todo momento ânimo aos outros. Nós animamos as outras pessoas. Temos palavras para isso. Temos porque temos, temos o coração ao dispor do bem. Portanto, facilmente nós transpomos isso. Agora, eu acho que é preferível ser em grupo, obviamente que a ajuda faz-se melhor em grupo. Acredito que às vezes é difícil abrir o nosso íntimo quando não se conhecem os elementos do grupo. Portanto, poderá haver uma fase inicial em que o grupo é o sítio onde eu estou mais como espectador. Poderá haver uma fase assim, mas depois acho que se dissipa essa distância, essa fronteira dissipa-se.</p>	<p>entre as pessoas, tornando o grupo “uma família”.</p>
<p>I – Escolha um momento, de todo esse tempo, o momento muito mais significativo? P6 – Dentro do grupo? I – Dentro do grupo. P6 – Ou tendo experiências que podem ter sido fora do grupo, mas derivadas dentro do grupo? I – Não, dentro do grupo, nesse tempo do grupo, em cada sessão ou numa dessas sessões ao longo deste tempo, ao longo do último ano, por exemplo, aquele momento, aquela situação mais significativa, mais importante. Aquela que a faz mudar, capacitar a uma mudança de ajuda ou que a faz sentir melhor, o momento mais significativo, digamos assim. P6 – É difícil identificar um momento isolado dos outros.</p>	<p>28. O P6 demonstrou alguma dificuldade em referir um momento significativo isolado de outros significantes para si.</p>
<p>I – Dentro desse grupo acontecem vários acontecimentos, uma dinâmica diferente pelo acolhimento, pelo falar, do meditar, do cantar, do rezar e dentro desse tempo todo, dessa dinâmica nesse espaço de tempo de cada encontro certamente que haverá um momento que terá mais significado? P6 – Isso já falei há bocadinho. Há sempre um momento da meditação ou do silêncio que muitas vezes a seguir aos cânticos, partes cantadas em que nós sentimos a proximidade de Deus ou</p>	<p>29. Refere que o momento mais significativo ocorre no momento de silêncio, de meditação, de cânticos que promovem a proximidade ao Espírito Santo. São momentos em que experiencia muita paz e lhe capacitam força na vida. Não</p>

<p>do Espírito Santo. Isso são de certeza os momentos mais aconchegantes ou mais de paz, mas uma paz que nos dá também força. Eu acho que esses são sempre os momentos, mas que são também comuns existirem, não é uma coisa isolada que acontece numa oração e não acontece noutra encontro. Acho que acontece em quase todos os encontros essa proximidade com o Espírito, acho que acontece.</p>	<p>acontece num só encontro mas em quase todos.</p>
<p>I – E a parte mais desagradável ou mais dolorosa? P6 – Isso era nitidamente ao princípio quando tinha que tocar a oração toda. I – Quer dizer que participa também no encontro? P6 – Também participo no encontro e já participei mais na parte em que tinha de tocar órgão durante o encontro, isso era a parte que eu achava que... mas depois percebi que não era verdade, em que pelo facto de estar com uma tarefa para realizar uma tarefa não estava tão concentrada, tão abandonada à acção do Espírito Santo em mim. Mas depois comecei a perceber que não, que afinal Deus... quando saía depois da oração, embora pudesse aparentemente ter estado muito mais em actividade do que em paz, acabava por perceber que a paz de Deus vinha para mim mesmo que eu não tivesse percebido. Percebia depois os resultados dela após a oração nos dias seguintes, no dia seguinte e nos dias seguintes.</p>	<p>30. O P6 refere que, inicialmente, a experiência menos positiva quando participava activamente no encontro, era quando lhe pediam para tocar órgão, pois pensava que não recebia nada enquanto estava ocupada a tocar. Depois, percebeu que tocar ali órgão também proporcionava o que procurava, especificamente, a paz.</p>
<p>I – Quer fazer alguma sugestão para o grupo mais positiva ou menos positiva, quer sugerir alguma coisa? P6 – Às vezes não gosto dos cânticos todos. Alguns cânticos não gosto deles. Mas eu percebo que às vezes quem tem alguns anos e não são muitos, mas de entrega a um grupo ou de entrega à oração e não é só no grupo, mas também quando entro na igreja ou quando vou ao Santíssimo ou quando vou à Missa e estou... pelo menos penso muitas vezes consigo estar, não a fazer por fazer, mas a fazer... pronto, confiadamente... ããh... o que é que estava a dizer? I – Alguma sugestão que quisesse. P6 – Eu percebo que quem tem facilidade neste abandono, na meditação, consegue estar em silêncio, em silêncio, em paz,</p>	<p>31. Apesar das preferências musicais serem múltiplas no seio dos participantes, a sugestão do P6 remete para que alguns cânticos sejam mais adaptados, mais adequados ao momento de oração e que promovam esse momento de paz, de abandono, de meditação e pacificação.</p>

<p>pacificar o coração, facilmente parte para essa pacificação muito rapidamente. De modo que alguns cânticos iniciais que podem beneficiar outros elementos do grupo. No meu caso pessoal, isto estou a falar pessoal, para o grupo são necessários, mas para mim pessoalmente não seriam necessários. Preferia usar esse tempo em mais tempo de meditação ou em mais tempo de abandono. Mas isto é uma coisa egoísta fazer isto desta maneira. Eu sei que muita gente precisa.</p>	
<p>I – O grupo tem correspondido às suas expectativas? P6 – Tem. Até porque nós somos positivos. Nós abandonamos o grupo à vontade de Deus. Se é à vontade de Deus está bem.</p>	<p>32. As expectativas têm sido alcançadas no grupo pela atitude de abandonar-se segundo a vontade de Deus.</p>
<p>I – Há alguma coisa em si que não tenha mudado e gostasse de mudar e que o grupo ajudasse? P6 – Ah, isso eu tenho. Tenho a situação do meu filho que gostava de ver ultrapassada.</p>	<p>33. O P6 menciona que o que ainda não mudou e gostaria que mudasse era a cura do seu filho.</p>
<p>Eu habituei-me aquilo que eu não tenho e que vou descobrindo cada vez mais coisas, omissões em mim ou faltas em mim ou erros em mim ou incapacidades, mais incapacidades, eu habituei-me a pedi-las a Deus e portanto a pouco e pouco vai-me dando à medida que eu possa recebe-las. Se tenho falta de fé, peço-lhe fé. Se tenho falta de esperança, peço-lhe esperança. Se tenho dificuldade em encarar bem uma pessoa que me faz qualquer coisa eu chego a ir à Missa e pedir a Jesus que me ponha amor no coração em relação a determinada pessoa e logo em determinado momento na Missa eu sinto que me está a dar esse bocadinho de amor que me fazia falta. Portanto, as coisas na relação com os outros, mesmo que não tenham a ver com a oração e nem vão à oração, pacificam-se. E eu consigo depois encarar as pessoas bem como se fosse a primeira vez que as visse e facilita as relações também.</p>	<p>34. O P6 vive numa atitude de esperança e aceitação dos factos que vão ocorrendo. Quando tem dificuldades procura estruturar-se na R/E considerando esta como a ajuda necessária aos conflitos da vida.</p>
<p>I – Numa escala de 0 a 20 quanto é que atribuías ao grupo? P6 – Ao grupo? I – Sim, no geral. P6 – Acho que ainda faltam coisas no grupo, não é. Uma delas é haver pouca gente neste momento ainda, mas isso também...</p>	<p>35. Depois de ser pedido ao P6 que avaliasse o grupo numa escala 0-20, este atribuiu ao grupo uma pontuação de 18 não deixando de referir que, na sua</p>

<p>I – Mas numa escala de pontuação?</p> <p>P6 – Para aí 18.</p>	<p>opinião, faltam algumas coisas ao grupo nomeadamente o facto de haver pouca gente a frequentar e a beneficiar do grupo.</p>
<p>I – Para terminar, há no grupo alguém mais significativo que possa causar um impacto maior destacando-se em relação aos acontecimentos?</p> <p>P6 – Há sempre no grupo, num grupo há sempre pessoas que nós temos mais empatia e outras que temos menos, mas nós habituamo-nos aquelas com quem nós temos menos empatia e porque nós achamos que nós é que temos razão, de saber que temos de esperar pelo crescimento do outro, se por acaso é de crescimento que se trata, nem sempre será, às vezes são pontos de vista diferentes. Habituamo-nos a ter calma. Em relação a outras é normal que tenhamos facilidade de partilhar mais facilmente com uns do que com outros. Mas isso em qualquer grupo é assim. Agora nós somos muito mais receptivos a ouvir, a escutar, a aceitar os outros com diferenças, até porque queremos ser aceites.</p>	<p>36. O P6 refere que há algumas pessoas no grupo com quem tem empatia, que, para si, são as que escutam, ajudam e acompanham no crescimento do outro como a si-mesmo.</p>
<p>I – Recomenda o grupo a pessoas que tenham problemas de diversa ordem física, psicológica ou espiritual?</p> <p>P6 – Eu recomendo. Nós estamos numa sociedade que nos falta o encontro com o outro. Somos extremamente individualistas. Não há sítios para as pessoas estarem em paz. Viverem a paz, fomentar e crescerem na paz. Habituaem-se e exigirem de si mesmas uma outra postura e os grupos de oração são o sítio onde nós conseguimos ter uma tranquilidade e um crescimento. Portanto, é o espaço de crescimento tranquilo sem exigências de patamares, mas que se vai caminhando.</p>	<p>37. O P6 recomenda o grupo a outras pessoas para que haja a superação do individualismo e se viva no encontro com o outro o crescimento necessário à paz que as pessoas procuram.</p>
<p>I – Nas várias dimensões, a dimensão psicológica, a social, a profissional, a espiritual, qual delas é que aconselharia às pessoas para frequentarem este grupo?</p> <p>P6 – Eu não consigo dividir isso, porque eu desde miúda, e já era miúda quando sentia, que as mudanças deviam partir do coração das pessoas. Portanto, não há nenhuma mudança social que eu não veja como individual, mas que muitas vezes se faz no grupo</p>	<p>38. O P6 não considera dividir as diferentes dimensões humanas mas considera-as integradas na pessoa como um todo e para todos os que querem superar as suas limitações individuais. As mudanças, para o P6 vêm de</p>

<p>se faz no colectivo também, mas não podemos estar aqui a esperar que o outro tenha a mesma resposta que eu, a mesma capacidade e o mesmo carácter ou a mesma... pronto, agora, eu não acredito nas mudanças sociais que não venham do coração. Daí que isto é psicológico, é social, é individual, chamem-lhe o que lhe chamar. Agora, é sempre no grupo é para todos, é benéfico para todos, deve ser feito em grupo, mas temos de considerar as limitações individuais e a progressão individual de cada um. Não acredito nas mudanças que venham de fora de nós, são sempre de dentro para fora. De fora só de Deus.</p> <p>I – Então recomenda?</p> <p>P6 – Recomendo o grupo. Os grupos para muita gente, para toda a gente.</p>	<p>dentro para fora e de fora vem Deus para dentro das pessoas.</p>
<p>I – Muito obrigado pela disponibilidade.</p> <p>P6 – De nada, de nada. Obrigado também.</p>	<p>39. Agradecimento final da entrevista.</p>

P7G3E7F54M

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>I – Muito obrigado por aceitar esta entrevista. Já agora há quanto tempo é que conhece ou participa no grupo?</p> <p>P7 – Há 13 anos.</p> <p>I – Treze anos já é muito tempo.</p> <p>P7 – Sim.</p>	<p>1. O P7 conhece o grupo há 13 anos.</p>
<p>I – E quem é que deu a conhecer o grupo? Foi alguém ou como descobriu?</p> <p>P7 – Foi um irmão meu.</p> <p>I – Um irmão?</p> <p>P7 – Sim.</p>	<p>2. O P7 conheceu o grupo através de um irmão.</p>
<p>I – Como ou por que motivo foi para o grupo? Algum motivo especial?</p> <p>P7 – Não. Também o convidaram para esse grupo e que esse grupo era realmente muito bom e convidou-me. Perguntei-lhe o que é que era e ele disse-me “vai e vê. Só ires vendo é que saberás o que é que esse grupo te dirá.”</p> <p>I – Mas quando foi para o grupo tinha, por exemplo, algum problema, dificuldades, antes de conhecer o grupo?</p> <p>P7 – Não.</p> <p>I – Tinha, por exemplo, algum acidente, alguma doença, alguma preocupação mais expressiva, mais significativa?</p> <p>P7 – Não. Nesse momento não tinha.</p>	<p>3. O motivo que levou o P7 ao grupo foi o convite do irmão, portanto, não foi no momento uma situação de problemas, de doença ou dificuldade.</p>
<p>Apenas foi simplesmente que achava que eu deveria ir conhecer mais Cristo. Ele convidou-me e disse-me que era um Curso de Cristandade. Eu perguntei o que era. Ele disse só vendo e eu disse assim “se é de Cristo, tudo o que vem de Cristo é bom.” Então eu vou ver realmente o que é que há de algo mais especial que ele me dizia, nos olhos dele via que era verdadeiro.</p>	<p>4. O P7 participou num evento do grupo denominado Curso de Cristandade para aprofundar o conhecimento Religioso e Espiritual (R/E) acerca de Cristo.</p>
<p>I – Já era espiritual ou religiosa? É uma pessoa espiritual ou religiosa praticante?</p> <p>P7 – Sim. Sim. Nasci numa família muito humilde e simples mas Católica e praticante.</p>	<p>5. O P7 já era R/E antes de entrar no grupo, pois nasceu numa família de tradição católica.</p>

<p>I – Então depois entrou para o grupo e pode-me descrever os momentos mais significativos que tem vivido ao longo deste tempo no grupo?</p> <p>P7 – Sim. Portanto, quando eu cheguei realmente a esse grupo são durante três dias de reflexão, mas não foi assim tão fácil, porque Deus chamou-me, realmente, a esse encontro e como no meu irmão brilhava nos olhos que aquilo era um encontro muito bom com Cristo e disse que tínhamos de abrir o coração para não virmos vazios como entrávamos. Mas de facto eu já estava no terceiro dia, sentia-me triste porque não via algo de especial. Tudo para mim era comum, que já tudo sabia. Ouvia na Missa tudo igual.</p>	<p>6. O P7 descreve que o primeiro encontro de três dias se baseava na reflexão cristã. Segundo o P7, não foi fácil estar nesse encontro pois não conseguia abrir-se à mudança e sentia-se triste.</p>
<p>Há um momento em que nós vamos ao sacrário, não por nós, há aquele momento especial que nós vamos e então abri-me a Cristo, chorei e disse-lhe que me dissesse o porquê, porquê que me chamou até lá. Porquê esse chamamento, se algo queira de mim. E realmente Ele deu-me a resposta. Às cinco da manhã acordei com barulho na rua, com pessoas a falar. Imaginei logo que eram jovens. Ainda não sabia o que eram jovens na rua a essa hora e pedi a Deus por eles, que os encaminhasse no seu caminho. Já não adormeci e então comecei a reflectir tudo o que tinha vivido nesses dias. Ele disse-me, então, Cristo, porquê que eu lá estava. Ele disse-me que era tempo de actuar e de agir onde quer que estivesse sempre que fosse necessário. Então, descobri que realmente tinha de fazer algo pelos outros e Ele, então, disse-me que sim, que eu estava ali para O conhecer mais, uma vez que já era Cristo, mas que estava um pouco adormecida e Ele quis-me chamar para me acordar, para me dar esse abanão. Então um dia Ele disse “fica comigo e leva-me aos outros.” E então, a partir daí, decidi, sim, mudar e eu pensei em quê? Então levar-te aos outros, como? Posso-te levar já então pela palavra, vou dar Catequese. Dar Catequese, porque tinha dois filhos e o mais novo ainda estava na Catequese e saí dali decidida a ir dar Catequese, fazer realmente algo pelos outros, porque nós pensamos sempre “dar Catequese” era o que eu dizia “não tenho tempo, nem sei” e os outros eram os outros, porquê eu, também aos outros, mas eu</p>	<p>7. Para o P7 o momento significativo nesse evento aconteceu depois de ir ao sacrário. Às cinco da manhã acordou com a resposta que procurava para dar sentido ao estar ali. Sentiu que Deus lhe dizia que precisava de sair do comodismo e agir. Começou então a disponibilizar-se para ajudar na Catequese e aos que precisavam de ouvir a palavra de Deus.</p>

<p>não pensava nesse ponto.</p>	
<p>Mas não foi fácil. Faz-me lembrar Pedro. Pedro que negou três vezes Jesus e Deus teve que me abanar três vezes. Chamou-me lá para eu perceber que Ele queria algo de mim. Mas cheguei a casa e continuei na minha rotina, no meu berço adormecido. Entretanto, uma vez fui à Missa e o Sr. Padre disse “precisa-se de catequistas. A Catequese está quase a começar, precisa-se de catequistas.” E eu disse “M. do que é que tu estás à espera?” M. começou novamente na rotina de casa e não quis saber mais nada. Chegou o momento de saber quem era a catequista do meu filho, e eu hoje penso assim “era bem feita que eu chega-se lá e dissessem assim: «não há catequista para o teu filho.» Mas Deus não actua assim. Deus actua de uma maneira mais suave. Então, havia catequista para o meu filho dessa vez, pela terceira vez, disseram-me “M. tens de vir dar Catequese.” Então a M. ficou. Mas eu disse “mas eu não sei dar catequese nem tenho tempo. Só fico até que eu... enquanto vocês não arranjam outra pessoa.” A M. ficou. A M. está lá. Hoje sou catequista responsável pelo centro. Sou a responsável de Conselho Pastoral da minha paróquia e da paróquia vizinha. Pertenço à <i>Caritas</i></p>	<p>8. Após mais três convites, alguma resistência e subterfúgios para não sair da sua rotina, o P7 começou a colaborar na comunidade prestando um serviço de ensino R/E na Catequese, é responsável do Conselho Pastoral e colaboradora da <i>Caritas</i>.</p>
<p>e entretanto tinha uma irmã já doente numa cama internada e nessa altura a minha mãe ainda estava viva e ajudava psicologicamente e materialmente que também precisava muito e já dizia “ajudem-na no que puder” mas eu ia, talvez, vê-la uma vez por mês. A partir desse dado momento eu, portanto, houve essa mudança radical em mim espiritualmente e materialmente. Então eu comecei a ir à minha irmã não uma vez por mês, mas sempre que fosse necessário, comecei sempre a acompanhá-la. Uma vez que a minha mãe, entretanto, já tinha falecido, ela realmente ficou sem aquela muleta, sem aquele apoio. Então M. começou realmente a dar-lhe esse apoio. Ela entretanto, começa com esses problemas muito graves tanto espiritualmente como materialmente, ajudei-a muito, comecei a ir, às vezes todos os dias, ela já não podia fazer a higiene pessoal. As filhas eram novas e estavam a fazê-la. M. ia todos os dias fazer essa higiene pessoal, mas não era fácil, porque depois do trabalho era muito</p>	<p>9. O P7 descreve que a partir daquele evento no grupo, começou a dedicar-se e a ajudar os seus familiares doentes e encontrou força e capacidade para ultrapassar algumas dificuldades.</p>

<p>cansativo. Quando nós não pudemos fazer sozinhos devemos pedir ajuda aos outros, foi o que eu fiz. Pedi ajuda às minhas irmãs. Mas mesmo assim era muito complicado porque ela tinha muitos problemas com muita dificuldade em fazer higiene. Então fui pedir ajuda a vários irmãos e amigos para que possamos levar pessoas especializadas para fazer esse trabalho. Então vai o Centro de Dia já ao longo dos anos fazer a sua higiene pessoal e com a ajuda desses amigos que eu organizei. Portanto, acho que este grupo mudou-me, fez-me essa mudança radical.</p>	
<p>I – Então, dentro dessas mudanças, desses acontecimentos todos qual aquele acontecimento, aquele evento mais significativo e que teve maior impacto na mudança da sua vida?</p> <p>P7 – Destes que eu falei?</p> <p>I – Desses ou outros, os vários momentos ao longo destes anos que frequenta o grupo.</p> <p>P7 – Portanto, neste momento posso dizer estes dois, posso também dizer o momento que estou a viver espiritualmente também estou a ser ajudada neste grupo, espiritualmente, porque estou também com um problema bastante grave na minha vida em que me deitou muito em baixo, já estive quase no fundo do poço. Pensei em desistir de tudo destas belas graças que estou fazendo. Pensei isolar-me. Vender a casa, refugiar-me do povo, portanto sentia, talvez, vergonha de me apresentar ao povo. Mas com a ajuda de Deus, através de vários párocos que me confessei, de amigos e do grupo de oração, que neste momento ainda estou a frequentar, espiritualmente tem-me ajudado muito porque todos falam a mesma língua. Dizem que o combate não é meu, que entregue o problema a Deus. Isso tem-me ajudado muito espiritualmente, embora o problema ainda não está resolvido, mas tenho esperança que Deus vai-me ajudar. Mas espiritualmente sinto-me com uma paz mais suave. Com mais calma para resolver essa situação, olhá-la com outros olhos. De maneira que esta oração está-me a fazer bem espiritualmente. Agora concretamente dizer qual será a mais, para mim estas três são ótimas. Aquela parte em que estou a levar Cristo pela palavra. Estou a levar Cristo pela minha acção e estou a tomar Cristo espiritualmente</p>	<p>10. Outros momentos significativos para o P7 relacionam-se com a dimensão espiritual que o capacita a olhar, a enfrentar e a viver em paz face a um problema concreto como o da dependência do filho no álcool. Segundo o P7, o grupo tem-no ajudado a não desistir da vida, a não isolar-se nem a fugir da situação, colocando-se ao lado dele através da mesma linguagem espiritual possibilitando-lhe o acompanhamento</p>

<p>para os meus problemas. Destas três para mim acho que são as três importantes.</p>	
<p>I – No tempo de cada grupo, de cada sessão, digamos assim, destes encontros comunitários, qual é aquele momento mais significativo durante esse espaço desse encontro? Há algum momento muito mais significativo?</p> <p>P7 – É quando é a invocação ao Espírito Santo. Acho que é o momento, todos eles são bons, claro, mas aquela invocação ao Espírito Santo sentimo-nos...</p>	<p>11. Para o P7, o momento mais significativo durante o encontro no grupo é o momento da invocação ao Espírito Santo.</p>
<p>é assim, eu penso que este grupo de oração, sinto-me tal e qual, faz-me lembrar uma criança. A criança começa a andar, já tem as suas perninhas para andar, mas de vez em quando pede o colo. Para quê? Para sentir-se apoiada, acarinhada e para descansar um pouquinho, porque está a começar a andar e talvez esteja cansada e precisa desse colo e sente-se bem. E neste grupo de oração é isso que eu sinto. Muitas vezes vou cansada do corpo e da alma e ali sinto-me mais perto de Cristo, faz de conta que estou no colo dEle, sinto-me mais perto dEle, sinto-me apoiada, sinto-me acarinhada, sinto-me bem.</p>	<p>12. O P7 descreve que se sente bem, apoiado e acarinhado no grupo.</p>
<p>I - Quer dizer que o grupo tem sido útil para sim?</p> <p>P7 – Tem, sim. Muito.</p>	<p>13. Para o P7 o grupo tem sido muito útil.</p>
<p>I – A nível das várias dimensões da pessoa, a nível físico, psicológico, espiritual, social, no trabalho, qual das dimensões acha que poderá ter contribuído mais o grupo ou poderá ter ajudado mais?</p> <p>P7 – Desculpa, pode repetir?</p> <p>I – Na várias dimensões da pessoa, por exemplo, a nível de um problema físico, a nível de doença, a nível psicológico de um problema mental, ou a nível espiritual, da religião e da espiritualidade ou até no relacionamento com as pessoas, com a família, nestas várias dimensões, o grupo tem ajudado mais numa, noutra ou nelas todas, distingue algum momento mais significativo?</p> <p>P7 – Tem-me ajudado mais espiritualmente. Eu acho que sim, tem-me ajudado mais espiritualmente.</p>	<p>14. A dimensão que o grupo mais tem ajudado o P7 é a dimensão espiritual.</p>
<p>I – Há alguma coisa que gostaria que o grupo a ajudasse a mudar</p>	<p>15. O P7 indica que gostaria que</p>

<p>e que ainda não mudou?</p> <p>P7 – Eu acho que o grupo nesse ponto, que me havia de mudar, não sei se tem esse carisma, esse dom de mudar radicalmente, o que eu queria mudar, eu acho o que eu queria ainda mudar mas não sei se conseguirei, acho que ainda também tenho feridas do passado. Penso que ainda não aceitei a vida que Deus me deu. Tenho a impressão que às vezes sou um pouco mal agradecida nesse ponto. Talvez ainda ver se consiga nesse grupo curar as minhas feridas de complexidade de inferioridade, nesse ponto.</p> <p>I – Acha que o grupo poderá ajudar nesse ponto?</p> <p>P7 – Acho que sim. Se esse grupo já me ajudou a curar psicologicamente a enfrentar mais os obstáculos presentes, acho que irá ajudar a curar as minhas feridas passadas.</p>	<p>o grupo o ajudasse, futuramente, a curar as suas feridas interiores do passado, designadamente os complexos de inferioridade e a perspectiva de aceitar a vida tal qual ela se lhe apresenta. O P7 acredita que o grupo pode ajudá-lo neste campo, pois já o ajudou noutros obstáculos.</p>
<p>I – Já procurou ajuda médica para essas situações?</p> <p>P7 – Não. Por acaso nunca pensei nisso. Agora ultimamente é que tenho pensado nisso porque tenho a impressão que estou ainda presa um bocadinho ao passado, não que me dei conta disso, mas eu acho que ainda estou um bocadinho presa ao passado, sim.</p>	<p>16. O P7 não procurou ajuda médica para ultrapassar as situações complexas descritas, sente-se ainda presa ao passado.</p>
<p>I – Como é que se descreve agora em relação ao passado, ou digamos, como é que se descrevia antes de conhecer o grupo e como é que se descreve agora?</p> <p>P7 – Antes de conhecer o grupo talvez um bocadinho mais insegura, embora tenha esperança à mesma, mas sempre mais insegura, mais... talvez com menos esperança e agora estou com aquela esperança que realmente Deus vai-me ajudar em todos os momentos, sei que Deus está comigo. Sinto apoio nesse grupo, dá-me a sensação só de saber que vou para lá sinto-me bem, mesmo com as próprias pessoas do grupo sinto-me bem e quando o grupo não está todo sinto-me triste, sinto falta de qualquer coisa como falta-nos um braço a nós ou um dedo, falta um elemento do grupo falta-nos isso. Mesmo o próprio grupo em si ajuda-me psicologicamente a saber que temos alguém, quando temos um problema e sabemos que podemos ligar a qualquer hora e que essa pessoa está pronta a ajudar-nos, acho que é muito bom.</p>	<p>17. O P7, antes de conhecer, o grupo descreve-se como uma pessoa insegura, em solidão e sem esperança. Depois de entrar no grupo o acompanhamento que este lhe proporciona dá-lhe confiança em si e no futuro, sente-se mais apoiado, mais completo como pessoa e com esperança a novos acontecimentos benéficos.</p>
<p>I – Aconteceu algum momento mais significativo que se tivesse</p>	<p>18. Devido às poucas</p>

<p>salientado. Um fenómeno que tivesse chamado à atenção durante esse acontecimento ou alguma coisa que se destacasse?</p> <p>P7 – No grupo?</p> <p>I – Nestes encontros de grupo, sim.</p> <p>P7 – Eu para dizer a verdade muitas vezes neste grupo às vezes sentia-me um pouco inferior ao grupo todo. Aí está que vou buscar um bocadinho ao passado, porque tenho complexos de não ter estudado, não é bem complexos, sei que me falta... necessito disso porque sou uma pessoa muito activa e gosto de fazer algo mais e às vezes faz-nos falta nós não desenvolvermos as nossas capacidades de não ter estudado. Mas não estudei derivado a ser uma pessoa, de uma família muito pobre e humilde e sinto falta disso. E então no grupo sou a pessoa mais, como hei-de dizer, com menos habilitações e por vezes isso, quando entrei no grupo sentia-me muito pequenina ao pé deles todos, porque todos têm mais habilitações do que eu. E por vezes sinto necessidade disso. E há momentos que Deus me despertou que todos nós temos os nossos talentos e que cada um deve por os seus talentos a render sejam eles quais forem e já me deu alguns exemplos que todos têm o seu valor em qualquer aspecto que nós façamos. Já aconteceu algo no grupo que Deus me chamou à atenção, que qualquer um de nós é importante naquilo que nós desempenhamos.</p>	<p>habilitações literárias que, o P7 descreve-se como uma pessoa com complexos de inferioridade em relação aos outros membros do grupo. Contudo, salienta que Deus o fez sentir-se valorizado pelas suas capacidades pessoais, tendo revelado no grupo algumas das suas aptidões que considera importantes desempenhar com os outros.</p>
<p>I – Quer dizer que o grupo tem tido um efeito terapêutico, psicoterapêutico? Pode-se dizer que o grupo tem dado uma ajuda terapêutica?</p> <p>P7 – Sim. Sim. Pois nesse ponto sim. Derivado a essas partes que aconteceram que o grupo foi-me dizendo, parece-me que um dia estava a orar e uma pessoa sentiu-se libertada do problema que a levava quando eu estava a orar, portanto eu pensei “não tenho habilitações. Sinto-me pequena ao pé deles, mas se eu consegui libertar o meu irmão na oração fiquei feliz por ver que Deus actua nos simples e humildes.” Outro dia também tinha dito que ia mais tarde e depois entrei, um grupo do elemento quando abriu os olhos e viu-me chorou e foi junto de mim e disse que Deus me amava e eu disse que sim, que sabia que Deus me amava. Então,</p>	<p>19. Para o P7 o grupo tem uma componente terapêutica. Descreve que a mudança em relação ao seu complexo de inferioridade, à sua autodesvalorização e falta de auto-estima aconteceu num encontro em que, através da ajuda e da oração, sentiu-se liberto do seu problema o que o levou a reflectir sobre o seu próprio valor como pessoa. Descreve outro acontecimento,</p>

<p>ele disse, portanto, ali senti que esse elemento sentia a falta do grupo tal como eu senti quando falta alguém do grupo. E ao longo do dia, depois nesse momento não consigo reflectir logo sobre as coisas que acontecem. No dia seguinte reflecti que realmente é muito bom nós sabermos que os amigos sentem a nossa falta. Portanto, eu nesse momento senti novamente que Deus estava-me a dar, novamente a dizer, que não me sentisse pequena ao pé dos outros por não ter habilitações que além de ser pequenina, em todos os aspectos, que o amigo sentia a minha falta.</p>	<p>no qual se sentiu acolhido e amado por alguém que foi ao seu encontro e lhe disse que era importante para as pessoas e amado por Deus.</p>
<p>I - Acha que é facilitador, ou não, que esse encontros sejam em grupo ou seria preferível que fossem individualmente? Seria mais benéfico para si ajuda-la estando em grupo ou ajudando-a individualmente?</p> <p>P7 – Depende das situações. Se for um problema grave e nós não quisermos que o grupo saiba seria individualmente. Mas se o problema poderá ser para o núcleo, poderá ser em grupo, depende das situações.</p>	<p>20. O P7 considera que é preferível o <i>counseling</i> psicoespiritual ser individual quando o assunto é particular.</p>
<p>I – Há alguma pessoa que possa ter um impacto mais significativo dentro do grupo ou todos poderão ser considerados importantes e significativos?</p> <p>P7 – Para mim acho que são todos.</p>	<p>21. Para o P7 todas as pessoas do grupo são importantes e significativas.</p>
<p>I – E já agora, para terminar, descreva entre todos esses momentos significativos, descreva aquele momento mais significativo que vivenciou nestes encontros comunitários de acompanhamento e aconselhamento de ajuda, qual aquele que salienta mais, que é mais significativo?</p> <p>P7 – Portanto, entre todos eles, claro, como eu já referi, para mim são todos importantes, mas para mim acho que foi logo no início, que foi esse que fez a mudança radical, porque nesse momento, é como eu dizia que era de Cristo, mas não O conhecia. Então Ele chamou-me para que eu, realmente, O conhecesse e O levasse aos outros. Acho que esse foi o momento, o encontro pessoal mesmo com Cristo. Agora, embora tendo encontros novamente com Ele, mas nesse momento foi mesmo a mudança radical na minha vida.</p>	<p>22. O momento mais significativo para o P7 foi o primeiro evento no grupo no qual teve um encontro com Cristo que potenciou a mudança na sua vida e lhe deu um sentido de ir ajudar os outros.</p>
<p>I – Dentro de cada encontro, de cada sessão qual é aquele</p>	<p>23. Dentro do encontro o</p>

<p>momento no espaço das várias dinâmicas que existem desde o início do acolher até ao fim, qual é aquele que sente mais significativo, que provoca uma mudança, que acontece um fenómeno em si que possa dizer que é aquele momento que é importante?</p> <p>P7 – Não sei descrever bem, talvez seja quando nós estivermos a invocar o Espírito Santo me sinta realmente liberta, sinto-me a flutuar, sinto-me leve, talvez seja esse momento.</p>	<p>momento mais significativo para o P 7 é a oração ao Espírito Santo que promove a paz e leveza da alma.</p>
<p>I – Numa escala de 0 a 20 quanto é que daria ao grupo?</p> <p>P7 – De 0 a 20? Eu daria 20.</p>	<p>24. Numa escala de 0 a 20 o P7 atribui a pontuação de 20.</p>
<p>I – E aconselha o grupo a mais pessoas para as ajudar?</p> <p>P7 – Sim, Sim. Tanto digo às pessoas, quanto digo aos jovens a incentivá-los para eles irem.</p> <p>I – Nesse caso, aconselha mais para os jovens, para os mais novos ou para os mais idosos?</p> <p>P7 – Acho que não há idades. Para conhecer Cristo e estar com Ele é todas as idades.</p>	<p>25. O P7 aconselha o grupo a todas as pessoas, tanto jovens como adultos incentivando-os a irem, pois, na sua opinião, não há idade para conhecer Cristo e a dimensão R/E.</p>
<p>I – Ok, muito obrigado por esta entrevista.</p> <p>P7 – Não tem que me agradecer a mim, agradeça a Deus.</p>	<p>26. O P7 reenvia o agradecimento a Deus.</p>

P8G4E8F43L

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>I – Quero agradecer desde já por este tempo que disponibiliza para esta pequena entrevista. Há quanto tempo conhece o grupo? P8 – Há 16 anos.</p>	<p>1. O P8 conhece o grupo há 16 anos.</p>
<p>I – Tem ido com frequência? P8 – Sempre. Só quando estou doente ou alguma coisa que me impeça mesmo de ir, ou alguma consulta, mas de resto sempre. I – Frequência semanal. P8 – Frequência semanal. Na terça-feira Adoração e na quinta-feira oração.</p>	<p>2. O P8 tem frequentado com assiduidade o grupo que se reúne semanalmente com dois eventos: um é a Adoração e outro a oração.</p>
<p>I – Houve algum motivo que a levou ao grupo? P8 – Houve. Motivo de doença.</p>	<p>3. A doença foi o motivo da ida do P8 para este grupo.</p>
<p>I – Já agora pode descrever? P8 – Posso descrever. Portanto, com 29 anos de idade surgiu-me um adenoma na hipófise. Adenoma é um pequeno tumor que pode surgir no cérebro, a hipófise comanda a parte hormonal da mulher. Eu tinha duas filhas pequenas na altura e realmente aquilo tocou-me bastante e eu comecei a não querer viver. A fechar-me no meu mundozinho e a esperar, olha, se se resolvesse, resolvia. Então a minha mãe, que Deus já chamou para junto dEle. O meu marido um dia queixou-se porque não sabia o que poderia fazer mais porque eu chegava a casa e deitava-me, porque as dores de cabeça eram muitas. Deitada aliviava a dor de cabeça, aliviava o meu sofrimento e não olhava tanto para as minhas filhas, não pensava assim “vou deixar as minhas filhas pequenas.”</p>	<p>4. O P8 descreve que estava doente devido a um adenoma na hipófise quando tinha 29 anos de idade e era mãe de duas filhas. Esta doença levou o P8 a isolar-se e a não querer viver. O P8 tinha muitas dores de cabeça que o impedia de realizar as tarefas profissionais, domésticas, familiares e maternas.</p>
<p>E então ele uma vez disse à minha mãe que não sabia o que devia fazer.</p>	<p>5. O P8 refere que o seu cônjuge não sabia o que fazer e disse-o à sua mãe.</p>
<p>A minha mãe já frequentava o grupo de oração de SR e disse: “olha Z. diz à L. e ela vem comigo a um grupo de oração”. O meu marido na altura pensou «R.N.». “Não. Não leva a mulher para a...” A minha mãe disse “não levo, não é nada disso. Mas pronto</p>	<p>6. O P8 descreve que a sua mãe já frequentava o actual grupo e sugeriu ao seu cônjuge que o levasse ao grupo de oração, o</p>

<p>faz o que tu entenderes.” Mas a dificuldade que ele estava a passar era tanta que ele disse “vais com a tua mãe ao grupo de oração?” e eu disse “vou.” Era uma pessoa com fé eu estudei no Colégio NSF e tinha, apesar de algumas dificuldades que surgiram na vida, mas a minha fé era católica e praticante.</p>	<p>que ele hesitou por pensar ser outro tipo de grupo religioso e espiritual (R/E), mas depois de ser esclarecido conversou com o cônjuge e aceitaram ir ao grupo devido às graves dificuldades que atravessavam.</p>
<p>I – Já era uma pessoa religiosa e espiritual? P8 – Sim. Já era. Praticava Missa todas as semanas. Não ia ao grupo de oração, mas já fazia.</p>	<p>7. O P8 já era uma pessoa R/E dentro do catolicismo, com prática de Missa, mas não de grupo de oração.</p>
<p>Então a minha mãe levou-me ao grupo de oração e minha vida mudou completamente.</p>	<p>8. A mãe do P8 levou-o ao grupo de oração e a sua vida, segundo este, mudou completamente.</p>
<p>I – Qual foi o primeiro impacto no grupo? P8 – O primeiro impacto, fiquei assustada no primeiro dia. Fiquei assustada porque fiquei assim... nunca tinha assistido a um movimento carismático e então para mim bater palmas a dançar a levantar as mãos aquilo fez-me um bocado impressão. E disse “oh, meu Deus! Se calhar é por serem irmãs religiosas brasileiras e tal.” Porque ainda não entendia o sentido do que era o grupo de oração. E pronto, fui-me adaptando. A segunda semana já a coisa correu melhor.</p>	<p>9. O P8 descreve que o primeiro impacto no grupo foi assustador, pois não conhecia a dinâmica carismática do grupo, o modo de expressar a fé e o sentido da oração.</p>
<p>Na terceira semana, cada vez comecei a me apaixonar mais por aquilo que eu ia lá fazer, que eu ia lá receber. Sentia-me melhor. Comecei a não ter tanta vontade de não estar deitada. Portanto, penso que a palavra de Deus na irmã E. é fantástica, uma oradora que faz entrar mesmo no nosso coração a palavra de Deus e dava-me a sensação que cada vez que eu ia lá Deus falava directamente para mim. Os temas que a gente abordava, Deus falava para mim e dizia “tu não podes estar assim. Tu tens que levantar a cabeça e vamos embora.” E mudou completamente a minha vida até hoje. Eu vivia de uma maneira totalmente diferente. Tudo para mim, se calhar fazia impressão, até as próprias pessoas, pronto, a atitude delas me fazia. Eu comecei a entender que tinha que aceitar a atitude de cada pessoa, porque cada pessoa é como é e eu sou</p>	<p>10. O P8 descreve que a partir da terceira semana começou a gostar do grupo e a sentir-se melhor. As palavras proferidas pelo dinamizador causavam-lhe grande impacto pois sentia-as como vindas de Deus directamente para si. O P8 sentiu uma força que desencadeou nela uma mudança na vida. Deixou de ter vontade de ficar sempre deitada, de isolar-se e começou a aceitar-se e a aceitar os outros tal</p>

como sou.	qual são.
E então a nível da minha doença eu acho que foi fantástico, foi fantástico, comecei a conseguir controlar aquela aflição que eu tinha medo de morrer, de me ir embora, a gente ouve um tumor é para morrer, é para morrer. E então nesse sentido foi fantástico. E não só aí como eu todos os anos praticamente, agora já nem faço começo-me a distrair mais, mas todos os anos eu devia de fazer uma TAC para ver como é que estava a hipófise e a partir daí o exames que eu tenho feito tem sido sempre de melhoria. Portanto, o grãozinho que se via no início agora já não se vê. Está bem que a gente vai vendo que a célula turca está vazia e eu tenho o desequilíbrio e tenho isso tudo, mas as coisas foram melhorando.	11. Ao nível da doença, o P8 refere que foi acontecendo uma melhoria ao longo do acompanhamento no grupo. Além da melhoria do adenoma, conseguiu controlar o medo de morrer e começou a lutar pela vida.
E eu penso que só podia ter sido pela fé e digo que esta doença foi um puxão de orelhas que Deus me deu. Se calhar eu andaria um bocadinho assim a perder-me e Ele então puxou-me assim um a orelhita, que eu costumo dizer, às vezes até nos encontros que estou aí, é isso que Deus puxa-nos as orelhas, a orelhinha, para que a gente tome atenção à... ao que andamos a fazer, à atitude.	12. O P8 atribui a sua melhoria à fé em Deus e ao modo como Ele permitiu que o P8 compreendesse que precisava de dar atenção a outra dimensão da sua vida.
I – Tinha procurado ajuda médica, portanto. P8 – Sim. Isso sempre o médico nunca larguei a situação porque isto mexia com a minha visão, mexia com o meu desequilíbrio, e então a parte toda ginecológica eu tinha que a seguir, sempre segui, sempre tomei a medicação direitinha e certinha, até que um dia o médico depois disse-me que eu andava a ser tratada e ele disse-me “olha, se tu demorasses mais seis meses se calhar já não havia salvação, mas chegaste a tempo.” Pronto, ele começou-me a mentalizar que a doença era como se eu fosse diabética, tinha de ser controlada e eu ia conseguir superar.	13. O P8 descreve que a visão era afectada, tinha desequilíbrios e problemas ginecológicos. Considerava a sua situação grave. O P8 era seguido pelo médico, tomava a medicação e cumpria a restante prescrição médica.
Mas foi com a ajuda de Deus, porque se não fosse a ajuda de Deus a dar-me esta força, no grupo de oração e ter-me levantado para cima, eu em vez de ir para cima eu fechava-me. Começava-me a fechar, a fechar, a fechar, depressão, depressão, depressão, uma pessoa não consegue, não consegue se não houver essa fé. I – Chegou a entrar em depressão? P8 – Não. Não cheguei a entrar em depressão.	14. O P8 atribui a Deus, à oração e ao grupo a ajuda que evitou fechar-se ainda mais e de cair na depressão.
Eu chegava a casa e queria dormir mas era só para aliviar a dor da	15. O P8 menciona que durante a

<p>minha de cabeça. Porque eu tinha dores a partir das dez da manhã. Umas dores infernais. E eu nunca deixei de trabalhar, nunca meti uma baixa, nunca meti nada e então quando eu chegava a casa eu queria mesmo era fechar os meus olhos e estar sossegada. E fui superando e tem vindo a surgir problemas de saúde uns atrás dos outros e assim, mas com Deus a gente consegue.</p>	<p>sua doença continuou a trabalhar e quando chegava a casa só queria ficar deitado e dormir para aliviar as imensas dores de cabeça.</p>
<p>I – Chegou a procurar outros grupos de ajuda? P8 – Não. Não concordo. Sou franca, não concordo. Há pessoas que desde que estou no grupo de oração conheci várias pessoas que andam neste grupo, andam naquele nã, nã, nãã. Parece que não encontraram, não encontram no grupo onde foram a primeira vez aquilo que esperavam, não sei. Depois vão aquele e vão aquele, vamos aquele e eu acho que não. Encontrei logo no grupo uma coisa boa e maravilhosa na minha vida, pronto e nunca precisei de... tanto que uma vez fui, dantes o padre F. fazia ali em L. na igreja e fui lá uma vez e não me senti bem. Não sei, parece que não estava no meu mundo, no mundo onde eu realmente, pronto e fiquei assim. Mas as irmãs na semana que não vou ao grupo parece que há uma falha, uma falha muito grande e sinto aquela necessidade de ir e de estar e acho que a oração em comum com vários irmãos e irmãs é muito mais forte do que nós sozinhos.</p>	<p>16. O P8 nunca procurou outros grupos semelhantes a este porque não concorda que as pessoas andem a saltar de grupo em grupo, pois, segundo ele, não beneficiam nada. Refere que experimentou uma vez ir a outro grupo e não se sentiu bem. O grupo onde iniciou e se mantém é como uma família para si, que quando alguém falta, sente essa ausência.</p>
<p>I – Durante estes anos todos que está no grupo descreva os momentos mais significativos nestes encontros comunitários, nestes encontros de grupo. P8 – Ora os momentos mais significativos... houve um momento que eu gostei imenso e senti parecia que eu tinha passado, ficado leve. Naquele momento desapareceu tudo o que eu tinha na minha mente, desapareceu, fiquei leve, foi um encontro que tivemos em São Romão com o padre Joãozinho. Ele esteve cá e veio ao grupo e sei que eu fiquei maravilhada. Eu sentia, parecia que o padre tinha a sabedoria toda naquela viola. Porque ele transmite o Evangelho todo tocado. O Evangelho, a parte daquela altura foi maravilhoso. Uma pessoa ficou encantada. Senti-me tão bem, tão bem, tão bem. Mas ainda o melhor foi a primeira e</p>	<p>17. O momento mais significativo aconteceu num evento no grupo onde estive um padre que dinamizava o encontro, transmitiu o Evangelho a cantar. O P8 sentiu-se encantado por essa dinâmica. Refere que os primeiros encontros no grupo foram momentos significativos para si e que o motivaram a ir todas as semanas.</p>

<p>segunda vez que fui ao grupo e comecei a sentir-me maravilhosamente bem. E sempre com necessidade de chegar a outra semana, eu quero a outra semana, eu quero a outra semana. Eu acho que aí foi melhor então. Acho que é o melhor momento é esse, é esse.</p>	
<p>I – Aconteceram mais momentos? P8 – Sempre acontece. I – Aquele que tenha marcado mais, tenha acontecido alguma coisa mais visível, digamos assim algum fenómeno mais evidente. P8 – Comigo, nunca... portanto, comigo, comigo só o sentir-me bem lá. Havia momentos às vezes de oração, quando faziam os momentos mais intensos, mais profundos, principalmente quando há Adoração ao Santíssimo em que a irmã E., acho que era a irmã E. uma alta com voz grossa que chegou a vir cá, que quando ela dizia que Deus, havia alguém ali na sala que tinha isto, tinha aquilo, eu... são momentos que para mim digo eu não sou diga de merecer tal coisa. Mas achava maravilhoso como é que Deus através daquela irmã ia dizendo “tem esperança que a tua dor, que isto que tens...” esses momentos eram maravilhosos para mim. Eu estava sempre à espera, aquela ansiedade da gente estar à espera de quando é que Ele fala para mim. Quando Ele manda um recado para mim. Se calhar até mandou e eu não reparei porque a gente está a viver tão intensamente a felicidade que os outros estão a receber que uma pessoa fica, fica assim. Como é que Deus faz estas coisas através das pessoas, como é que nunca consegui. Sinto pena, só sinto pena, apesar da minha fé. Eu penso que a minha fé ainda é muito pequenina porque ainda não consegui sentir isso, Deus falar-me assim com essa força ao meu coração.</p>	<p>18. Outros momentos significativos para o P8 remetem a eventos de oração e de Adoração ao Santíssimo. Também quando uma freira proclamava o que Deus estava a fazer nas pessoas do encontro e o P8 refere que estava na expectativa de ter uma palavra para si e que desejava exercer a mesma palavra de conhecimento.</p>
<p>I – Ao longo destes anos todos, em cada sessão que tem o seu tempo na sua dinâmica, qual é o momento mais significativo para si, dentro de cada momento de cada sessão. Há um momento? P8 – Há. Há um momento quando nós lemos uma passagem da Bíblia e essa palavra nos vem ensinar algo. Por exemplo, há palavras que a gente pode ler na Bíblia mil vezes aquele texto e num dia diz-nos uma coisa e noutra dia diz-nos outra</p>	<p>19. Dentro de cada encontro no grupo o momento mais significativo para o P8 é quando a palavra da Bíblia é proferida e meditada, pois essa palavra causa um impacto que o faz mudar a vida e a querer viver</p>

<p>completamente diferente e a gente diz “como é que eu já li tanta vez este texto bíblico e nunca tinha reparado neste ponto que é tão importante para a nossa vida.” Eu acho que a parte mais importante para mim é quando realmente se lê a palavra de Deus e que essa palavra nos faz mudar a nossa vida. Faz mudar, porque só não faz mudar quem a não viver porque se a gente a viver muda a nossa vida completamente, completamente.</p>	<p>essa palavra na sua vida, i.e., a palavra da Bíblia torna-se vida para o P8.</p>
<p>I – Quer dizer que o grupo pode ser considerado como um grupo de terapia, de psicoterapia? P8 – Sim. Eu acho que sim. Porque quantas vezes nós vamos cansados com problemas e dizemos assim: “Ai! Hoje não me apetecia nada ir ao grupo. Estou tão cansada.” Mas vamos. Entramos lá com um peso enorme, saímos de lá sem peso nenhum. Isso faz muito bem, muito bem. Isso acontece todas as vezes.</p>	<p>20. Para o P8 o grupo pode ser considerado como psicoterapêutico, porque, descreve o P8, nos dias em que o grupo se reúne muitas vezes não tem vontade de ir, mas depois de estar lá sente-se aliviado do cansado, restabelecido no ânimo e afirma que se sente muito bem.</p>
<p>Uma das coisas que mais me sinto bem é na Adoração do Santíssimo. A Adoração do Santíssimo, aquele momento em que eu falo com Ele. É o meu, é o meu confidente onde ponho tudo nas mãos d’Ele e as coisas quase sempre se resolvem. Ele não fala directamente, mas fala de outras maneiras, porque há momentos na vida que eu penso que não vão ter resolução, mas aparece a resolução de um momento para o outro. E com Deus tudo pudemos, sem Deus nada podemos.</p>	<p>21. Um dos eventos significativos para o P8 é a Adoração ao Santíssimo onde pode dialogar com Jesus na Adoração, onde aprende a escutar a resposta para os seus problemas.</p>
<p>I – Quer dizer que o grupo é muito importante para si? P8 – Muito. Muito. Muito importante. Como o grupo, como, por exemplo, a Eucaristia. Para mim podem dizer: “Ah! Ela é isto ou aquilo!” Para mim um domingo sem Eucaristia não é domingo. Mesmo durante a semana todas as Eucaristias que eu possa eu vou. Às vezes as pessoas pensam que a gente vai à Eucaristia só pelas pessoas que estão lá, por isto ou por aquilo. Não. É por Deus, Ele dá-nos tanto e se a gente tirar uma horinha por dia. I – Também acontece esse evento dentro do grupo, a Eucaristia? P8 – Também. Também acontece. Sim.</p>	<p>22. Para o P8, o grupo é muito importante, assim como a Eucaristia, pois, fora dele sente que é pouco compreendido pelas pessoas que não partilham a mesma R/E.</p>
<p>I – Qual foi a maior mudança na sua vida desde que participa no grupo?</p>	<p>23. Para o P8 a maior mudança que aconteceu na sua vida, fruto</p>

<p>P8 – A maneira de actuar perante os outros. Na minha vida coisas que se calhar eu faria, fazia que deixei de fazer. Olhar para os outros como eles são e não como eu queria que eles fossem, completamente a gente tem que... Deus diz-nos que se nós somos irmãos, somos todos irmãos, temos de olhar para cada um como se ele fosse mesmo nosso irmão. Então, se eles são nossos irmãos temos que os tratar o melhor possível. Onde Deus diz-nos uma coisa “se tu dizes que me amas, a Deus e não amas ao irmão és mentiroso.” Portanto, logo aí Deus diz: “tu não me podes amar a mim se não amares aquele que está ao teu lado.”</p>	<p>do acompanhamento no grupo, foi a atitude perante os outros. Passou a aceitar o mundo, a si mesmo e aos outros como são. Segundo o P8, esta mudança foi desencadeada através da palavra bíblica que o alertou na aceitação do outro perante si e de si perante os outros.</p>
<p>I – Como é que se descreveria antes de ter encontrado o grupo e se descreve agora depois de ter encontrado o grupo.</p> <p>P8 – Uma pessoa muito fechada. Muito envergonhada. Muito medo do mundo. Muito medo de tudo. Eu tinha medo de tudo. Tinha medo das pessoas. Eu tinha medo de tudo.</p>	<p>24. Antes de entrar no grupo o P8 descreve que era uma pessoa fechada, envergonhada e com muito medo de tudo e de todos.</p>
<p>Eu vou dar um exemplo, eu sou cristã católica, mas casei com um homem que os pais eram de outra religião, são B., e sempre me apontaram o dedo por ser católica. O meu marido sempre me apoiou e sempre seguiu o que eu seguisse. Ele foi até Baptizado duas vezes, ele às vezes diz que foi baptizado na Igreja Católica, eles eram católicos, mas mudaram de religião e baptizaram os filhos na igreja B. e o meu sogro condenava-me. Passava a vida a condenar-me por eu ser católica. O que é que eu ia fazer a Fátima. O que é que Fátima me dizia? Aquelas coisas. Mas como ele nunca soube dar um verdadeiro testemunho da fé que ele dizia que tinha, nunca me conseguiu convencer que a igreja dele era melhor que a minha. Mas eu na altura, isto no meu início de casada tinha pavor. Eu tinha pavor do meu sogro. Tinha medo de falar que era católica. Tinha medo de dizer o que era ser católica. Tinha medo, não abria a boca. Quando as minhas filhas entraram para a Catequese, principalmente a mais velha, eu costumava dizer “se tu vires o teu avô, tu vê se te escondes para ele não ver que tu vais à Catequese” porque eu tinha medo dele. Isso não era verdadeiro testemunho que ele poderia dar nem nunca deu. Eu hoje, não. Eu hoje o meu sogro eu enfrento-o. Deixei de ter medo dele. Porque ele chegou-me a dizer quando eu morresse nunca me</p>	<p>25. O P8 descreve um exemplo do seu medo relacionado com a religião, indicando que, foi sempre católico mas não tinha coragem de o assumir perante o seu sogro que o intimidava. O P8 refere que, após a participação no grupo e da experiência religiosa com Deus, recuperou a segurança em si próprio para enfrentar os medos e as pessoas.</p>

<p>encontraria com ele no Céu. E eu disse “graças a Deus, meu Deus que não me encontro com o meu sogro.” Porque eu tinha pavor, medo das pessoas que me ferissem, de me, eu sabia que aquela pessoa ia-me magoar bastante. Então tinha medo. Hoje, não. Não tenho medo. (voz afirmativa) Sou capaz de o enfrentar. Dizer-lhe o que tiver e responder-lhe à letra. Porque deixei de ter esse medo. Porque Deus tirou-me esse medo. Eu tinha, eu tremia. Quando tinha que estar ao pé dele sentia-me a coisa mais pequenina, a gente ali a ver se ele não fala na situação, a ver se... hoje, não. Aí foi a melhor coisa que eu pude ter foi deixar de ter medo.</p>	
<p>I – E o grupo ajudou nesse aspecto? P8 – Muito. Muito, muito. Eu alguma vez, no início, eu conseguia fazer o que faço hoje, cantar e não sei quê, lá no grupo. Não, não ia. Alguma vez se a irmã me pedisse para fazer o retiro popular eu o faria aqui a uns anos atrás? Hoje, não tenho medo. E sou muito frontal. Porque deixei de ser, pensar assim: “ah! Aquela pessoa foi do grupo de oração passou por mim e não me falou.” Porque também acontece. Às vezes as pessoas usam o grupo de oração para comprar a saúde. Para comprarem isto, comprarem aquilo. Pensam que vão ali e compram Deus e depois esquecem o grupo de oração. Acabou, passou. E depois passam pelas pessoas e fazem de conta que nem as conheceram nem nunca tiveram. Hoje eu sou muito frontal e sou capaz de dizer. Coisa que eu não fazia, não era capaz. Mas acho que nós não pudemos estar a calar certas coisas, acho que isso Deus também... eu antes tinha medo de magoar. Não é que eu hoje também não tenha e sei que até certo limite eu posso, mas há coisas que a gente tem de ser... sermos aquilo que gostamos de ser, frontais, sinceras, directos ou então calamos e estamos no nosso cantinho.</p>	<p>26. O grupo ajudou o P8 a superar os medos, a vergonha, o estar em público. Afirma que agora consegue estar com as outras pessoas sem receio de proceder incorrectamente. O P8 refere que ganhou independência e equilíbrio social. Reconhece o seu valor como pessoa.</p>
<p>I – Quais foram as mudanças importantes nas diversas dimensões da pessoa e da sociedade, por exemplo, na dimensão física, psicológica, espiritual, a nível social, profissional, o grupo ajudou? P8 – Tudo. Ajuda. Ajuda. I – Qual delas, dessas várias dimensões, na sua vida ajudou mais</p>	<p>27. As mudanças aconteceram nas diferentes dimensões da vida do P8, no trabalho, na família, na sociedade, a nível pessoal e psicoespiritual.</p>

<p>ou teve mais impacto?</p> <p>P8 – Em tudo, tanto familiar, como social, como no trabalho teve muito, muito, muito, foi muito importante. Tanto que a nível de trabalho,</p>	
<p>às vezes as pessoas pensam, eu não sou nenhuma santa, pensam que a minha atitude, por eu não ser uma pessoa de cusquices, de calhandrisse, porque isto nos trabalhos acontece. As pessoas gostam de ouvir aqui, contar ali. Às vezes gostam de falar na vida desta e daquela e eu estou sempre cá no meu canto. Eu penso assim “quem sou eu para estar a dizer se a pessoa está gorda, está magra, está alta, está baixa.” Isso eu deixei de fazer. Acho que nós devemos de fazer nossa... pensar para nós. Porque é muito feio. Eu penso que Deus não gosta. Deus nunca apontou o dedo a A, B, C, portanto, não sou eu. E aí mudou completamente. É que eu quando estou para fazer alguma coisa pergunto “será que Deus faria isto? Tivesse esta atitude?” Então eu...</p>	<p>28. A dimensão R/E ajudam-no a reflectir sobre os seus procedimentos repercutindo-se, inclusivamente, na rejeição de temas de conversa que envolva o julgamento de outras pessoas.</p>
<p>aonde menos eu ainda consegui que mudasse na minha vida, Deus, às vezes é em casa na minha família. Porque eu gostava de ter mais paciência, um bocadinho mais. Já estou... Deus já me tem moldado, já foi moldando, mas... às vezes salta a tampa, como se costuma dizer. Mas Deus tem-me ajudado bastante em todos os sentidos, todos, todos, todos. Penso que em tudo tem sido uma pessoa, um Ser que me tem dado imenso prazer, imensa alegria, tudo. Não há explicação. É difícil explicar uma coisa que é só sentida, só há sentimento em nós que é enorme.</p>	<p>29. Embora o P8, deseje que aconteçam ainda mudanças na sua vida em relação à sua família, nomeadamente tornar-se uma pessoa mais paciente com esta, refere que tem sido moldado e que há mudanças positivas que se reflectem em vários sentidos e o fazem sentir-se bem, com alegria e prazer.</p>
<p>I – Acha, na sua opinião, que é mais benéfico o grupo ser em grupo ou seria preferível ser individual. Digamos que a ajuda, aconselhamento, acompanhamento é melhor ser em grupo ou ser um acompanhamento individual?</p> <p>P8 – Pode ser em grupo. O grupo é importante. Mas também em certas situações o individual também faz falta. Porque às vezes as pessoas têm medo de expor a situação perante o grupo todo, porque há falta de confiança e se houver uma pessoas onde a gente tiver confiança abrimo-nos muito mais. Portanto a gente expõe o problema à pessoa. Pode acontecer não conhecermos</p>	<p>30. O P8 considera serem benéficos os encontros em grupo, mas que os encontros individuais também são importantes para, segundo ele, ajudar a resolver questões que nem todas as pessoas compreendem. São importantes momentos de acompanhamento individual por um lado, e por</p>

<p>bem as pessoas com quem estamos a lidar e não sabemos até que ponto elas se servem daquilo que ouviram. Portanto, é bom em conjunto, a oração em conjunto, mas em situações concretas acho que o individual também é importante. Porque também aconteceu comigo algumas vezes no início eu encontrar-me com a irmã A. sozinha e isso também me ajudou bastante.</p> <p>I – Então o grupo também permite essa situação?</p> <p>P8 – Também. Também. Sim, sim, sim, também.</p>	<p>outro, celebração da fé na oração comunitária. O grupo possibilita ambas as situações.</p>
<p>I – O que salienta mais no grupo? Qual é o aspecto mais positivo?</p> <p>I – Mais positivo...</p> <p>P8 – Poderão ser muitos, mas se fosse a escolher, qual poderá ser o mais significativo para si?</p> <p>I – Para mim o mais significativo do grupo é a ajuda que o grupo pode dar às pessoas. Portanto, a pessoa vai ao grupo à procura de uma ajuda. Primeiro a pessoa quando vai ao grupo é porque realmente a sua vida não está muito bem, precisa dessa grande ajuda. A gente vê que a pessoa se sentiu feliz. No final do grupo de oração a gente diz assim “sou feliz!” Chora de felicidade, chora de alegria porque realmente encontrou algo que nunca tinha encontrado noutro lado. E acho que isso é muito bom no grupo.</p>	<p>31. O P8 descreve que os aspectos positivos e mais significativos no grupo são a possibilidade que as pessoas têm de ser ajudadas numa dimensão pouco compreendida e aceite. Um tipo de ajuda que não encontra noutro lado.</p>
<p>I – As pessoas, quando procuram o grupo é mais para uma ajuda de situação de dor ou mais por outra questão religiosa ou espiritual?</p> <p>P8 – Eu penso que ao longo destes anos do grupo eu cheguei à conclusão que muitas pessoas que por lá passaram foi à procura de uma cura ou de um problema grave na família. Penso que sim. Também há os que vão através da sua fé. Vão à procura de conhecer melhor Deus, mas a maioria que passaram através do grupo é para uma ajuda.</p> <p>I – Dessas ajudas quais é que poderão ser as que levam lá mais pessoas? A nível de doença física, psicológica ou outro problema?</p> <p>P8 – Doença e problemas familiares, problemas familiares entre pais e filhos. Maritais, marido e mulher. Falta de emprego.</p> <p>I – E o grupo ajuda?</p> <p>P8 – Acho que sim.</p>	<p>32. O P8 menciona que o grupo ajuda e acompanha as pessoas que procuram o grupo para terem ajuda num problema grave, geralmente associado a uma doença, a um problema familiar e falta de emprego. Uma parte menor vai por uma questão de fé.</p>

<p>I – Contempla pessoas mais idosas, mais jovens ou todos?</p> <p>P8 – Contempla tudo.</p> <p>I – Se fosse a aconselhar, aconselhava para mais novos ou para mais idosos?</p> <p>P8 – Para mais novos. Acho que a juventude está muito a precisar da fé. Há muita falta de fé nos jovens e aí penso que devia haver um grupo em cada cantinho do mundo para ver se conseguia trazer os jovens mais para a fé. Os jovens vivem em função dos prazeres do mundo. Isso é que lhe dá bem-estar. A fé pouco ou nada dizem aos jovens. Eu como catequista sinto isso. A fé não lhe diz nada. A Eucarísta não lhes diz nada. Para eles a fé é só para fazer os Sacramentos. A Igreja é só para fazer os Sacramentos. E é pena. Mas penso que também para puxarmos os jovens temos de puxar os pais dos jovens. Portanto acho que a Igreja devia de abrir uma Catequese para adultos. Catequese de famílias. Penso que a maioria dos divórcios, a maioria disso é falta de fé. Porque o mundo vive sem Deus. Não querem saber de Deus para nada e Deus é muito importante para a nossa vida. É o princípio e o fim de tudo.</p>	<p>33. O P8 refere que o grupo contempla todas as idades e tipo de pessoas. Considera que os jovens beneficiariam mais dos prazeres da vida se se integrassem num grupo semelhante. Na opinião do P8, as tradicionais formas de praticar a fé não atraem os mais novos, considera que alguns participam apenas por tradição, mas que não compreendem o sentido da fé e a vida nela contida. O P8 propõe que os jovens deveriam ter uma Catequese adequada às suas necessidades, pois para ele, a fé em Deus é muito importante na vida, para si é e foi o princípio tudo, da sua mudança na vida para melhor.</p>
<p>I – Para resumir, qual é aquele momento, entre todos, que considera mais importante? Aquele momento mais significativo que aconteceu em si desde que conheceu o grupo?</p> <p>P8 – Desde que eu conheci o grupo... o mais importante foi Deus mostrar-me que eu tinha de aceitar-me como eu era e que eu era uma pessoa amada por Ele. E que para isso eu escusava de ter medo. Escusava de ter ansiedades, de ter medo do mundo porque Ele estaria sempre junto de mim. Foi sempre isso que Ele foi-me dizendo ao longo desta caminhada. E mostrar que eu era amada. Que eu valia tanto como qualquer outra pessoa. Porque eu tinha uma auto-estima muito baixa. Eu achava que tudo o que fazia era mal feito. Achava que... eu acho que aí Deus foi o momento melhor que me fez ser.</p>	<p>34. O P8 descreve que o momento mais significativo, ao longo do tempo, foi num momento em que estava a participar no grupo e que Deus lhe foi mostrando que tinha de aceitar-se a si, aos outros e ao mundo. O P8 indica que neste evento Deus devolveu-lhe a auto-estima e que a partir daí começou a sentir-se liberto do medo, amado por Deus e amado no grupo, pelas pessoas do grupo.</p>
<p>I – Quando falou no início que tinha procurado o grupo pelo problema de saúde, hoje está melhor de saúde?</p>	<p>35. O problema de saúde do P8 está estável, controlado e aceita-</p>

<p>P8 – Está. Está estável. Apesar de surgirem outros problemas, mas pronto, mas está tudo controlável e levo isto como uma brincadeira. O meu marido diz que eu tenho uma farmácia no estômago. Tomo bastante medicação. Mas penso que a ajuda de Deus também é importante, se não andava sempre murchinha.</p>	<p>o com serenidade e humor. A medicação e a fé em Deus têm ajudado o P8 a não regredir na saúde.</p>
<p>I – E o grupo ajudou nesse sentido? P8 – Muito. Muito. Muito. Ajuda. Muito. Muito. Muito. Muito.</p>	<p>36. O grupo tem ajudado muito o P8 na sua situação de doença, entre outras.</p>
<p>I – Numa escala de 0 a 20 qual é o valor que daria para o grupo. P8 – Eu dou 18, sim, eu dou 18.</p>	<p>37. Numa escala de 0 a 20 o P8 avalia o grupo em 18.</p>
<p>I – Há algum aspecto menos bom ou mais desagradável no grupo e que poderia ser melhorado? P8 – ...ããh, há! E eu vou dizer qual é. Às vezes nós não usamos de coerência, quando Deus é coerente com todos. Tenho que explicar? I – Se quiser. Mas não é preciso. P8 – É assim, às vezes nós... temos preferências, quando Deus não tem preferências. E não usamos da mesma... e às vezes aí é que faz vacilar a fé também. Mas a gente não pode olhar, eu não olho a isso, mas há pessoas que olham bastante a isso. Então mas porquê que a A faz-se assim e a B faz-se assado. E aí nós às vezes como cristãos que somos, não somos coerentes. I – Não haver alguma distinção. P8 – Uma distinção. Às vezes nós cristãos olhamos muito ainda para certas partes da pessoa e não olhamos para aquilo que devíamos olhar. Ainda temos que mudar muito, muito. Mas se a gente viver através da palavra, não olharmos às pessoas, mas através da palavra de Deus. É aí que a gente vai ao grupo de oração para conhecer Deus. O que Ele é. O que Ele pode fazer na nossa vida. O que Ele pode ajudar-nos na nossa vida, tudo bem. Temos de tentar por de parte um bocadinho desse... mas, é o que eu digo, nós temos também de mudar neste sentido. Olharmos todos pelo mesmo caminho. Na mesma maneira seja rico, seja pobre, seja gordo, seja magro, seja...</p>	<p>38. O P8 alude que o grupo pode melhorar no sentido de não olhar para o ter ou ser social, mas para o ser-se como pessoa e acolhê-la com os olhos e a palavra inspirada por Deus no bem e para o bem comum.</p>
<p>I – Dentro da dinâmica do grupo, do encontro, desde o acolhimento à animação, meditação, desses momentos todos qual</p>	<p>39. Entre os eventos de cada sessão no grupo o evento mais</p>

<p>é o momento mais significativo para si?</p> <p>P8 – Dentro do acolhimento?...</p> <p>I – Nas várias dinâmicas. O grupo tem o acolhimento, a oração, a música, a palavra, a partilha, os ensinamentos, dentro dessa dinâmica toda em cada sessão qual é aquele momento mais significativo?</p> <p>P8 – Depois da Palavra, a partilha. Quando a gente, Deus põe-nos na boca o que a gente deve dizer ao grupo. O que é que aquela Palavra nos está a dizer para a gente dizer-mos. Fazermos, actuarmos e a gente conseguir dizer ao grupo, olha a palavra disse-me isto, isto, isto e isto. Aquela partilha entre cada um, porque ajuda-nos. Porque a partilha vai-nos ajudando uns aos outros. Porque aquele diz: “a Palavra disse-me isto.” Ah! Realmente, sim. E também vai fazer o mesmo efeito aos outros o que sair da nossa boca. Eu penso que é essa parte, essa parte ajuda bastante.</p>	<p>significativo é o da partilha da palavra bíblica, porque para o P8, é pela palavra bíblica que o diálogo acontece e que este promove a entreaajuda.</p>
<p>I – Alguma sugestão que queira fazer?</p> <p>P8 – Não. Não tenho nenhuma sugestão a fazer. Acho que devia de haver mais grupos de oração e que as pessoas, mesmo os que dizem que são cristãos e que têm fé vivessem um bocadinho mais essa fé. Porque se não, não tarda, acho que a Igreja vai morrendo aos poucos. Vai morrendo e nós sentimos isso nas nossas paróquias e que realmente.</p>	<p>40. O P8 sugere que surjam mais grupos destes e de oração, não só para os cristãos, mas para todos que necessitam de ajuda.</p>
<p>I – Mas considera que o grupo é necessário para manter a fé ou para ajudar as pessoas?</p> <p>P8 – Ah! É, É! Em todos os aspectos. Eu acho que o grupo faz falta em todos os aspectos. Para manter a fé, para ajudar as pessoas. Para as acolher. Para as animar. Para tudo. Acho que sim. E para mostrar a Palavra de Deus que é o que as pessoas precisam mais.</p> <p>I – Então, aconselha e recomenda.</p>	<p>41. O P8 considera que o grupo é necessário em vários aspectos, para manter e elucidar na fé, para ajudar e animar as pessoas na vida.</p>
<p>P8 – Recomendo. Recomendo. Sim, recomendo perfeitamente.</p>	<p>42. O P8 aconselha e recomenda este tipo de grupo.</p>
<p>I – Muito obrigado.</p> <p>P8 – De nada.</p>	<p>43. Agradecimento final.</p>

P9G4E9F57M

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>I – Muito obrigado por dispensar este pequeno tempo para esta entrevista. Gostava de saber há quanto tempo frequenta este grupo de acompanhamento, de aconselhamento?</p> <p>P9 – Fernando, não tem que agradecer é um prazer da minha parte. Sinto-me muito honrada. Portanto a primeira pergunta que me faz, há quanto tempo que eu estou no grupo, desde 2007.</p>	<p>1. O P9 agradece a participação na investigação e refere que está no grupo há 5 anos.</p>
<p>Fui para lá já tinha sido convidada há muitos anos. Mas achei que um dia talvez eu fosse. Até que surgiu na minha vida, eu tive um chamado de Deus, porque eu tive, eu fui casada trinta anos. Tive um divórcio. E achei que tinha que ter ajuda de alguém,</p>	<p>2. O P9 foi para o grupo após o seu divórcio, porque precisava de ajuda.</p>
<p>que esse alguém só poderia ser Jesus. E Jesus chamou-me, chamou-me e eu fui. Fui às irmãs e gostei muito, aliás gosto muito. Foi lá que encontrei a minha paz interior. Que eu consegui ver as coisas de outra maneira e que me sinto lá muito bem. Só não vou se realmente de todo eu não puder. Porque é lá que eu me sinto muito bem. Foi um chamado de Deus porque eu andava um bocadinho distante dEle e Ele fez uma grande obra. Chamou-me à realidade e disse: “Eu estou aqui para te ajudar!”</p>	<p>3. O P9 descreve que sentiu-se chamado por Jesus a ir ao grupo, foi, gostou e gosta de andar no grupo, pois encontrou paz interior e começou a ver as coisas de outra maneira.</p>
<p>I – O motivo que a levou lá foi essa situação pessoal.</p> <p>P9 – Sim, Fernando, foi. Foi porque eu senti que sozinha não sou ninguém. Porque até aí tinha uma visão da vida diferente. Achava que eu é que mandava, que eu é que resolvia tudo sozinha. Que eu punha e dispunha da minha vida. Que eu fazia planos e que era eu. Portanto, era um bocadinho egocêntrica.</p>	<p>4. O motivo que levou o P9 ao grupo foi a necessidade de ajuda para a situação de divórcio, porque se descrevia como uma pessoa egocêntrica, individualista, autoritária.</p>
<p>A partir dessa altura as coisas mudaram completamente. Claro que estou ainda num período de aprendizagem. Porque nós estamos sempre, sempre aprender e realmente interiormente eu sinto-me outra pessoa.</p>	<p>5. O P9 descreve que as coisas na sua vida mudaram e que começou uma aprendizagem do seu ser interior.</p>
<p>I – Tentou procurar ajuda noutra grupo, noutra local?</p> <p>P9 – Não, Fernando. Eu não conhecia como atrás disse. Eu fui através de uma senhora vizinha e amiga que já anda lá desde o início que o grupo foi fundado. Portanto, se não estou em erro há</p>	<p>6. O P9 nunca tinha procurado outro grupo de ajuda. O P9 não conhecia e até questionava que tipo de grupo seria e a sua</p>

<p>dezoito anos. Portanto, já essa vizinha e amiga já me tinha falado várias vezes. E eu sou muito sincera, no início quando falaram que eram umas irmãs brasileiras eu pensei que era uma outra religião e disse: “está bem! Qualquer dia eu vou.” E esse qualquer dia nunca mais apareceu até porque fiquei um bocadinho de pé atrás. E pronto, foi realmente nessa altura que eu senti que precisava de uma ajuda, uma ajuda espiritual e disse a essa minha amiga “é hoje o dia, posso ir?” e ela disse: “sim podes. Fico muito contente por teres aceite o meu convite. Foi feito há muito tempo, mas aceitaste-o só agora”.</p>	<p>religião e espiritualidade (R/E). Foi através de uma amiga vizinha que foi ao grupo, pois considerava que também precisava de ajuda espiritual.</p>
<p>I – Qual foi o impacto que teve no primeiro dia, o primeiro encontro?</p> <p>P9 – Os primeiros encontros foram desde que entrei até que saí, foi chorar, chorar, chorar. Porque tocaram-me de uma forma, que eu sou muito sincera, eu não consigo explicar aquilo que senti. Eu senti que realmente eu andava, que eu não conhecia, não conhecia Deus e que ali Ele se deu a mostrar e mostrou-se. E disse, e senti que Ele me estava a dar forças para eu conseguir ultrapassar realmente o problema com que eu fui deparada e que tinha nesse momento.</p>	<p>7. No primeiro dia o P9 descreve que esteve todo o evento a chorar, porque sentiu-se tocado interiormente por Deus que lhe dava forças para ultrapassar o problema que atravessava.</p>
<p>I – Durante este tempo todo que frequenta o grupo, descreva quais foram os momentos mais significativos que vivenciou nesses encontros comunitários de <i>counselling</i> psicoespiritual?</p> <p>P9 – Olhe, gosto muitos destes encontros que se fazem na Quaresma da partilha da palavra. Acho muito bom. Gosto da santa Missa, ãh...</p>	<p>8. O P9 refere que os eventos que se fazem na Quaresma da partilha da palavra bíblica são para o P9 momentos significativos.</p>
<p>I – Há vários momentos, mas por vezes há alguns que podem ter acontecido e que causaram mais impacto.</p> <p>P9 – Várias palestras que eu tenho ouvido, uma pelo F., já ouvi várias e... mas tocam-me sempre, nós aprendemos sempre. E eu tento transmitir aos outros aquilo que eu oiço. Porque é uma partilha de experiências muito boa, muito gratificante.</p>	<p>9. Momentos que causaram impacto no P9 foram algumas palestra, ele refere que estas o tocaram profundamente e lhe permitiram aprender algo novo.</p>
<p>I – Durante os encontros, dentro de cada encontro, de cada sessão, durante aquele tempo, quais são ou qual é o momento mais significativo que considera para si?</p> <p>P9 – Eu posso dizer que é desde que eu entro até que saio. É</p>	<p>10. Os momentos significativos dentro de cada evento, para o P9, são sentidos e, para ele, não são exprimíveis por palavras. Ele</p>

<p>aquela hora e meia é tudo bom, é tudo enriquecedor é tudo... é tão... é como eu digo, às vezes há coisas que não se conseguem descrever, mas conseguem-se sentir. Eu estou sempre a tentar beber daquela água, porque é uma água viva, é a palavra de Deus. É Deus que está ali presente. O momento da Adoração é o momento inesquecível. Não tenho palavras para descrever o que eu sinto. Realmente há coisas, que eu volto a repetir, não sou capaz de às vezes dizer tão abertamente, mas é muito bom, é maravilhoso, é magnífico, é gratificante, é... muito bom, muito bom, muito bom.</p>	<p>refere que sente a presença de Deus através da Adoração. O P9 descreve que este é um momento único, inesquecível, gratificante, muito bom e maravilhoso.</p>
<p>I – Aconteceu algum evento que tivesse manifestado, por exemplo, algum fenómeno ou alguma coisa que tivesse causado mais impacto na sua vida?</p> <p>P9 – Sim. Como atrás disse divorcie-me, sou uma pessoa divorciada e divorcie-me em 2008. Vou com muita frequência a Fátima. Um lugar que é espiritual é maravilhoso. É um lugar onde me sinto muito, muito bem, com uma paz. É muito bom e vou lá todos os meses e quando vou coincide sempre com a saída de Nossa Senhora. Não programo nada e anteriormente quando ia nem sabia que Nossa Senhora sai todos os domingos desde a Páscoa até ao dia, se não estou em erro, 13 de Outubro. Eu não sabia. E coincidia sempre quando ia a Fátima nesse dia Nossa Senhora saía. É um dia, é uma manhã muito emotiva para mim. É muito bom, é muito belo, é uma paz. É realmente como disse atrás um lugar de muita espiritualidade. Eu fico sempre na Capelinha das Aparições no corredor, mesmo de frente para Nossa Senhora e nesse dia, 28 de Setembro de 2008, era a véspera do meu divórcio. Eu fui a Fátima destroçada. O meu coração partido, receosa e quando todo o clero estava a fazer, a preparar-se para sair Nossa Senhora, o então reitor olhou para mim, eu estava lavada em lágrimas, não só eu como outras pessoas que estavam, mas o reitor olhou para mim e pôs-me a mão dele no meu obro direito. Não me disse nada. Fez-me simplesmente esse gesto. Para mim foi tudo. Para mim foi Deus que me estava a dizer “filha, não temas. Eu estou aqui para te ajudar a caminhar. Não tenhas medo.” Eu ainda hoje, passados</p>	<p>11. O P9 descreve um momento significativo, que aconteceu em Fátima, na Capelinha das Aparições, quando o P9 estava em sofrimento interior e chorava por causa do seu divórcio, naquele momento sentiu o olhar e a mão do padre a tocarem-no e esse toque foi, para o P9, o toque de Deus que lhe dava força e segurança para ultrapassar os problemas.</p>

<p>quatro anos, eu sinto aquela mão no meu ombro direito. Foi para mim uma coisa maravilhosa. Pois eu estava destroçada e fiquei forte como uma rocha. Porque foi Deus que me disse para eu não ter medo.</p>	
<p>I – Voltando ao grupo, ele também a ajudou a ultrapassar essa situação?</p> <p>P9 – Sim. O grupo ajudou, especialmente as irmãs que são fabulosas. Sempre que eu me sentia um bocadinho mais em baixo e lhes ligava e perguntava se podia ir e elas sempre de braços abertos me receberam. Sempre me orientaram. Sempre me ouviram. Têm sido realmente fabulosas. Elas são fabulosas.</p>	<p>12. No grupo o P9 também teve ajuda para ultrapassar as dificuldades, quando se sentiu necessitada recorria ao aconselhamento e acompanhamento dos elementos responsáveis do grupo e sentia-se acolhido e compreendido.</p>
<p>I – Considera que o grupo seria mais benéfico sendo o acolhimento ou a ajuda de modo individual ou em grupo?</p> <p>P9 – Eu penso que nós devemos partilhar todas as experiências e cada um tem as suas experiências e eu acho que é muito bom partilha-las. Em grupo, se calhar há pessoas que não estão tão à vontade umas com as outras, eu sou um bocadinho introvertida, às vezes não sou tão extrovertida, mas penso que se nós partilharmos uns com os outros saímos mais fortes. Saímos com mais força. Sentimo-nos mais fortalecidas. Acho que devemos partilhar todas as nossas experiências, as menos boas e as boas.</p>	<p>13. Apesar de ser uma pessoa introvertida, o P9 considera que é preferível a ajuda ser prestada em grupo, crê que a partilha das experiências são mais fortalecedoras e trazem mais benefícios.</p>
<p>I – Pode-se considerar que o grupo tem uma dimensão terapêutica?</p> <p>P9 – É assim, Fernando, eu falo, pronto, por mim, não é? Eu acho que para mim tem sido também terapêutico, porque o que tenho vivido lá, o que tenho partilhado, o que tenho ouvido, para mim tem-me dado forças para caminhar em frente para seguir o meu caminho.</p>	<p>14. Para o P9 o grupo tem uma componente terapêutica que tem vivido na ajuda e força que recebe.</p>
<p>I – Nas várias dimensões da vida e da pessoa humana, por exemplo, a nível físico, psicológico, espiritual, a nível social, da família, qual destas dimensões o grupo poderá ter criado uma ajuda mais significativa?</p> <p>P9 – Para mim posso dizer que foi a todos esses níveis. Porque fisicamente eu estava muito debilitada. Socialmente encontrei outras pessoas que não conhecia. Espiritualmente penso que fui</p>	<p>15. O P9 refere que a ajuda proporcionada pelo grupo engloba as várias dimensões humanas e sociais. Ele refere que estava debilitado fisicamente e que a participação no grupo tem-no ajudado a recuperar</p>

<p>encontrar aquilo que eu pensei que estava perdido e portanto, para mim trouxe-me todas essas vertentes.</p>	<p>fisicamente. Ao nível social tem-me permitido fazer novas amizades e que espiritualmente “descobriu o que pensava já estar perdido”.</p>
<p>I – Como é que se descreveria antes de encontrar o grupo e depois de ter encontrado o grupo? P9 – Descrevo-me, antes de encontrar o grupo, como uma pessoa um pouco egocêntrica. Depois de encontrar o grupo sinto-me uma pessoa com uma paz interior maior. Olhando para a vida com outros olhos, uns olhos mais bonitos.</p>	<p>16. Antes de entrar no grupo o P9 descreve-se como uma pessoa egocêntrica. Depois do <i>counselling</i> no grupo sente-se em paz, com paz interior e olha a vida com um novo olhar.</p>
<p>I – Considera que as pessoas que vão procurar o grupo, procuram-no maioritariamente por que motivo? Será por motivo religioso, será por motivo de necessidade de ajuda a nível de alguma doença, de algum problema? P9 – Eu penso que quando se procura um grupo penso que se vai à procura da cura ou de uma orientação espiritual e física, porque muitas vezes nós estamos com a nossa auto-estima tão em baixo que não vimos rigorosamente nada. Só nos queremos destruir a nós próprios. No grupo elevam-nos essa auto-estima e trazem-nos outra vez à luz do sol que já brilha e que aquece a nossa alma e o nosso coração.</p>	<p>17. O P9 considera que as pessoas que procuram o grupo são motivadas pela cura física e/ou espiritual e/ou orientação espiritual. Procuram sentir-se animadas, recuperarem a auto-estima e que aconteça a mudança espiritual.</p>
<p>I – Considera o grupo benéfico? P9 – É benéfico. Recomendo e passo sempre a palavra. Já levei para lá algumas pessoas que estão muito satisfeitas e espero realmente contribuir levar mais pessoas para as ajudar tal qual me ajudaram a mim.</p>	<p>18. O P9 considera o grupo benéfico e aconselha a outras pessoas. Já levou outras pessoas que também estão satisfeitas.</p>
<p>I – O grupo adequa-se a pessoas mais jovens, mais idosas, a meia-idade, para todas ou para ninguém? P9 – Eu penso que deve haver uma partilha de ideias e portanto é benéfico haver várias idades. Mais idade, menos idade, mais jovens, todas essas experiências de vários escalões etários são benéficas e portanto, nós todos temos a aprender uns com os outros. Portanto, não deve ser só para os mais velhos ou para os mais novos ou para os menos novos, mas para todas as idades.</p>	<p>19. O P9 considera o grupo indicado para todas as pessoas e idades.</p>
<p>I – Dentro do espaço de tempo que frequenta na sessão do grupo,</p>	<p>20. O momento mais</p>

<p>qual é o momento principal, o mais significativo para si?</p> <p>P9 – O momento mais significativo foi realmente quando eu fui pela primeira vez, porque eu não sabia o que iria encontrar, porque eu pensava que realmente como eram pessoas brasileiras eu pensei que não fosse assim. E realmente quando fui pela primeira vez eu fui muito destroçada e ia muito, muito, ia... peço desculpa mas não me está a vir a palavra adequada, eu ia muito carente da palavra de Deus e foi esse primeiro impacto que quando comecei a ouvir as irmãs a falarem de Deus. Isso tocou-me muito. Essas primeiras semanas foram, eu tinha sede, eu tinha sede de ouvir a palavra de Deus. E realmente esse primeiro mês foi muito intenso. Foi maravilhoso e continua a ser.</p>	<p>significativo para o P9 aconteceu no primeiro dia que foi ao encontro de grupo. O P9, além do seu sofrimento, tinha preconceitos em relação ao grupo e às pessoas que nele participavam. No entanto refere que os preconceitos se dissiparam quando começou a ouvir a palavra de Deus, o motivo principal que o tinha levado ali.</p>
<p>I – Quando foi para o grupo estava, sentia-se em sofrimento?</p> <p>P9 – Sim. Sentia-me muito sofrida.</p> <p>I – E ajudou a participação nos encontros?</p> <p>P9 – Muito. Muito. Muito. Até porque encontrei lá pessoas que já conhecia há muitos anos e é a partilha da palavra, os afectos, uma palavra na hora certa, um sorriso, um abraço, tudo isso faz parte da nossa vida e nos torna pessoas diferentes, muito melhores.</p>	<p>21. O P9 refere que estava em sofrimento quando foi para o grupo e que através da partilha de afectos do diálogo com outras pessoas no grupo, a sua vida tornou-se melhor.</p>
<p>Eu posso dizer que hoje estou a fazer voluntariado, embora já tenha feito, mas foi na minha casa, porque a minha mãe faleceu à pouco tempo, há quatro meses, com doença de <i>Alzheimer</i> e esteve sempre em casa e era eu a minha irmã e o meu pai, tomávamos conta e cuidávamos dela. Não estou nada arrependida, faria tudo de novo. Abdiquei de tudo, mas estou muito feliz, muito, muito feliz por tudo aquilo que fiz. Como atrás disse, como a minha mãe partiu para o Céu, porque eu tenho a certeza que ela está no Céu, estou a fazer voluntariado ao sábado. É pouquinho tempo, são três horas, são três horas que me preenchem. Eu venho de alma lavada. Porque sinto-me que sou uma privilegiada ao pé de tantas pessoas, eu realmente sou uma pessoa muito privilegiada.</p>	<p>22. O P9 descreve que o facto de frequentar o grupo o ajudou desde que começou a prestar auxílio à sua mãe que tinha a doença de <i>Alzheimer</i> até ao falecimento desta. A partir daí, sentiu-se impulsionado a fazer voluntariado. Diz que se sente privilegiado em comparação com algumas pessoas junto das quais faz voluntariado.</p>
<p>I – Quais os aspectos mais benéficos no grupo?</p> <p>P9 – Para mim é o acolhimento, a Palavra, é toda aquela envolvência, aquela espiritualidade. Tudo o que se vive naquele tempo que estamos ali, hora e meia, é muito intenso, é muito bom.</p>	<p>23. Para o P9 os aspectos mais benéficos são o acolhimento, a Palavra e a espiritualidade que se vive.</p>

<p>I – E aqueles menos agradáveis?</p> <p>P9 – Não sei. Eu ainda não senti que houvesse coisas menos agradáveis, não. Porque quando há interrupção para férias eu sinto que há um vazio. Portanto, quando não há, quando nós não nos reunimos, quando não há o grupo para mim há um vazio. Portanto, quando vou, vou sempre muito bem e sinto-me sempre muito bem, não há momentos menos bons. Eu ainda não senti esses momentos menos bons.</p>	<p>24. O P9 não refere aspectos menos agradáveis no grupo. Refere que quando não há encontro, esse pode ser o aspecto desagradável, pois sente um vazio por não ir ao grupo.</p>
<p>I – Numa escala de 0 a 20 qual era a pontuação que dava?</p> <p>P9 – Eu dava sem dúvida a 20. A pontuação máxima,</p>	<p>25. Numa escala de 0 a 20 o P9 daria 20.</p>
<p>porque realmente preenche-me. Pronto. Preenche-me e portanto, eu é como digo, eu só não vou se de todo não puder.</p>	<p>26. O P9 sente-se preenchido no grupo e tenta ser assíduo.</p>
<p>I – Quer deixar mais alguma sugestão ou opinião para o grupo melhorar numa ajuda mais benéfica?</p> <p>P9 – É assim, eu sei que antes de eu ir, de eu frequentar havia e iam mais pessoas. Também sei que há vários núcleos, portanto, as pessoas que faziam, a maior parte das pessoas que faziam parte desse grupo se subdividiram em vários grupos. É excelente, é muito bom, mas pronto, as pessoas... costuma-se a dizer poucas mas boas do que muitas e não prestarem. Claro que se nós tivermos uma casa cheia a partilha é maior, mas pronto, vamos esperar que entrem mais pessoas e vamos devagarinho.</p>	<p>27. O P9 refere, como sugestão, que gostaria que fossem mais pessoas, como no início da sua entrada para o grupo, mas algumas pessoas formaram outros grupos semelhantes, o que fez diminuir a população neste grupo.</p>
<p>I – Muito obrigado por esta entrevista.</p> <p>P9 – Nada, foi um prazer.</p>	<p>28. O P9 revelou satisfação em participar nesta investigação.</p>

P10G4E10F47A

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>I – Quero agradecer a sua presença e este tempo para esta entrevista.</p> <p>P10 – É assim, Fernando, não necessita de agradecer, porque é um prazer estar consigo e sinto-me um pouco honrada por ter sido escolhida.</p>	<p>1. O P10 manifesta abertura a participar na entrevista.</p>
<p>I – Há quanto tempo conhece o grupo?</p> <p>P10 – Estou no grupo há sensivelmente, portanto, vai fazer em Julho 2 anos.</p>	<p>2. O P10 está no grupo acerca de 2 anos.</p>
<p>I – Como é que descobriu o grupo?</p> <p>P10 – Foi através da minha irmã. A minha irmã, portanto, iniciou primeiro do que eu e andava-me sempre a chatear entre aspas “ah, tens que ir à quinta-feira comigo”. Mas ela dizia-me que eram umas Irmãs brasileiras, e eu sou sincera, nós seres humanos estamos sempre a pensar o pior, nunca pensamos o melhor, são brasileiras pertencem à religião R.D. é logo o que nós vamos dizendo e realmente andei algum tempo “está bem eu vou. Está bem eu vou. Está bem eu vou”. E um dia eu disse “não, eu vou”. Vou, ela disse-me “esta quinta-feira há Missa”, “então, tudo bem, eu vou”.</p>	<p>3. O P10 descreve que foi para o grupo através do convite da sua irmã após alguma resistência por associar as Irmãs brasileiras a outros cultos religiosos / espirituais (R/E).</p>
<p>E realmente o impacto quando lá cheguei estava super enganada, porque fiz um juízo muito maldoso. E depois também tive a sorte de a Missa ser dada por um padre, quer dizer, fantástico. Eu estava habituada às nossas Missas, as nossas Missas tradicionais, portanto, sem haver aquela alegria, cantavam-se aqueles cânticos e realmente aquela foi uma Missa que eu fiquei de boca aberta no bom sentido. Eu disse: “realmente isto não é nada daquilo que tinha pensado e porque é que eu não vim há mais tempo. Porque, eu realmente, naquela Missa saí dali muito leve. Eu sou uma pessoa extremamente forte e costumo dizer eu saí dali muito mais magra. Porque eu saí com a minha alma, eu vinha com tudo limpo. Muito calma, muito tranquila. O que não é normal em mim, porque sou uma pessoa extremamente ansiosa.</p>	<p>4. O P10 descreve que o primeiro impacto foi agradável, que reconheceu estar enganado acerca do grupo. Ficou positivamente surpreendido pela dinâmica da Missa. Refere que sentiu-se calmo e leve da alma. Passou a ser fiel ao grupo.</p>

<p>Extremamente refilona, pronto. Mas eu vi que ali havia qualquer coisa que realmente me iria fazer muito bem. E a partir daí realmente só se eu de todo não puder é que eu não irei.</p>	
<p>I – Houve algum motivo especial que a levou lá? Algum problema?</p> <p>P10 – Não. Felizmente não. Foi mesmo porque a minha irmã ia, gostava e dizia-me “hás-de ir porque aquilo é bom”. Eu fui mesmo naquela, pronto, eu vou é dia de Missa, eu vou, em vez de ir à Missa a outro lado vou ali e pronto, vou calá-la. Porque ela andava-me sempre a chatear, digamos, como nós dizemos, para eu ir. E eu disse, então é dia de Missa eu vou, é uma Missa que eu vou e pronto, logo se vê. Mas eu vou e nunca mais lá volto. E realmente, é assim, eu estaria lá todos os dias.</p>	<p>5. O P10 não foi ao grupo por motivo especial ou ajuda para algum problema, mas porque a irmã o convidava para ir e foi a Missa o evento que o fez continuar no grupo.</p>
<p>I – Qual foi o momento mais significativo que vivenciou nestes encontros?</p> <p>P10 – É assim, Fernando, o primeiro dia que eu fui à Adoração ao Senhor eu para mim foi um dia bom, muito, muito, muito bom, mas ao mesmo tempo um pouco, se calhar que não deixei o grupo estar muito atento porque eu não me contive, porque eu chorei, chorei, chorei, como se tivesse sido uma desgraça enorme. Mas quando estava a chorar estava a chorar de felicidade, porque eu senti uma coisa que havia ali realmente. Eu nunca tinha estado, acho eu, com Deus assim.</p>	<p>6. O momento mais significativo para o P10 foi no primeiro dia em que foi à Adoração, onde se sentiu profundamente tocado pela presença de Deus tendo inclusivamente chorado de felicidade por aquele encontro.</p>
<p>Eu sou uma pessoa que, portanto, tive uma educação cristã, tenho tudo o que diz respeito à religião Católica. Era uma pessoa que acreditava em Deus, só que não era desta maneira. Eu não via Jesus como eu vejo hoje.</p>	<p>7. O P10 refere que é R/E na base do catolicismo, mas que não via a presença de Jesus como vê presentemente.</p>
<p>E realmente aquele primeiro dia eu não consegui, eu chorei, como se costuma dizer, baba e ranho, porque quem me visse dizia que eu devia de estar numa desgraça. E não, eu estava a chorar de felicidade. Ainda hoje em todas as Adorações ao Senhor eu não me contenho. Eu tenho que chorar. Claro que agora de uma maneira mais controlada, mas eu choro porque me toca muito. Porque eu estou, eu tenho ali, eu sei que tenho sempre Jesus, mas ali mesmo, mesmo ao ladinho d’Ele, coladinha a Ele. E realmente eu não via Jesus como eu hoje vejo.</p>	<p>8. O P10 descreve que naquele primeiro dia de Adoração chorou imenso de felicidade, que sentiu a presença de Jesus, que passou a sentir a Sua presença perto de si noutros momentos e surgiu uma nova visão da realidade na vida.</p>

<p>I – Frequentar o grupo tem sido benéfico?</p> <p>P10 – Muito, Fernando. Eu sou uma pessoa, como eu já disse há pouco, extremamente ansiosa. Sou uma pessoa que expludo por tudo e por nada. Eu primeiro dizia e depois é que pensava. E eu com o grupo vim a aprender muito. Eu posso dizer que inclusivamente as minhas colegas de trabalho, há colegas que já trabalham comigo há nove anos e dizem que realmente a A. que conheceram morreu, porque ela compreende, ela não explode como explodia, tem uma maneira de ver as coisas diferente. Sou realmente outra pessoa. Eu sou uma pessoa que eu própria sinto que mudou em mim muita, muita coisa.</p>	<p>9. O P10 descreve que o grupo tem sido benéfico para si, que a sua vida mudou. O P10 refere que era extremamente ansioso, que se exaltava facilmente e impulsivamente. Actualmente o P10 considera-se uma pessoa com maior serenidade, maior domínio de si e indica que os seus colegas de trabalho dão testemunho dessa mudança benéfica na sua vida.</p>
<p>Em relação à educação do meu filho, eu tenho um filho com dezanove anos e como toda a gente sabe os dezanove anos, dezoito, dezassete são sempre muito complicados e eu ainda tenho aquele feitio assim há antiga. Sou um bocadinho cota, como ele me chama. Realmente eu aprendi que eu tenho que o deixar voar e confio a Jesus a ida dele pelo bom caminho, porque eu não posso andar atrás dele. Todos os fins-de-semana quando ele sai eu falo com Jesus e digo “eu não posso ir atrás dele. Peço-te Jesus para o não deixares”. Deixo-o e não armo confusões com ele. Não discuto. Consigo compreender melhor porque ele tem de sair. E eu até aqui não conseguia ver esse lado. Tenho aprendido muito a todos os níveis.</p>	<p>10. A mudança na vida do P10 também se manifesta em relação ao seu filho de dezanove anos. O P10 mudou o seu modo de agir em relação ao filho e permite a autonomia dele, pois compreende melhor a realidade parental, recorrendo à confiança em Jesus.</p>
<p>I – Dentro de cada sessão, de cada encontro no grupo, qual é aquele momento mais significativo para si?</p> <p>P10 – É assim, depende também do trabalho, digamos, que o grupo faz. É como eu digo, quando é Adoração ao Senhor, pronto, esse momento é realmente para mim o máximo. Depende, quando estamos na Quaresma é trabalharmos, realmente, o livrinho que o senhor bispo fez, onde nós partilhamos, onde cada um dá a sua opinião. Portanto, cada sessão tem sempre o seu momento alto, portanto, não consigo dizer qual é o melhor qual é o pior, depende... todos eles são bons. Isso é ponto já assente. Mas, depende, há uns talvez, se calhar um bocadinho melhores que os outros. Depende do tema, depende do tema que se vai...</p>	<p>11. Dentro de cada sessão o momento mais significativo para o P10 é o que acontece no evento da Adoração. Refere outro durante o tempo da Quaresma quando no grupo partilham a palavra bíblica orientada pela sugestão do Bispo.</p>

<p>mas são todos excelentes.</p>	
<p>I – Aconteceu algum fenómeno que tivesse causado mais impacto em si?</p> <p>P10 – Aconteceu-me, talvez há uns oito, nove meses, andava com muita, muita dor de estômago. Um dia tive para não ir à oração, porque tinha tanta dor, tanta dor que pensei “eu não vou porque estou mesmo mal”. E disse “oh, meu Deus! Eu tenho que ir”. Porque se realmente no fundo Ele fez tantos sacrifícios por nós porque é que eu não teria que ir. Estávamos a rezar o Terço, e as Irmãs pediram-nos para nós pormos as intenções e eu, entre muitas, porque estou sempre a pedir e nada dou, pedi a Deus que realmente me abrandasse aquela dor de estômago, porque era uma dor que me incomodava tanto. Eu já há bastantes dias que andava com essa dor e estava disposta a ir ao médico. E realmente quando saí daquela oração, daquela hora e meia, eu saí e eu não tinha dores de estômago. Podem dizer assim: “ah, se calhar era psicológico”. Não era, porque a minha cara mostrava o quanto ia cá dentro, a dor que eu tinha, que eu não conseguia encobrir na minha cara. E eu saí não me doía o estômago. Eu acho que ali fui mais uma vez ouvida por Deus. Como eu entrei e como eu saí. Não me doía nada. Ia tão mal. Quando entrei as pessoas perguntavam “mas o que tem? O que é que tens?” Eu tinha tanta dor que estava mesmo desinsofrida e quando saí eu não tinha dor no meu estômago. Para mim acho que foi assim um momento de um toque muito grande de Deus.</p>	<p>12. O P10 descreve que há alguns dias que andava com muitas dores de estômago, um dia rezou o Terço pela cura dessa dor e a partir daquele momento deixou de sentir qualquer dor, ficando feliz e aliviado.</p>
<p>I – Como é que se descrevia antes de entrar para o grupo e depois de entrar?</p> <p>P10 – Uma pessoa muito, é como digo, muito pouco tolerante. Achava, portanto, estava hoje aqui e dizia “sábado faço isto e aquilo e aqueloutro” porque eu é que achava que eu é que mandava. Hoje já não digo assim. Hoje, eu já digo “sábado, se Deus quiser, eu vou aqui ou vou ali ou faço isto ou faço aquilo”. No trabalho digo às minhas colegas “oh meninas, se amanhã não puder vir ou se Deus quiser, amanhã faz-se isto”. Portanto, vejo tudo, tudo à minha volta de maneira completamente diferente.</p>	<p>11. O P10 antes de entrar no grupo descreve-se como uma pessoa pouco tolerante, autoritária, individualista, pouco ponderada. Presentemente, depois do acompanhamento no grupo, considera-se mais ponderada, tolerante adaptada às circunstâncias.</p>
<p>I – Então o grupo tem sido benéfico?</p>	<p>12. O P10 considera o grupo</p>

<p>P10 – Muito. Muito, muito.</p> <p>I – Pode-se considerar que o grupo é como que terapêutico?</p> <p>P10 – Sim. Sim. Para mim tem sido. Tem-me ensinado a caminhar. A olhar para o outro. Eu era uma pessoa que já olhava, eu sempre... tenho um feitio que... sempre me preocupei muito mais com os outros do que comigo própria. Só que punha todas essas minhas intenções em prática mas se calhar não da melhor maneira, de uma forma impulsiva que eu era. Eu hoje não. Eu hoje, pronto, sou uma pessoa muito mais calma, muito...</p>	<p>benéfico e terapêutico pois cumpriu essas funções em si. Torno-o mais calmo, tolerante, aprendeu ser mais aberto com os outros.</p>
<p>mesmo na doença da minha mãe, que infelizmente ela teve doença de <i>Alzheimer</i> e é uma doença que desgasta as pessoas que vivem ao lado, e eu entendi sempre tudo o que a minha mãe fazia. Porque olhava, sabia olhá-la à mulher que ela foi e não à mulher que ela infelizmente estava, mas tudo isto penso que a doença dela também não apareceu por acaso. Tudo isto tem um porquê e eu hoje entendo o porquê disso e na altura eu não entendi quando ela apareceu com essa doença e senti-me revoltada “e porquê meu Deus? Porque é que foi a minha mãe?” E eu hoje penso que sei porque é que isto aconteceu. Porque havia uma transformação na vida da minha irmã e isto teve que acontecer.</p>	<p>13. O P10 descreve que o grupo foi benéfico no modo como o ajudou a lidar com a doença que a mãe teve, o modo de compreender a mesma, de tratar e de se relacionar com a mãe.</p>
<p>I – Dentro das diversas dimensões da vida humana e social, da dimensão física, psíquica, espiritual, social, do trabalho, qual foi aquela que teve mais impacto na sua vida na participação no grupo?</p> <p>P10 – Foi a espiritual. Sem dúvida nenhuma. Comecei a ver tudo de maneira completamente diferente. Completamente diferente. Saber ouvir, saber compreender. Tudo, tudo, tudo, tudo. E as pessoas que me conheceram e as pessoas que me conhecem elas próprias dizem-me que eu sou outra pessoa.</p>	<p>14. A dimensão espiritual foi a que mais impacto teve no P10, pois ajudou-o a ter outra perspectiva de si, dos outros e do mundo que o rodeia, a ser mais compreensivo, calmo, o que, segundo ele, é confirmado pelas pessoas que o conhecem.</p>
<p>I – O grupo pode ser mais indicado para uma ajuda espiritual, religiosa ou também a nível psicológico, a nível social?</p> <p>P10 – Eu acho que tem um pouquinho de tudo, de tudo. Porque nós ali é uma coisa que ali não há doutores, não há, é assim, profissionalmente há, mas não se vê ninguém como superior. Nós ali somos todos iguais e como somos todos iguais conseguimos partilhar tudo olhando um para o outro como a nós próprios. E</p>	<p>15. O P10 refere que o grupo é indicado para as diversas vertentes humanas e sociais. Alude que não se sente diferenciada em termos de estatuto em relação a outras pessoas e isso, para si, é</p>

<p>portanto, acho que em todas essas vertentes o grupo ajuda.</p>	<p>facilitador de partilha e crescimento pessoal.</p>
<p>I – Qual é o motivo que as pessoas procuram o grupo, na sua perspectiva? P10 – Eu penso que será a parte também espiritual. A parte religiosa, porque nós às vezes, o ditado é velho «só se lembramos de santa Bárbara quando troveja.» E quando estamos muito aflitos é que nos lembramos de Deus. E eu acho que também muitas pessoas quando estão aflitas é que vão à procura de Deus</p>	<p>16. O P10 considera que as pessoas procuram o grupo por motivos de problemas pessoais e necessidade de cura de diferentes tipos.</p>
<p>e ao irem à procura trazem no fundo uma cura a todos os níveis, porque nós ali, eu digo mesmo, é uma cura, é uma lavagem da alma que nós vimos mais leves. Parecemos uma pena de tão limpo que vimos. Interiormente é tudo muito bom.</p>	<p>17. O P10 refere que as pessoas vão à procura de cura por um motivo específico mas que, auferem também a cura ao nível interior.</p>
<p>I – É mais benéfico o grupo ser em grupo ou seria preferível que fosse a ajuda a nível individual? P10 – Eu penso que em grupo. Porque todos nós temos vivências diferentes. Todos nós temos problemas diferentes e todos nós partilhamos. Expomos os nossos problemas sem o gozo, sem o riso, sem nada, porque todos nós estamos no mesmo barco. Estamos ali todos para nos ajudarmos uns aos outros. E não há invejas, não há nada. Há simplesmente o dar a mão par que todos consigamos ir a bom porto.</p>	<p>18. Para o P10 é preferível a ajuda prestada no grupo ser feita em grupo porque assim há uma maior partilha de vivências e maior entreajuda.</p>
<p>I – Resumindo da participação no grupo qual é aquele momento mais significativo para si? Descreva esse momento. P10 – Eles são muitos. Porque desde os cânticos que são apropriados e que eu às vezes choro, porque eu sou muito chorona e quando as coisas me tocam eu choro no simples cântico... eu acho que é tudo. Eu não consigo dizer exactamente é isto ou aquilo, eu acho que é tudo, porque é como eu digo, basta até um simples cântico mas que naquela hora é aquele cântico mesmo ali que toca ali e eu choro, pronto, e eu choro.</p>	<p>19. O P10 refere que toda a participação no grupo é significativa, contudo alude que é o momento dos cânticos que, por vezes, mais o sensibiliza.</p>
<p>I – Mas dentro desses eventos todos haverá algum que poderá ter desencadeado uma força, uma ajuda? P10 – Sim, a Adoração ao Senhor, sem dúvida nenhuma. É uma força, é tudo, é tudo. Para mim a Adoração ao Senhor é tudo.</p>	<p>20. De todos os eventos a Adoração é a mais significativa para o P10.</p>

<p>I – Numa escala de 0 a 20 qual é a pontuação que dá?</p> <p>P10 – 21 (ri-se). É 20 mesmo, porque é mesmo muito bom.</p>	<p>21. O P10 atribui uma pontuação de 20, numa escala de 0 a 20, pois considera o grupo muito bom.</p>
<p>I – Acha que o grupo é indicado para pessoas mais jovens, adultas ou mais idosas?</p> <p>P10 – É assim, eu acho que, de vez em quando também aparecem lá jovens. Acho que no fundo será para todas porque, porque todos nós temos ideias diferentes e os mais velhos ensinam-nos a nós de meia-idade e jovens, os jovens ensinam aos de meia-idade e aos mais velhos. Portanto, eu acho que no fundo acaba de ser para todos.</p>	<p>22. O P10 considera que o grupo é adequando a todas as pessoas e idades, pois todos beneficiam com a troca de experiências como motor de entreaajuda.</p>
<p>I – Quais são os aspectos mais benéficos do grupo?</p> <p>P10 – É o sermos todos iguais. Não há ali, é como eu digo, há doutores, há todas as profissões, mas ali nós não olhamos às profissões. Nós somos todos iguais. Podemos ir de rotos, podemos ir bem vestidos que ninguém repara uns nos outros. Somos ali iguais.</p>	<p>23. O P10 considera o aspecto mais benéfico no grupo o facto de não existir discriminação social.</p>
<p>I – E qual é o aspecto menos benéfico?</p> <p>P10 – É o relógio, passa num instante a hora. Para mim é mesmo isso. Quando damos por ela já a hora passou. E passa tão rápido que é mesmo o relógio é que é o menos bom.</p>	<p>24. O P10 considera o aspecto menos benéfico o tempo da sessão ser pouco.</p>
<p>I – Quer dizer que é benéfico para si?</p> <p>P10 – Muito. Muito, muito. Se soubesse o que sei hoje não tinha sido há dois anos, mas há muitos anos, há muitos anos. Porque eu de certeza já estaria muito melhor, porque todos os encontros nós vamos aprendendo.</p>	<p>25. O P10 considera o grupo muito benéfico e gostaria de o ter descoberto há mais tempo, pois sente que estaria hoje muito melhor e mais sábio.</p>
<p>I – Quer dar mais alguma sugestão?</p> <p>P10 – É realmente que nós andamos muito de olhos tapados, porque nós preocupamo-nos com coisas que não têm nada e que nós achamos que aquilo é que é, ou um carro ou uma casa e esquecemo-nos onde vamos e aquela fonte que a água é pura e que não tem nada para nos fazer mal, pelo contrário, e nós esquecemos muito isso, é realmente o mal do ser humano. É isso.</p>	<p>26. O P10 refere ter desprezado autênticas relações e valores de construção e desenvolvimento pessoal e humano.</p>
<p>I – Muito obrigado por este tempo.</p> <p>P10 – De nada, volte sempre.</p>	<p>27. O P10 demonstrou satisfação em participar no estudo.</p>

P11G1E11F51R

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>I – Quero agradecer, antes de mais nada, por disponibilizar este tempo para esta pequena entrevista. Há quanto tempo é que frequenta este grupo?</p> <p>P11 – Acho que vai fazer um ano e meio ou um ano e tal.</p>	<p>1. O P11 participa no grupo acerca de ano e meio.</p>
<p>I – E quem é que indicou o grupo?</p> <p>P11 – Foi uma irmã minha.</p>	<p>2. O P11 conheceu o grupo através de uma irmã dele.</p>
<p>I – Quando veio para o grupo, qual foi o motivo?</p> <p>P11 – O motivo foi que andava muito nervosa e pronto, o meu marido, eu desconfiava que ele andava com mulheres, com uma mulher por fora e foi-se agravando, agravando, cada vez estava mais nervosa e andava de todo. Às vezes tinha a tensão a 20. Os diabetes altíssimos a 300 e tal. O colesterol tinha um a 500 e outro a não sei quantos. Andava mesmo descontrolada e só me dava para partir tudo. Uma vez agarrei num prato espetei-o lá contra a parede e depois passado um dia ou dois eu pensei assim: “então eu nunca fiz isto na minha vida, nunca parti um prato na minha vida”. Outra vez foi o comando da televisão, andava mesmo.... Depois a minha irmã é que disse: “eh pá! Vai ali que faz-te bem”. “Vou, vou, vou começar a ir e tal”.</p>	<p>3. Os motivos que o P11 descreve que o levaram a ir para o grupo foram o seu estado de insegurança na relação conjugal que o deixava muito nervoso. Tinha a tensão arterial a 20, os diabetes acima dos 300, o colesterol a 500, perdia o controlo e por vezes partia objectos em casa.</p>
<p>E pronto, comecei a vir e comecei-me a sentir mais calma e a conseguir, que ele nunca deixou de sair igual. Ele continua na mesma. Mas eu comecei a ficar mais calma e a conseguir levar isto de outra maneira.</p>	<p>4. O P11 refere que desde que começou no acompanhamento no grupo principiou a ter mais calma e a controlar-se.</p>
<p>E depois andei sempre a pedir a Deus para me ajudar a descobrir a mulher para não andar a culpar pessoas inocentes. Chegou uma altura que deixei de pedir.</p>	<p>5. O P11 pediu a Deus para lhe revelar a pessoa que o traía.</p>
<p>Depois numa sexta-feira quando meteram a mão na cabeça à gente, quando a gente pede o Espírito Santo. Passou o fim-de-semana e tal, na terça-feira tive um sonho e eu nem andava sequer a dormir tão bem assim, andava a dormir mesmo mal. E eu até olhava para o relógio, eh pá! Às vezes a gente pensa que não dorme e até dorme e olhei para o relógio para ver as horas que</p>	<p>6. O P11 descreve que depois de orarem por ele com imposição de mãos a pedir o Espírito Santo passou a dormir melhor.</p>

<p>vou dormir esta noite. Foi numa terça-feira, dormi 5 horas. E durante esse tempo todo 5 horas sem acordar. Dormi uma hora ou duas, uma hora acordava, às vezes duas, outras vezes meia. E nessa noite dormi 5 horas sem acordar</p>	
<p>e nessas 5 horas estive a sonhar com uma mulher e a mulher falou comigo a dizer: “há! Tu não sabias? Aos anos que agente anda nisto. Aos anos que a gente anda nisto”. De manhã acordei muito descansada, leve, eu parecia que me tinham tirado 200 quilos de cima, mas a sério. Eu nunca tive um sonho assim. Fiquei contente até. Eh pá! Eu andava sempre a dizer “eu vou descobrir. Está descansado que eu hei-de descobrir”. Então falei com essa mulher, não esperava que era aquela, pensava que era outra, mas eu nunca culpei ninguém, nunca ralhei com ninguém ou é esta ou aquela. Senão vir não afirmo. Então 5 horas a sonhar “há não sabias?” Ela a falar comigo. “Já há tanto ano, tanto ano e coisa, há já aos anos que a gente anda nisto”. Acordei de manhã e disse para ele: “olha, tive um sonho espectacular”. Vai ele assim: “então?” eu vou assim: “não posso dizer”. (Ri de satisfação).</p>	<p>7. O P11 descreve que ao dormir melhor teve um sonho que lhe revelou quem era a pessoa com quem o seu cônjuge a andava a trair e que, após esse sonho, sentiu-se mais calma e descontraída.</p>
<p>E depois, foi passado já algum tempo, na sexta-feira, quando a gente está aqui para se entregar a Deus, também tinha uma azia, assim grande. Quase todos os dias andava com azia. Já ao tempo que eu ando para ir ao médico, mas eh pá, é difícil ter a consulta. Temos que ir para lá muito cedo e eu vou andando, deixo-me andar. Então, também pedi a Deus “ó Senhor, tira-me esta azia daqui de dentro”, e então nunca mais tive azia, nunca mais tive azia. Eu não podia comer, às vezes até o café, pensava que o café me fazia azia. Também, ok. Disseram as minhas colegas: “então já não tens azia?” “não, já não tenho azia”. (riso audível de satisfação). E foi mais não sei o quê.</p>	<p>8. O P11 descreve que, num evento de oração no grupo, após ter-se entregue e pedido a Deus, foi curado de um problema de azia que diariamente o incomodava</p>
<p>I – Então quer dizer que foram uma série de coisas? P11 – Foi. Tinha semanas, tinha semanas que andava ali calminha, assim calminha, calminha, assim muito calma, pronto, muito calma. A gente também não se lembra de tudo. Também pedi a Deus para me ajudar para a minha filha que tinha exames em Agosto. Ela a chorar de lá a ver que não conseguia acabar o ano por duas disciplinas e eu a conseguir controlar daqui e ela</p>	<p>9. O P11 relata que tinha semanas que andava calmo, mas depois surgiam problemas que o tentavam irritar, porém com a ajuda de Deus sente que consegue controlar-se e que a sua a calma actual permite</p>

<p>enervada a dizer: “eu estudo tanto, estudo tanto, estudo tanto, só tenho vontade de me atirar da janela abaixo”. E eu assim: “tem calma. Aguenta aí. Tem calma”. Ela queria vir embora, “eu vou já embora para aí, não sei quê, não sei quantos” nervosa, “tem calma. Faz assim e assado”.</p>	<p>serenar e ajudar a filha que já pensou em suicidar-se.</p>
<p>E também não havia amónio (dinheiro) (dá uma gargalhada) estava muito difícil. Tinha acabado de fazer uma casa. Tive de pedir empréstimo para a acabar de fazer, porque se a queria vender tinha que a acabar de fazer para a poder vender. Então, as prestaçõezitas. Os estudos da minha garota e depois, olha, pedi a Deus: “ajuda-me a equilibrar isto, a ver se isto vai, se ela acaba os estudos e tal”. Fartei-me ali de pedir, pedir. Olha o dinheiro não faltou. Também não é preciso muito dinheiro. Desde que dê para a gente... o dinheiro deu sempre para tudo.</p>	<p>10. O P11 refere que a confiança na oração o permitiu enfrentar as dificuldades financeiras face ao empréstimo para a construção da casa e dos estudos da filha.</p>
<p>Ela acabou o curso e controlou-se lá e depois também aprendeu, aprendeu com aquilo que eu lhe disse: “tem de ser assim e tu não podes ter raiva aos professores. Tu tens que rezar por eles, para eles te ajudarem”. E então, ela lá depois se controlou e aprendeu qualquer coisa ali. Ela de lá e eu de cá.</p>	<p>11. O P11 refere que tinha dificuldades com a filha e que ambas aprenderam a controlar os nervos através da oração.</p>
<p>E depois, também pedi a Deus para me ajudar a vender a casa, estava difícil, também a vendi, graças a Deus. Mas estava com aquela coisa, que até o meu marido a queria dar à minha filha. Ele não podia ver aquela casa porque pensava que nunca se vendia, não sei quê, não sei quantos, olha: “dou-te a casa, vais para lá”. Eu vou assim: “mas dás a casa o quê?! Então, mas eu tenho dois filhos. Para isso tinha que dar uma ao outro, também”. Está bem que ele já tem casa, mas tinha que dar igual. Eu vou assim: “não há problema. A casa vai ser vendida no mês de Agosto”. Eu disse aquilo «no mês de Agosto» não sei o que me deu para dizer no mês de Agosto. A minha cunhada chegou, mas juro que isto foi verdade, a minha cunhada chegou no mês de Agosto, “então já vendes-te a casa?” Ela veio antes do mês de Agosto. “Já vendes-te a casa?” Eu vou assim: “ A casa vai ser vendida no mês de Agosto”. Depois fui dizer à minha filha: “faltam quantos dias para acabar o mês de Agosto?” “ó mãe, faltam quatro”. (ri-se de satisfação com a situação) nesses quatro dias vendi a casa. Até</p>	<p>12. O P11 menciona que pediu ajuda a Deus para vender a casa e sentiu que ela seria vendida no mês de Agosto, apesar da família não acreditar, porém, nos últimos quatro dias do mês de Agosto vendeu a casa.</p>

<p>me deu vontade de rir. Eu tinha aquela coisa que ela era vendida, pois claro que ela era vendida.</p>	
<p>I – Isso aconteceu tudo desde que entrou aqui? P11 – Desde que entrei aqui. Mas isto é verdade, eu digo isso, não tenho problemas nenhuns.</p>	<p>13. O P11 refere que esta mudança de acontecimentos na sua vida iniciou depois de entrar no grupo.</p>
<p>I – Quando andava com esses problemas procurou ajuda médica? P11 – Eu não. Eu pedia a Deus para me ajudar a controlar. Às vezes estava lá tão nervosa, tão nervosa em casa. I – E medicamentos para isso? P11 – Não tomei nada. Nunca tomei nada. Pedia a Deus em casa para me controlar. Às vezes estava lá, até me davam dores, dores por todo o lado, e eu estava lá em casa «ó Deus, ajuda-me a controlar.» E aquilo revoltava, aquilo virava, virava tudo. É assim, eu não sou muito... participo e pronto, sou como sou, ninguém... pronto, ninguém se faz, como dizem.</p>	<p>14. Apesar de ter situações de muito nervosismo, o P11 não recorreu a ajuda médica ou de medicação, mas recorria apenas à ajuda de Deus na oração e no grupo.</p>
<p>I – Descreva os momentos mais significativos que vive neste grupo de encontro de ajuda, os momentos que sente que são mais significativos? P11 – Que são melhores? I – Que são melhores, mais importantes para si. P11 – Eu gosto mais é quando, e acho resultados, é quando a gente está a receber o Espírito Santo, não é, que eu não sei bem, pronto, ainda não estou bem dentro destes assuntos. É aí que aparecem resultados a seguir, aparece sempre qualquer coisa.</p>	<p>15. O P11 descreve que os momentos mais significativos acontecem quando se ora ao Espírito Santo. Ele menciona que acontecem sempre resultados após orar ao Espírito Santo.</p>
<p>Durante a semana ando calma, ainda há dias, há dias, aqui há umas quatro semanas ía ali direito à Boavista e o carro começou assim, olha comecei-me a rir e vou assim: “espera lá que hás-de parar em qualquer lado”. (ri-se) Comecei a rir, disse assim: “ó Deus, ajuda-me”. Ia assim o carro (descreve com a mão o carro a derrapar), até contei a elas, mas ía na boa, ía virada para baixo fiquei virada para cima. Continuei na mesma. Toca a andar.</p>	<p>16. Descreve uma situação de derrapagem com o carro onde pediu ajuda a Deus no momento, e não aconteceu o despiste.</p>
<p>Mas uma coisa é certa, é nessa parte e quando a gente está ali e se concentra, assim quando a gente se concentra ali bem. Não é para toda a gente, não para toda a gente. Eu não consigo. Às vezes estas coisas vão surgindo. Não sei se me concentro que chegue,</p>	<p>17. O P11 refere que também acontece algo significativo no momento de meditação / oração mais intensa.</p>

<p>olha não sei. Mas noto que, pronto, me ajuda muito.</p>	
<p>I – Então esses momentos são os mais significativos quando invocam o Espírito Santo? P11 – É quando aparece sempre qualquer coisa a seguir.</p>	<p>18. Os momentos mais significativos são na invocação ao Espírito Santo.</p>
<p>I – O que é que sente nesses momentos? P11 – Nesses momentos, é assim, uma vez comecei a arrepiar-me, a arrepiar-me assim um bocadinho e outra vez foi quando tive o sonho na terça-feira seguinte e às vezes é durante a semana sinto-me muito calma, assim uma coisa fora do normal.</p>	<p>19. O P11 sente nos momentos mais significativos um arrepio, sente-se muito calma e refere a noite do sonho.</p>
<p>I – Como é que se descrevia antes de entrar para o grupo e depois de ter entrado para o grupo? P11 – Ah, eu já tinha arreventado. Ou tinha que ir ao médico e estar encharcada em remédio tinha que ir. Eu tinha que ir, isto tinha que ter uma solução ou então já tinha dado o berro, é mesmo assim.</p>	<p>20. O P11 refere que se não tivesse entrado no grupo estaria muito pior, continuaria muito nervosa e teria de recorrer ao médico e à medicação.</p>
<p>I – E agora como é que se sente? P11 – Sinto-me muito melhor. É assim, mas o meu marido, é assim, continua na mesma, na mesma e não se preocupa nada. Vai dar as voltinhas dele e não sei quê. A gente pensa assim: «é pá, andam a gozar com uma pessoa», não é? É a gozar, é de vez em quando e coisa, mas não é nada com era dantes.</p>	<p>21. O P11 sente-se magoado pelo cônjuge continuar na mesma, mas o P11 afirma que se sente melhor.</p>
<p>I – Então o grupo tem ajudado? P11 – Tem. I – Pode-se considerar o grupo como um grupo de ajuda terapêutico, psicoterapêutico que traz benefícios para o bem-estar e para a saúde? P11 – Traz. Eu acho que sim. Traz pois, então não traz?</p>	<p>22. O P11 refere que o grupo o tem ajudado, é terapêutico, traz benefícios para o bem-estar e para a saúde.</p>
<p>I – E aconselhava a mais pessoas? P11 – Eu aconselho a todas as pessoas. I – Aconselha para os mais novos para os mais velhos? P11 – É assim, os jovens, eu falo mais com as pessoas de idade e às vezes falo com os jovens também, mas eles dizem, mesmo o meu filho “ah, não vá a gente fazer por isto ou por aquilo e não sei quê, agora rezar, rezar rezar”. E eu calo-me e não digo mais nada. Agora as pessoas de mais idade a gente fala mais. A minha garota concorda e diz que se sente bem vir aqui. Não vem mais</p>	<p>23. O P11 aconselha a todas as pessoas. Tem aconselhado aos filhos a irem e, embora o filho se mostre céptico, a filha vai algumas vezes e sente-se mais calma. Aconselha também às suas amigas que têm problemas</p>

<p>vezes porque não pode e sente-se bem e sente-se mais calma e tudo. O meu filho é diferente. E então aconselho as minhas colegas, às vezes elas queixam-se que andam assim, que andam assado e que têm isto e têm aquilo, “vai ali. Agarra-te ali isso cura-se tudo”.</p>	
<p>I – Qual é o motivo que as pessoas procuram este grupo? P11 – Qual é as pessoas que... I – Qual é o motivo que leva as pessoas a virem ao grupo? P11 – O motivo... quer dizer são elas que se sentem doentes e desesperadas por isto e por aquilo e então é por isso que elas vêm, como eu.</p>	<p>24. Para o P11 o motivo das pessoas irem ao grupo é por estarem doentes e desesperadas por diversas situações.</p>
<p>E é assim, se a gente tiver pessoas que digam que é assim, que é assado, que é bom e que faz isto e faz aquilo as pessoas vêm logo e já não estão a desconfiar que é isto e que é aquilo. Mas há muitas, já falei com algumas mulheres que “então, ouve lá, isto e aquilo não é assim, não é assado?” Eu vou assim: “é assim, assim e assado”. Digo eu “vais lá e depois vês. Não gostas, não vás. Gostas ficas”. São os conselhos que dou às pessoas. E quando as vejo atrapalhadas digo logo lá a uma vizinha que anda muito doente das costas e isso tudo. Digo assim: “vai lá que resolves o problema”. Aqui esta irmã da A. que tem bronquite “vai aí, agarra-te aí que tu curas isso tudo”. “Ai, Deus queira que sim!” “mas tens que te agarrar aí”. Depois umas vezes porque pensa que vai piorar. É o que eu digo às pessoas é isso.</p>	<p>25. O P11 refere que incentiva as pessoas com problemas a irem ao grupo com fé para poderem ser acompanhadas e ajudadas.</p>
<p>I – Acha que é mais facilitador ser em grupo ou seria preferível ser individual para ajudar as pessoas? P11 – É melhor em grupo. Eu acho que sim.</p>	<p>26. O P11 considera ser melhor o acompanhamento realizado em grupo do que individualmente.</p>
<p>I – Numa escala de 0 a 20 qual era a pontuação que dava ao grupo? A 0 é a pior, a 20 é a melhor. P11 – Eu dava a 20.</p>	<p>27. O P11 atribui ao grupo uma pontuação de 20, numa escala de 0 a 20.</p>
<p>O que é que querem melhor que isto. Então isto tem tudo de bom. Coitado dos rapazes fartam-se de estar aí a trabalhar, e ninguém lhe paga, para a gente, a gente é que não lhes paga, estão aí, fartam-se de trabalhar e a correr vindos do trabalho deles. Cânticos da Igreja e tudo. Melhor que isto?</p>	<p>28. O P11 refere que reconhece o esforço da equipa que trabalha no grupo de modo voluntário para proporcionarem eventos agradáveis às pessoas.</p>
<p>I – Há alguma coisa que quisesse sugerir para melhorar ou</p>	<p>29. O P11 considera que para ele</p>

<p>alguma sugestão que queira deixar?</p> <p>P11 – Para mim está bom. Está tudo bom.</p>	<p>o grupo está bom e não faz qualquer sugestão.</p>
<p>I – Muito obrigado por este tempo e entrevista.</p> <p>P11 – Não tem de quê.</p>	<p>30. O P11 colaborou com entusiasmo e alegremente na entrevista.</p>

P12G2E12M62J

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>I – Antes de mais quero agradecer por disponibilizar este tempo para esta pequena entrevista. Já agora, há quanto tempo conhece este grupo?</p> <p>P12 – O grupo estou desde a sua fundação. Portanto, desde, acho que desde 2000, 2001, não tenho a certeza, 2000, 2001.</p> <p>I – Já há mais de dez anos. E quem é que o deu a conhecer?</p> <p>P12 – Sim. Sim. Sim.</p>	<p>1. O P12 está no grupo desde a fundação acerca de 12 anos.</p>
<p>I – E quem é que o deu a conhecer? Foi alguém especial, foi algum motivo que o levou a procurar?</p> <p>P12 – Não. Eram pessoas que eu já conhecia, eram dois sacerdotes que eu já conhecia, o padre F. e o padre M. que eu já conhecia e que me convidaram para integrar o grupo.</p>	<p>2. O P12 conheceu o grupo através de dois sacerdotes conhecidos e que o convidaram.</p>
<p>I – Pode-me descrever um bocadinho como é que era, digamos, a sua vida antes de conhecer o grupo, era uma vida fácil ou procurou o grupo porque tinha problemas ou alguma situação de doença, algum motivo específico?</p> <p>P12 – Não propriamente, visto que eu já vivia uma vida no fundo assente na fé e portanto, não teria, agora o que sentia era a necessidade de maior enquadramento de crescimento, digamos assim, de um desenvolvimento da fé e daquilo que eu vivia de maneira integrada, de maneira comunitária, no fundo para cimentar tudo aquilo que eu vivia e me dar uma estabilidade e uma maneira de estar diferente. Isso realmente foi o que eu procurei e em pessoas que eu conhecia bem e que nas quais eu confiava e foi isso que eu fiz.</p>	<p>3. O P12 refere que já vivia assente na fé e não procurou o grupo por alguma situação problemática, mas para cimentar, desenvolver e aprofundar a fé.</p>
<p>I – Dentro deste tempo que fez este percurso no grupo, quais foram os momentos mais significativos que viveu nestes encontros comunitários?</p> <p>P12 – Talvez logo ao início da fundação do próprio grupo. Foi algo que me tocou profundamente porque era um projecto que eu, embora tenha sido convidado por esses dois sacerdotes, também tinha, também tinha, digamos, em mim esse projecto e portanto,</p>	<p>4. Os momentos mais significativos para o P12 foram no início da fundação do próprio grupo, por ser um desejo seu de que existisse um serviço de acompanhamento e ajuda.</p>

<p>no fundo foi o concretizar de algo que eu já tinha pensado ou que eu já sentia. Portanto, a fundação foi para mim muito importante.</p>	
<p>Depois a unidade do grupo, sobretudo nos primeiros tempos, a capacidade de pessoas de diferentes culturas de diferentes estratos sociais se conseguirem unir num projecto animado pela fé, lógico, mas foi algo que me tocou profundamente.</p>	<p>5. Outro momento significativo foi a unidade e congregação de diversas pessoas em torno de um projecto comum animado pela fé.</p>
<p>Claro, as celebrações, as celebrações em grupo foi sempre algo muito tocante</p>	<p>6. O P12 descreve as celebrações como eventos significativos e muito tocantes.</p>
<p>e a partir de certa altura, digamos, a missão que o grupo também me chamou como o aconselhamento, como, entre aspas, conselheiro, digamos assim, e atendimentos de algumas pessoas com alguns problemas foram momentos muito marcantes, muito tocantes que me ajudaram a crescer, porque os problemas dos outros também me ajudaram a crescer e de alguma maneira me fizeram sentir útil em relação aqueles que procuravam alívio para o seus problemas.</p>	<p>7. Outro momento significante para o P12 foi o prestar serviço às pessoas como conselheiro e acompanhante na ajuda que sofriam com algum problema, pois, segundo ele, os problemas dos outros também ajudaram o P12 crescer como pessoa e espiritualmente.</p>
<p>I – Quais são as pessoa que mais procuram ajuda para esse aconselhamento, pessoas com problemas de doenças, sociais, quais são maioritariamente?</p> <p>P12 – São sobretudo pessoas com problemas, obviamente, de variadíssima ordem. Nós sabemos hoje em dia que a maior parte das doenças que tocam o ser humano são doenças psicossomáticas. Portanto, não são propriamente doenças virais com uma causa muito precisa e mesmo essas doenças muitas vezes sofrem, digamos assim, agravamento por causa da parte psíquica e portanto são normalmente pessoas com esse tipo de doenças psicossomáticas, com problemas. Pessoas com problemas de matrimónio de família, pessoas com problemas espirituais do tipo não ter formação espiritual e portanto, verem em tudo em que acontece, ver o mal, ver o Demónio e que nem sempre, como eu costumo dizer e muitas pessoas dizem muitas vezes o Demónio somos nós próprios que o fazemos, não é verdade? Relações pessoais das pessoas entre marido e mulher,</p>	<p>8. O P12 descreve que as pessoas que mais procuram aconselhamento e ajuda são pessoas com doenças, problemas de ordem psicossomática, espirituais, procura de esclarecimento da fé, pseudodemonologia, da religião e da espiritualidade (R/E), problemas matrimoniais, familiares, financeiros, entre outras situações.</p>

<p>filhos e pais, relações familiares por causa de heranças. Enfim, no fundo, no fundo são coisas que tocam quase, quase a humanidade não é verdade? Problemas financeiros, muitas vezes, etc. etc.</p>	
<p>I – Dentro dessas várias dimensões haverá alguma mais saliente que as pessoas procuram a nível psicológico, espiritual, social ou físico?</p> <p>P12 – Eu penso que as pessoas procuram, sobretudo, quando procuram este tipo de atendimento espiritual, ou pelo menos nas comunidades, o que procuram, sobretudo, é obviamente, procuram uma resolução para aos seus problemas.</p>	<p>9. O P12 refere que as pessoas procuram ajuda espiritual para resolução dos seus problemas.</p>
<p>Até de uma maneira geral somos todos um pouco preguiçosos e queremos as coisas resolvidas num instante, não é verdade, e nos servimos às vezes de Deus ou pensamos que nos servimos de Deus para Ele nos resolver os nossos problemas.</p>	<p>10. O P12 considera que as pessoas são um pouco preguiçosas e querem obter resultados facilmente e que, muitas vezes, utilizam Deus à sua maneira para resolver o seu problema.</p>
<p>Mas sobretudo o que eu penso que as pessoas procuram muito é uma certa paz, tranquilidade. Primeiro as pessoas procuram muito sentir essa paz, essa tranquilidade e poderem falar. As pessoas hoje em dia, dada a vida que a gente vive, têm pouco tempo para comunicar umas com as outras, falam pouco, as pessoas não estão disponíveis para se ouvirem umas às outras. Portanto, parece-me que as pessoas procuram um certo atendimento que as oiça e nesse atendimento procuram alguma paz, procuram tranquilidade que não consegue ter no dia-a-dia na sua vida normal, digamos assim, nos serviços de saúde, por exemplo.</p>	<p>11. O P12 refere que as pessoas procuram principalmente paz, procuram sentir e viver em paz. Procuram que as ouçam e as ajudem a tranquilizarem-se.</p>
<p>I – Pode-se considerar, então, que esse grupo também tem alguma função psicoterapêutica, digamos assim, terapêutica?</p> <p>P12 – Eu penso que sim, eu penso que sim. Até porque sendo um grupo orientado como alguns grupos são bem orientados, são grupos que também têm a consciência que dentro desses problemas todos há problemas psiquiátricos e esses devem ser tratados no seu fórum específico que é a psiquiatria como ciência médica, digamos assim, portanto esse acompanhamento que este tipo de grupo pode fazer, se for bem orientado, tem sempre essas</p>	<p>12. O P12 refere que o grupo tem uma componente psicoterapêutica, pois tem formação para discernir os pedidos de ajuda espirituais e psíquicos e aconselhar a pessoa o serviço mais benéfico para a ajudar. O P12 considera que a estabilidade ao nível R/E</p>

<p>duas vertentes, portanto, tem a vertente da ciência médica, chamemos-lhe assim, da psiquiatria, mas também tem a componente espiritual e nós sabemos, por experiência própria, que se a componente espiritual é estável, está cimentada, está forte, também é um passo muito avançado para que a componente, digamos, psiquiátrica e psicológica, seja, possa ser, possa de alguma maneira ser combatida pela ciência médica.</p>	<p>também é salutar para a dimensão psicológica.</p>
<p>I – E em relação ao seu caso específico, à sua vida, também desempenhou essa função, ou tem desempenhado, de ajuda, digamos terapêutica, social e pessoal?</p> <p>P12 – Sim. Quando de uma maneira geral, o grupo onde estou inserido neste momento está numa fase um bocado de... digamos de <i>stand by</i>, mas de qualquer maneira como as pessoas, muitas pessoas me conhecem e sabem que eu, de alguma maneira, estou disponível para atender e para as ouvir, ainda há pessoas que me procuram e eu com certeza que em tudo tento, tento ajudá-las, de uma maneira geral nessas vertentes.</p>	<p>13. Em relação a si, o P12, refere que o grupo também o ajudou, contudo descreve-se a prestar ajuda aos outros.</p>
<p>I – Dentro desse espaço, desse tempo, que decorre a dinâmica de grupo, quais são os momentos mais significativos para si, que acontecem ou que aconteceram?</p> <p>P12 – Não, não estou a compreender.</p> <p>I – Dentro do grupo, que geralmente será um tempo de uma hora, duas horas, especificamente há vários momentos, desde o acolhimento, da animação, a oração. Dentro desses vários momentos, para si, qual é o momento mais significativo, aquele que tem maior impacto, digamos assim?</p> <p>P12 – Eu penso que, pelo menos o que eu sinto, o momento mais significativo para mim será, embora todo o desenvolvimento do grupo e da actuação do grupo e dos momentos do grupo sejam interligados e portanto não conseguirei dizer que há algo mais importante que o outro, mas enfim se tivesse que escolher ou fosse obrigado a escolher ou obrigado a fazer uma preferência eu diria que a parte da oração, sobretudo da oração inicial, da oração de louvor, daquele em que as pessoas se colocam perante o Deus maravilhoso que nos acontece. Penso que é um momento muito significativo, porquê? Porque é um momento inicial, um</p>	<p>14. Dentro da sessão dos encontros o P12 refere que o momento mais significativo é o da oração inicial, a oração de louvor onde as pessoas se colocam perante Deus e sentem que são libertas do peso dos seus problemas.</p>

<p>momento de oração, mas é sobretudo um momento também de alguma libertação, quer dizer, as pessoas por essa oração de louvor se deixarem envolver por todo o ambiente da oração, por todo aquele ambiente que se vai criar pela presença de Deus como nós acreditamos no meio de nós.</p>	
<p>I – Esse momento, então de fé, de acreditar, de oração, é um momento componente potenciador de ajuda, de auxílio?</p> <p>P12 – Sim, sem dúvida nenhuma. Posso testemunhar por mim próprio que por vezes, nem sempre acontece, por vezes quando tenho que ir, quando tenho que ir a um grupo de oração, às vezes não me apetece, francamente, não me apetece sair de casa, é à noite, não me apetece e outras vezes até estou mal disposto mesmo fisicamente, e na verdade forço-me a ir e normalmente nesses primeiros momentos de oração de louvor essa má disposição ou até essa falta de vontade de estar acabam por desaparecer e portanto integro, fico em paz e serenidade.</p>	<p>15. Para o P12 o momento potenciador de ajuda e que promove a serenidade, o bem-estar e a paz é o momento da oração de louvor. Descreve que muitas vezes sente-se indisposto e sem vontade de ir ao grupo mas depois de estar nos primeiros momentos de oração de louvor sente-se bem e desaparece o mal-estar.</p>
<p>E percebe-se isso também nas pessoas, uma grande parte das pessoas pelo testemunho nesses momentos, porque elas próprias o testemunham que vinham de casa ou pelos filhos vinham preocupadas, incomodadas sem estarem em paz e que no final dessa oração, dentro do desenvolvimento do grupo, etc. etc., começam a encontrar uma paz e uma tranquilidade que não tinham.</p>	<p>16. Refere que outras pessoas, pelo seu testemunho, também vão ao grupo com preocupações, incomodadas, sem paz e que depois da oração de louvor começam a encontrar paz e tranquilidade.</p>
<p>I – Há algum fenómeno mais saliente que queira descrever nesses encontros de ajuda, de <i>counselling</i>, de oração?</p> <p>P12 – Eu acho que, quer dizer, não há assim... como é que eu hei-de dizer, há realmente... vamos lá ver, hoje em dia as pessoas procuram muito o transcendente e nem sempre procuram o transcendente como o transcendente, pelo menos aquele que nós cristãos católicos acreditamos. As pessoas apercebem-se que o mundo não lhes dá respostas que elas precisam entre outras coisas, e portanto, procuram o transcendente. E infelizmente há muita gente hoje em dia no mundo que se aproveita dessa procura para as conduzir para determinadas coisas. Infelizmente também, não só fora da Igreja, mas também algumas vezes dentro da Igreja com alguns discursos, que para mim, a meu ver, na minha opinião</p>	<p>17. O P12 não refere um fenómeno saliente e específico nos eventos, mas expõe a procura das pessoas pelo transcendente. Alude à necessidade das pessoas serem esclarecidas acerca dos fenómenos R/E, relativamente às adversidades, ao Demónio e aprenderem a conhecer o que é importante e significativo para as suas vidas.</p>

<p>peçoal, que não serão discursos correctos, tais como aqueles de colocarem em tudo o Demónio e que ele é o causador de todas as coisas. É lógico que o Demónio tenta, poderá fazer isso tudo, mas também não é o causador de todas as coisas, nós causamos a nós próprios o mal pelas atitudes que temos, e como tal eu penso que o discernimento dessas situações, o perfeito, o dar conhecimento, o dar conhecimento de que é que é realmente verdadeiro às pessoas é muito importante, porque isso é o suficiente para elas, talvez, comecem a preocuparem-se às vezes mais com as suas atitudes, com a sua maneira de estar, com as coisas que fazem, do que andarem à procura de causas externas que acontecem, com certeza, mas em casos muito, muito, muito específicos.</p>	
<p>Procurarem dentro de si próprios e dentro da sua vida, ou seja, no fundo, no fundo conhecerem-se a si mesmos, colocarem-se perante a sua vida, porque é muitas vezes aí que os problemas estão e que é preciso debelá-los, como por exemplo, tantas vezes, e nós sabemos isso, coisas de, que estão no passado, coisas de infância, por traumas de infância, como hoje em dia se diz, de variadíssimas coisas. Por exemplo, mulheres muito novas ou no início da sua adolescência fizeram abortos e que, e que isso as marca profundamente no seu subconsciente que neste momento poderão pensar que não é isso, mas realmente aquela ferida está aberta e está lá. As pessoas muitas vezes precisam de se conhecer a si próprias para irem descobrir aquilo que dentro delas está a magoar e que precisa de ser tratado, precisa de ser curado. Umas vezes pela psiquiatria como medicina, outras vezes pela parte espiritual.</p>	<p>18. O P12 refere que as pessoas precisam conhecerem-se e compreenderem as origens dos seus problemas para serem curadas na psique e no espírito através dos serviços competentes de cada área, exemplifica com as consequências do aborto e traumas de infância.</p>
<p>I – Então, quer dizer que estes grupos são benéficos para o bem-estar das pessoas no geral? P12 – Sem dúvida. Sendo bem orientado. Tendo, tendo o discernimento necessário suficiente para perceberem os seus limites. Para perceberem também o que é orientação espiritual e o que é que é orientação da ciência médica e quando deve interferir também. Hoje em dia sabemos que já há psiquiatras cristãos e católicos e portanto que podem muito bem, ou psicólogos, que podem muito bem, e conjugam com certeza essas duas vertentes,</p>	<p>19. O P12 refere que este grupo, e outros semelhantes, são benéficos para o bem-estar das pessoas, pois permite um discernimento e orientação na ajuda face ao seu problema seja este espiritual, psicológico ou físico. Refere que há profissionais da saúde atentos à</p>

<p>o que é muito importante. Mas estes grupos, sendo bem orientados, têm realmente efeitos muito benéficos na vida das pessoas.</p>	<p>dimensão R/E.</p>
<p>A gente sabe que assim é, até porque têm uma maneira de estar que não, que não é uma maneira de estar fácil em que as pessoas estão, as pessoas não se sentem presas, há certo tipo de coisas como aquelas pessoas que vão às videntes e não sei quantos e aqueles que fazem umas rezas. Mas as pessoas quando vão a esses sítios sentem-se presas, sentem-se presas a esses sítios, por isso mesmo os procuram repetidamente. Nestes grupos de orientação espiritual as pessoas não se sentem presas, sentem-se livres de sair ou de estar. Ninguém as prende, ninguém as agarra, nem lhe diz: “tens que cá vir, não sei quantas vezes”, não. A pessoa é absolutamente livre para fazer aquilo que quiser. Se sente necessidade de vir vem e é recebida. Se não sente necessidade de vir ninguém a preocupa.</p>	<p>20. O P12 refere que muitas pessoas ficam presas a outros grupos R/E, neste grupo comunitário as pessoas são livres de frequentar, ou não, as vezes e o tempo que quiserem. Há o factor liberdade e respeito.</p>
<p>I – E esses grupos acha que são mais para as camadas mais jovens, para adultos, meia-idade ou idosos? P12 – Eu penso que eles são para todos. Deviam de ser para todos. É lógico que é assim e que serão as pessoas com alguma idade mais adultas que procuram esses grupos mais vezes, porquê? Porque tem muitas vezes, a gente sabe que os jovens esses problemas tendem a ser muito desvalorizados, a não ser quando são muito pesados e lhes pesam muito na vida, tendem a ser desvalorizados.</p>	<p>21. O P12 refere que o grupo é para todas as pessoas e idades, considera porém que os mais novos tendem a desvalorizar estes grupos e as potencialidades da sua ajuda.</p>
<p>Depois quando as pessoas casam, quando as pessoas têm família, quando as pessoas têm um emprego, etc. todos esses problemas começam, começam a surgir porque eles são muito prementes porque há falta de dinheiro, porque as pessoas não se dão, porque a família isto, a família aquilo, por variadíssimas coisas, porque as doenças começa a aparecer e por isso mesmo essas pessoas de idade procuram muitas vezes. O que não quer dizer que não haja jovens que se começam a se sentir, muitas vezes levados ou presos mais por qualquer vício, pela droga ou qualquer coisa ou pelo álcool que não procurem também estes grupos pelo menos para algum aconselhamento e para perceberem o que é que</p>	<p>22. O P12 menciona que tanto os problemas procedentes das responsabilidades da vida familiar, profissional, social, monetária e como as doenças, começam a surgir nas idades mais avançadas o que, segundo o P12, leva a que sejam as pessoas de maior idade a procurarem estes serviços. Embora também hajam jovens que, quer por</p>

<p>podem fazer.</p>	<p>vícios, doenças ou para desenvolvimento e aconselhamento pessoal, procuram estes grupos.</p>
<p>I – Nesses grupos seria preferível ou mais benéfico que esse atendimento, acompanhamento fosse em grupo ou de modo individual?</p> <p>P12 – Cada caso é um caso, acho eu. Há casos, que obviamente, nunca poderiam ser em grupo dada a sua especificidade e a dificuldade das pessoas de se abrirem. Não é fácil, por exemplo, nunca poderia ser, teria que ser um grupo muito restrito e muito específico em que a pessoa tivesse muita confiança, por exemplo, um marido ou uma mulher num atendimento deste tipo em que não estão em paz porque houve um adultério ou qualquer coisa fazerem-no em grupo. O que pode ter é dois momentos. Pode ter um momento específico em privado em que a pessoa se abre se aconselha, etc. etc., e depois pode ter um momento mais tarde, não naquela sessão, chamemos-lhe sessão, enfim, não naquele momento, mas mais tarde haver alguma coisa em grupo mas que já não, digamos assim, não revele a especificidade daquele aconselhamento. Há aquilo que nós fazemos muitas vezes que é rezar pelas pessoas, e integrar essa pessoa na oração e ela própria rezar. Aí sim em grupo porque é uma oração comunitária, é mais, digamos entre aspas “tem mais força”. Agora, a maior parte dos casos são específicos e deve ser privados, penso eu, penso eu.</p>	<p>23. Para o P12 cada caso é um caso e dever ser acompanhado como tal. Há situações em que o acompanhamento pode ser feito em grupo e outras particularmente. O P12 refere que, geralmente há um primeiro aconselhamento individual e, se adequado, a integração no grupo, onde em comunidade oram pelas pessoas mantendo a confidencialidade da situação.</p>
<p>I – E o grupo específico tem essas duas comprometes?</p> <p>P12 – Tem, tem, tem, nós normalmente no nosso grupo, na nossa comunidade fazemos, ou antes ou depois, essas pessoas estavam, normalmente estavam ou antes ou depois estavam, tínhamos um tempo de adoração. E portanto, as pessoas ou tinham tempo de Adoração e depois iam para o atendimento ou tinham atendimento e depois iam para o tempo de Adoração, portanto há sempre algo que complementa, digamos assim, esse atendimento. Até porque esse atendimento é óbvio que as pessoas que o fazem devem ter alguma formação no mínimo. Formação espiritual e formação de bom senso, digamos assim, discernimento, mas</p>	<p>24. O P12 refere que este grupo tem um serviço de ajuda particular e em grupo com pessoas formadas e capacitadas a discernir as situações das pessoas. O serviço é complementado com a Adoração. A componente R/E está presente em Deus.</p>

<p>também é óbvio que para nós cristãos católicos, as pessoas que fazem esse atendimento, tem com certeza a assistência de Deus para o fazer, não é, porque se não, não vale a pena. Se é por nós próprios não vale a pena.</p>	
<p>I – Para resumir, uma vez mais dentro de toda essa vivência, durante esse tempo no grupo, uma vez mais lhe pedia qual é o momento mais específico, mais significativo que considera nesses encontros comunitários de <i>counseling</i> psicoespiritual, digamos assim, aquele mais saliente. Já falou há pouco um, mantém esse, quer salientar, ou outro?</p> <p>P12 – Quando estamos a falar uma coisa é o grupo em oração e o grupo em oração tem sempre variadíssimas partes e uma delas é a escuta da palavra e o ensinamento da palavra e eu acho esse momento muito importante. Muito importante porquê? Primeiro porque para nós é o próprio Deus que nos fala, mas em segundo lugar porque é um tempo muito importante em que se pode dar formação a todo o grupo. Em que o grupo se pode formar e pode crescer e pode entender a palavra que pode apercebe-la e pode percebe-la e vive-la.</p>	<p>25. O momento mais significativo, para o P12, entre outros eventos significativos no grupo, é a oração e a escuta da palavra de Deus. Para ele, é um momento de encontro com Deus e de formação pessoal e grupal. É um momento que proporciona o crescimento e capacita a vivência do que a palavra revela aos participantes.</p>
<p>Em termos do atendimento eu acho que um dos momentos mais extraordinários que nós podemos sentir é perceber naquele em que nós estamos a atender, que nós estamos a atender, que realmente por aquilo que ele disse, por aquilo que a gente fez, por aquilo que a gente lhe foi dizendo, começamos a encontrar nele alguma paz, alguma tranquilidade e é muito bom esse momento sobretudo se a gente consegue ter o distanciamento, digamos, o distanciamento, entre aspas, de perceber que os méritos não são nossos mas são daquele que nos guiou naquele aconselhamento e é realmente muito tocante e... como é que eu hei-de dizer, exaltante perceber que no fundo, guiados por Deus é certo, mas atendemos uma pessoa e demos alguma paz e alguma tranquilidade a essa pessoa. Que essa pessoa entrou de uma maneira e saiu de outra e isso é sempre tocante o ajudar aqueles que precisam e perceber que essa ajuda teve, e sobretudo porque é uma ajuda que vai mais fundo. A ajuda do dinheiro, com certeza que é importante, a pessoa não tem que comer e se a gente</p>	<p>26. Em termos de acompanhamento psicoespiritual, o P12 descreve que se sente tocado pela ajuda que presta às pessoas que o procuram, pois observa as mudanças positivas que esta ajuda opera nas pessoas.</p>

<p>Ihe der de comer ela come, mas isso é uma coisa efémera, ela comeu e daqui a bocado já tem fome. Esta ajuda espiritual de aconselhamento é uma ajuda que permanece. Pode permanecer se a pessoa quiser e se a pessoa continuar pode permanecer. Portanto isso é muito, é muito tocante.</p>	
<p>I – No seu caso aconteceu também isso na sua vida?</p> <p>P12 – Sim, sim. De alguma maneira eu sou, andei, fui educado catolicamente pelos meus pais, aos dezassete abandonei a Igreja e a fé. Regressei por volta dos 43 anos 44, porque senti necessidade, houve alguma coisa dentro de mim que me chamou e foi muito importante as pessoas que estavam ao meu lado. Foram muito importantes as pessoas que eu contactei e que me foram ajudando, entre elas o... sobretudo o padre L. com a sua maneira de estar e com a sua maneira de ser, que com muito cuidado me foi conduzindo e que me foi ajudando a ver um certo numero de coisas e me foi guiando e me foi dando a estabilidade necessária para que a fé se desenvolvesse criteriosamente, a fé tivesse estabilidade, não tivesse pés de barro, mas tivesse pés bem assentes na terra, porque a fé tem de ter os pés bem assentes na terra, pode estar voltada para o céu mas tem de ter os pés bem assentes na terra, se não tiver é uma fé sem qualquer expressão.</p>	<p>27. O P12 refere que em si também houve uma mudança na vida. Descreve que apesar de católico por tradição, aos dezassete anos abandonou a Igreja e a fé. Conta que, por volta dos quarenta anos sentiu necessidade de voltar às coisas R/E e procurou ajuda junto de um padre. Este ajudou-o a estabilizar na vida.</p>
<p>I – Como é que descrevia antes de ter encontrado essa fé, nestes encontros, neste grupo, como é que se descrevia antes e se descreve agora. Houve diferença?</p> <p>P12 – Bem! Eu considero olhando para aquilo que acredito agora, olhando para a fé que tenho ou para a fé que Deus me deu, obviamente, e olhando para trás distingo dois momentos, digamos assim, o momento em que eu fui educado na fé até aos 18, 19 anos, em que eu me pergunto a mim mesmo se tinha fé ou se realmente não era mais uma religião de tradição, tradicional em que a minha família era e eu também era, prontos, ia às celebrações sim senhor, como provavelmente até gostava. Eu lembro-me de ter feito alguns retiros que até gostei, mas se é uma fé verdadeira, se é uma fé assente, provavelmente não seria que ela desapareceu com facilidade. Durante esse período em que vivi afastado, que foram muitos anos, não posso dizer que não tinha</p>	<p>28. O P12 descreve que antes de ter entrado neste grupo vivia a R/E sob a forma de tradição cultural, a fé estava adormecida e sem qualquer visibilidade activa na sua vida. O P12 refere que sentia-se perdido e com uma vida desregrada e sem sentido.</p>

<p>fé. A fé era latente, com certeza, estava lá mergulhada, estava lá, estava fechada a sete chaves, não, não... não se, não se via, não tinha acção sobre mim. Aliás, nesse período desse tempo que eu vivi, vivi uma vida desregrada, vivi noitadas, enfim, quase me perdi</p>	
<p>e foi precisamente quando estava a atingir um momento de abismo quase, em que me perdi completamente que senti, de alguma maneira esse chamamento. Senti de alguma maneira que esse Deus regressou, regressou a mim, se fez encontrar comigo e me fez procurá-Lo. Foi um processo gradual, não foi, as pessoas às vezes pensam que a gente vê luzes ou não sei quê. Não vi luz nenhuma, nem pouca nem muita. Foi um processo gradual, fui-me sentar na igreja sozinho. Falava com Deus, que como São Paulo dizia que falava com aquele Deus desconhecido, falava com aquele Deus que ali estava, que me foi ensinando, mas que não sabia bem se estava ou se não. E portanto foi um processo gradual. Depois é lógico que tive essas ajudas, a Igreja sempre me acolheu, sempre tive essa graça de Deus de ter gente ao meu lado, sacerdotes e pessoas que me ajudaram e portanto se foi cimentando essa fé e hoje em dia essa fé é uma parte, é a parte mais importante da minha vida. Sem ela, sem ela não seria possível, a minha vida não tinha sentido.</p>	<p>29. O P12 refere que na fase em que se sentia pior, Deus veio ao seu encontro para o ajudar a regressar à vida equilibrada que procurava e que encontrou ao caminhar na fé. Esse momento significativo aconteceu num dia em que na Igreja falou com Deus sobre a sua situação e o processo benéfico de mudança na vida foi gradualmente acontecendo.</p>
<p>I – Numa escala de 0 a 20 qual era o valor que dava na participação nestes encontros de grupo? P12 – Numa escala de 0 a 20 esses grupos para mim são... ao princípio quando eu comecei com estes grupos, quando eu comecei nestes grupos eles eram a coisa mais importante da minha vida, a prioridade total. Até que me ajudaram no crescimento da fé, ajudaram a crescer a fé, ajudaram-me a estabilizar a fé. Hoje em dia continuam a ser importantes, embora, importantes, totalmente importantes, embora já não tenham aquela dimensão tão importante que tinham, porque de alguma maneira eu já cresci na fé, já tenho algum discernimento, de alguma maneira a minha fé já não é abalada pelas coisas que vão acontecendo. Continua a ser importante. Continua a ser importante que eu continuo nos grupos, se não fosse eu não</p>	<p>30. Numa escala de 0 a 20 o P12 refere que quando entrou no grupo dava 20 e agora, já tendo passado o impacto inicial e estando mais maduro na fé, dá entre 16 e 20.</p>

<p>estava.</p> <p>I – Então daria um 10, 15, 20.</p> <p>P12 – Ah, não! Ao princípio daria um 20, sem dúvida nenhuma.</p> <p>Agora eu daria, com certeza, uma nota entre o 16 e o 20.</p>	
<p>I –E há algum aspecto menos bom que queira salientar no grupo, que fosse bom trabalhar, aprofundar ou melhorar?</p> <p>P12 – O grupo, uma das coisas que acho muito importante e que acho que era bom salientar no grupo e nos grupos era sobretudo a formação. Nós percebemos que há muita falta de formação a nível cristão, a nível de conhecimento, do que é a doutrina, do que é que é a palavra de Deus e é muito importante eu acho que é muito importante, tal como eu dizia há bocado em muitos cristãos a fé é uma coisa tradicional. É mais uma crença propriamente que uma fé. E portanto era, eu acho que isso é muito importante. A vivência, a formação para uma vivência da fé e não para uma crença na fé que é uma coisa completamente diferente. Por outro lado também penso que esses grupos também podem e poderiam crescer também e a própria Igreja os devia ajudar no sentido de, hoje em dia já temos mais alguma coisa, mas a própria Igreja devia ter catequeses que não tem, que não tem. Catequeses de formação mais específico. E depois, haver, no fundo andamos sempre à volta da formação. Para que essa formação também faça perceber as pessoas que há determinadas, determinados discursos, digamos assim, de alguns grupos da própria Igreja, que não são os discursos mais indicados, porque no fundo o que as pessoas procuram é Deus. Mas não se vai a um Deus que ama, não se ama um Deus por temor, nem ninguém por temor, por temor não é o Temor de Deus, é o temor do medo. E penso que muitas vezes alguns grupos que pretendem fazer isso pelo medo. Quer dizer, se tens medo do Demónio então vai a Deus. Não, isso é um erro para mim total e absoluto. Ninguém gosta dos seus pais por, eu costumo dizer aos meus catequizandos muitas vezes que um pai pode dar pancada no filho até vira a fava rica e o filho há-de dizer sempre e pergunta-lhe e o filho está a dizer sempre que ama muito o pai, que gosta muito do pai, mas só diz pela boca, porque lá dentro não. Está farto de levar pancada. Ora portanto, o que</p>	<p>31. O P12 sugere que é necessário haver mais e melhor formação R/E, sobretudo a nível cristão, que é necessária uma Catequese adequada, que haja esclarecimento relativamente às confusões relativamente ao R/E. Sugere que o testemunho cristão e da Igreja sejam manifestamente revelado no e pelo amor de Deus às pessoas, segundo ele, pois é o que as pessoas procuram e necessitam de encontrar sob pena de perderem o sentido da vida.</p>

<p>penso é que não se vai a Deus pelo medo de alguma coisa. Vai-se a Deus por amor, se não for por amor é uma relação que vai falhar com certeza absoluta no primeiro momento.</p>	
<p>I – Há mais alguma coisa que queira sugerir, salientar, alguma questão? A nível da experiência de vivência?</p> <p>P12 – Não. A nível da vivência no fundo, no fundo está mais ou menos tudo dito ou está muita coisa ainda por dizer, mas quer dizer acho que sim, acho que sim. Acho que, sobretudo, penso eu no nosso caso específico da Igreja julgo que a Igreja devia ter uma, já se vai vendo, mas devia ter uma, a própria Igreja, estes grupos têm, mas a própria Igreja devia ter uma abertura maior a este atendimento espiritual e devia ter em cada Diocese e em cada paróquia, eventualmente, um grupo perfeitamente escolhido, bem formado para atender. Porque estes grupos são grupos específicos e as pessoas nem sempre querem ir a grupos específicos, não é verdade? Agora se a paróquia tivesse um grupo, e eu já propus isso na minha paróquia, se a paróquia tivesse um grupo com 4 ou 5 pessoas escolhidas com uma boa formação a determinadas horas, uma vez por semana, uma vez por mês em que as pessoas pudessem lá ir contar os seus problemas, serem ajudadas, esses problemas para além do mais, esses grupos, para além do bem que poderiam fazer a essas pessoas, poderiam fazer um bem à paróquia muito grande, porquê? Muitas vezes os sacerdotes estão ocupados com coisas que qualquer leigo pode resolver. Ora esse grupo poderia ter a capacidade de discernimento, de ajudar essa pessoa e perceber se essa pessoa para além daquele atendimento precisa de uma boa confissão. Precisa falar com o sacerdote, quer dizer há problemas que os leigos podem resolver sem ser preciso ir ao sacerdote que muitas vezes estão ocupados e que se calhar deviam estar mais livres para problemas maiores, para uma boa confissão, para um bom aconselhamento e às vezes estão com problemas lá na capelinha, desculpe, mas que provavelmente qualquer leigo poderia resolver ou pelo menos ajudar.</p>	<p>32. O P12 sugere que deveriam ser criados mais grupos deste tipo e alguns com uma formação específica e pessoas preparadas e competentes a nível R/E e psicoespiritual para atender, acompanhar e ajudar as pessoas. Poderiam ser inseridos nas paróquias ou a nível da diocese. Sugere também que os sacerdotes estejam mais atentos e disponíveis às necessidades psicoespirituais das pessoas que os tentam procurar.</p>
<p>I – Mas estes grupos são da Igreja católica?</p> <p>P12 – São. São. São, com certeza. Mas repare, estes grupos muitas vezes têm nomes. São de movimentos, por exemplo do</p>	<p>33. O P12 refere que este grupo é da Igreja Católica, da dinâmica do Renascimento Carismático</p>

<p>Renovamento Carismático Católico e as pessoas muitas vezes, o nome, o ser uma coisa específica, muitas vezes não se sentem à vontade para o procurar. Se fosse um grupo da paróquia se calhar procuravam-no com mais facilidade, ou não.</p>	<p>Católico, mas que deveriam existir outros como serviços paroquiais para as pessoas das paróquias, e que estes não tivessem uma conotação específica a qualquer movimento para maior abertura a todas as pessoas que quisessem ajuda.</p>
<p>I – Muito obrigado por este tempo. P12 – De nada.</p>	<p>34. Agradecimento final.</p>